









1 Vol

CURSO DE LITTERATURA

PORTUGUEZA E BRAZILEIRA.

~~~~~  
Typografia de B. de Mattos, rua da Paz, 1 e 3.  
~~~~~

CURSO DE LITTERATURA
PORTUGUEZA E BRAZILEIRA

PROFESSADO

POR

FRANCISCO SOTELHO DOS REIS

N.º

5-7-80.

INSTITUTO DE HUMANIDADES

DA

PROVINCIA DO MARANHÃO.

DEDICADO PELO AUTOR

AO DIRECTOR DO MESMO INSTITUTO

© DR. PEDRO NUNES LEAL.

TOMO SEGUNDO.

MARANHÃO.

MDCCLXVII.

• 08 - 7 - 72

[Handwritten signature]

O Autor reserva-se o privilegio da sua obra,
que não poderá ser reimpressa sem o seu con-
sentimento.

PQ
9018
56
2

DUAS PALAVRAS AO LEITOR.

Dou actualmente á luz publica o segundo volume do meu CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, o qual comprehende a apreciação das obras de Ferreira, Camões, e João de Barros, ou dos tres principaes autores do século XVI, com razão reputado pelos criticos o seculo de ouro da lingua e letras portuguezas. Não foi possivel incluir ainda neste volume mais de um periodo litterario, porque o desejo de apresentar á mocidade estudiosa as melhores passagens dos *Luziadas*, e logares escolhidos das *Rhithmas* de Camões, foi parte para que elle apenas fornecesse margem para abranger um, que é o segundo da litteratura portugueza. Mas tal qual o offereço ao Pu-

VI

blico, tem este livro a vantagem de ser para os amantes das boas letras uma selecta cuidadosamente feita das obras do principe dos poetas portuguezes, isto é, do vulto mais importante de nossa litteratura, e do nosso primeiro classico á todos os respeitos.

O terceiro volume porém que deve estar estampado por estes dois ou tres mezes o mais tardar, e no qual não tenho de apreciar um poeta igual á Camões, que póde servir de modelo em todos os generos de poesia, com quanto alguns posteriores a elle sejam de merito subido, comprehenderá pela ventura tres periodos litterarios, e quando menos impreterivelmente dois; porque, si o terceiro periodo é ainda fertil em bons escriptores, especialmente em prosa, o quarto, si exceptuarmos os poetas do reinado d'el-rei D. José, é mui deficiente em autores, dignos de apreço.

Tendo tido para a impressão dos tres primeiros o generoso e animador auxilio decretado na Lei Provincial n.º 793, de 13 de julho de 1866, resolvo-me a dar um quarto volume, no qual a litteratura propriamente brazileira seja tratada com o desenvolvimento que requer o assumpto, vindo assim todo o Curso actual a constar de quatro volumes, e não de tres, como á principio se havia annuciado.

VII

Não obstante achar-se notado na errata que vai no fim do volume, um erro que escapou na linha 25 da pagina 90, parece-me conveniente chamar aqui a vossa attenção para elle; e é que no mencionado logar onde se lê, *atalhando a morte a viagem que o primeiro intentava fazer pela Grecia*, deve ler-se, *atalhando a morte a viagem que o primeiro intentava fazer pela Asia*. Neste logar fallo de Virgilio, que apprehendêo com effeito uma viagem á Asia Menor para dar a ultima demão ao seu poema nos proprios logares de que tratou, mas que teve de voltar enfermo do meio do caminho, e fallecêo em Brundusio na Italia.

SECÇÃO PRIMEIRA

J. N. Borralho

Antonio Ferreira; sua biographia; suas poesias lyricas;
suas poesias didaticas; sua tragedia Castro.

LICÇÃO XVIII.

O poeta com que me vou occupar hoje, o doutor Antonio Ferreira, pertence já, senhoras, ao segundo periodo litterario que me tenho traçado, e que comprehende a idade de ouro da lingua e letras portuguezas; pois florecéo na segunda parte do século XVI, ou nos ultimos dias d'el rei D. João III, na regencia da rainha D. Catharina, avó d'el rei D. Sebastião, e no principio dô reinado d'este. Foi contemporaneo de Camões, posto que nunca o mencione em suas poesias, como pratica com outros poetas menos célebres, o que se deve talvez attribuir a achar-se o ultimo então na India, onde viveo o méllhor de sua vida. Honrava-se de ser discipulo de Sá de Miranda, a quem é alias mui superior em talento poetico.

As obras de Ferreira, um de nossos primeiros poetas classicos, devem ser objecto de continuo estudo para o philologo apreciar as modificações, por que

Lisboa na typographia rollandiana em 1829, a qual é a mais vulgar, porque as anteriores são mui raras.

A tragedia Castro foi impressa em separado pela primeira vez em 1587 em Coimbra por Miguel de Lyra. Esta edição da tragedia precede 11 annos á das obras do poeta feita por seu filho em 1598.

Quer como poeta, quer como classico, é Ferreira escriptor de grande e incontestavel merito. Como poeta foi o que até o seu tempo soube com mais felicidade imitar os poetas latinos, merecendo por isso o nome de Horacio Portuguez, o autor de uma das primeiras tragedias regulares que apparecêrão na Europa depois da restauração das lettras, e o unico de nossos antigos poetas que não escreveu um só verso em Castelhamo; como classico, um dos que mais enriqueceo a lingua com modos de dizer apropriados, e mais concerreo para a sua perfeição, si exceptuarmos á Camões, que a fixou pelo seu genio.

Amador ardente, e entusiasta da lingua, foi Ferreira, quem por seus esforços e perseverança banio de nossa poesia a lepra das composições castelhamas, introduzida por Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, e Sá de Miranda, e só por isso muito louvor se lhe deve, pois foi o regenerador da poesia nacional. Ainda andão na bocca de todos os seguintes versos do poeta:

Floresça, falle, cante, ouça-se e viva
A Portugueza Lingua, e já onde fôr
Senhõra va de si soberba, e altiva.

Si atequi esteve baixa e sem louvor,
 Culpa é dos que a mal exercitãõ,
 Esquecimento nosso e desamor!

Foi, como o attestão seus escriptos, o verdadeiro fundador da escola classica em Portugal, porque Sá de Miranda, a quem alguns pretendem indevidamente attribuir esta gloria, não tinha nem talento, nem riqueza de expressão, nem suavidade metrica, para fundar escolas e adquirir proselytos. Dos mesmos metros toscanos, introduzidos por aquelle, foi ainda elle o aperfeiçoador, apesar de alguma dureza metrica que por vezes se lhe nota.

Entre as suas poesias lyricas passãõ pelas melhores as elegias, que revellão grande licção dos poetas latinos, e algumas das quaes não são inferiores ás melhores de Tibullo, Ovidio e Propercio, quer na expressão do sentimento, quer no colorido. Depois das elegias devem ter o segundo logar as élogas, em algumas das quaes se notão bellissimas passagens, felizes imitações de Theocrito e Virgilio. As odes não tem ordinariamente o mesmo merito, e ficão pelo menos aquem dos modelos, que se propoz o poeta. Começarei porém pelos sonetos, entre os quaes ha alguns, poucos é verdade, que não dês dizem dos de Camões e de Bocage, posto que em geral seja Ferreira inferior n'este genero de composição a qualquer d'elles.

Lêr-vos-hei o soneto XXIV do livro I e o XXVIII do livro II, que me parecem bellos:

XXIV

Em quanto solto ao Sol brando ar movia
 O puro, que Amor de sua mão-fia, e tece,
 D'amorosos spritos o ar se enchia;
 De que amor doce em toda a parte cresce.
 Um lhe dava o nó crespo, outro tecia
 Laços, em que toda alma livre empece,
 Outro o soltava ao vento, e parecia
 Descer então o Sol mais do que desce.
 Namorava-se o claro Sol da terra,
 Ia crescendo o dia mais fermoso,
 Minh'alma de si mesma estava fóra.
 Mas recolhendo o Amor, eis que se cerra
 Triste o Ceo, escuro o dia, o Sol queixoso,
 E minh'alma dalli sempre em vão chora.

XXVIII

Num concavo penedo, onde quebravão
 Sua mór força as ondas furiosas,
 Dous brandos nomes de duas mais fermosas
 Nymphas Lilia, e Celia se cortavão.
 Abrindo a pedra as letras, aclaravão
 As nuvens, brandos ares amorosas
 Virações spirando, as mais irosas
 Ondas naquella parte assossejavão.
 Ao pé dos doces nomes, que cortarão
 Aonio e Vincio em immortal memoria,
 Seus nomes, e estes versos escreverão;
 Em duas aqui quatro almas se juntarão:
 Aqui porto quieto as ondas derão,
 Lilia, e Celia a Amor hofra, ao Mundo gloria.

No primeiro imita o poeta a maneira de Petrarca, que lhe servio de modelo em muitos dos seus sonetos, e no segundo parece advinhar a de Bocage que devia vir séculos depois. No primeiro ha imagens agradaveis, voluptuosidade, e delicadeza de pintura. No segundo imagens agradaveis, e poesia imitativa nos dous primeiros versos:

«N'um concavo penedo onde quebravão
Sua mór força as ondas furiosas.»

Ambos elles são bellos, primorosos, e superiores aos que se escreverão até então, e nomeadamente aos de Sá de Mirandá. Depois de Camões foi Ferreira quem melhores sonetos compoz no seculo XVI.

Passarei agora a dar-vos uma amostra das elegias, lendo-vos a III, feita a Maio, a qual passa com razão por uma das melhores do poeta:

ELEGIA III.

Vem Maio de mil hervas, de mil flores
As fronte coroadas, e riso, e canto,
Côm Venus, com Cupido, c'os Amores.
Vença o prazer á dor, o riso ao pranto,
Vã-se longe daqui cuidado duro,
Em quanto o ledos mez de Venus canto.
Eis mais alva a manhã, mais claro e puro
Do Sol o raio: eis correm mais fermosas
Nuvens afugentando o ar grosso e escuro.

Sae a branda Diana entre as lumiosas
 Estrellas tal, qual já ao pastor fermoso
 Veio pagar mil horas saudosas.
 Mar brando, sereno ar, campo cheiroso,
 Foge a Tristeza, o Prazer solto vòa,
 O dia mais dourado e vagaroso.
 Tecendo as graças vão nova coróa
 De Mirtho á mãe, ao filho mil spritos,
 O fogo resplandece, a aljaba sòa.
 Mil versos, e mil vozes, e mil gritos
 Todos de doce amor, e de brandura,
 Uns s'ouvem, uns nos troncos fição escritos.
 Ali soberba vem a Fermozura,
 Após ella a Afeição cega, e cativa
 Quanto uma mais chorosa, outra mais dura.
 Ah manda amor assi: assi quer que viva
 Contente a triste, do que seu Deos manda,
 Deseja inda mais dor, pena mais viva.
 Mas quanto o moço encruece, a mãe abranda,
 Ella a peçonha, e o fogo he tempéra:
 Assi senhora de mil almas anda.
 Ali o Engano em seu mal cego espera
 Um' hora doce: ali o Encolhimento
 Sem causa de si mesmo desespera.
 Aos olhos vem atado o Pensamento,
 Não vòa a mais qu'ao qu'ali tem presente,
 E em tanto mal, tudo he contentamento.
 Em riso, em festa corre a leda gente.
 Tras o formoso fogo, em que sempr' arde,
 Cada um, quanto mais arde, mais contente.
 Manda Venus ao Sol manhã, e tarde
 Que seus crespos cabellos loure e estenda,
 Qu'em vir s'apresse, qu'em se tornar tarde.
 Ao brando Norte que assopre e defenda

Do ardor da sésta a branda companhia,
Em quanto alção de Mirtho fresca tenda.

Corre por toda parte clara e fria

Agoa: cae doce sombra do alto Louro,

Canta toda ave canto d'alegria.

Ella a neve descobre, e solta o ouro:

Banhão-na as Graças na mais clara fonte;

Apparece d'Amor rico thesouro.

Caem mil flores da dourada fronte;

Arde d'Amor o bosque, arde a alta serra,

Aos olhos reverdece o campo, é o monte.

Despende Amor seus tiros, nenhum erra,

Mil de baixo metal, algum do fino,

Fica de seus despojos cheia a terra,

Vencida d'uma mulher, e d'um menino.

Esta poesia é lindissima no seu genero. Nada até então se havia escripto em Portuguez tão gracioso e ameno como ella. Que frescura de imagens! que delicadeza de pintura! que belleza de colorido! Ferreira era um poeta de muito gosto, e até versejava bem quando queria exprimir idéas agradaveis e deliciosas, o que nem sempre lhe acontece em outras occasiões em que claudica, e torna-se aspero e duro. Muitos dos bellos versos desta peça são de admiravel effeito, porque se destacão do todo, como bem observa José Maria da Costa e Silva, e vem ferir agradavelmente o ouvido, e estampar-se na imaginação, taes como:

Vença o Prazer a Dôr, o Riso ao Pranto
Eis mais clara a Manhã, mais claro e puro
Do Sol o raio.

.....
 Mar brando, sereno ar, campo cheiroso,
 Aos olhos vem atado o Pensamento.

Depois dos sonetos e elegias devo dar-vos tambem
 idéa das églogas. Eis ahi a IV que não deixa de ser
 bella:

EGLOGA IV.

Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia,
 Lilia prazer de amor, e nada tinha
 O triste que esperar, e o Amor crescia.
 Entr'uns bastos ulmeiros só se vinha
 De tristes sombras, a alma ali forçada
 Com só chorar, com suspirar detinha.
 Hora em som triste, em voz desconcertada,
 Lilia, que inda que viva, inda que moura,
 O nome ouve, assí delle era chamada:
 Lilia, nimpha branca, nimpha loura,
 O dia nos teus olhos amanhece,
 Nos teus cabellos, Nimpha, o Sol se doura.
 Com tua vista um novo Abril florece
 Em toda parte: á tua voz se abranda
 O Amor na mor ira, e se adormece.
 Lilia fermosa em tudo, em tudo branda,
 A mim só dura, eu em que errei? em amar-te?
 Amor te me mostrou, e amar me manda.
 Meu descanso só he, Nimpha, cantar-te
 Ao Sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio,
 E meu premio, ah cruel, em vão chamar-te?
 Hora c'o rosto descorado e frio
 No ardor do Sol, hora no Inverno ardendo,

Ou todo chamma, e fogo, ou neve, e frio.
 Ó cruel Lilia! e não te irá movendo,
 Já que à amor não, á piedade um tanto
 O fogo, que em meus olhos estás vendo?
 Ouve-me, Lilia, por ti só meu canto
 Renovarei, por ti, cruel, meu fogo
 Tenho por doce, e por prazer o pranto.
 Por ti toda outra sêsta, e riso, e jogo
 Desprezo: por ti sombras, e agoas quero,
 Aprazer-te he só Lilia, aos Ceos meu rogo.
 Não desprezes meus versos, que inda espero
 Com teu nome aos pastores ensinado
 Dos hospues, amansar-se o Amor fero.
 Tambem eu canto, tambem sou chamado
 Dos pastores poeta, e eu não os creio,
 Em quanto de ti sou tão despresado.
 Pois tão rustico sou, Lilia, ou tão feio?
 Pouco ha que me vi n'agoa: a cor mortal,
 Desde que te vi, e te chamo em vão, me veio.
 Quanto melhor me fôra, pois não val
 Comtigo Amor, não deixar nunca a triste
 Filis, inda que a ti em nada igual!
 Choraste, Filis, ah quando me viste
 Partir de ti, e d'alma saudosa
 Suspirando e'os olhos me seguiste.
 Alva Filis tambem, não tão fermosa
 O Lilia, não tão loura; porém era
 Inda que de Amor livre, piedosa,
 As capellas de Mirtho, Louro, e Hera
 Feitas da minha mão não despresava,
 Nem os rusticos dons da primavera.
 Já eu um'hora pera ti juntava
 Diversas hervas, flores, e boninas
 Em que o cheiro melhor se misturava.

Hervas tratadas só das mãos divinas
 Das Musas, e das Graças, dos Amores,
 Das tuas mãos e olhos, Lilia, dinas.
 Mas não t'as ousei dar: em taes tremores
 Me trazes! e chorando as espalhei
 Com mágoa (quando as virão) dos pastores.
 Quantas vezes quizera, e comeei
 Cantar teu nome, donde tu pudesses
 Ouvir-me, e em começando, me calei!
 Quantas vezes dizia em mim; quizesse,
 Lilia, espreitar-me um' hora, tu verias
 Sinaes do meu amor, a que fé desses.
 Se virão tão ditosos alguns dias,
 Que pisando contigo esta verdura
 Traga o coração cheio de alegrias?
 Olha, Nimpha fermosa, que pintura
 De campos e de Ceos, manhãs, e tardes:
 Vem tu acrescentar sua fermosura.
 Solta ao vento os cabellos, não os guardes
 Em vão: estende os olhos pelos prados:
 Vem, Nimpha, foge o dia, vem, não tardes.
 Aqui ao tirar, e recolher dos gados
 São as rusticas frutas namoradas
 Dos rusticos pastores namorados.
 Aqui, seguindo eu, Lilia, tuas pisadas,
 Vivendo dos teus olhos, te traria
 As maçãs brancas, e uvas orvalhadas.
 Das Nimphas uma te offereceria
 Os cestinhos de Lirios escolhidos,
 E leda, com t'os dar, se tornaria.
 Outra os louros cabellos esparzidos
 Te cingiria de Hera, ou verde Louro,
 Com versos bem cantados, bem tangidos.
 Este seria, ó Lilia, o meu thesouro.

Mas ah triste, que cuido! estou sonhando
 No que desejo, e em vão desejo, e mouro.
 Aonio, Aonio, quem te está enganando?
 Lilia não te ouve, ao vento te desfazes.
 Si se ella não mudar, vae-te mudando
 Outra acharás, si a Lilia não aprazes.

Ha nesta égloga felicissimas imitações de Virgilio, bello colorido campesino, imagens agradaveis, pinturas delicadas, e póde se dizer que toda ella é escripta no gosto virgiliano, de que não desdiz. Os versos são em geral harmoniosos e perfeitos, com excepção de mui poucos, em que se notão leves descuidos. Estes dous por exemplo são bellissimos:

O dia nos teus olhos amanhece,
 De teus cabellos, Nimpha, o Sol se doura.

Depois de Camões foi ainda Ferreira o poeta do seculo XVI que melhores églogas compoz, e é indubitavelmente superior neste genero a Bernardim Ribeiro e a Sá de Miranda que o precedêrão, porque nenhum dos dois pode emparelhar com elle em elegancia, e belleza de colorido.

Mas si Ferreira prima nas elegias e ainda nas églogas, não lhe acontece o mesmo nas odes. Eis ahi a III para amostra:

ODE III

Porque tão cruelmente
 (Meu João humanissimo) sem culpa
 Tua te affliges tanto?

E porque esse innocente
Peito, que de nenhum vicio te culpa,
Tão puro, casto, e santo
Com tristes pensamentos,
Que essa tu'alma branda estão roendo,
Em tanto dano meu
Maltratas? taes tormentos
Deixa a quem com razão está tremendo
Algum grande erro seu.
Não teme, não espera,
Não pende da fortuna, ou vãos cuidados
A consciencia pura,
E assi não desespera
De chegar aos bons dias esperados
Tam leda, e tam segura,
Que o mundo desprezando
Comsigo se enriquece, e mais descansa
De si tão satisfeita,
Que em si se está prezando
De desprezar o porque o Mundo cansa.
De ver que ella a direita
Via seguindo vai
A virtude levando só por guia
Não torce, não duvida,
Já mais della se sai,
Por mais que o Mundo della se desvia.
A corôa devida
Voando, que guardada
Nos Ceos lhe está, da terra se levanta.
Tem sempre o que deseja,
Com não ter nunca nada.
Pisa a fortuna, nada a vence, e espanta.
Que por forte, que seja,
Falsa Deosa e tyrana

(Segundo a fez a cega antiguidade)
 Que val contra a prudencia?
 Em que lhe empece ou dana?
 Falso poder, e falsa divindade
 Nascida da imprudencia
 Daquelle povo errado,
 Que a qualquer appetite máo, injusto,
 Logo um Deos levantão,
 Só pera seu peccado
 Ficar honesto, desculpado, e justo.
 Aquelles adoravão
 Os appetites seus.
 Ditosos nós, que tão alto subimos,
 Que nos Ceos um thesouro
 Temos, qual esses teus
 Olhos bom João, vem, após este imos;
 Tu de palma, e de louro
 Com razão coroado,
 Eu da humilde, e sempre verde hera,
 Seguindo tuas pisadas
 Nas nuvens levantado
 Assi serei, senhor; descansa, e espera.
 Já chegão as douradas
 Horas, que te esperando
 Estivérão tégora e vem correndo:
 Para teu bem e gloria.
 Por ti só vem chamando
 Aquelles claros titulos trazendo,
 Porque tua memoria
 No Mundo eternamente irá vivendo.

Nesta ode os versos empernãõ-se desagradavelmen-
 te uns nos outros, e ainda as estrophes, cujo sentido

passa de umas para as outras, o que torna languido e arrastrado o estylo de todo o poema, aliás bem curto. Defeitos taes são intoleraveis na boa poesia: assim esta composição hybrida só se torna notavel por sua semsaboria, e carencia de enthusiasmo. Seja porem dito em abono de Ferreira, que n'este genero só começarão a primar os poetas Portuguezes de Garção para cá.

Como poeta lyrico é Ferreira superior a quantos o precedêrão, dotado de muito gosto, grande conhecedor das bellezas de estylo, bom e fino colorista, sabedor da lingua, como poucos, mas poeta de pouca imaginação e invenção. Prima no genero erotico e pastoril, mas não tem os vôos lyricos e rasgos sublimes de Antonio Diniz da Cruz e Silva, de Francisco Manoel do Nascimento, e do Padre Antonio Pereira de Souza Caldas. A sua metrificacão, si bem que muito superior á de Sá de Miranda, pecca ainda ás vezes por falta das convenientes pausas, e por duros ectylipses contrarios ao genio da lingua.

Tendo apreciado a Ferreira como poeta lyrico, passarei em outro discurso a analysal-o como poeta didatico, e trágico.

LICÇÃO XIX.

Vou, senhores, apreciar hoje como poeta didatico e tragico ao doutor Antonio Ferreira, que já analysei como poeta lyrico, e de cuja vida vos dei noticia abreviada no precedente discurso. As cartas e a tragedia Castro deste poeta, que tantos serviços prestou á poesia e lingua Portugueza, como fica dito, são justamente o seu maior titulo de gloria, porque primou n'um e n'outro genero como nenhum poeta do seu tempo.

Dotado de pouca imaginação, si bem tivesse muito gosto, não sobressahio Ferreira no genero lyrico elevado das odes e hymnos, em que aliás só começaram a primar os poetas portuguezes cerca de dois seculos depois d'elle; mas grande philosopho moralista, e profundo conhecedor do coração humano, distinguio-se na poesia didatica e na tragica á ponto de ser nesta parte, não só superior a todos os poetas que o pre-

cedêrão, ou forão seus contemporaneos, mas até de não ser excedido por nenhum dos que lhe succedêrão em Portugal. Como poeta didatico é que Ferreira é um digno imitador de Horacio, ou merece verdadeiramente o nome de Horacio Portuguez; como poeta tragico é ainda hoje o unico introductor da tragedia classica, que se conta na litteratura portugueza e brasileira. Em ambos os generos seguio elle com muita felicidade os grandes modelos da antiguidade, e é pela ventura superior a todos os poetas didatico-moralistas, e tragicos das litteraturas contemporaneas, sem exceptuar a mesma litteratura italiana, que era a mais notavel da época. Para chegar a este resultado era preciso um grande e profundo conhecimento dos poetas gregos e latinos, e Ferreira o possuia em supremo grão, como o provão seus escriptos, ao passo que se mostrava igualmente mui sabedor da litteratura moderna, e versado no estudo das linguas, o qual é porta indispensavel para entrar no sanctuario das lettras. Com razão pois os poetas seus contemporaneos o consultavão, segundo fica dito em sua biographia, como mestre e juiz competente em materias de gosto; e si a morte o não roubasse tão cedo no meio de seus estudos classicos, poderia o seu talento dramatico ainda em todo o vigor da idade enriquecer a litteratura com outras producções do mesmo genero da Castro, ou analogas, além das duas que deixou em prosa.

Como poeta didatico, alem dos modelos da antigui-

dade que seguio, não encontrou Ferreira outro em Portuguez, senão Sá de Miranda, cujas cartas valem mais pelo fundo moral e philosophico, que pela fórma elegante, ou pelas bellezas de estylo, quasi nullas neste poeta, que tinha mui pouco gosto, e escrevia ainda quando a nossa linguagem poetica mal se distinguia da prosa a não ser pelo metro. Assim as cartas de Ferreira, que não desdizem no moral das de Sá de Miranda, e comprehendem tambem assumptos litterarios, são mui superiores ás deste na elegancia de fórma, de que Ferreira era muito melhor conbecedor, e foi o primeiro introductor em nossa poesia, que antes d'elle não sobresahia pela perfeição de estylo, mas pela expressão do sentimento, como nos versos de Bernardim Ribeiro, e pelo sal comico, como nos de Gil Vicente.

Compoz Ferreira dois livros de cartas sobre assumptos litterarios, moraes e philosophicos, das quaes vos lerei a XII do livro I dirigida a Diogo Bernardes, e a I do livro II, dirigida a el rei D. Sebastião, para que ajuzeis vós mesmos do seu merito neste genero de composição.

CARTA XII

Fez força ao meu intento a doce e branda
 Musa tua, Bernardes, que a meu peito
 Dá novo sprito, novo fogo manda.
 Como um juizo queres, que sujeito

Vive a tantos juizos, se não guarde
 De tanto riso, e rosto contrafeito?
 Quanto em mim mais das musas o fogo arde,
 Tanto trabalho mais por apagal-o
 Quanto o silencio val, sabe-se tarde.
 A medo vivo, a medo escrevo e falo,
 Hei medo do que falo só comigo;
 Mas inda a medo cuido, a medo calo.
 Encontro a cada passo c'um imigo
 De todo bom sprito; este me faz
 Temer-me de mim mesmo, e do amigo.
 Taes novidades este tempo traz,
 Qu'he necessario fingir pouco siso,
 Se queres vida ter, se queres paz.
 Vida em tanta cautella, tanto aviso,
 Quando me deixarás? quando verei
 Um verdadeiro rosto, um simples riso?
 Quando a mim me crerão, todos crerei
 Sem duvidas, sem cores, sem enganos,
 E eu, que de mim mesmo seja Rei!
 Ah tantos dias tristes, tantos annos
 Levados pelos ares em desejos
 De falsos bens, e nossos tristes danos!
 A quem os deixa, e foge, quam sobejos
 Lhe parecem mais bens, que os que só bastão
 Desviar da virtude os cégos pejos.
 Quantos as vidas, quantos almas gastão
 Em buscar seu perigo, e sua morte,
 E tras ella seus jugos crueis arrastão!
 Aquelles vivem só, a que coube em sorte
 Ao som da frauta, que dos hombros pende,
 O Mundo desprezar com sprito forte.
 Toda minh'alma em desejar se esteude
 A doce vida que tão doce cantas,

Que quasi a força quebra, que me prende.
 Mas ajunta a estas forças outras tantas,
 Todas quebraria eu, s'azas tivesse,
 Com que chegasse onde me tu levantas.
 S'eu pudesse, Bernardes, se eu pudesse
 Ser senhor só de mim, eu voaria
 Onde do vulgo mais longe estivesse.
 Alli quão livremente me riria
 De quanto agora choro! alli meu canto
 Livre por ares livres soltaria.
 Em quanto me vés preso, amigo, em quanto
 Sem sprito, sem forças, não me chames
 Com teus versos, que a ti só honrão tanto.
 Por mais que me desejes, mais que me ames,
 Não empregues em mim tão cegamente
 Teu canto, com que he bem que Heróes affames.
 Mas tratarei contigo amigamente
 Do conselho, que pedes, juizo, e lima
 Tem em si todo humilde, e diligente.
 Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
 Que a si favorece, e se perdôa,
 Que sprito mostrará em prosa ou rima?
 Taes são alguns, a que triste a Hera corôa
 Roubada do vão povo ao claro sprito,
 Que esconder-se trabalha, e então mais sóa.
 Aquelle dá de si publico grito:
 Este cala, e s'encolhe: o tempo em fim
 Um apaga; immortal faz d'ontro o escrito.
 A primeira lei minha he, que de mim
 Primeiro me guarde eu, e a mim não creia,
 Nem os que levemente se me rim.
 Conheça-me a mim mesmo! siga a veia
 Natural, não forçada: o juizo quero
 De quem com juizo, e sem paixão me leia.

Na boa imitação, e uso, que o féro
 Ingenho abranda, ao inculto dá arte,
 No conselho do amigo douto espero.
 Muito, ó Poeta, o ingenho póde dar-te.
 Mas muito mais que o ingenho, o tempo, e estudo;
 Não queiras de ti logo contentar-te.
 He necessário ser um tempo mudo:
 Ouvir, e ler sómente: que aproveita
 Sem armas, com fervor commetter tudo?
 Caminha por aqui. Esta he a direita
 Estrada dos que sóbem ao alto monte
 Ao brando Apollo, ás nove Irmãs aceita.
 Do bom escrever, saber primeiro he fonte.
 Enriquece a memoria de doutrina
 Do que um cante, outro ensine, outro te conte.
 Isto me disse sempre uma divina
 Voz á orelha; isto entendo, e creio.
 Isto hora me castiga, hora m'ensina.
 Cad'um pera seu fim, busca seu meio:
 Quem não sabe do officio, não o trata,
 Dos que sem saber escrevem o Mundo he cheio.
 S'ornares de fino ouro a branca prata
 Quanto mais, e melhor já resplandece,
 Tanto mais val o ingenho, s'á arte se ata.
 Não prende logo a planta, não florece,
 Sem ser da destra mão limpa, e regada,
 C'o tempo, e arte flór, fruto parece.
 Questão foi já de muitos disputada
 S'obra em verso arte mais, se a natureza?
 Uma sem outra val ou pouco, ou nada.
 Mas eu tomaria antes a dureza
 Daquelle, que o trabalho, e arte abrandou,
 Que dest'outro a corrente, e vã presteza.
 Vence o trabalho tudo: o que cansou

Seu sprito, e seus olhos, algum'hora
 Mostrará parte alguma do que achou.
 A palavra, que sae uma vez fóra,
 Mal se sabe tornar: he mais seguro
 Não tél-a, que escusar a culpa agora.
 Vejo teu verso brando, estylo puro,
 Ingenho, arte, doutrina: só queria
 Tempo, e lima d'inveja forte muro.
 Ensina muito, e muda um anno, e um dia,
 Como em pintura os erros vae mostrando
 Despois o tempo, que o olho antes não via.
 Corta o sobejo, vae acrescentando
 O que falta, o baixo ergue, o alto modéra,
 Tudo a uma igual regra conformando.
 Ao escuro dá luz, e ao que pudéra
 Fazer duvida aclára: do ornamento
 Ou tira, ou põe: c'o decóro o tempéra.
 Sirva propria palavra ao bom intento,
 Haja juizo, e regra, e differença
 Da pratica commum ao pensamento.
 Dana ao estylo ás vezes a sentença,
 Tão igual venha tudo, e tão conforme
 Que em duvida esté ver qual delles vença.
 Mas diligente assi a lima reforme
 Teu verso, que não entre pelo são,
 Tornando-o, em vez de ornal-o, então disforme.
 O vicio, que se dá ao pintor, que a mão
 Não sabe erguer da taboa, fuge: a graça
 Tirão, quando alguns cuidão que a mais dão.
 Roendo o triste verso, como traça
 Sem sangue o deixão, sem sprito e vida:
 Outro parto sem fórma traz á praça,
 Ha nas cousas um fim, ha tal medida,
 Que quanto passa, ou falta d'ella, he vicio:

He necessaria a emenda bem regida.
 Necessario he, confesso, o artificio:
 Não afeitado; empece á tenra planta
 O muito mimo, o muito beneficio.
 Às vezes o que vem primeiro, tanta
 Natural graça traz, que uma das nove
 Deosas parece que o inspira, e canta.
 Qual he a lingua cruel, que inda ouse, e prove
 Em vão alli seus flos? deixe inteiro
 O bem nascido verso, o máo renove.
 Não mude, ou tire, ou ponha, sem primeiro
 Vir aos ouvidos do prudente, experto,
 Amigo, não invejoso, ou lisongeiro.
 Engana-se o amor proprio falso e incerto,¹
 Tambem s'engana o medo de aprazer-se,
 Em ambos erro ha quasi igual, e certo.
 Per'isto he bom remedio ás vezes lér-se
 A dous ou tres amigos; o bom pejo
 Honesto ajuda então melhor a vér-se.
 Alli como juiz então me vejo.
 Sinto quando igual vou, quando descaio,
 Quando d'outra maneira me desejo.
 Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio,
 Muda (dizia) e tira: ia, e tornava:
 Inda, diz, na sentença bem não caio.
 O que mais docemente me soava,
 O que m'enchia o sprito, por máo tinha,
 O que me desprazia me louvava.
 Então conheci eu a dita minha
 Em tal amigo, tão desenganado
 Juizo, e certo, em que eu conflado vinha.
 Quem d'olhos tantos lido, quem julgado
 De tanto imigo ás vezes ha de sér,
 Convem tempo esperar, e ir bem armado.

Isto me faz, Bernardes meu, temer
 No teu, como no meu: não val escusa.
 Doe muito ver meu erro, e arrepender:
 Quem louva o bom? quem bom, e máo não accusa?
 Mas tu não tens razão de temer muito,
 Assi te alça, e te leva a branda Musa.
 Deixa só madurar o doce fruto
 Um pouco: deixa a lima contentar-se:
 Inventá, e escolhe então o melhor do muito.
 Eu vejo cada dia acrescentar-se
 Em ti fogo mais claro, e o ingenho teu
 Cada dia mais vivo levantar-se.
 Então darás com gloria tua o seu
 Grão premio ás Musas, que te tal criarão,
 Vida a teu nome, qual a fama deo
 A muitos, que da morte triumpharão.

CARTA I.

Rei bem aventurado, em quem parece
 Aquella alta esperanza já cumprida
 De quanto o Céu, e a terra te offerece;
 Fermosa planta de Deos concedida
 A lagrimas d'amor, e lealdade,
 Só nosso bem, vida da nossa vida:
 Em quanto essa innocente, e branda idade
 Por Deos crescendo vae felicemente
 Té o Mundo encher de nova claridade:
 Em quanto este teu povo e o d'Oriente
 Novo acrescentamento por ti esperão
 D'outros Reis, d'outra terra, d'outra gente:
 Taes promessas os Ceos de ti nos dérão
 No teu tão milagroso nascimento,
 E sprito igual em ti nellas puzerão.

Eu levado d'amor de santo intento
 (Quem ant'essa brandura temeria?)
 Deter-te com meu verso um pouco tento.
 Depois virá um tão ditoso dia,
 Que as tuas Reaes Quinas despregadas
 Na multidão de toda a Barbaria,
 As victoriosas frótas carregadas
 Das cativas corôas e bandeiras,
 D'outro sprito maior sejam cantadas.
 Agora ouve, Senhor, as verdadeiras
 Guias, que levão os Reis a essa alta gloria,
 Não duras armas só, velas ligeiras.
 Quantas armadas conta a antiga historia,
 Quantos grandes exercitos perdidos
 A mais poucos deixarão já victoria!
 Esses tanto no Mundo conhecidos,
 Cujos nomes vencêrão tantos annos,
 Não forão só por força obedecidos.
 Não se sogigão corações humanos
 De hõa vontade a força, um peito aberto
 Os vence de bom amor, sem arte, e enganoso.
 Nesta sombra, onde tudo anda encoberto,
 Quem da verdade vê mais que a figura?
 Quem seu passo direito leva, e certo?
 Uns falsos longes de uma vã pintura
 Com sua côr ao parecer lustrosa
 Quantos detém com a falsa fermosura!
 Não tem côres, não dobras a fermosa
 Verdade. Que buscaes, ó gente céga?
 Humilde, e núa está, não tão custosa.
 Não he um só Cupido, que almas cega.
 Mais ha no Mundo qu'uns sós vão amores,
 Que he tudo, o em qu'a vontade mal s'emprega.
 Aquelles, que do Amor forão pintores,

Que os olhos lhe tirarão, e o descobrirão,
 Pintarão pera Reis e Imperadores.
 Altos ingenhos! que em figura virão
 As forças deste proprio Amor imigo,
 Que moço, e cégo, e nú, e cruel fingirão.
 Cada um traz em si mesmo seu perigo
 Herdado desta natural fraqueza,
 Que tanto faz um homem de si amigo!
 Iguaes fomos, Senhor, na natureza,
 Assi entramos na vida, assi saimos.
 O entendimento he nossa fortaleza.
 Igualmente de um só principio vimos.
 Igualmente a um fim todos corremos.
 E uma estrada commum, e igual seguimos.
 Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,
 Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
 Tanto o caminho do bom fim perdemos.
 Cégos de nós, que pós tão mal trocamos,
 Que a parte vil e baixa senhoréa,
 E o mais alto ao mais baixo cativamos!
 Força cruel, que dentro em nós guerréa,
 Vence a céga vontade á razão clara,
 E leva assi de nós victoria féa.
 Aquelle lume, qu'alma illustra, e aclara,
 Apagado por nós nella, e perdido
 Como mortos nos deixa, e desampara.
 Deo remedio Deos: eis um erguido
 Por elle em poder alto, de que o povo
 Seja ou por bem levado, ou constringido.
 Não é nome de Rei titulo novo:
 Com elle começou o Mundo, e dura:
 Por fabulas antigas não me movo.
 Depois que d'aquella alta fermosura
 Cahio o primeiro homem, e a triste sorte

O envolveo nesta sombra grossa, e escura,
 Fugio a luz, entrou armada a morte:
 Cumprio nova vigia, guarda, e lei,
 Qu'ao cégo mostre a luz, e obrigue o forte.
 Elegéo Deos Pastor á sua grei,
 Vio tambem a razão necessidade,
 Eis aqui eleito um Rei, eis outro Rei.
 Confórme, e junto o povo n'uma vontade
 N'um só, por bem commum, por seus poderes,
 Promettendo obediencia, e lealdade.
 Obrigarão suas vidas, seus haveres,
 Prometteo o bom Rei justiça, e paz,
 E remedio, e soccorro a seus misteres.
 Dalli sujeito ao Rei o povo jaz,
 Dalli sujeito o Rei á boa razão
 Da mesma lei, que em si esta força traz.
 A quem todos seus bens, e vidas dão
 Polos livrar d'injuria, e de violencia,
 Se lhas elle fizer, a quem s'irão?
 Seja juiz a justa consciencia,
 E aquelle santo e natural preceito;
 Deve á lei, o que a fez, obediencia.
 Quem o caminho ha de mostrar direito,
 Se torce delle, e segue a falsa estrada,
 Como terá seu povo á lei sujeito:
 Póz Deos na mão do Rei a vara alçada
 Pera guia do povo errado, e cégo,
 Mas não foi só á sua vontade dada.
 Como déstro piloto no alto pégo
 C'o leme guia a não
 Hora a outra a desvia do vão cégo;
 Alli não valem forças, val só arte:
 Arte vence do mar a ira espantosa:
 Arte vence e encadêa o bravo Marte.

Hydra de mil cabeças enganosas
 Pégo de tantos ventos revolvido
 Não se vence, Senhor, com mão forçosa.
 Em duas iguaes partes repartido
 Te déo Deos seu poder: em premio, em pena
 Dé-se a cada um, o que lhe fôr devido.
 Aquelle, que suavemente ordena
 Todas as cousas, olha com que amor
 Paga o bem logo, e de vagar condena.
 Não se acha alli respeito, não favor,
 Tanto val cada um, quanto merece,
 Iguaes ant' elle são servo e senhor.
 Olha-te bem, grão Rei, e a ti conhece
 Nascido só pera reger a tantos,
 E dessa grande alteza ao teu fim desce.
 Ver-te-has igual na humanidade a quantos
 Mandas, verás o fim tão duvidoso,
 Como quem tambem morre, e nasce em prantos.
 Que presta ser na terra poderoso,
 S' o alto fim do Ceo se põe em sorte,
 Que até ao filho de Deos foi tão custoso?
 Côte o bom Rei primeiro por si, còrte;
 Mais vence o exemplo bom que o ferro, e fogo,
 Não pode errar quem contra si he forte.
 Nem a propria afeição, nem brando rogo
 Tire a força á razão, e á igualdade:
 Não se lhe faça sempre falso jogo.
 Somente em Deos razão he a vontade.
 Absoluto poder, não o ha na terra,
 Qu' antes será injustiça, e crueldade.
 Que a vontade mortal, Senhor, não erra.
 S' a lei justa, e a razão a não enfrea?
 De que nasce a injusta, e cruel guerra?
 Em seu peito cada um pinta uma Idéa,

A qual ou mal, ou bem se s'afleiçôa,
 Assi lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.
 A bôa guia he a inclinação bôa,
 A qual nasce do claro entendimento,
 E com facil discurso ao melhor vôa
 Tanto val, tanto pode o santo intento,
 Que só por si honra, e louvor merece,
 E a obra, que val dez, faz valer cento.
 E quando humanamente erro acontece,
 (Quem pode acertar sempre?) a culpa he leve;
 E todo bom juizo a compadece.
 Que justiça será que não releve
 Não sahir á vontade a obra igual,
 Pois pelo intento só julgar se deve?
 No livre peito, e coração Real
 Estê o bêm commum sempre fundado,
 Não pode de tal fonte manar mal.
 Ama o povo o bom Rei, e he delle amado,
 Ledo, e facil em crer, e em julgar bem,
 Imigo de todo animo dobrado.
 Sempre a mão larga, sempre aberto tem
 O generoso peito ao premio justo,
 E triste, e vagaroso á pena vem.
 Este he chamado bom, e grande, e Augusto,
 Da patria Pai, prazer, e amor do Mundo,
 Mortal imiço do tirano injusto.
 Este logo d'um alto, e d'um facundo
 Ingenho té as estrellas bem cantado
 Voando vai na terra sem segundo.
 Tal nos cresce, grão Rei, por Deos cá dado,
 Inda maior que as nossas esperanças,
 Maior que tua estrella e alto fado.
 Cedo teu sprito vencerá as tardanças.
 De tenra idade, e cedo renovando

Irás, dos altos Reis altas lembranças.
 Começa-te já agora ir costumando
 A pôr em nós teus olhos Reaes serenos,
 O mansissimo avô teu imitando
 Inteiro aos grandes, humano aos pequenos.

A primeira carta em que o poeta dá conselhos a Diogo Bernardes sobre a melhor maneira de compôr e limar os versos, para que produzão o desejado effeito, contém algumas passagens mui felizmente imitadas de Horacio, ou antes toda ella é escripta no gosto horaciano, e uma das melhores que até então se depárão em Portuguez sobre tal assumpto. Começa o poeta por lastimar-se da vida afanosa, e cheia de cuidados e desconfianças, que passa na côrte, e por desejar o socego de uma vida retirada, na qual se possa entregar ao doce commercio das Musas, sem se embaraçar do que vai pelo mundo; o que serve como de introdução á materia em que depois entra, buscando os conselhos, que dá ao seu amigo, na mais sã e illustrada critica. O estylo da epistola é castigado, elegante e ornado, quanto o comporta o genero didatico. A sua metrificacção é perfeita, si exceptuarmos os versos agudos que ainda então se achavão em voga. Os tercetos ajustão-se mui bem a este genero de composicção, porque os preceitos nelles contidos gravão-se mais facilmente na memoria, que em outra qualquer combinacção de versos hendecasyllabos rimados.

A segunda carta em que o poeta instrúe o joven rei nos seus devêres para com os povos, fazendo-lhe

vêr que deve ser o primeiro a dar o exemplo de obediencia á lei por ser o mais elevado de todos, é uma das mais bellas, e mais bem metrificadas de Ferreira, senão a melhor de todas, quer se attenda á moralidade do fundo, quer á elegancia da fórma. Nella falla o poeta a verdadeira linguagem, em que se deve fallar aos reis, despida de lisonjas, e levanta por vezes bem alto o estylo, advogando a causa dos povos perante uma testa coroadada, com nobreza e isenção dignas de um poeta philosopho, e de um magistrado integro e illustrado. Ha nesta obra prima do genero didatico uma notavel passagem em que Ferreira parece alludir á Camões, que aliás nunca nomeia em suas poesias, e é a seguinte:

«Depois virá um tão ditoso dia,
 Que as tuas Reaes Quinas despregadas
 Na multidão de toda a Barbaria,
 «As victoriosas frótas carregadas
 Das captivas coróas, e bandeiras,
 D'outro sprito maior sejam cantadas.»

Não será este—outro sprito maior—o immortal cantor dos Luziadas, poema de que Ferreira devia ter noticia, apesar de só haver sido impresso em 1571, ou dois annos depois de sua morte occorrida em 1569? Si attendermos aos factos historicos da litteratura contemporanea, esta passagem parece conter uma allusão frisante, a qual a ser real honra o character de

Ferreira, sendo que alguns querem suppôr fosse elle emulo de Camões, porque nunca neste falla.

Mas a verdadeira corôa de Ferreira é a sua tragedia Castro, que pouco posterior á Sophonisba do Trissino, á que é superior em merito, e de que Ferreira provavelmente não teve noticia, foi a segunda tragedia regular, que apparecêo na Europa depois da restauração das lettras. A Castro é em sua contextura, andamento, córos, e donaires de estylo, uma verdadeira tragedia classica no gosto das que escrevêrão os antigos poetas gregos e romanos, posto que em genero diverso dos que os mesmos tratarão. Ha nella scenas admiraveis, logares sublimes, como os de Corneille e Racine, córos magnificos que nada teem que invejar aos da Athalia, estylo natural, e de belleza antiga, assim como defeitos e senões. Esta peça que é uma obra prima para o tempo em que foi escripta, e ainda hoje excita a admiração dos litteratos, tem permanecido até hoje como um bello monumento isolado na nossa litteratura, sem haver sido excedido, nem igualado, pois a moderna e turgida composição ou imitação de João Baptista Gomes, que tratou do mesmo assumpto, si bem que revele talento dramatico, ficou todavia aquem da nobre e bella simplicidade da tragedia antiga. O visconde Almeida Garrett, juiz assás competente na materia, admira-se como Ferreira sem vêr um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, pudesse tratar tão delicadamente um tal assumpto em genero desconhecido da antiguidade. As-

sim, ainda que Ferreira nada mais tivesse escripto, bastava a sua tragedia para dar-lhe um logar distincto entre os poetas de primeira ordem do segundo periodo litterario. com que nos occupamos.

Para que possais ajuizar do merito de Ferreira como poeta dramatico, passarei a lér-vos a scena primeira do acto I, algumas passagens da scena primeira do acto II, e a scena do acto III, em que o Côro traz a Castro a noticia de haver sido resolvida a sua morte.

ACTO I

Castro, Ama, Côro.

- CASTRO Colhei, colhei alegres,
 Donzellas minhas, mil cheirosas flores:
 Teci frescas capellas
 De lirios, e de rosas; coroi todas
 As douradas cabeças.
 Espirem suaves cheiros,
 De que s'encha este ar todo.
 Sõem doces tangeres, doces cantos.
 Honrai o claro dia,
 Meu dia tão ditoso! a minha gloria,
 Com brandas liras, com suaves vozes.
- AMA Que novas festas, novos cantos pedes?
- CAST. Ama, na criação ama, no amor mãe,
 Ajuda-m'ao prazer.
- AM. Novos extremos vejo.
 Nas palavras prazer, agoa nos olhos.
 Quem te faz juntamente leda, e triste?
- CAST. Triste não póde estar quem vés alegre.

- AM. Mistura às vezes a fortuna tudo.
- CAST. Riso, prazer, brandura n'alma tenho.
- AM. Lagrimas sinaes são da má fortuna.
- CAST. Tambem da boa fortuna companheiras.
- AM. A dor são naturæes.
- CAST. E ao prazer doces.
- AM. Que força de prazer t'as traz aos olhos?
- CAST. Vejo meu bem seguro, que receava.
- AM. Que novo caso foi? que bem te veio?
 Porque me tens suspensa?
 Abre-me já, Senhora, essa alma tua.
 O mal s'abranda, o bem contando-o cresce.
- CAST. Ó Ama, amanheceo-me um alvo dia,
 Dia de meu descanso. Soffre um pouco
 Repetir de mais alto a minha historia,
 Em quanto o sprito ledo com a lembrança
 De seu temor, de que já está seguro,
 Ajunta ao mal passado o bem presente.
 Daquelle grande Afonso forte, e santo
 Por poderosa mão de Deos alçado
 Entre armas, ant'imigos o Real sceptro
 Do grande Portugal, que inda está tinto
 Do sangue de infieis por seu bom braço,
 Por legitima herança rege, e manda
 O bom velho glorioso da victoria,
 E nome do Salado Afonso Quarto,
 Dos reis de Portugal setimo em ordem,
 Filho do grande Diniz, e de Isabel Santa,
 Ambos já no alto ceo claras estrellas.
 Cuja alta casa, e o acrecentado Imperio
 Pelos grandes avós, espera alegre
 Seu desejado herdeiro o Infante Pedro,
 Meu doce amor, minha esperança, e honra.
 Sabes como, em saindo dos teus braços

Ama, na viva flôr da minha idade,
 (Ou fosse fado meu, ou estrella minha)
 C'os olhos lhe accendi no peito fogo,
 Fogo que sempre ardeo, e inda arde agora
 Na primeira viveza inteiro, e puro.
 Por mim lhe aborrecião altos estados,
 Por mim os nomes de Princezas grandes,
 Por tão grande me havia nos seus olhos.
 Um tempo duro, mas enfim forçado
 Dêo a Constança a mão, Constança aquella
 Por tantas armas, e furor trazida,
 Já quasi do seu fado triste agouro:
 Dêo a Constança a mão, mas a alma livre,
 Amor, desejo, e fé me guardou sempre.
 Quantas vezes quizera honestamente
 Podêl-a dar a mim! quantas mais vezes
 S'arrepêdo depois de se ver preso!
 Não lhe apagou o amor a nova esposa;
 Não o tão festejado nascimento
 Do desejado parto: antes mais vivo
 C'o tempo, e c'o desejo ardia o fogo.
 Que fará? se o encobre, então mais queima.
 Descubril-o não quer, nem lhe he honesto.
 Mas quem o fogo guardará no seio?
 Quem esconderá amor, que em seus sinaes
 Apesar da vontade se descobre?
 Nos olhos, e no rosto chamejava.
 Nos meus olhos os seus o descobrião.
 Suspira, e geme, e chora a alma cativa
 Forçada da brandura, e doce força,
 Sujeita ao cruel jugo, que pesado
 A seu desejo sacudir deseja.
 Não póde, não convem: a furia cresce.
 Lavra a doce peçonha nas entranhas.

Os homens foge, foge a luz, e o dia.
 Só passeia, só fala, triste cuida.
 Castro na bocca, Castro n'alma, Castro
 Em toda parte tem ante si presente.
 Elle á mulher cuidado, eu odio, e ira.
 Arde o peito a Constança em furor novo.
 Nem me ousão descobrir, nem vedar nada.
 D'antiga Casa Castro em toda Hespanha,
 Já dantes do Real sceptro deste Reino
 Por grande conhecida, inda meu sangue
 Do Real sangue seu tinha grã parte.
 Mas inda á natureza dobrão força,
 Arte ajuntando, e manha: el Rei ao neto
 Por madrinha me dá, comadre ao filho.

AM. Cegos, que quanto mais vedão, mais chamão.
 Cresce co'a força Amor: é o que á vontade
 Se faz mais impossivel, mais deseja.

CAST. Emfim, fortuna, que me já chamava
 Esta gloria tão grande, quebra o nó
 Daquelle jugo a meu amor contrario.
 Leva ante tempo a morte a Infante triste.
 Herdo eu mais livremente o amor constante
 Que a mim se entregou todo, e todo vive
 Na minh'alma, onde está seguro, e firme.
 Já com doces penhores confirmado.
 Mas o sprito inquieto c'os clamores
 Do povo, e rogos graves, que trabalhão
 Apartar est'amor, quebrar sua força,
 Me trazião medrosa receando
 A volta da fortuna, que hora amiga
 Hora imiga cruel alça, e derriba;
 Que sempre do mór bem, mór mal promette.
 Falsa, inconstante, cega, vária, e forte.
 Lograva como a medo os meus amores.

Criava o grande amor desconfiança:
E a consciencia errada sempre teme.

AM. Quem te seguiu já? quem novo sprito
Te deo aos temores?

CAST. O meu medo.

AM. Contrarias cousas falas.

CAST. O medo ousa

Às veses mais que o esforço: tomo os filhos
Co'as lagrimas nos olhos, rosto branco,
A lingua quasi muda, em chôro sôlta
Ant'elle assi começo: meu Senhor,
Sôão-me as crueis vozes deste povo,
Vejo del Rei a força, e imperio grave
Armado contra mim, contra a constancia,
Que em meu amor tégora tens mostrado.
Não receio, Senhor, que a fé tão firme
Queiras quebrar a quem tua alma déste;
Mas receio a fortuna que mais possa
Com seu furor, que tu com teu amor brando.
Por estas minhas lagrimas, por esta
Mão tua, que em sinal de fé me déste,
Pelos doces amores, doce fruto,
Que delles tens diante, se me debes
Amor igual ao meu; ou se algu'hora
Fui à teus olhos vista alegre, e doce,
Me segures, me guardes, me conserves
Contra os duros mandados de teu pai,
Contra importunas vozes dos que podem
Mudar acaso teu constante peito.
Ou quando minha estrella, e cruel genio
Te puder arrancar desta alma minha,
Com teu armado braço envôlta em sangue
M'arranques deste corpo, que não veja
Tão triste dia, tão cruel mudança;

Eu tomarei por doce a minha morte,
Por piedoso amor, tal crueldade.

AM. Moveste-me a alma, e os olhos.

CAST. Assi disse. Elle então lançando os braços
Estreitamente em mim, mudado todo
Em vão trabalha de encóbrir a mágoa
De meu temor, e lagrimas. E pode.
Ó Dona Inez, me diz, pode teu peito
Conceber tal receio? aquelle dia
Primeiro que te vi, não mostrou logo
Que esta minh'alma á tua só se deve?
Por ti a vida me é doce, por ti espero
Acrecentar imperios; sem ti o Mundo
Duro deserto me pareceria.
Não poderá fortuna, não os homens,
Não estrellas, não fados, não planetas
Apartar-me de ti por arte, ou força.
Nesta tua mão te ponho firme, e fixa
Minh'alma; por Infante te nomeio,
Do meu amor Senhõra, e do alto estado.
Que me espera, e teu nome me faz doce.
O grande movedor dos Ceos, e terras
Invoco, e chamo aqui: o alto Ceo m'ouça,
E meu intento sancto approve, e cumpra.

AM. Entendo o teu prazer, as tuas lagrimas.
Tambem de prazer choro: tão contraria
Nos he sempre a alegria, que inda toma
Lagrimas emprestadas á tristeza.

CAST. Já não tomo fortuna, já segura,
E leda vivirei.

AM. No real sprito
Não se deve esperar leve mudança.
Ajuda tua estrella c'o bom siso.
Muitas vezes a culpa empece ao fado.

Prudencia, e bom conselho o bem conserva:
A soberba o destrue, e em grão mal muda.

CAST. Rege tu, ama minha, este meu peito.

O subito prazer engana, e erra.

AM. Encobre teu segredo.

CAST. N'alma o tenho.

AM. Deos t'o conserve.

CAST. Humilde aos Ceos o peço.

ACTO II

El Rei D. Afonso IV. — Diogo Lopes Pacheco. — Pero Coêlho. — Conselheiros.

REI. Oh sceptro rico, a quem te não conhece,
Como és fermoso e bello! e quem soubesse
Bem quam diferente és do que promettes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes c'os pes; que levantar-te.
Não louvo os que se louvão por imperios
A ferro, sangue, e fogo destruirer,
O seu proprio estendendo: mas aquelles
(Oh grandeza espantosa, e animo livre!)
Que tendo-os muito grandes, os deixárão.
Mór alteza, e mór animo é as grandezas
Desprezar, que acceitar: e mais seguro
A si cada um reger, que o Mundo todo.
O resplendor deste ouro nos engana.
E é terra emfim, e terra a mais pesada.
De uma alta fortaleza estamos sempre
Postos por atalaias á fortuna:
Por escudos do povo, offerecidos
A receber seus golpes; não fazêl-o
É usar mal do sceptro, e bem fazêl-o

- He não ter vida mais segura, e certa,
Que quanto estes perigos nos promettem.
- CONS. Gloriosos perigos, e trabalhos,
Oh bem-aventurados, pois te sobem
Da corôa da terra a que nos Ceos
Mais rica, mais gloriosa te dáão.
- PACH. Trabalho mais que estado teem os Reis,
Os bons Reis que não amão assi seus vicios
Como as obrigações de se mostrarem
Contra si mais izentos, e mais fortes
Que o povo baixo, que anda só após elles.
E tal Rei como tu, Senhor, he Rei.
Não te peze de o ser, que virá tempo,
Que te hajão mais inveja a esses trabalhos
Soffridos com paciencia, e bem regidos,
Que a victorias famosas com grã perda
De homens e de riquezas mal ganhadas.
Isto faz os Reis grandes, dignos sempre
De memoria immortal; soffrer trabalhos
Pelo publico bem, quebrar a força
Do sangue e proprio amor; fazer-se exemplo
De todo bem ao povo, atalhar prestes
O mal em seu começo, antes que empeça.
Depois nem forças bastão, nem conselho.
Atalhando a este mal, que t'assi agora
Tão trabalhado traz, ficarás livre,
Rindo-te da fortuna e de seus medos.
- REI. Vence o mal ao remedio. Vejo o Infante
De todo contra mim determinado,
Duro a meus rogos, mais duro aos mandados.
Que estrella foi aquella tão escura?
Que máo signo, ou que fado, ou que planeta?
- PACH. Em quanto ha occasião, dura o peccado:
Tirando lha, eil-o livre.

- REI. Forte cousa
Endurecer-se assi aquella vontade!
- PACH. Endureça-se a tua com justiça.
- REI. Duro remedio! quanto melhor fôra
Amor, e obediencia! meus peccados
Quam gravemente sobre mim cahirão!
- CONS. Senhor, para que he mais? moura esta dama.
- REI. Que moura todavia?
- PACH. Senhor, moura
Por salvação do povo.
- REI. Não é crueza
Matar quem não tem culpa?
- CONS. Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.
- REI. Com que côr, com que causa esta matamos?
- PACH. Não basta que em sua morte só se atalhão
Os males que sua vida nos promette?
- REI. Ella que culpa tem?
- PACH. Dá occasião.
- REI. Oh que ella não a dá, o Infante a toma.
Que lei ha que a condemne, ou que justiça?
- CONS. O bem commum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras duvidosas.
- REI. Assi que assentaes nisto?
- CONS. Nisto: moura.
- PACH. Moura.
- REI. Uma innocente?
- CONS. Que nos mata!
- REI. Não haverá outro meio?
- PACH. Não o temos.
- REI. Mettel-a-hei n'um mosteiro.
- CONS. Eil-o queimado.
- REI. Mandal-a-hei deste Reino.
- CONS. O amor vôa.

Este fogo, Senhor, não morre logo.
 Quanto lhe mais resistes, mais s'accende.
 Contra Amor que logar darás seguro?

REI. Matal-a he cruel meio, e rigoroso.

PACH. Não vês, não ouves quantas vezes morrem
 Muitos, que o não merecem? Deos o quer
 Pelo bem que se segue.

REI. Deos o faça,
 Cuja vontade he lei, e a minha não.

PACH. Essa licença teem tambem os Reis,
 Que em seu logar estão.

REI. Antes não teem
 Licença para mais, que quanto pede
 A razão, e a justiça: a mais licença
 He barbara cruexa de infieis.

PACH. Pois que dirás daquelles, que a seus proprios
 Filhos, e a seu amor não perdoarão
 Pelo exemplo commum, e bem do povo?

REI. Aos que bem fizérão, hei inveja.
 Os outros nem os louvo, nem os sigo.

CONS. Inda que houvesse excessos, todavia
 Mais males atalhárão, dos que dérão.

REI. Não se hade fazer mal por quantos bens
 Se possão d'ahi seguir.

CONS. Nem bem nenhum,
 De que se sigão males.

REI. Mal parece
 Matar uma innocente.

PACH. Não he mal:
 Que a causa o justifica.

REI. Antes Deos quer
 Que se perdoe um mão, que um bom pedaça.

CONS. O bem geral quer Deos que mais se estime,
 Que o bem particular. Nas circumstancias

Se salvão, ou se perdem as obras todas.

REI. Enganão-se os juizos muitas vezes.

CONS. Os dos Reis bem fundados Deos inspira.

REI. Hei medo de deixar nome de injusto.

CONS. De justo o deixarás, pois te conselhas
C'os juizos dos teus Jeaes prudentes.

REI. Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,
Que cuidão, que propõem, que determinão;
Allumta minh'alma, não se cegue
No perigo, em que está: não sei que siga.
Entre medo, e conselho fico agora:
Matar injustamenté he grã crueza,
Socorrer a mal publico he piedade.

ACTO III

Côro.--Castro. — Ama.

CÔRO. Tristes novas, crueis
Novas mortaes te trago, Dona Inez.
Ah coitada de ti, ah triste, triste!
Que não mereces tu a cruel morte,
Que assi te vem buscar.

AM. Que dizes? fala.

CÔR. Não posso. Chóro.

CAST. De que chóras?

CÔR. Vejo

Esse rosto, esses olhos, essa...

CAST. Triste

De mim, triste! que mal? que mal tamanho
He esse, que me trazes?

CÔR. He tua morte.

- CAST. He morto o meu Senhor? o meu Infante?
 CÔR. Ambos morreréis cedo.
- CAST. Oh novas tristes !
 Matão-me o meu amor ? porque m'o matão?
 CÔR. Porque te mataráõ: por ti só vive.
 Por ti morrerá logo.
- AM. Deos não queira
 Tal mal, tal desventura.
- CÔR. Vem mui perto.
 Não te tardará muito, poem-te em salvo!
 Fuge, coitada, fuge, que já são *
 As duras ferraduras, que te trazem
 Correndo a morte triste. Gente armada
 Correndo vem, Senhora, em busca tua.
 El Rei te vem buscar determinado
 D'em ti vingar sua furia. Vê se podes
 Salvar tambem teus filhos, não lh'empça
 Parte dos teus mãos fados.
- CAST. Oh coitada,
 Só, triste, pèseguida! Ah meu Senhor,
 Onde estás, que não vens? el Rei me busca.
- CÔR. El Rei.
- CAST. Porque me mata ?
- CÔR. Rei cruel !
 Cruéis os que o movêrão a tal crueza!
 Por ti vem perguntando. Esses teus peitos
 Vem só buscar, para com duro ferro
 Serem furiosamente traspassados.
- AM. Cumprirão-se teus sonhos.
- CAST. Sonhos tristes !
 Sonhos cruéis! porque tão verdadeiros
 Me quizestes sahir! ó sprito meu!
 Como não creste mais o mal tamanho
 Que crias, e sabias? Ama, fuge,

Fuge desta ira grande, que nos busca.
 Eu fico, fico só, mas innocente.
 Não quero mais ajudas, venha a morte:
 Moura eu, mas innocente. Vós, meus filhos,
 Vivireis cá por mim: meus tão pequenos,
 Que cruelmente vem tirar de mim.
 Soccorra-me só Deos, e soccorrei-me
 Vós, moças de Coimbra. Homens, que védes
 Esta innocencia minha, soccorrei-me.
 Meus filhos não choreis: eu por vós choro.
 Lograi-vós desta mãe, desta mãe triste,
 Em quanto a tendes viva. E vós, amigas,
 Cercai-me em roda todas, e podendo,
 Defendei-me da morte, que me buscá.

Na primeira scena do acto I que começa pelos graciosos versos,

Colhei, colhei alegres,
 Donzellas minhas, mil cheirosas flores,

é bella a descripção que faz D. Ignez do seu amor,
 como nasceo, como cresceo, como se converteo em
 incendio devorador, bellissima a das suas angustias
 expressas ao infante, e mui terna a das seguranças,
 que este lhe dá, para animal-a. Ha nella versos admira-
 ráveis como estes,

Mas quem o fogo guardará no seio...
 Nos olhos e no rosto chamejava...
 Lavra a doce peçonha nas entranhas.

O dialogo é por vezes sentencioso, e de uma con-

cisão, em que só Ferreira e depois delle Alfieri souberão exprimir-se, como na passagem que principia,

Ama, na criação ama, no amor mãe.
Ajuda-me ao prazer...
Ó ama, amanheceo-me um alvo dia.

O estylo é natural, elegante, e não poucas vezes de uma belleza e força, que só encontrão typo nas fórmãs adoptadas pelos tragicos gregos e romanos, dos quaes tinha o poeta feito grande estudo, como tudo induz a crêr, e o revelão estes bellos e apaixonados versos:

Castro na bocca, Castro n'alma, Castro
Em toda parte tem ante si presente.

Na primeira scena do acto II o dialogo é de uma concisão e energia, que honrão o poeta, e muito concorrem para o bello effeito de toda a scena. As razões dos conselheiros para justificar a morte de D. Ignez são especiosas, mas até certo ponto plausiveis, o que basta para attestar a habilidade do poeta em assumpto tão melindroso e delicado; a hesitação do rei é mui natural e bem descripta, e bellissimo o monologo que começa,

Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,

em que o rei, ralado de remorsos por haver consentido na morte de uma innocente, pretende lan-

çar a responsabilidade do acto sobre seus conselheiros, como praticão os reis de character fraco, que se deixão dominar por astutos e perfidos conselheiros. A scena em que D. Affonso IV resolve a morte de D. Ignez não podia terminar de uma maneira mais apropriada e verosimil.

Antes porem de entrar em mais apreciação devo reproduzir-vos o sonho de D. Inez, que é de maravilhoso effeito.

SONHO

CAST. Ind'agora minh'alma s'entristece
 Assombrada dos medos em que estive.
 Cansada de cuidar na saúde,
 Que sempre leva, e deixa aqui o Infante,
 Adormeci tão triste, que a tristeza
 Me fez tomar o somno mais pesado
 Do que nunca me lembra que tivesse.
 Então sonhei que estando eu só num bosque
 Escuro, e triste, de uma sombra negra
 Coberto todo, ouvia ao longe uns brados
 De feras espantosas, cujo medo
 M'arripiava toda, e me impedia
 A lingua, e os pés, eu co'alma quasi morta
 Sem me mover, meus filhos abraçava.
 Nisto um bravo Leão a mim se vinha
 Co'a catadura féra, e logo manso
 Para trás se tornava: mas em s'indo,
 Não sei donde sahião uns bravos lobos,
 Que remettendo a mim com suas unhas
 Os peitos me rasgavão. Então alçava

Vozes aos Ceos, chamava meu Senhor,
 Ouvia-me e tardava: e eu morria
 Com tanta saudade, que ind'agora
 Parece que a cá tenho: e est'alma triste
 Se m'arrancava tão forçadamente,
 Como quem ante tempo assi deixava
 Seu logar, e deixava para sempre
 (Que este na minha morte era o mór mal)
 A doce vista de quem me ama tanto.

Nada de mais pathetico, e de um effeito mais dramático, que este sonho, pelo qual a victima tem o presentimento de seu cruel destino. A descripção d'elle, feita por mão de mestre, com todas as circumstancias que o podem tornar um presagio assustador, não cede em belleza tragica ao sonho tão gabado da Athalia de Racine, porque tanto n'um como n'outro o terror é levado ao seu cúmulo.

A scena entre o côro, D. Ignez, e a ama, é ainda de admiravel effeito dramático pelos rebates do terror crescente. Sublime é a pergunta que faz D. Ignez ao côro, quando este lhe annuncia a sua morte:

He morto o meu Senhor? o meu Infante?

Esta passagem é superior ao «Qu'il mourût» de Corneille, por encerrar em si todo o sublime do sentimento do amor que não vê na natureza, senão o objecto amado. Citar-vos-hei ainda estes bellos versos

imitativos que são de grande effeito em tal occasião:

Fuge, coitada, fuge, que já sôão
As duras ferraduras, que te trazem
Correndo a morte triste. . .

O terror produzido pelo sonho, e por esta noticia da morte de D. Ignez vai, como se vê, sempre em augmento até a catastrophe, que se verifica na ausencia do Infante antes de terminar a peça.

Muitas são as bellezas que eu poderia enumerar em outras scenas desta peça, como a do encontro do rei com D. Ignez no acto IV, e a primeira do V, mas entendendo que não devo abusar de vossa attenção, prolongando esta analyse, porque seria tornar-me prolixo.

Os defeitos principaes da Castro são a falta de ligação de algumas scenas, a extrema simplicidade do enredo, a falta de uma ou mais scenas entre o infante e D. Ignez, e a inacção quasi completa do infante, a qual contribue para derramar a frieza por toda a peça, alias admiravel a outros muitos respeitos, e ainda por vezes alguma rudeza nascida quasi sempre de vicios na metrificacção. Mas estes defeitos tem a sua natural excusa nos primeiros ensaios da arte dramatica, de que Ferreira foi um dos creadores nos tempos modernos.

E seja dito para gloria deste poeta, cujo grande talento dramatico é incontestavel, que foi elle o unico que soube tirar vantagem deste assumpto tragico, em

que naufragarão todos os outros que o tratarão depois delle, nacionaes e estrangeiros. A sua tragedia é ainda a melhor de quantas existem sobre a morte de D. Ignez de Castro.

A linguagem poetica da peça é tão natural e nobre, como rica, superior em perfeição á de todas as outras obras do poeta, e não menos digna da tragedia, que o é da epopéa a de Camões nos *Luziadas*. Tal é ella, que tem resistido á acção do tempo, pois ainda não envelheceo depois dos dois seculos, que lhe corrêrão por cima. Neste ponto é ainda hoje Ferreira um modelo digno de ser imitado por todos os que se propuzerem a escrever tragedias em versos portuguezes, e um modelo sem rival na litteratura de Portugal e do Brazil.

Tendo apreciado as obras poeticas de Ferreira, passarei em outros discursos a analysar a epopéa e as poesias lyricas do principe dos poetas portuguezes, o grande Luiz de Camões.

SECÇÃO SEGUNDA.

Luiz da Camões; sua biographia, dividida em tres partes segundo as tres differentes épocas de sua vida; seus **LUZIADAS**; apreciação das melhores passagens deste poema.

LICÇÃO XX.

O poeta illustre, com que me vou hoje occupar, Senhores, Luiz de Camões, o Homero Portuguez, pertence á segunda parte do seculo XVI, ou ao segundo periodo litterario que me tenho traçado; pois florecêo nos ultimos dias d'el rei D. João III, na regencia da rainha D. Catherina, no breve reinado d'el rei D. Sebastião, a quem dedicou os seus *Luziadas*, e no tambem curto do cardeal D. Henrique. Foi contemporaneo do doutor Antonio Ferreira, de Sá de Miranda, e ainda de Gil Vicente, á representação de cujos autos certamente assistio pelas relações que tinha no paço, e de Bernardim Ribeiro, a quem muito presava, e chamava o seu Ennio. Primou na poesia lyrica e na épica, ou em todos os generos de poesia, em que ensaiou o seu prodigioso e incomparavel enge-

nho; mas os seus *Luziadas*, ou o immortal poema, com que enriquecêo não só a litteratura patria, mas a litteratura moderna depois da restauração das letras na Europa, é o seu maior titulo de gloria, a sua verdadeira corôa de poeta, ou a laurea, que lhe assignala logar distincto entre os maiores poetas antigos e modernos.

Assim como Cicerô era para os Romanos não um nome de homem, ou de orador, mas a mesma eloquencia personalisada, assim Camões é para os Portuguezes e para os Brasileiros, não um simples nome de homem, e de poeta, mas a mesma poesia incarnada no homem. Genio igual a Homero, a Virgilio, a Dante, ou a quantos immortaes*engenhos primárão na poesia épica antes delle, e não excedido por Tasso, nem por Milton, ou por nenhum dos grandes épicos que lhe succedêrão, é Camões um daquelles brilhantes astros de poesia, que apparecem de longe em longe na duração dos seculos, para guia, e phanal da humanidade no caminho da perfeição artistica. Tanto custa a natureza a produzir o genio, e sobretudo o genio em poesia, ou na forma mais bella, que tomou o pensamento e a linguagem dos homens!

Uma epopéa que resume uma litteratura inteira, como os *Luziadas* de Camões, como a *Iliada* de Homero, como a *Eneida* de Virgilio, como a *Divina Comedia* de Dante, é o maior esforço do espirito humano em materia de artes e sciencias, o producto do engenho, pelo qual o homem mais se assemelha á

divindade, a primeira obra prima entre as obras primas dos homens. Por isso Camões, que não tem rival na poesia épica em Portuguese, e poderá encontrar iguaes, o que é ainda contestavel, não superiores em Tasso e Milton, que lhe succedêrão, é o maior escriptor Portuguese, e um dos primeiros dos tempos modernos.

Antes d'elle não havia dialecto poetico em Portuguese; a poesia não se distinguia da prosa senão pelo metro, o que é facil verificar nos escriptos de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Sá de Miranda; pois não mettemos já em linha de conta os rudes ensaios d'el rei D. Diniz. Camões, a quem Ferreira que lhe é muito inferior como poeta, não pode disputar esta gloria, foi quem creou o dialecto poetico, ou distinguio a linguagem poetica da prosaica, e fixou a lingua com o seu immortal poema, levando nisto vantagem a Tasso, que quando escreveu a sua *Gerusalem Libertada* já achou o Italiano fixado pelos dois grandes poetas Dante e Ariosto. Assim Camões, que é ao mesmo tempo nosso maior poeta e nosso mais distincto classico, será sempre o mais copioso exemplar do fallar Portuguese, o primeiro objecto de estudo para o philologo e litterato, porque de todos os poetas Portuguezes foi o que mais serviços prestou á lingua, enriquecendo-a, polindo-a, e fixando-a definitivamente.

Tudo quanto respeita a este engenho privilegiado, a quem os contemporaneos chamarão com muita razão principe dos poetas de Hespanha, deve ser cui-

dadosamente esmerilhado em proveito das letras, embora isso nos occupe uma serie de prelecções successivas, porque em nenhum autor Portuguez ha mais a aprender, que nelle. Passarei pois a dar-vos noticia da vida do poeta, tendo em vista o excellente e magistral trabalho do Sr. visconde de Jeromenha sobre o mesmo assumpto, sem todavia exceder os limites de uma simple\$ noticia biographica, que dividirei em tres partes:—vida do poeta até a sua partida para a India;—sua vida na Asia com o regresso á patria;—seus ultimos dez annos nesta, onde acabou na mais deploravel miseria.

Nascêo Luiz de Camões em Lisbôa no anno de 1524, e fallecêo na mesma cidade no de 1580, aos 56 annos de idade. Estas épocas, que não se achavão bem determinadas pelos seus biographos, o são agora pela infatigavel diligencia do mencionado visconde em consultar registros e documentos.

Fôrão seus paes Simão Vaz de Camões e D. Anna de Sá de Macêdo, ambos de nobre linhagem, vindo o poeta a descender por seu pae de uma das familias mais illustres e antigas de Galiza, cujo tronco em Portugal foi Vasco Fernandes ou Vasco Pires de Camões, que se passou para alli em 1370 no reinado d'el rei D. Fernando com outros fidalgos galegos.

Tão consideravel personagem era este bisavô do poeta que el rei D. Fernando, quando elle passou a seu serviço, lhe fez mercê das villas de Sardoal, Punhete, Marvão, Villa Nova dos Anços, e das terras e

herdades em Extremoz, Aviz e Evora, que fôrão da infante D. Beatriz, e lhe déo mais a quinta do judéo em Santarem, e as alcaidarias de Porto Alegre e Alemquer, bem como os senhoríos do concelho de Gestação, e do castello de Alcanede.

Teve Camões educação mui esmerada, como se infere de sua cabal instrucção em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, revelada a cada passo nos *Luziadas*, e mais poesias suas.

Frequentou a universidade de Coimbra, onde além das linguas mortas e vivas e das humanidades, supõe-se que estudou theologia, fazendo o seu tirocinio litterario sob a direcção de seu tio D. Bento de Camões, cancellario da mesma universidade, a quem dedicou uma de suas elegias, escripta em verdes annos.

Mui joven começou logo a poetar, do que dão testemunho muitas de suas poesias compostas na universidade, nas quaes descreve o curso das serenas aguas do Mondego, e os graciosos e apraziveis arredores de Coimbra. Ha ainda alli um freixo, a cuja sombra costumava sentar-se, e que se chama o freixo de Camões.

Havendo terminado seus estudos, regressou de Coimbra a Lisboa com designio de seguir a carreira militar, que era a porta que então se abria a um fidalgo pobre, para ganhar honra e posição na sociedade.

Na côrte foi mui festejado pelo seu talento, e contou logo por protectores e amigos o duque de Bra-

gança e seu irmão D. Constantino, o duque de Aveiro, o marquez de Villa Real, o de Cascaes, o conde de Redondo, e o de Sortelha com quem parece tinha parentesco, D. Manoel de Portugal a quem celebrou como seu Mecenaz, o joven D. Antonio de Noronha e outros fidalgos. Esta foi uma das épocas mais felizes da vida do poeta, como elle proprio o declara nos seus versos. Era joven e estimado; estava cheio de desejos e esperanças; a sua musa inspirava-lhe suavissimas canções; tudo lhe sorria, e parecia côr de rosa, no primeiro quartel da vida.

Nos sarãos do paço, em que havia certames poeticos dirigidos pelo infante D. Luiz e por D. Manoel de Portugal, e um tribunal de amor, composto das damas da rainha D. Catherina, para julgar do merito das poesias e seus autores, ficou o poeta captivo daquelle amor platónico, que lhe dictou tão maviosos versos, e fez as delicias e o tormento de toda sua vida. Era objecto deste amor, que em tudo se assemelha ao de Petrarca por Laura, D. Catherina de Athaide, dama da rainha, e filha, não do conde de Castanheira, valido d'el-rei D. João III, como erradamente affirmão os biographos do poeta, mas de D. Antonio de Lima, mordomo-mór do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. Manoel, e depois camareiro-mór do duque de Guimarães seu filho. A verificação da paternidade da amante do poeta deve-se ás diligencias do já citado visconde, assim como a rectificação de outros muitos factos concernentes á sua vida.

Por amor desta dama, que celebrou nos seus versos sob o nome de Natércia, anagramma de Catherina, soffreo o poeta não menos de tres desterros, dos quaes o ultimo para a India foi voluntario, a vêr se alli deparava melhor fortuna que na patria, onde tudo lhe corria mal.

O primeiro desterro, effectuado ou por influencia dos parentes da dama assás poderosos, ou da propria rainha D. Catherina, para evitar as murmurações a que davão occasião taes amores, foi um logar de Ribatejo, que parece haver sido a villa de Punhete, onde o Zezere entra no Tejo, e estreita-se este rio tão soberbo em sua foz. O sitio é aprazivel e ameno; mas, preocupado pela melancolia de se ver separado do objecto amado, o poeta em uma de suas bellas elegias julga-se nelle desterrado como Ovidio em Tomes entre barbaros Getas. Tal é o poder da imaginação!

Terminado o praso de seu desterro, regressou o poeta a Lisboa, logar por elle tão desejado; mas havendo reincidido na mesma culpa amorosa, soffrêo novo desterro para uma das praças portuguezas de Africa, a qual pelos seus versos se verifica ser Ceuta, onde militou algum tempo. Em uma briga que teve com um corsario, segundo é tradição, o navio em que partio para essa praça, perdêo um olho; o que lhe desfigurou o rosto, e dêo occasião a motejos das damas, que lhe chamavão *cara sem olhos*, pois até ahi era mui gentil homem. Esta época da vida do poeta é calculada pelo Sr. visconde de Jeromenha entre os

annos de 1546 á 1549. Bem moço era ainda então, porque teria 22 annos, quando partio para Africa.

De todos estes desterros nunca deixou o poeta de dirigir-se á dama de seus pensamentos em apaixonados e bellissimos versos, nos quaes, entre primores poeticos, manifesta a mais terna melancolia por se vêr separado della, e o ardente desejo de vôar aos felizes sitios por ella habitados.

No anno de 1549 foi D. Affonso de Noronha, que se achava em Ceuta, nomeado vice-rei da India, para succeder á D. João de Castro, que nella havia fallecido. Com elle veio o poeta a Lisboa, no intuito de se alistar para a India, como de feito fez em 1550; mas não partio esse anno, sem que se saiba o motivo, e só tres annos depois.

Achando-se o poeta em Lisboa de volta de Africa, aconteeo-lhe uma aventura, que o levou á cadeia, onde jazêo algum tempo em ferros. Foi preso por haver ferido a Gonçalo Borges, creado d'el rei, n'uma pendencia que este teve com dois amigos do poeta, que se poz do lado desses, e solto por perdão d'el rei em attenção a ser elle mancebo pobre que o ia servir na Indta naquelle mesmo anno de 1553, em que se verificára a briga.

Partio com effeito o poeta para a India no referido anno de 1553 aos 29 de sua idade, n'uma armada de seis náos, cujo capitão-mór era Fernão Cabral, que o levou na náo capitanea, de nome S. Bento, que naufragou depois na volta para o reino; e partio com o

coração amargurado e ralado de saúdaes, como o atesta o seguinte soneto, em que descreve a sua terna despedida do objecto de seus amores:

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de magua e piedade,
Em quanto houver no mundo saúdade
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada
Sahia, dando á terra claridade,
Vio apartar-se de uma outra vontade
Que nunca poderá vêr-se apartada.

Ella só vio as lagrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se formirão largo rio.

Ella ouviu as palavras magoadas,
Que pudérão tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condemnadas.

LICÇÃO XXI.

No precedente discurso deixei, Senhores, á Luiz de Camões, navegando para a India na náó S. Bento, capitanea de uma armada de cinco vélas, commandada por Fernão Alvares Cabral. Alli irei hoje procural-o, para seguil-o no decurso de sua aventureosa vida no Oriente, e acompanhal-o depois no seu regresso á Portugal até a época de sua morte, pouco posterior á grande catastrophe de Alcacer Quebir.

Tão desgostoso ia o poeta do mal que lhe havião corrido as cousas na patria, donde partia onze dias depois que tinha sahido de uma prisão, que proferira ao partir, como elle mesmo o declara em uma das suas cartas, aquellas memoraveis palavras de Scipião o Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*—Não possuirás meus ossos, patria ingrata; das quaes se infere o firme proposito em que estava de não voltar

mais a ella, não obstante ficar-lhe lá a dama de seus pensamentos, D. Catherina de Athaide, a quem perdêra toda esperança de poder unir-se pela desigualdade das fortunas.

Partio a armada um domingo de Ramos, 24 de Março, e conservou-se alguns dias reunida, mas dispersou-se depois em consequencia dos rijos e espantosos temporaes, que lhe sobrevierão, ajudando-se cada vaso como melhor poude na derrôta que tinha a seguir, segundo a paragem em que se achava. A não do capitão-mór, na qual ia o poeta, servida de piloto habil e bem esquipada, sobrepujou toda a furia dos temporaes, e dobrou o cabo de Bôa Esperança; mas em tempo em que já não podia ir por Moçambique, e lançando-se por fóra da ilha de S. Lourenço (Madagascar), conseguiu surgir na barra de Gôa aquelle anno de 1553. O destino dos outros vasos não diz respeito ao nosso proposito.

Na sua bella elegia II, uma das melhores que compôz, dá-nos o poeta a admiravel descripção da furiosa tempestade que experimentou no cabo de Bôa Esperança, e que pela ventura lhe suscitou a idéa da sua inimitavel ficção de Adamastor. Nesta descripção, que não cede á do I livro da *Eneida* de Virgilio, e já nos faz presagiar o immortal cantor dos *Luziadas*, ainda com a morte diante dos olhos, e a ponto de ser d'ella victima, nunca se esquece elle do objecto amado, cuja lembrança o seguia por toda parte. Eis os versos que á mesma descripção se referem:

Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saúde que renova,
Lembrando a longa e aspera mudança.

Debaixo estando já da Estrella nova
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;

Eis a noite com nuvens se escurece,
Do ar subitamente foge o dia,
E todo o largo Oceano se embravece.

A machiua do Mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo Mar se convertia.

Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavão,
Das náos as velas concavas rompendo.

As cordas co'o ruído assoviavão;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o ceo o ar coalhavão.

Os raios por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.

Amor alli mostrando-se possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante;

Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.

Em fim nunca houve cousa, que mudasse
O firme amor intrinseco d'aquelle,
Em quem alguma vez de siso entrasse.

Uma cousa, Senhor, por certo asselle,

Que nunca Amor se afina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa delle.

Estamos com o poeta na India, aonde havia chegado em principios de Setembro com seis mezes de trabalhosa navegação, depois de haver escapado de ser victima das ondas nas mesmas paragens, em que mezes antes havia naufragado o desventurado Manoel de Souza de Sepulveda com sua linda esposa, cuja desditosa sorte foi por elle cantada em uma das mais bellas passagens dos seus *Luziadas*, superior na maviosa expressão do sentimento a tudo quanto se encontra nos poetas antigos e modernos; nas mesmas paragens, em que mezes depois tinha de naufragar tambem na propria não S. Bento o capitão-mór Fernão Alvares Cabral, que o trouxéra do reino. Que tristissimos preludios para a longa, arriscada e miserrima perigração daquelle, cuja lyra sonora fôra mais afamada, que ditosa!

Chegado a Gôa, ou antes como elle diz,

A essa desejada, e longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura,

alvorçou-se a principio o poeta com o bom acolhimento dos amigos, e pela ventura dos parentes, pois consta que militavão então na India Gonçalo Vaz de Camões, que depois foi capitão de Damão, e um certo João de Camões; e tanto que escrevia para o reino que vivia alli mais venerado, que os touros de Mer-

ceana, e mais quieto, que a cella de um padre prégador. Não ficou porem muito tempo neste ocio, que podia ter para elle encantos.

Desejoso de fazer a sua estréa como soldado, acompanhou logo em fins de Novembro do mesmo anno ao vice-rei D. Affonso de Noronha, com quem se tinha primeiro alistado tres annos antes, quando este foi com uma poderosa armada em soccorro do rei de Cochim, a quem o da Pimenta havia tomado as ilhas alagadas. Reduzido o rei inimigo á obediencia pelo vice-rei, voltou com o mesmo á Gôa.

Tomando por descanso novos trabalhos, embarcou depois na luzida armada que o vice-rei mandára preparar, para seu filho D. Fernando de Menezes ir ao estreito do Meca e de lá á Ormuz esperar as galés que sahissem de Baçorá, visitando de caminho os logares da costa da Arabia. O resultado desta expedição foi a tomada de sete galés com trinta e seis peças de artilharia grossa. Com D. Fernando de Menezes, e depois com Manoel de Vasconcellos, andou o poeta dois annos consecutivos neste cruzeiro. Sigo nisto a opinião do visconde de Jeromenha, que se aparta do commum dos biographos que dizem que o poeta partira com Manoel de Vasconcellos; pois é muito natural que o amor de gloria, de que estava possuido, lhe não consentisse ficar um anno ocioso em Gôa, onde aliás nada o prendia.

Na sua canção X, uma das mais bellas composições deste genero, pinta elle com toda a exactidão topo-

graphica a extrema aridez do cabo Guardafú, a que o levou o seu máo destino. Eis a parte descriptiva desta admiravel poesia:

Junto de um secco, duro, esteril monte,
 Inutil e despido, calvo e informe,
 Da natureza em tudo aborrecido,
 Onde nem ave vóa, ou fera dorme,
 Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
 Nem verde ramo faz doce ruido;
 Cujos nome do vulgo introduzido
 É feliz, por antiphrase infelice;
 O qual a natureza
 Situou junto á parte
 Aonde um braço de alto mar reparte
 A Abassia, da Arabica aspereza,
 Em que fundada já foi Berenice,
 Ficando á parte, donde
 O sol que nella ferve, se lhe esconde;

O cabo se descobre, com que a costa
 Africana, que do Austro vem correndo,
 Limite faz, Arómata chamado;
 Arómata outro tempo, que volvendo
 A roda, a ruda lingua mal composta
 Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
 Aqui, no mar, que quer apressurado
 Entrar por a garganta deste braço,
 Me trouxe um tempo, e teve
 Minha fera ventura,
 Aqui nesta remota, aspera e dura,
 Parte do Mundo, quiz que a vida breve
 Tambem de si deixasse um breve espaço;

Por que ficasse a vida
 Por o mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
 Tristes, forçados, máos e solitarios,
 De trabalho, de dor, e d'ira cheios,
 Não tendo não sómente por contrarios,
 A vida, o sol ardente, as aguas frias,
 Os ares grossos, fervidos e feios,
 Mas os meus pensamentos, que são meios
 Para enganar a propria natureza,
 Tambem vi contra mi...

De volta á Goa encontrou já o poeta por novo vice-rei a D. Pedro de Menezes, e as tristissimas noticias da morte do principe herdeiro da corôa, D. João, e da de seu amigo, D. Antonio de Noronha, que perecêra em Ceuta, victima de uma cilada armada pelos Mouros. Na égloga I chorou estas perdas que muito sentio, com especialidade a do amigo, a qual era para elle maior, que a do principe.

Á D. Pedro de Menezes que, sendo já de avançada idade, fallecêra em Goa em 1555, succedêo no governo Francisco Barreto, homem mui bem quisto na India. Houve por esta occasião jogos e passatempos, para cujo esplendor concorrêo o poeta, escrevendo o seu Auto de Filodemo, que foi representado na presença do governador, a quem se festejava. Por este mesmo tempo é tradição que escrevêra uma satira á uns jogos de canas, na qual offendia á alguns fidalgos que tinham celebrado aquelle divertimento em

honra do governador. Restão-nos apenas della alguns fragmentos, em que são zurzidos os vicios da época, como a embriaguez, o jogo, e a devassidão. Para pôl-o pela ventura longe dos offendidos, e não certamente por vingança como querem alguns, enviou Francisco Barreto ao poeta para a China com o officio de provedor dos defuntos e ausentes, cargo que se reputava rendoso, e em que com effeito melhorou de fortuna.

Por esta mesma época fundou-se a nascente colonia portugueza de Macau, de cujo porto havião os Portuguezes, convidados pelos Chins, expulsado um famoso corsario, que dalli infestava as costas visinhas. O poeta foi um dos primeiros habitadores e empregados da nova cidade, na qual com os redditos do cargo adquirio uma certa independencia, que o punha ao abrigo da miseria.

Ao norte de Macau está situada a pequena aldeia de Patam n'um monte cuja pedregosa base é batida pelo mar, e á meia encosta do monte se vê uma gruta, conhecida pelo nome de gruta de Camões. Compõe-se esta de dois rochedos collocados verticalmente com uma massa de granito sobreposta, que lhes serve como de tecto. O sitio é romantico, aprazivel, e de largos horisontes. Delle descortina-se o mar quanto a vista alcança, o ancoradouro de Macau, e a linha de demarcação que divide a colonia portugueza do celeste imperio. Nesta gruta é tradição constante que vinha o poeta meditar o seu immortal poema, do qual,

escripto a pedaços pelos diversos logares do seu desterro, ahí compuzera grande parte, sequestrado das importunações dos homens, e acolhido ao remanso da natureza, em que ia beber a inspiração que a cada passo se nota nos seus versos.

Assim Camões que em Coimbra illustrára com o seu nome um annoso freixo, que lhe serve de monumento, erigio-se em Macau outro monumento ainda mais duradouro nesta gruta, que é hoje visitada com veneração e curiosidade por todo o forasteiro, que chega áquellas remotas paragens. Tal é o poder do genio, que deixa para sempre impresso o seu indelevel cunho nos mesmos objectos e sitios, que distingue !

Cerca de dois annos se demorou o poeta em Macau no exercicio de seu emprego, sendo delle removido, e remettido preso para Góa, por intrigas que lhe tecêrão com o governador Francisco Barreto alguns que reputava seus amigos. A não em que vinha embarcado naufragou infelizmente na costa de Camboja na Cochinchina, perdendo o poeta tudo quanto tinha de seu, e salvando-se elle a nado com o seu poema, que nunca largou. A este naufragio é que allude na est. CXXVIII do canto X:

Este receberá placido, e brando,
 No seu regaço o canto, que molhado
 Vem do naufragio triste e miserando,
 Dos procellosos baixos escapado;

Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado
 Naquelle, cuja lyra sonora
 Será mais afamada, que ditosa.

Em quanto se reparava do naufragio na bahia de Camboja, para seguir viagem, escreveu o poeta em redondilhas, a que Lope da Vega chama maravilhosas, aquella bella e pathetica paraphrase do psalmo CXXXVI, *super flumina Babylonis*, tão conforme á atribulada situação de seu espirito naquella occasião:

Sobolos rios que vão
 Por Babylonia me achei,
 Onde sentado chorei
 As lembranças de Syão...

Na sua volta de Macau para Gôa, recebeu tambem o poeta para mais penalisal-o, depois de tantos infortunios que se accumulavão ~~uma~~ sobre outro, a triste noticia da morte de D. Catherina de Athaide, cuja sentidissima perda chora n'aquelle admiravel soneto que começa:

A cordeira gentil que eu tanto amava,
 Perpetua saúdade d'alma minha...

Ao chegar a Gôa pelos fins do governo de Francisco Barreto, foi o poeta logo mettido n'uma prisão, onde ralado de desgostos, tanto pelo deploravel estado em que se via, como por haver perdido a dama

de seus pensamentos, ou quanto tinha de mais charo no mundo, inveja a sorte de uma avesinha que pelas grades de seu carcere via voar livremente, como se deprehende do bello soneto LXXVI, em que se leem estes melancolicos versos:

Que para respirar lhe falta o vento,
E para tudo enfim lhe falta o Mundo.

Havendo em principios de Setembro de 1558 chegado de Portugal o vice-rei D. Constantino de Bragança, irmão do duque D. Theodosio, um dos protectores do poeta, para substituir á Francisco Barreto no governo da India, facil lhe foi então destruir as injustas accusações que contra elle se tinhão forjado. Assim foi brevemente posto em liberdade, mediante a protecção do vice-rei, ao qual é natural que acompanhasse na expedição de Damão, si bem que disto não haja memoria, continuando depois a permanecer em Gôa.

Quando D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, veio substituir á D. Constantino de Bragança em 1561, achava-se o poeta novamente preso, dizem uns que por travessuras, outros que por calumnias ainda tocantes ao officio de provedor dos defuntos e ausentes. Poude justificar-se perante o conde a quem era bem acceito, e obteve a sua soltura.

Libertado da prisão acompanhou o poeta ao vice-rei na apparatusa armada em que foi á Calecut assentar pazes com o Çamorim; com o vice-rei voltou

á Gôa, e de lá o seguio á Cochim, onde foi por esse tempo morto em duello D. Tello de Menezes, cuja morte o poeta deplora na elegia XX em sentidissimos versos, nos quaes se dirige á mãe do morto, de quem era grande e extremoso amigo.

O melhor tempo que o poeta passou na India foi o do governo do conde, de quem era particularmente estimado, e cuja morte, occorrida em Fevereiro de 1564, sobremodo sentio. A situação do poeta devia necessariamente aggravar-se com este successo, que o privava dos recursos, que podia esperar da protecção daquelle fidalgo.

Pouco se sabe com exactidão do mais tempo que o poeta persistio na India. É tradição constante que residio algum tempo em Malaca e nas Molucas, percorrendo por todo o Oriente na sua longa peregrinação. Para Malaca partio em 1564 com D. Diogo de Menezes, despachado capitão-mór daquelle fortaleza, e de lá é natural que passasse ás Molucas. A sua volta d'aquellas paragens para Gôa operou-se em 1567. Eis o pouco que se sabe a tal respeito.

No seu regresso á Gôa, o vice-rei D. Antão de Noronha, que lhe era afeiçoado, agraciou-o com a sobrevivencia da feitoria de Chaúl, logar em que podia recuperar a fortuna perdida.

Não quiz porém o poeta, cansado de sua longa peregrinação, e ralado de saúdades da patria, esperar pela vacatura do logar, e aproveitou a primeira occasião, que se lhe offereceo de passar ao reino. Esta

proporcionou-lhe Pedro Barreto, levando-o para Moçambique, donde podia mais facilmente passar á Europa. No inverno que se demorou em Moçambique, occupou-se o poeta em revêr e aperfeiçoar o seu poema, unico thesouro, que levava da India.

Na armada que em Setembro de 1569 partira para o reino, vinhão alguns fidalgos que, encontrando o poeta em Moçambique sem meios para transportar-se, cotisárão-se entre si, pagárão-lhe a passagem, e o levárão comsigo. Um destes honrados fidalgos foi o celebre historiador Diogo de Couto.

Em Abril de 1570 dava fundo na Bahia de Cascaes a não S. Clara trazendo a seu bordo Luiz de Camões que, depois de dezeseis longos annos de peregrinação, voltava aos patrios lares com o manuscripto dos seus *Luziadas*, o maior thesouro que jámais veio da India, e podia então dizer:

Esta é a ditosa patria minha amada...

LICÇÃO XXII.

No meu precedente discurso deixei, Senhores, á Luiz de Camões em Lisboa, fundeado na bahia de Cascaes, de volta de sua longa peregrinação na India, e portador dos seus *Luziadas* que vinha apresentar á el-rei, D. Sebastião, a quem como ao primeiro dos portuguezes os dedicava em seu patriotismo nunca arrefecido. Alli pois irei tomal-o hoje, para dar-vos noticia dos ultimos dez annos de sua vida na Europa até a época de sua morte, occorrida em 1580, ou justamente quando a corôa de Portugal passava á Felippe II de Hespanha, por fallecimento do cardeal rei, D. Henrique, antes sombra de rei, que o desastre de Alcacer-Quebir elevára ao throno.

Grandes calamidades publicas e novos infortunios particulares aguardavão o poeta na terra de seu nascimento, aonde chegava depois de haver passado tantos trabalhos no seu voluntario desterro, e salvo do

naufragio na costa de Camboja com o unico, mas singular thesouro, que trazia do Oriente, donde outros costumavão a vir carregados de frageis e perecedouras riquezas materiaes. A sua riqueza era toda moral, e tal, que lhe havia de dar nome eterno na posteridade entre os poetas mais illustres.

D. Catherina de Athaide, ou o laço mais suave que o prendia á vida, havia muito que era fallecida; á vista já de terra de Portugal perdia o poeta o seu melhor amigo, o bravo Heitor da Silveira, guerreiro e poeta como elle, e como elle pobre e infeliz; seu pae, Simão Vaz de Camões, provavelmente já não existia, porque delle não rezão as memorias do tempo; vivia porém sua mãe, D. Anna de Sá de Macedo, mas em extrema pobreza. Que vinha pois o poeta encontrar na patria como simples particular, depois de tantos annos de ausencia? A sepultura de sua amante, e a de seu pae, uma mãe decrepita, que tinha de sobreviver-lhe, e alguns antigos conhecidos, muitos dos quaes terião até delle perdido a lembrança, porque taes são de ordinario as relações deste mundo.

O aspecto dos negocios publicos era sombrio, e ameaçava futuros desastres. O reino achava-se entregue a um rei mancebo, e sem experiencia, cujo espirito ardente, cavalleiroso e indomavel, o impellia fatalmente á sua perda, em menospreso dos avisos dos homens sisudos e prudentes, que pretendião desviar-o della. Lisboa soffria ainda dos tristes effeitos da peste que a assolára, quando o poeta afferrou o seu porto

ancioso de pisar o solo da patria, não obstante os protestos que fizera de não mais voltar a ella, quando partio para a India em 1553. Protestos taes devem merecer bem pouco credito, porque o sentimento do amor da patria é sempre mais poderoso que elles.

Era natural que um dos primeiros cuidados do poeta ao desembarcar fosse, depois de abraçar sua velha mãe, ir visitar a sepultura de D. Catherina de Athaide, ou da sua querida Natercia, que sempre celebrára em seus versos, assim como Dante celebrou nos seus a sua Beatriz, e Petrarcha, a sua Laura. Afigura-se-nos vê-lo ajoelhado diante dessa sepultura muda, regando de lagrimas a lousa fria, que cobria o pó de tantas graças, e de tal formosura, cuja eterna saudade tão bem exprimio no seguinte bellissimo soneto:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Si lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E si vires, que pode merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te;

Roga á Deus que teus annos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
 Quão cedo de meus olhos te levou.

Depois do tributo de lagrimas pago aos restos mortaes de sua amante, foi sem duvida o segundo cuidado do poeta procurar pessoa que o introduzisse junto d'el-rei D. Sebastião, para apresentar-lhe o seu poema; e fêl-o, recorrendo ao seu antigo Mecenaz, D. Manoel de Portugal, que de mui bom grado lhe prestou este serviço. É fama que o principe o acolhêra mui bem, e muito se contentâra da leitura dos *Luziadas*, que o poeta lhe fez em Cintra nas horas dispensadas para ser ouvido. A remuneração porem, ou a mesquinha tença de quinze mil reis, que lhe mandou dar, não correspondêo de modo algum á grandeza da offerta, nem á magestade do soberano.

Tanta mesquinhez para com o immortal cantor dos *Luziadas*, que erigia um monumento perennal á gloria da nação portugueza, só pode ter escusa ou na completa ignorancia dos validos do rei ácerca do verdadeiro merito do poema, ou nos apuros da fazenda real, apesar das riquezas da India, ou o que é mais provavel em ambas as causas reunidas, falta de conhecimento em taes apreciadores para avaliar obra tão prodigiosa, e absorção dos dinheiros publicos por desperdicios anteriores.

Em principio de 1572 dêo o poeta a primeira edição dos seus *Luziadas*, para a qual obteve privilegio

á 4 de Setembro de 1571, e cujo manuscrito se supõe que vendeo ao editor, pois é certo que não tinha meios para fazer a impressão á sua custa. Por esta occasião consta que substituíra algumas oitavas, e alterára outras, já por conselho de amigos, já para satisfazer escrúpulos religiosos dos censores ecclesiasticos.

Seguirão-se depois grandes calamidades publicas em Portugal, quasi sem intervallo de uma á outra: erão como o preludio da fatal jornada de Africa, que enlutou o reino todo.

No mesmo anno de 1572 houve uma horrorosa tempestade que carregou sobre o porto de Lisboa na noite de 13 de Outubro, e destruiu completamente a armada que estava aparelhada para a liga contra o Turco, e surta no Tejo, occasionando ao Estado e aos particulares graves perdas devidas e de fazenda. A força do temporal estendêo-se aos mesmos edificios de terra, alguns dos quaes arruinou. No anno de 1573 houve chuvas copiosissimas com tormentas, e cheias extraordinarias e nunca vistas, que causárão grandes prejuizos de todo o genero. No anno de 1574 houve grande esterilidade, principalmente nas provincias do Minho e Trás os Montes, sendo seu resultado a carestia e a fome, ordinarias precursôras da peste.

Neste anno passou el-rei D. Sebastião pela primeira vez á Africa. No anno de 1575 o fogo fez grandes estragos em Lisboa, consumindo parte da cidade, e houve tremores de terra e grandes enchentes no rei-

no. No anno de 1575 foi que Muley-Hamlet veio solicitar, contra a usurpação de seu tio, soccorros á el-rei D. Sebastião, que acceitou a proposta, e com este fundamento preparou a expedição á Africa. No anno de 1577, em que se fizerão os ajustes da expedição, houve emprestimos forçados e vexames de toda a sorte. Menciono todos estes factos para enumerar as calamidades que pesárão sobre Portugal pouco antes da grande catastrophe de Alcacer-Quebir, que foi a maior de todas, e contribuirão para tornal-a ainda mais sensivel agorentando os recursos do Estado.

É fama que o poeta acompanhára á D. Sebastião na primeira excursão, que este malfadado principe fez á Africa. O Sr. visconde de Jeromenha o infere da interrupção de um anno no pagamento da respectiva tença, a qual attribue á ausencia do reino, e da elegia XIX dirigida á D. Pedro da Silva, governador de Tanger, que parece escripta sobre o local pelos seguintes versos allusivos á tomada de um capitão Mouro de nome Alafe:

Este que toda a grande Berberia
Tinha por mui prudente e animoso,
Agora o tens na tua estribaria.

No anno de 1578 realisou-se a funesta jornada de Africa, na qual pereceo o joven e infeliz rei D. Sebastião com a flôr da nobreza do reino, ficando muita parte della com o mais do exercito, que escapou

ao ferro, captivos dos Mouros. Desta vez não acompanhou o poeta ao rei, ou porque já não lograva saúde, como é de supôr, pois andava sobre muletas nos ultimos annos de sua vida, ou porque Diogo Bernardes foi por empênhos do cardeal D. Henrique o poeta destinado a cantar a empreza. Um humilde trovista anteposto ao immortal cantor dos *Luziadas*! Que seculo de ignorancia e corrupção!

Entretanto Luiz de Camões, a quem se preferia um Diogo Bernardes, mas cujo patriotismo nunca foi desmentido, emprehendeo um poema sobre esta malfadada expedição, o qual começou a compôr logo que a armada largou do Tejo, e do qual tinha já muitas oitavas compostas, quando chegou á Lisboa a noticia do fatal desastre, trazida por Diogo Lopes de Siqueira. Este comêço de poema, que segundo a opinião de Bernardo Rodrigues, amigo de Camões, e tambem poeta, era superior aos *Luziadas*, o queimou o poeta logo que se espalhou a fatal noticia, e perdêo desde então todo furor poetico.

A grande catastrophe que enlutou Portugal, veio abreviar os dias do poeta que já se achava doente, e inteiramente privado de recursos, ou porque lhe não pagavão a tença em taes apuros, ou porque a mesquinhez della lhe não chegava para as necessidades da vida. É tradição constante que um escravo Jáu que trouxera da India, por nome Antonio, mais como amigo, que como escravo, esmolava de noite o pão, com que havia de sustentar á seu senhor de dia.

Andando sobre muletas, apenas se arrastrava o poeta de seu pobre alvergue até a igreja de S. Domingos de Lisboa, para conversar com os frades, ou ouvir algumas preleções de theologia, estudo de que era apaixonado. Era este o seu unico entretenimento em tão cansados dias. Ultimamente até perdêo o recurso do pobre escravo, que a morte lhe roubou, e vio-se tolhido de dôres em um leito, onde vivia unicamente da charidade publica, muitas vezes incerta. Foi seguramente nesses momentos de angustia e amargura supremas que a dôr, ou o desespero, lhe arrancou o seguinte soneto inedito:

O dia em que eu nasci morra e pereça,
 Não o queira jámais o tempo dar,
 Não torne mais ao mundo, e se tornar
 Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se lhe escureça,
 Mostre o mundo sinaes de se acabar,
 Nasção-lhe monstros, sangue chova o ar,
 A mãe ao proprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
 As lagrimas no rosto, a côr perdida,
 Cuidem que o mundo já se destruiu.

Oh gente temerosa, não te espantes,
 Que este dia deitou ao mundo a vida
 Mais desgraçada que jámais se vio.

Este soneto é uma bella imitação do capitulo III do livro de Job, em que o grande poeta biblico, assoberbado por toda especie de males phisicos e moraes, amaldiçôa o dia de seu nascimento:

Pereat dies in qua natus sum, et nox in qua dictum est: conceptus est homo !

Dies ille vertatur in tenebras, non requirat eum Deus desuper, et non illustretur lumine. . . .

Para que um espirito tão elevado, para que um soldado que vio tantas vezes a morte diante dos olhos sem recuar, para que um viajante que soffreo trabalhos incriveis sem desanimar, para que um homem endurecido á calma, ao frio, e á todo genero de fadigas, soltasse esse brado de desespêro, era preciso que a miseria e o desamparo em que se via, fossem extremos. A morte porem mais compassiva que os homens veio finalmente pôr termo á tanta desventura! O poeta expirou no dia 10 de Setembro de 1580 aos 56 annos de idade, diz o commum dos biographos que n'um hospital, mas o visconde de Jeromenha, seguindo Faria e Souza, inclina-se a crêr que na pobre casa da rua de S. Anna, onde habitava; e expirou com a patria, como elle desejava, porque nesse momento entravão os Castelhanos vencedôres em Portugal com o duque d'Alva á sua frente.

O completo abandono em que acabou Luiz de Camões, um dos maiores engenhos dos tempos modernos, o sublime cantor que espalhou a gloria Portu-

gueza por todo o universo, o mais nacional de todos os poetas épicos depois de Homero, só tem excusa para os Portuguezes dessa triste época, no feroz egoismo e na acerba isolação, que forão consequencias necessarias da immensa catastrophe de Alcacer-Quebir; porque cada um tinha então assás males proprios a chorar, para occupar-se com os alheios.

Não acreditamos na fatalidade do genio; é porem certo que as faculdades intellectuaes eminentemente superiores quando não se achão em immediato contacto com a vida social e material, que dirigem a seu talante, como as dos grandes estadistas, e dos grandes capitães, elevão o homem que as possúe á uma altura, que o geral da humanidade não comporta; por isso é que Homero, Dante, Tasso, e sobre tudo Camões, ou esses sublimes reis da intelligencia, parecerão tão infelizes aos olhos dos homens, que só enxergavão o que nelles havia de fragil e terreno, sem poder distinguir o raio de fogo celeste, que os animava. A posteridade é sempre mais justa com esses soberanos de todo saber humano, do que os contemporaneos; sobre ella é que exercem o seu verdadeiro, absoluto, e imperecedouro reinado.

Quando Felipe II entrou em Portugal, perguntou pelo poeta, e quando soube que era fallecido, mostrou-se pesaroso, e mandou dar á D. Anna de Sá de Macedo, que viveo até 1584, 6:000 reis da tença que tinha o filho, e depois toda. O valor de uma tal celebridade para os Portuguezes não podia escapar á

perspicacia de um dos mais finos políticos da época.

Foi Luiz de Camões, segundo Manoel Severim de Faria, de mediana estatura, cheio de rosto, algum tanto carregado de fronte, nariz comprido, levantado no meio e grosso na ponta, cabelo louro quasi açafroado, gentil e engraçado na apparencia quando era moço, e antes de perder o olho direito. Era, segundo o visconde de Jeromenha, no trato agradável, alegre e engraçado, como attestão algumas de suas poesias escriptas á damas e amigos, mas esta alegria começou a perder na India, nos ultimos tempos que alli militou, entregando-se á melancolia, sentimento que se apoderou totalmente d'elle na sua volta para o reino.

Foi sepultado *pobre e plebeamente* na Igreja das Freiras Franciscanas da invocação de S. Anna; mas D. Gonçalo Coutinho o mandou deseseis annos depois trasladar para mais honrada sepultura, e lhe fez gravar sobre a campa um singelo, mas expressivo epitaphio. Com a reedificação do mosteiro no seculo XVII desapparecêrão inteiramente os vestigios da sepultura do poeta, que uma commissão nomeada a alguns annos pelo governo portuguez trata de descobrir. Por isso é que o visconde Almeida Garrett diz no seu poema *Camões*:

Nem o humilde logar, onde repousão
As cinzas de Camões, conhece o Luzo!

Luiz de Camões fallecêo ha quasi 3 seculos, já até

não existem vestígios alguns de sua sepultura; mas reproduzido em seus escriptos, e sobretudo nos seus immortaes *Luziadas*, vive perpetuamente na memoria dos homens, como se ainda existisse, ou apenas fallecesse hontem! Tal é o privilegio do genio; a sua apreciadora real é a posteridade.

Farei aqui ponto neste discurso, para dar principio em outro á analyse dos *Luziadas*.

LICÇÃO XXIII.

Começarei, Senhores, a apreciação das obras de Camões pelos *Luziadas*, não só por ser essa a mais nobre de suas composições, como também a mais conhecida no mundo litterario, fóra dos paizes onde se falla a lingua portugueza, pelas diversas traducções que delles existem em quasi todos os idiomas cultos da Europa, sem fallar nas feitas em lingua morta.

Uma epopéa, digna de ser collocada em primeira plana, é o maior esforço do espirito humano, porque comprehende em um quadro admiravel, de proporções rasoaveis, toda poesia, toda historia, toda sciencia do seculo em que foi escripta, ou por outros termos uma litteratura inteira. É a obra prima de todas as obras primas do genio, ou o supra sumum dos productos intellectuaes, a que póde attingir o homem.

A natureza leva seculos e seculos a produzir o genio da poesia épica, o maior de todos, e como que

repousa cansada, depois de o haver feito, até preparar-se para uma nova concepção. Por isso são tão raros os grandes poetas épicos! A antiguidade apenas produziu dois, Homero, e Virgilio; a idade media um, Dante; os tempos modernos tres, Camões, Tasso, e Milton. Mas taes são esses brilhantes astros de poesia, que delles, dois bastarão para allumiar o antigo mundo intellectual, e seis são mais que sufficientes para esclarecer o moderno, supposto tenha adquirido proporções maiores.

Cada um desses supremos sacerdotes das letras, que apparecem de longe em longe na successão dos tempos para doutrinar os povos e os reis, apontando ao homem o caminho da perfeição, é só igual a si mesmo, e nenhum delles leva vantagem um sobre o outro, a não ser relativa, e as mais das vezes compensada. Essa vantagem provêm, ou dos assumptos que tratarão, ou das circumstancias especiaes da vida de alguns delles, que lhes dêrão um conhecimento mais positivo dos povos, cousas, e logares, que descreverão em seus admiraveis poemas, equivalentes á outras tantas encyclopedias.

Virgilio e Tasso por exemplo nunca sahirão do seu gabinete, atalhando a morte a viagem que o primeiro intentava fazer pela Grecia, e bebêrão nos historiadores e nos sabios, historiadores e sabios elles mesmos sobre poetas.

Homero e Camões viajarão e correrão mundo; o segundo, que tão bem manejava a penna, como a es-

pada, militou quasi toda a sua vida; o primeiro, ou o pae da poesia, tambem não é extranho á arte da guerra no seu tempo. Assim a descripção dos costumes, das scenas da natureza, das expedições, e combates, são na *Iliada* e nos *Luziadas* de uma còr local, verdade, viveza, e perfeição, que nada deixão a desejar.

A compensação porem está em que o genio adivinha e presente o mesmo que não vê, pois do contrario não seria genio. Chateau-Briand que visitou os Sanctos Logares, diz que o fez com a «*Jerusalem Libertada*» nas mãos, e que Tasso, que nunca sahio da Italia, os descrevêra com a exactidão de quem os tinha visto. O mesmo afirmarão os antigos dos sitios descriptos por Virgilio. Mas ha sempre nestes casos a differença que vai do vivo ao pintado; por isso a vantagem da animação, e do fiel colorido, fica sempre ao poeta que observou as cousas por seus proprios olhos.

Homero cantou a cholera de Achilles, ou a destruição do imperio de Priamo pelos Gregos; Camões, o descobrimento da India por Vasco da Gama, ou as acções memoraveis dos Portuguezes; Virgilio, a vinda de Eneas á Italia, ou as origens do Imperio Romano; Tasso, a libertação do sepulchro de Christo por Goffredo de Bulhões, ou a reacção do Occidente contra o Oriente pela invasão dos cruzados, e pelas victorias dos Christãos contra os Musulmanos; Dante, o inferno, o purgatorio, o paraizo, e os mysterios da

religião christã; Milton, a desobediencia de Adão, ou a queda do primeiro homem. Assim de todos os grandes poetas épicos, Homero e Camões são os dois mais nacionaes, porque escolhêrão assumptos verdadeiramente nacionaes, e depois delles Virgilio, e Tasso até certo ponto. Não se segue porem que os outros que não teem esta qualidade, não fizessem bellissimos poemas sobre assumptos que respeitam á humanidade em geral. Dante até teve a habilidade de mostrar-se o mais nacional que poude ser, apesar do mystico do assumpto que adoptou.

Deixando porem de parte os outros grandes épicos, para occupar-me só com o Homero Portuguez, tratarei em primeiro logar de precisar aproximadamente o tempo que levou a compôr a prodigiosa obra dos seus *Luziadas*.

Está hoje averiguado que Camões, quando partio para a India em 1553, já tinha dado começo á composição do seu poema, que continuou, e concluiu nos deseseis annos, que alli se demorou. Ora suppondo que o poeta o começasse nos tres annos que se conservou ocioso em Portugal depois da sua segunda volta da Africa, ou pouco antes, teremos que esse grandioso monumento da gloria portugueza, a que dava a ultima demão em Moçambique no anno de 1569, já em caminho para o reino, onde chegou em 1570 com elle acabado, levou dezoito ou vinte annos a compôr, ou a terça parte da sua vida pouco mais ou menos.

Cumpre aqui observar que talvez concorresse para o

desterro voluntario que se impoz o poeta na sua digressão á India, não só o desejo de melhorar de fortuna pelo mal que lhe corrião as cousas na patria, mas tambem o de visitar os povos e logares, que tinha de descrever. O que é certo é que as suas viagens, que tanto lustre e vida dêrão ao seu poema, muito concorrêrão para augmentar a gloria da patria e a sua.

A acção dos *Luziadas*, ou o descobrimento da India por Vasco da Gama, é uma, grande, completa, como o requer Aristoteles, e a mais asisada critica.

Á acção principal prendem-se naturalmente a historia de Portugal, ou quanto os Portuguezes obrârão de mais notavel, e episodios de grande belleza, alguns dos quaes, como o de D. Ignez de Castro, e o de Adastor, são superiores a tudo quanto se lê de analogo nos grandes poetas épicos antigos e modernos, ou antes não teem equivalentes em poesia conhecida. Tão admiraveis são elles !

O maravilhoso em que figurão os deuses da fabula, e que tem sido censurado por alguns criticos, era o que estava em voga no tempo do poeta, a que nos devemos transportar em espirito para bem apreciar-o. O que é factó é que desse maravilhoso soube elle tirar grandes bellezas, como á seu tempo se verá; e isto basta em uma obra de imaginação para dar-lhe razão contra os criticos.

O estylo é grandiloquo, magestoso, animado, cheio de enthusiasmo, e de uma perfeição sustentada, como se requer em obras desta natureza.

O plano do poema é conduzido com regularidade classica. A fabula é implexa, mas bem concebida.

Procederei por partes nesta analyse, apontando as principaes bellezas de cada canto, e adoptando para cada um delles a synopsis do morgado Matheus, que encurtarei ou ampliarei, como me parecer conveniente.

Depois da exposição, e da invocação, dirige-se o poeta á el-rei D. Sebastião para conciliar a sua benevolencia, e entra na narração no meio da acção, como Homero e Virgilio. Vasco da Gama e seus companheiros navegão ao longo da costa oriental da Africa. Jupiter chama os deuses á conselho sobre a empreza dos Portuguezes. Baccho, o primeiro conquistador da India, oppõe-se a ella por ciume. Venus e Marte favorecem os Portuguezes, a quem são affeiçãoados. Jupiter cede ás razões destas duas divindades. Chega no emtanto a esquadra a Moçambique. O regente Mouro, instigado por Baccho, tenta destruil-a por força, mas não o podendo conseguir, procura maliciosamente fazel-a entrar no porto de Mombaça, onde Baccho lhe prepara novas traições.

Lêr-vos-hei do primeiro canto a falla dirigida a el-rei D. Sebastião, a descripção do concelho dos deuses, e as fallas de Jupiter e Marte. Eil-as:

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,

E não menos certissima esperança
 De augmento da pequena Christandade:
 Vós, ó novo temor da Maura lança,
 Maravilha fatal da nossa idade;
 Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
 Para do mundo a Deos dar parte grande:

Vós, tenro e novo ramo florescente
 De uma arvore de Christo mais amada,
 Que nenhuma nascida no Occidente,
 Cesarea, ou Christianissima chamada:
 Vede-o no vosso escudo, que presente
 Vos amostra a victoria já passada;
 Na qual vos deo por armas, e deixou
 As que elle para si na Cruz tomou:

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
 O sol logo em nascendo vê primeiro:
 Vê-o tambem no meio do hemispherio:
 E quando desce o deixa derradeiro:
 Vós, que esperamos jugo, e vituperio
 Do torpe Ismaelita cavalleiro,
 Do Turco oriental, e do Gentio
 Que inda bebe o licor do santo rio.

Inclinai por um pouco a magestade
 Que nesse tenro gesto vos contemplo:
 Que já se mostra qual na inteira idade,
 Quando subindo ireis ao eterno templo.
 Os olhos da Real benignidade
 Ponde no chão: vereis um novo exemplo
 De amor dos patrios feitos valerosos
 Em versos divulgados numerosos.

Vereis amor da patria não movido
 De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
 Que não é premio vil ser conhecido
 Por um prégão do ninho meu paterno.
 Ouvi; vereis o nome engrandecido
 Daquelles de quem sois senhor superno:
 E julgareis qual é mais excellente,
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas,
 Phantasticas, fingidas, mentirosas,
 Louvar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecer-se desejosas:
 As verdadeiras vossas são tamanhas,
 Que excedem as sonhadas, fabulosas;
 Que excedem Rodamonte; e o vão Rugeiro,
 E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,
 Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
 Um Egas, e um Dom Fuas, que de Homero
 A cithara para elles só cobiço.
 Pois pelos doze Pares dar-vos quero
 Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
 Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
 Que para si de Eneas toma fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
 Ou de Cesar quereis igual memoria,
 Vede o primeiro Affonso, cuja lança
 Eseura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle, que a seu reino a segurança
 Deixou co'a grande e prospera victoria;

Outro Joanne invieto cavalleiro;
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizerão por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortissimo; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte;
E outros em quem poder não teve a morte.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado:
Que affeçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

Em vós se vêm da Olympica morada,
Dos dous Avós as almas cá famosas;
Uma na paz angelica dourada.
Outra pelas batalhas sanguinosas:

Em vós esperão ver-se renovada
 Sua memoria, e obras valerosas:
 E lá vos tem logar no fim da idade,
 No templo da suprema eternidade.

Mas em quanto este tempo passa lento
 De regerdes os povos, que o desejo,
 Dai vós favor ao novo atrevimento,
 Para que estes meus versos vossos sejam:
 E vereis ir cortando o salso argento
 Os vossos Argonautas; porque vejam
 Que são vistos de vós no mar irado:
 E costumai-vos já a ser invocado.

Já no largo Oceano navegavão,
 As inquietas ondas apartando;
 Os ventos brandamente respiravão,
 Das náos as velas concavas inchando:
 Da branca escuma os mares se mostravão
 Cobertos, onde as prôas vão cortando
 As maritimas aguas consagradas
 Que do gado de Próteo são cortadas.

Quando os deoses no Olympo luminoso
 Onde o governo está da humana gente,
 Se ajuntão em concilio glorioso,
 Sobre as cousas futuras do Oriente:
 Pizando o crystallino ceo formoso,
 Vem pela via Lactea juntamente,
 Convocados da parte de Tonante,
 Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos sete ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado;

Alto poder, que só co'o pensamento
 Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
 Alli se achârao juntos n'um momento
 Os que habitão o Arcturo congelado,
 E os que o Austro tem, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 N'um assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo, e soberano:
 Do rosto respirava um ar divino,
 Que divino tornára um corpo humano;
 Com uma corôa, e sceptro rutilante,
 De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro, e de perlas, mais abaixo estavão
 Os outros deoses todos assentados,
 Como a razão, e a ordem concertavão:
 Precedem os antigos mais honrados;
 Mais abaixo os menores se assentavãg:
 Quando Jupiter alto assi dizendo,
 C'um tom de voz começa, grave, e horrendo.

Eternos moradores do luzente
 Estellifero pólo, e claro assento;
 Se do grande valor da forte gente
 De Luso não perdeis o pensamento,
 Deveis de ter sabido claramente,
 Como é dos fados grandes certo intento.
 Que por ella se esqueção os humanos
 De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido

C'um poder tão singelo, e tão pequeno,
 Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:
 Pois contra o Castelhana tão temido,
 Sempre alcançou favor do ceo sereno:
 Assi que sempre enfim, com fama e gloria,
 Teve os trophéos pendentes da victoria.

Deixo, deoses, atrás a fama antiga,
 Que co'a gente de Romulo alcançarão.
 Quando com Viriato na inimiga
 Guerra Romana tanto se afamarão:
 Tambem deixo a memoria, que os obriga
 A grande nome, quando alevantarão
 Um por seu capitão, que peregrino
 Fingio na Cerva espirito divino.

Agora vêdes bem, que commettendo
 O duvidoso mar n'um lenho leve,
 Por vias nunca usadas, não temendo
 De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
 Que havendo tanto já que as partes vendo,
 Onde o dia é comprido, e onde breve,
 Inclinaõ seu proposito, e porfia,
 A ver os berços onde nasce o dia.

Promettido lhe está do Fado eterno,
 Cuja alta lei não póde ser quebrada,
 Que tenham longos tempos o governo
 Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
 Nas aguas tem passado o duro inverno:
 A gente vem perdida, e trabalhada:
 Já parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a nova terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados
 Na viagem tão asperos perigos,
 Tantos climas, e ceos exp'rimtados,
 Tanto furor de ventos inimigos;
 Que sejam, determino, agasalhados
 Nesta costa Africana, como amigos;
 E tendo guarnecida a lassa frota,
 Começarão a seguir sua longa rota.

.....

Mas Marte, que da deosa sustentava
 Entre todos as partes em porfia;
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia;
 De entre os deoses em pé se levantava:
 Merencorio no gesto parecia;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para trás, medonho, e irado.

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando um pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer se pôz diante
 De Jupiter, armado, forte, e duro,
 E dando uma pancada penetrante,
 Co'o conto do bastão, no solio puro,
 O Ceo tremêo; e Appollo de torvado,
 Um pouco a luz perdéo, como enfiado.

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
 Tudo aquillo obedece, que creaste:
 Se esta gente, que busca outro hemispherio.
 Cuja valia, e obras tanto amaste,
 Não queres que padeção vituperio,

Como ha já tanto tempo que ordenaste:
 Não ouças mais, pois es juiz direito,
 Razões de quem parece que é suspeito.

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tão privado:
 Mas esta tenção sua agora passe,
 Porque em fim vem de estômago damnado;
 Que nunca tirará alheia inveja,
 O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tens tomada
 Não tornes por detrás; pois é fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e á setta bem talhada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme.

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mavorte valeroso;
 E nectar sobre todos esparzio.
 Pelo caminho Lacteo glorioso
 Logo cada um dos deoses se partio,
 Fazendo seus reacs acatamentos,
 Para os determinados aposentos.

A falla dirigida a D. Sebastião é um modelo de elo-
 quencia insinuativa como poucos se depáráo em ou-

tros poemas. O poeta nada poupa para excitar o patriotismo do joven rei, citando-lhe o nobre exemplo de seus maiores, e as façanhas dos Portuguezes, que excedem as sonhadas, fabulosas, e tornal-o por este meio favoravel á sua empreza, que é celebrar,

As armas, e os Barões assinalados,
 Que da occidental praia Lusitana
 Por mares nunca d'antes navegados
 Passarão ainda além da Taprobana...
e o peito illustre Lusitano,
 A quem Neptumno e Marte obedecerão...
 E tambem as memorias gloriosas
 Daquelles Reis, que fôrão dilatando
 A Fé, o imperio; e as terras viciosas
 De Africa, e de Asia andarão devastando...

O tom em que falla ao rei, a quem diz nestes bellissimos versos,

Vereis amor da patria não movido
 De premio vil, mas alto e quasi eterno,

é sem deixar de ser respeitoso, o mais elevado e proprio da epopéa, que requer estylo nobre e grandiloquo.

Este discurso que termina pela imitação de Virgilio,

E costumai-vos já a ser invocado,

que é sem duvida o que ha nelle de menós conve-

niente e verosimil, é mui superior em nobreza e dignidade ao que o poeta latino dirige á Augusto nas suas Georgicas, e aos que Tasso e Ariosto dirigem aos príncipes da casa d'Este nos seus poemas. É um discurso em summa digno de um rei, e de um poeta como Camões, em quem o patriotismo era igual á elevação de espirito, e a independencia de character. Oxalá que todos os grandes engenhos assim fallassem aos reis!

A descripção do concilio dos deuses, e as fallas de Jupiter e Marte, são dignas de Homero, que nos parece estar lendo, quando as lemos. O pae dos deuses do paganismo é representado em toda a sua terrivel magestade e grandeza homericã; o discurso com que abre o concilio não pode ser mais apropriado e digno tanto delle, como dos deuses que o ouvem; mas chamo sobretudo a vossa attenção para o discurso de Marte, a quem o poeta pinta com todos os caracteristicos do deus da guerra, *iracundus, inexorabilis, acer*, e para a admiravel hyperbole que o precede, e completa a temerosa pintura do Deus:

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando um pouco, mui seguro
 Por dar seu parecer se pôz diante
 De Jupiter, armado, forte e duro:
 E dando uma pancada penetrante
 Co'o conto do bastão no sólio puro,
 O céo tremêo, e Appollo de torvado
 Um pouco a luz perdêo como enfiado.

Bellezas taes só na *Iliada* ou nos *Luziadas* se encontram. De todos os grandes épicos modernos Camões é o que mais se assemelha á Homero no grandioso e arrojado do pensamento, assim como elle e Tasso são tambem os que mais se assemelhão á Virgilio na inimitavel perfeição de estylo.

É igualmente bellissima a comparação com que o poeta pinta na seguinte oitava o alvorôto que vai no Olympo por occasião da discordancia dos deuses:

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida.
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deuses no Olympo consagrado.

Não podendo enumerar todos os donaires e primores das passagens, a que me refiro, contentar-me-hei com dizer que são riquissimas em poesia de estylo, pois este é grandiloquo, sublime, e de perfeição que nada deixa a desejar, por ser realçada pela belleza da metrificação, e poesia imitativa, de que dão testemunho entre outros os seguintes versos:

Com um tom de voz começa grave e horrendo...
Rompendo os ramos vão da mata escura...
Brama toda a montanha, o som murmura...
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida...

Que versos expressivos! Que rica poesia onomatopica!
É com rasão que chamão a Camões o principe dos
poetas de Hespanha, porque nenhum outro della se
lhe assemelha.

Já d'aqui se deixa vêr a grande vantagem que o poe-
ta soube tirar do genero de maravilhoso que adoptou,
e pelo de curso da analyse ainda mais disso nos conven-
ceremos. Tiraria elle igual vantagem do emprego de
magos, fadas, demonios, anjos e santos? Parece-nos que
não. Demais, não vejo motivo assás plausivel para a
censura, porque quando se trata de entes de pura ima-
ginação, tanto valem uns como outros. A pintura que
delles nos faz o poeta, caracterisando-os, é que os
torna dignos ou não de figurar na Epopéa.

Antês de terminar a analyse deste canto não posso
furtar-me ao prazer de citar as estancias 88 e 89 pela
muita poesia imitativa que contem, e das quaes a
primeira é uma bella comparação. Eil-as:

Qual no corro sanguino o ledó amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata, e põe por terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria:

A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba, e assovia:
 O coração dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue lhe resfria:
 Já foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.

Notai na primeira os bellos versos imitativos,

Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, e mata e põe por terra,

e na ultima,

A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba, e assovia.

Estes versos são tão notaveis pela belleza das onomatopeias, como os quatro primeiros que já ficão citados. A acertada combinação de consoantes asperas com vogaes mudas, e o artificio das pausas, os tornão como aquelles de admiravel effeito.

Conclue o poeta o seu primeiro canto pelas bellas reflexões moraes contidas nas estancias 105, e 106 que passo a lêr-vos:

O recado que trazem é de amigos,
 Mas debaixo o veneno vem coberto;
 Que os pensamentos erão de inimigos.
 Segundo foi o engano descoberto.
 Oh grandes, e gravissimos perigos!
 Oh caminho de vida nunca certo!

Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta, e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se armê, e se indigne o ceo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

A maneira por que é feita a conclusão, não podia ser nem menos esperada, para surprehender agradavelmente o leitor, nem mais nobre no conceito. Depois que força de expressão! Que laconismo! Quantos pensamentos em tão poucas palavras! Estas duas bellas estancias são um modelo de concisão, na qual ninguem iguala á Camões, quando apanha o estylo. Um poeta ordinario terminaria friamente, ou sem cousa que se fizesse notar, mas elle que era mestre na arte de escrever, fazendo as elevadas reflexões que lhe suggeria o assumpto, tornou a conclusão digna de um tal canto pelo realce, que lhe soube dar. Que admiravel engenho!

Farei aqui ponto, para occupar-me em outro discurso com a mesma materia.

LICÇÃO XXIV.

Camões, Senhores, não só foi um grande poeta em todos os generos de poesia em que se exercitou, um dos homens mais instruidos do seu seculo, um dos espiritos mais elevados que teem manejado a penna, mas tambem um soldado que entrou em muitas batalhas, um nautico que fez navegações as mais longinquas, um viajante que percorrêo grande parte do mundo. O talento e o saber reunirão-se neste homem singular á uma vida quasi sempre em acção, ou como elle proprio diz, pelo mundo em pedaços repartida.

A obra immortal dos seus *Luziadas*, com que actualmente me occupo, é um prodigio de genio, ou se considere o grandioso do todo, ou a belleza de cada uma de suas partes, ou o primoroso da execução. É o maior monumento que até hoje se tem levantado á gloria portugueza, e provavelmente nunca terá segundo no

mesmo genero, assim como o não tiverão a *Iliada*, e a *Eneida*, antigos monumentos da gloria grega e romana.

Este genio extraordinario, o maior pela ventura dos tempos modernos, abriu um novo caminho á epopéa, grupando admiravel e magistralmente, em torno da acção do descobrimento da India por Vasco da Gama, tudo quanto os portuguezes fizerão de mais memoravel, desde a época da fundação da monarchia até meiado do seculo XVI. Um poeta critico e engenhoso, José Maria da Costa e Silva, compara os *Luziadas* á uma pyramide mais soberba, que todas as do Egypto, no cimo da qual Camões collocou á Vasco da Gama, e em cujas quatro faces grupou sem confusão em baixo relevo todas as proezas dos reis, e heroes portuguezes antigos e modernos. E com effeito, para conseguir dar nova forma a epopéa, de modo que se convertesse em um magnifico monumento nacional, como nenhum existe, era preciso que Camões fosse a mesma poesia encarnada no homem, ou um dos engenhos mais poderosos que vierão ao mundo. Assim a difficuldade vencida na urdidura e execução do seu immortal poema attesta á todas as gerações, que é elle um gigante em poesia das mesmas dimensões dos dois engenhos mais creadores da antiguidade, e idade media, Homero e Dante.

Si da grande e sublime idéa do todo dos *Luziadas*, em que o poeta soube pela força de seu genio reduzir á unidade acções tão diversas pelas circumstancias

de tempo, logar, e outras, descermos á de cada uma de suas partes, veremos que ninguem excedêo á Camões na escolha e ligação dos episodios, porque todos nascem naturalmente do assumpto, ou do maravilhoso que adoptou, e do qual tirou admiravel vantagem, como já começámos a demonstrar no precedente discurso, e continuaremos a fazel-o neste e seguintes.

Grande e original na invenção e distribuição, o poeta o não é menos na execução, seja no pouco que se apropriou dos modelos da antiguidade, aformoseando-o, seja no muito que é seu, e em que serve de modelo á futuros escriptores. O plano que adoptou, é em verdade pouco favoravel ao desenvolvimento dos caracteres, em que tanto sobresahe Homero, mas tem outras muitas vantagens, que largamente compensão a falta de interesse que disso resulta; e taes são, sem fallar na bella poesia descriptiva, a que dá origem, os magnificos rasgos de patriotismo que fulgurão a cada passo nos *Luziadas*, o constante entusiasmo que se transmite do poeta ao leitor, e as grandes licções dadas aos reis e aos povos, no que Camões é superior á todos os épicos antigos e modernos, nos quaes pouco se encontra igual ou semelhante.

A viveza de colorido, e a verosimilhança com que o poeta descreve os phenomenos e scenas da natureza, é tal, que parece que as estamos vendo; as suas descrições de batalhas ou as faça a largos traços, ou as particularise, são tão naturaes, que sentimos ao

lêl-as os arripios de quem as presenciã; as suas comparações, tão frisantes, que não deparamos outras mais apropriadas; o seu estylo de inimitavel perfeição é tão animado, e cheio de movimento, que dá vida a quanto pinta, e por vezes tão sentimental e mavioso, que faz vibrar todas as cordas do coração; mas si tudo isso excita a nossa admiração e enthusiasmo, é que o grande pintor, nas suas longas viagens, na sua vida militar, e no seu aprofundado estudo dos homens, vio, notou, e foi grande parte daquillo mesmo que descreve.

Tanto é mais para admirar essa inimitavel perfeição de estylo dos *Luziadas*, quanto é certo que quando Camões os compôz, a lingua portugueza por seu pouco polimento não se prestava á tão elevada poesia, como é facil verificar pela leitura dos poetas que o precedêrão, ou fôrão seus contemporaneos, dos ultimos dos quaes Ferreira é o unico em quem já se notão certos primores de estylo. Assim foi elle quem creou o dialecto poetico em que se exprimio, ou para melhor dizer, a poesia de estylo, ao mesmo passo que creava a epopéa em Portugal. Que genio assombroso! A poesia delle brotava torrencialmente em conceitos admiraveis e na forma a mais bella, como de um manancial inexgotavel.

Tantas são n'uma palavra as bellezas de todo genero que se contem nos *Luziadas*, que não é possivel enumeral-as, senão pela analyse de cada uma das partes do poema. Vou pois continuar a analyse que

emprehendi, e do mesmo ponto em que a deixei no fim do primeiro canto, quando a armada se dispunha a entrar no porto de Mombaça, onde Baccho lhe preparava novas traições.

Venus apercebida do perigo que correm os seus Portuguezes, recorre á Jupiter, que manda Mercurio avisar á Vasco da Gama, que largue deste porto inimigo; ao que obedecendo, o heroe vai lançar ferro em Melinde. O rei da terra o hospeda amigavelmente, e lhe pede a narração, tanto da sua viagem, como a da historia da Nação Portugueza, pela qual a fama lhe havia feito conceber a maior admiração. Vasco da Gama satisfaz os desejos do rei, e começa, depois de descrever-lhe a Europa, a narrar-lhe os factos mais notaveis da historia de Portugal, terminando o terceiro canto pela descripção da morte de D. Ignez de Castro.

Passarei a lêr-vos algumas passagens mais notaveis do segundo e do terceiro canto, aos quaes limitarei hoje a minha analyse.

Eis as do segundo:—

As ancoras tenaces vão levando,
 Com a nautica grita costumada;
 Da prôa as velas sós ao vento dando,
 Inclinação para a barra abalisada.
 Mas a linda Erycina, que guardando
 Andava sempre a gente assignalada,
 Vendo a cilada grande, e tão secreta,
 Voa do ceo ao mar como uma setta.

Convoca as alvas filhas de Neréo,
 Com toda a mais cerulea companhia;
 Que porque no salgado mar nascéo,
 Das aguas o poder lhe obedecia:
 E propondo-lhe a causa a que descéo,
 Com todos junctamente se partia,
 Para estorvar que a armada não chegasse
 Aonde para sempre se acabasse.

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
 Com as argenteas caudas branca escuma;
 Doto co'o peito corta, e atravessa
 Com mais furor o mar, do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa
 Por cima da agua crespa, em força summa:
 Abrem caminho as ondas encurvadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

Nos hombros de um Tritão, com gesto acceso,
 Vai a linda Dióne furiosa:
 Não sente quem a leva o doce peso,
 De soberbo, com carga tão formosa:
 Já chegão perto donde o vento teso
 Enche as velas da frota bellicosa:
 Repartem-se, e rodéão nesse instante
 As náos ligeiras que ião por diante.

Põe-se a deosa com outras em direito
 Da prôa capitaina, e alli fechando
 O caminho da barra, estão de geito,
 Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
 Põe no madeiro duro o brando peito,
 Para detrás a forte náó forçando;
 Outras em derredor levando-a estavão.
 E da barra inimiga a desviavão.

Quaes para a cova as providas formigas,
 Levando o peso grande accommodado,
 As forças exercitão, de inimigas
 Do inimigo inverno, congelado;
 Alli são seus trabalhos, e fadigas,
 Alli mostram vigor nunca esperado:
 Taes andavão as nymphas estorvando
 Á gente Portugueza o fim nefando.

Torna para detrás a não forçada,
 A pesar dos que leva, que gritando
 Marêo velas; ferve a gente irada,
 O leme a um bordo, e a outro atravessando:
 O mestre astuto em vão da poupa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 Os estava um marítimo penedo,
 Que de quebrar-lhe a não lhe mette medo.

A celeuma medonha se alevanta
 No rudo marinheiro, que trabalha;
 O grande estrondo a Maura gente espanta,
 Como se vissem horrida batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
 Cuidão que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

Eil-os subitamente se lançavão
 A seus bateis veloces, que trazião:
 Outros em cima o mar alevantavão,
 Saltando n'agua, e a nado se acolhião:
 De um bordo e de outro subito saltavão,
 Que o medo os compellia do que vião;
 Que antes querem ao mar aventurar-se.
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assi como em salvatica alagôa
 As rãas, no tempo antigo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incautamente;
 Daqui e dalli saltando, o charco sôa,
 Por fugir do perigo que se sente;
 E acolhendo-se ao couto, que conhecem
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

Assi fogem os Mouros: e o piloto,
 Que ao perigo grande as náos guiára,
 Credo que seu engano estava noto
 Tambem foge, saltando na agua amara.
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde percão a vida doce e chara,
 A ancora sólta logo a capitaina,
 Qualquer das outras junto della amaina.

.....

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
 A formosa Dióne: e commovida,
 D'entre as nymphas se vai, que saúdosas
 Ficárão desta subita partida.
 Já penetra as estrellas luminosas:
 Já na terceira esphera recebida,
 Avante passa; e lá no sexto ceo,
 Para onde estava o Padre, se moveo.

E como ia affrontada do caminho,
 Fão formosa no gesto se mostrava,
 Que as estrellas, e o céo, e o ar visinho,
 E tudo, quanto a via, namorava.
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
 Uns espiritos vivos inspirava.

Com que os pólos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e çhara.
Se lh'apresenta assi, como ao Troiano
Na selva Idéa já se apresentára.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o matarão;
Que príncipio desejos o acabarão.

Os crespos fios d'ouro se esparzião
Pelo collo, que a neve escurecia:
Andando, as lacteas tétas lhe tremião,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammae lhe sahião,
Onde o Menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavão
Desejos, que como hera se enrolavão.

C'um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo:
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos rôxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda, e dobre.
Lhe põe diante aquelle objecto raro:
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

E mostrando no angelico semblante,
Co'o riso uma tristeza misturada:
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e si, n'um mesmo instante,

E se torna entre alegre magoada:
 Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
 Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affabil, e amoroso,
 Posto que a algum contrario lhe pezasse:
 Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que t'ó merecesse, nem te errasse;
 Faça-se como Baccho determina;
 Assentarei em fim, que fui mofina.

Este povo que é meu, por quem derramo
 As lagrimas que em vão cahidas vejo,
 Que assás de mal lhe quero, pois que o amo.
 Sendo tu tanto contra meu desejo:
 Por elle a ti rogando choro, e bramo.
 E contra minha dita em fim pelejo.
 Ora pois, porque o amo é mal tratado
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes
 Que pois eu fui... E nisto de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co' o orvalho fica fresca a rosa:
 Calada um pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa;
 Torna a seguil-a; e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

E destas brandas mostras commovido,
 Que movêrão de um tigre o peito duro;
 Co' o vulto alegre, qual do céu subido,
 Torna sereno e claro o ar escuro,

As lagrimas lhe alimpa, e accendido
 Na face a beija, e abraça o collo puro;
 De modo que dalli, se só se achára.
 Outro novo Cupido se gerára.

E co'o seu apertando o rosto amado,
 Que os soluços e lagrimas augmenta:
 Como menino da ama castigado,
 Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta;
 Por lhe pôr em socego o peito irado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta;
 Dos fados as entranhas revolvendo,
 Desta maneira em fim lhe está dizendo:

.....

Notai no que acabo de ler-vos, em primeiro lugar, o pittoresco quadro maritimo, em que o poeta figura á Venus com as nymphas do mar, impedindo a entrada da armada portugueza no porto de Mombaça, apesar do vento que para elle a impelle, infunando as velas dos navios. Enriquecido com muita poesia de estylo, e duas comparações imitadas de Virgilio, das quaes a primeira começa,

Quaes para a cova as providas formigas
 Levando o peso grande accommodado.

é este quadro cheio de tanto movimento e vida, que parece pôr-nos os objectos diante dos olhos. O sobresalto dos Mouros, que, amedrontados com a ce-leuma dos marinheiros que acodem á manobra, sal-

tão por um bordo e outro da náó, e se salvão em seus bateis veloces, ou á nado, é descripto com mão de mestre:

Eil-os subitamente se lançavão
 A seus bateis veloces, que trazião;
 Outros em cima o mar alevantavão,
 Saltando n'agua, e á nado se acolhião.
 De um bordo e de outro subito saltavão:
 Que o medo os compellia do que vião;
 Que antes querem ao mar aventurar-se.
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

A segunda comparação que começa,

Assim como em selvatica lagôa,
 As rãas, em outrotampo Lycia gente,

não póde ser mais apropriada para pôr remate a essa scena de terror panico, admiravelmente pintada por soberbas onomatopeias, que a põe em relêvo.

Notai depois a bella e deliciosa pintura, a que nenhuma se iguala em delicadeza de pincel e colorido, de Venus que commovida do que ouve á Vasco da Gama, sóbe ao ceo a implorar Jupiter em favor dos Portuguezes, deixando as nymphas saúdosas desta subita partida:

E como ia affrontada do caminho.
 Tão formosa no gesto se mostrava,
 Que as estrellas, e o céo, e o ar visinho.
 E tudo, quanto a via namorava,
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,

Uns espiritos vivos inspirava,
 Com que os pólos gelados accendia.
 E tornava de fogo a esphera fria.

Em nenhum outro poeta deparei ainda poesia, tão deleitosa, animada, arrebatadôra, como a dessa oitava, e a das tres que se lhe seguem. É uma pintura amenissima, radiosa, fallante, e d'aquellas que só Camões sabia fazer. As imagens as mais graciosas e enlevadôras, os atrevimentos os mais felizes e expressivos, as vozes as mais suaves e selectas, tudo concorre para tornal-a admiravel, e unica no seu genero. A poesia e a lingua portugueza são neste soberbo quadro levadas ao supremo gráo de delicadeza, graça, e expressão.

Não é menos admiravel o artificio do discurso que Venus dirige á Jupiter no intuito de movel-o em favor dos Portuguezes, e a que precede a bellissima oitava:

E mostrando no angelico semblante
 Co'o riso uma tristeza misturada;
 Como dama, que foi do incauto amante
 Em brincos amorosos maltratada,
 Que se aqueixa, e se ri, n'um mesmo instante.
 E se torna entre alegre magoada:
 Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre falla.

Que mimosa e arrebatadôra pintura, ou se attenda ao pittoresco e delicioso das imagens, ou á propriedade e belleza da comparação, ou á melodia e suavi-

dade dos versos, que lhe dão realce e vida! Ah que só o divino pincel de Camões a tanto podia chegar!

O discurso com que Jupiter consola e anima a filha, predizendo-lhe as façanhas dos Portuguezes no Oriente, é cheio de eloquencia e magestade, e digno em tudo do pae dos deuses.

Cumpre ainda aqui observar que um maravilhoso de que o poeta tira taes bellezas, o justifica plenamente aos olhos do homem de gosto das censuras de alguns criticos por não haver escolhido outro, que lhe não ministraria por exemplo occasião de fazer uma pintura como a de Venus e outras.

Vamos ao terceiro canto.

A matutina luz serena, e fria,
As estrellas do pólo já apartava.
Quando na cruz o filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia.
Na Fé todo inflamado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis!

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflamados, levantavão
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavão:
E diante do exercito potente
Dos inimigos, gritando o céo tocavão:
Dizendo em alta voz: «Réal, Real.
Por Afonso alto Rei de Portugal.»

Qual co'os gritos, e vozes incitado,
 Pela montanha o rabido moloso,
 Contra o touro remette, que fiado
 Na força está do corno temeroso;
 Ora péga na orelha, ora no lado,
 Latindo, mais ligeiro, que forçoso,
 Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
 Do bravo a força horrenda se quebranta:

Tal do Rei novo o estomago accendido,
 Por Deos, e pelo povo juntamente,
 O barbaro commette apercebido.
 Co'o animoso exercito rompente.
 Levantão nisto os perros o alarido
 Dos gritos, tocão a arma, ferve a gente,
 As lanças e arcos tomão, tubas sôão.
 Instrumentos de guerra tudo atrôão.

Bem como quando a flamma, que atcada
 Foi nos aridos campos (assoprando
 O sibilante Boreas), animada
 Co'o vento, o secco mato vai queimando:
 A pastoral companhia, que deitada
 Co'o doce somno estava, despertando
 Ao estridor do fogo, que se atêa.
 Recolhe o fato, e foge para a aldêa:

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
 Toma sem tento as armas mui depressa:
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa:

Uns cahem meio-mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

Alli se vêm encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos, e forçosos;
Por toda a parte andava accessa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abóla, e talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido.
E de outros as entranhas palpitando,
Pallida a còr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido
Com que tambem do campo a còr se perde.
Tornado carmesi de branco, e verde.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophéos, e presa rica:
Desbaratado, e roto o Mauro Hispano.
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco Escudo ufano.
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

.....

Estavas, linda Ignez, posta em socego.
De teus annos colhendo doce fruto,

Naquelle engano da alma, ledo e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito;
 Nos saüdosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes ensinando, e as hervinhas,
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe alli te respondião
 As lembranças, que na alma lhe moravão;
 Que sempre ante seus olhos te trazião.
 Quando dos teus formosos se apartavão:
 De noite em doces sonhos, que mentião,
 De dia em pensamentos, que voavão;
 E quanto em fim cuidava, e quanto via.
 Erão tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhôras, e Princezas
 Os desejados thalamos engeita;
 Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
 Quando um gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pae sesudo, que respeita
 O murmurar do povo, e a phantasia
 Do filho, que casar-se não queria:

Tirar Ignez ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho, que tem preso:
 Credo co'o sangue só da morte indina.
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentio que a espada fina.
 Que poude sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra uma fraca dama delicada?

Trazião-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade;
 Mas o povo com falsas, e ferozes
 Razões, à morte crua o persuade.
 Ella com tristés e piedosas vozes,
 Sahidas só da magoa, e satidade
 Do seu Principe, e filhos, que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava.

Para o céo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos,
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos:
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha e tão mimosos,
 Cuja orphandade como mãe temia,
 Para o avô cruel assi dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aves agrestes, que somente
 Nas rapinas aerias tem o intento.
 Com pequenas crianças vio a gente
 Terem tão piedoso sentimento.
 Como co'a mãe de Nino já mostrarão,
 E co'os irmãos que Roma edificarão:

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito.
 (Se de humano é matar uma donzella
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencel-a),
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura della:

Mova-te a piedade sua e minha:
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia.
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe tambem dar vida com elemencia
 A quem para perdel-a não fez erro:
 Mas se t'o assi merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo e misero desterro,
 Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade
 Entre leões e tigres, e verei
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei:
 Alli co'o amor intrinseco, e vontade,
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas que aqui viste.
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o Rei benino
 Movido das palavras que o magôão:
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdôão.
 Arrancão das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito alli pregôão
 Contra uma dama, ó peitos carnicieiros,
 Ferros vos amostrais, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena.
 Consolação extrema da mãe velha.
 Porque a sombra de Achilles a condena.
 Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:

Mas ella os olhos, com que o ar serena.
 (Bem como paciente, e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endourece.
 Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Iñez os brutos matadores.
 No collo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores.
 Que ella dos olhos seus regadas tinha.
 Se encarniçavão, fervidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da seva mesa de Thyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreo comia!
 Vós, ó concavos valles, que pudestes
 A voz extrema ouvir da boca fria,
 O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina que cortada
 Antes do tempo foi candida e bella.
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da menina, que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
 Tal está morta a pallida donzella.
 Seccas do rosto as rosas, e perdida
 A branca e viva côr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura.
 Longo tempo chorando, memorarão:

E por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformarão:
 O nome lhe puzirão, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passarão.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

Notai como nessa batalha de Ourique, descripta á largos traços, não escapa ao poeta uma só circumstancia essencial que possa tornar verosimil o que elle pinta. Tão vivo e animado é o quadro que se apresenta á nossa imaginação, que parece que estamos ouvindo os instrumentos bellicos, e sentindo o tropel dos cavallos, e os encontros furiosos dos cavalleiros. O alarido, a confusão, o sangue desparzido, os membros palpitantes e sem dono, tudo ahi impressiona e commove. As duas apropriadas comparações com que o poeta orna o seu quadro, são de admiravel effeito para completar tão temerosa pintura, feita com a verdade de colorido de quem por mais de uma vez assistio a conflictos semelhantes.

No discurso que a rainha de Castella D. Maria dirige a seu pae Affonso IV de Portugal, a quem veio pedir soccorro para o marido contra o poder dos Musulmanos, notai a eloquencia persuasiva, e sublime, que bróta dos labios da princeza, commovida pelo receio de se vêr privada de quanto tem de mais charo,

Viuva, e triste, e posta em vida escura,
 Sem marido, sem reino, e sem ventura,

e como é bella, e arrojada a prosopopeia em que promette, descrevendo o grande numero de combatentes que o rei de Marrocos conduz para atacar Castella,

Trazem ferocidade, e furor tanto
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto!

Só o genio sabe ter tão felizes atrevimentos, porque os poetas mediocres não se animão a tanto !

O episodio de D. Ignez de Castro é uma das mais bellas passagens dos Luziadás, e pela ventura da poesia épica que não conta muitas semelhantes. A falla que a infeliz dirige ao rei para movel-o á piedade, é admiravel pela força do pathetico, que nos commove profundamente. A poesia de estylo que reina em todo elle, é de perfeição inimitavel. O contraste que resulta da opposição das idéas para impressionar-nos, é completo:

Estavas linda Ignez posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruto,
Naquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa darar muito:
Nos satidosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuto.
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

Dos sentimentos amorosos e agradaveis, expressos

nessa oitava e nas duas seguintes, passa-se immediatamente ao terrível pela bella transição,

Tirar Ignez ao mundo determina.

o que é um rasgo de mão de mestre pelo inesperado abalo que produz, assim como outros que se notão em toda essa inimitavel passagem. A catastrophe não pôde ser mais apropriada e poeticamente descripta, do que o é, pois termina pela bellissima comparação,

Assi como a bonina que cortada,
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada,
 Dá menina que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido e a côr murchada;
 Tal está morta a pallida donzella,
 Seccas do rosto as rosto as rosas, e perdida
 A branca e viva côr co'a doce vida.

Este admiravel episodio é uma verdadeira tragedia em resumo com seu protagonista, respectiva mudança de estado, peripecias e catastrophe, ou a que nada falta para ser reputada tal, e uma tragedia como poucas se deparão em belleza.

Seja-me licito concluir com algumas palavras que disse nas minhas Postillas Grammaticaes ácerca desta passagem. «Em que lingua das que actualmente se fallão, se encontra poesia igual a essa, na expressão do sentimento, no mavioso dos versos, e no primoroso do colorido?»

«Muitos poetas nacionaes e estrangeiros teem tratado deste tragico assumpto depois de Camões, mas todos ficarão muito aquem do grande épico portuguez, que imprimio o indelevel cunho do seu genio neste episodio, no de Adamastor, e em muitos outros logares do seu immortal poema. Só em um poeta da antiguidade deparamos toques iguaes, e esse é Virgilio no episodio de Dido.»

LICÇÃO XXV.

Uma epopéa de primeira ordem, é, como vos disse, Senhores, a obra mais prodigiosa do espirito humano, e cousa tão singular, e rara, que no espaço de mais de 50 seculos, ou desde o diluvio universal até nós, apenas se contão as seis desta cathegoria, que precedentemente mencionei! Todas essas immortaes produções do genio, com quanto sejam mui diversas na acção, urdidura, e plano, rivalisão nada obstante umas com outras na regularidade do andamento, na belleza dos incidentes, e no primor da execução, porque cada uma dellas é o ultimo escópo da perfeição artistica a que pôde chegar a humana intelligencia.

Ha comtudo uma circumstancia em que nem todas rivalisão igualmente entre si, e essa é o interesse sempre bem sustentado, desde principio a fim, em todas e cada uma das partes do todo. Segundo a opinião dos criticos mais abalisados, a *Iliada* torna-se monó-

tona pela frequente reprodução das batalhas, combates singulares, e scenas de carnagem; a *Eneida* decabe nos seis ultimos livros; a *Divina Comedia*, na descripção do Purgatorio e Paraizo; o *Paraizo Perdido*, na descripção dos combates dos demonios com os anjos.

Nos *Luziadas*, porém, não se nota o mesmo defeito, porque a grande variedade das scenas e dos incidentes contribúe admiravelmente para a sustentação do interesse em todo o decurso da acção, sem quebra alguma notavel resultante da comparação de uma parte da obra com outra. Os episodios do poema são trazidos com tanta arte, e tal é a sua variedade e belleza, que nunca o espirito do leitor se fatiga, antes vai encontrando interesse sempre crescente na leitura até o complemento da acção, porque a admiração e o entusiasmo nelle excitados por obra tão admiravel nunca arrefecem, nem se embotão.

Este merito dos *Luziadas* é um merito essencial, attingido por bem poucas das outras epopéas de primeira ordem sempre no mesmo gráo, como o attesta a mais judiciosa critica.

Que incomparavel e gigantesco engenho não era Camões! Que potencia de imaginação, que sublimidade de pensamento, que fogo de inspiração, e ao mesmo tempo que força de bom senso, que vigor, que magia, que delicadeza de pincel, não se nota na invenção, distribuição e execução de seu admiravel poema, acina do qual nenhum pôde ser collocado,

e ao qual bem poucos pódem ser equiparados! Isto porém melhor o avaliareis pela analyse, que vou continuar do ponto em que a deixei no fim do terceiro canto.

Vasco da Gama continúa no canto quarto a narrar ao rei de Melinde os factos mais notaveis da historia da Nação Portugueza, e faz-lhe no quinto a descripção da sua viagem desde Portugal até Melinde, onde termina a sua narração. A estes dois cantos limitarei hoje a minha analyse, pois offerecem-lhe materia mais que sufficiente.

Eis as melhores passagens do canto quarto:

Mas nunca foi que este erro se sentisse
 No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
 Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
 Reprovando as vontades inconstantes.
 Áquellas duvidosas gentes disse
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada, irado, e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

Como da gente illustre Portugueza,
 Hade haver quem refuse o Patrio marte?
 Como desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte.
 Hade sahir quem negue ter defeza,
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito,
 O proprio reino queira ver sujeito?

Como? Não sois vós inda os dascendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira

Do grande Henriques, feros e valentes,
 Vencestes esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
 Puzerão em fugida, de maneira,
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão
 Presos, afóra a presa que tiverão?

Com quem forão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes paes e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo;
 Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
 Igual ao Rei que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem já desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não moverdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atai as mãos a vosso vão receio,
 Que eu só resistirei aõ jugo alheio.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
 (E, dizendo isto, arranca meia espada)
 Defenderei da força dura, e infesta,
 A terra nunca de outrem subjugada:
 Em virtude do Rei, da patria mesta.
 Da lealdade já por vós negada,
 Vencerei, não só estes adversarios,
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos
 Em Canusio, reliquias sós de Cannas.
 Já para se entregar quasi movidos,
 Á fortuna das forças Africanas:
 Cornelio moço os faz, que compellidos
 Da sua espada jurem, que as Romanas
 Armas não deixarão, em quanto a vida
 Os não deixar, ou nellas for perdida.

Dest'arte a gente força, e esforce Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões,
 Removem o temor frio, importuno,
 Que gelados lhe tinha os corações:
 Nos animaes cavalgão de Neptuno,
 Brandindo, e volteando arremessões:
 Vão correndo, e gritando á bocca aberta:
 «Viva o famoso Rei que nos liberta»

.....

Estavão pelos muros temerosas,
 E de um alegre medo quasi frias,
 Rezando as mães, irmãs, damas, e esposas,
 Promettendo jejuns, e romarias.
 Já chegão as esquadras bellicosas,
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem:
 E todas grande duvida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes, e atambores:
 Alferezes volteão as bandeiras.
 Que variadas são de muitas côres.
 Era no secco tempo, que nas eiras

Ceres o fructo deixa aos lavradores,
 Entra em Astréa o Sol, no mez de Agosto.
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

Dêo signal a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
 Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana
 Atrás tornou as ondas de medroso:
 Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
 Corrêo ao mar o Tejo duvidoso:
 E as mães, que o som terribil escuitarão.
 Aos peitos os filhinhos apertarão.

Quantos rostos alli se vêm sem cor,
 Que ao coração acode o sangue amigo:
 Que nos perigos grandes, o temor
 É maior muitas vezes, que o perigo:
 E se o não é, parece-o: que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir que é perda grande e rara,
 Dos membros corporaes, da vida chara.

Começa-se a travar a incerta guerra:
 De ambas partes se move a primeira ala:
 Uns leva a defensão da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhal-a:
 Logo o grande Pereira, em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se assinala:
 Derriba, e encontra, e a terra enfim semêa
 Dos que a tanto deseção, sendo alhêa.

Ja pelo espesso ar os estridentes
 Farpões, settas, e varios tiros vôão:
 Debaixo dos pés duros dos ardentes

Cavallos, treme a terra, os valles sôão:
 Espedação-se as lanças, e as frequentes
 Quedas, co'as duras armas tudo atrôão:
 Recrescem os inimigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
 Caso feio e cruel! Mas não se espanta,
 Que menos é querer matar o irmão,
 Quem contra o Rei, e a Patria se alevanta:
 Destes arrenegados muitos são
 No primeiro esquadrão, que se adianta
 Contra irmãos e parentes: caso estranho!
 Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos:
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompem-se aqui dos nossos os príncipios:
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está alli Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão:
 Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
 Torvado um pouco está, mas não medroso.

Com torva vista os vê, mas a natura

Ferina, e a ira, não lhe compadecem
 Que as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrescem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
 Alguns dos seus; que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Joanne a affronta que passava
 Nuno; que, como sabio capitão.
 Tudo corria, e via, e a todos dava.
 Com presença e palavras, coração.
 Qual parida leôa, fera e brava,
 Que os filhos, que no ninho sós estão,
 Sentio que em quanto pasto lhe buscara,
 O pastor de Massylia lh'os furtára:

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
 Os montes Sete-Irmãos atrôa, e abala:
 Tal Joanne, com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode á primeira ala.
 Ó fortes companheiros, ó subidos
 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
 Defendei vossas terras; que a esperança
 Da liberdade está na vossa lança!

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
 Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
 Dos inimigos corro, e vou primeiro:
 Pelejai verdadeiros Portuguezes.
 Isto disse o magnanimo guerreiro.
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira; e deste unico tiro
 Muitos lançarão o ultimo suspiro.

Porque eis os seus accessos novamente
 D'uma nobre vergonha, e honroso fogo,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do marcio jogo,
 Porfião: tinge o ferro o fogo ardente,
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
 Assi recebem junto, e dão feridas,
 Como a quem já não dóe perder as vidas.

A muitos mandão ver o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
 O Mestre morre alli de Sanct'Iago,
 Que fortissimamente pelejava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Calatrava:
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres, ao profundo:
 Onde o trifauce cão perpetua fome
 Tem das almas, que passão deste mundo:
 E porque mais aqui se amanse, e dome
 A soberba do inimigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhanha
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

Aqui a fera batalha se enrucece.
 Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas:
 A multidão da gente que perece,
 Tem as flôres da propria còr mudadas:
 Já as costas dão, e as vidas; já fallece
 O furor, e sobejão as lançadas:
 Já de Castella o Rei desbaratado
 Se vê, e de seu proposito mudado.

O campo vai deixando ao vencedor,
 Contente de lhe não deixar a vida:
 Seguem-no os que ficarão; e o temor
 Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da deshonra, e triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

.....

Estando já deitado no aureo leito.
 Onde imaginações mais certas são,
 Revolvendo contino no conceito,
 De seu officio, e sangue, a obrigação.
 Os olhos lhe occupou o somno acceito,
 Sem lhe desoccupar o coração;
 Porque, tanto que lasso se adormece,
 Morpheo em varias fôrmas lhe apparece.

Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto que toeava a prima esphera,
 Donde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha, e fera:
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendera.
 Vio de antigos, longinquos, e altos montes,
 Nascerem duas claras e altas fontes.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavão:
 Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
 O passo, e o trato ás gentes atalhavão.
 Estas duras montanhas, adversarias

De mais conversação, por si mostravão,
 Que, des que Adão peccou aos nossos annos.
 Não as rompêrão nunca pés humanos.

Das aguas se lhe antolha, que sahião,
 Par'elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos parecião,
 De aspecto, inda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabellos lhe cabião
 Gottas, que o corpo todo vão banhando.
 A côr da pelle baça e denegrida,
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

D'ambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
 Um delles a presença traz cansada,
 Como quem de mais longe alli caminha:
 E assi a agua com impeto alterada,
 Parecia que d'outra parte vinha:
 Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
 Vai buscar os abraços de Arethusa.

Este, que era o mais grave na pessoa,
 Dest'arte para o Rei de longe brada:
 Ó tu, a cujos reinos, e corôa,
 Grande parte do mundo está guardada;
 Nós outros, cuja fama tanto vôa,
 Cuja cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisamos, que é tempo, que já mandes
 A receber de nós tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro:
 Est'outro é o Indo Rei, que nesta serra

Que vês, seu nascimento tem primeiro.
 Custar-te-hemos comtudo dura guerra;
 Mas, insistindo tu, por derradeiro
 Com não vistas victorias, sem receio,
 A quantas gentes vês porás o freio.

Não disse mais o rio illustre, e santo,
 Mas ambos desaparecem n'um momento:
 Acorda Manoel c'um novo espanto,
 E grande alteração de pensamento.
 Estendêo nisto Phebo o claro manto,
 Pelo escuro Hemispherio somnolento,
 Veio a manhã no ceo pintando as côres
 De pudibunda rosa, e roxas flôres.

Notai nâs passagens que vos li, em primeiro logar, a eloquencia mascula, ou antes a vehemente facundia do curto, mas admiravel discurso de D. Nuno Alvares Pereira. Vêde como é bello desenhado a largos traços o vulto do grande heroe Portuguez, fallando energicamente e sem rodeios, e a cujo terrivel e ameaçador aspecto tudo parece tremer:

Áquellas gentes duvidosas disse,
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada, irado, e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, e o mundo!

Como é nobre a indignação em que prorompe o esforçado guerreiro, notando a tibieza ou traição de alguns Portuguezes:

Como da gente illustre Portugueza,
 Hade haver quem refuse o patrio Marte?

Como é magnífica e sublime a conclusão dessa allocução modelo:

Eu só com meus vassallos, e com esta,
 (E dizendo isto arranca meia espada)
 Defenderei da força dura, e infesta,
 A terra nunca de outrem subjugada:
 Em virtude do rei, da patria mesta,
 Da lealdade já por vós negada,
 Vencerei, não só estes adversarios,
 Mas quantos a meu rei forem contrarios.

Aqui a eloquencia não está só nas palavras, está nos gestos e no grande vulto do heroe, está sobretudo no arrancar da meia espada. D. Nuno Alvares Pereira, por cuja bocca fallão o patriotismo e a lealdade portugueza, parece-nos um homem de oito ou nove pés, superior aos heroes de Homero. Como é finalmente bem pintado o effeito deste discurso de fogo sobre os ouvintes pela bella comparação que começa.

Bem como entre os mancebos recolhidos
 Em Canusio, reliquias sós de Cannas...

Notai depois a soberba descripção da batalha de Aljubarrota, não feita a largos traços como a de Ourique, mas circumstanciadamente. Que fogo! que movimento! quanta poesia imitativa! quantas figuras arrojadas! quantas imagens temerosas! Vêde como na bella estancia XXVIII está bem reproduzido o clangor da trombeta pelos sons imitativos dos dois pri-

meiros versos, e magistralmente pintado o terror que se diffunde ao ouvil-o, pelas soberbas prosopopeias dos quatro seguintes, igualmente onomatopicos, e pela admiravel imitação de Virgilio dos dois ultimos, que tão bem exprimem a força do pathetico:

Dêo signal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroso;
Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso:
Ouvi-o o Douro, e a terra Transtagana:
Corrêo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mães que o som terribil cseuitarão.
Aos peitos os filhinhos apertarão!

Isto é que é poesia, ou antes isto é que é pintura tão animada, como fallante !

Na estancia XXXI não menos bella é tal o imitativo dos sons combinados com as pausas dos versos, que nos parece estar ouvindo o sibilar dos tiros, e o zunir dos farpões, sentindo tremer a terra debaixo dos pés dos cavallos, espedaçarem-se as lanças, echôarem as quedas co'as duras armas, e presenceando em summa toda a confusão, todo o horror de uma batalha:

Já pelo espêso ar os estridentes
Farpões, settas, e varias tiros vôão:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles sôão:
Espedação-se as lanças: e as fréquentes

Quedas, co'as duras armas tudo atrôão:
 Recrescem os inimigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

Como é soberba e apropriada nas estancias XXXIV e
 XXXV a comparação de Nuno cercado de inimigos
 com um fortissimo Leão,

Que cercado se vê de cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetaão,

Como são eloquentes e frisantes as palavras, que o
 rei que vai soccorrer á Nuno dirige aos seus:

Ó fortes companheiros, ó subidos
 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
 Defendei vossas terras, que a esperança
 Da liberdade está na vossa lança!

Vêdes-me aqui rei vosso, e companheiro,
 Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
 Dos inimigos corro, e vou primeiro;
 Pelejai, verdadeiros Portuguezes.
 Isto disse o magnanimo guerreiro,
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira; e deste unico tiro
 Muitos lançarão o ultimo suspiro.

N'isto levão os heróes de Camões grande vantagem
 aos de Homero, que fazem em taes occasiões longos
 e inverosimeis discursos, revestidos de circumstan-
 cias muitas vezes alheias ao assumpto. A concisão

com que se exprimem os heroes do primeiro, não só é muito mais energica, que a prolixidade que se nota nos do segundo, mas muito mais verosimil no meio do conflicto, e das peripecias de uma batalha.

Notai ainda a bella ficção do apparecimento em sonho do Ganges e do Indo á el-rei D. Manoel a quem os dois rios, sob a fórmula de dois veneraveis anciões, vêm render vassalagem e offerecer tributos. Como tudo é bem representado nesta visão que lhe põe diante dos olhos o Oriente com todas as suas riquezas, para incital-o ao descobrimento da India, já premeditado por seu predecessor D. João II, e por elle realiado! Como é grande e sublime a invenção de um tal sonho! Quando não tivessesmos nos *Luziadas* tantas outras passagens não menos admiraveis, bastaria essa para dar-nos a medida da fertil e poderosa imaginação de Camões, que a nenhum dos grandes épicos cede neste ponto, si é que não leva vantagem a maior parte delles.

Não me demorarei sobre o admiravel discurso do velho ao levar ferro a armada portugueza do porto de Lisbôa, porque ninguem ha que ao lel-o deixe de reconhecer-lhe as bellezas. Tão palpaveis são ellas! Basta citar a primeira oitava, que tão bem retrata o ancião, para se formar a melhor idea de tudo quanto então tirou do experto peito:

Mas um velho de aspecto venerando,
Que ficava nas praias entre a gente.

Pósto em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada um pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente.
 C'um saber só de experiencias feito,
 Taes palavras tirou do experto peito.

Eis agora as passagens mais notaveis do canto quinto:

Vi claramente visto o lume vivo
 Que a marítima gente tem por santo,
 Em tempo de tormenta, e vento esquivo.
 De tempestade escura, e triste pranto.
 Não menos foi a todos excessivo
 Milagre, e cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar com largo cano
 Sorver as altas aguas do Oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo
 Que a vista me enganava) levantar-se
 No ar um vaporzinho, e subtil fumo,
 E do vento trazido, rodear-se;
 De aqui levado um cano ao pólo summo
 Se via, tão delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia:
 Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que um largo mastro se engrossava:
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agua em si chupava:
 Estava-se co'as ondas ondcando;
 Em cima delle uma nuvem se espessava.

Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente
Bebendo a recolhêo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente:
Chupando, mais e mais se engrossa, e cria,
Alli se enche, e se alarga grandemente;
Tal a grande columna, enchendo augmenta
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Âs ondas torna as ondas, que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejão agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes de natura.

.....

Porem já cinco sóes erão passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando uma noite estando descuidados
Na cortadôra proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha, e carregada
Que poz nos corações um grande medo:

Bramindo o negro mar de longe brada,
 Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
 Ó Potestade, disse, sublimada!
 Que ameaço divino, ou que segredo
 Este clima, e este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece que tormenta?

Não acabava quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e valida.
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida:
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida.
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 A bocca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que um dos sete milagres foi do mundo:
 C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso.
 Que parecéo sahir do mar profundo:
 Arripião-se as carnes e o cabelo
 A mi, e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
 No mundo commettêrão grandes cousas;
 Tu que por guerras crúas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho,
 Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

Pois vens ver os segredos escondidos

Da natureza e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento:
 Ouve os damnos de mi, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento,
 Por todo o largo mar, e pela terra,
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe, que, quantas náos esta viagem
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem
 Com ventos e tormentas desmedidas:
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insoffridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja nór o damno, que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,
 De quem me descobrio summa vingança;
 E não se acabará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas náos vereis cada anno
 (Se é verdade o que o meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda a sorte,
 Que o menor mal de todos seja a mortê.

E do primeiro illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serei eterna, e nova sepultura,
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porá de Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos tropheos,
 Commigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quilôa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, enamorado,
 E comsigo trará a formosa dama,
 Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
 Triste ventura, e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e irado
 Os deixará d'um crú naufragio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos charos.
 Em tanto amor gerados e nascidos:
 Verão os Cafres asperos e avaros
 Tirar á linda dama seus vestidos:
 Os crystallinos membros, e preclaros,
 Á calma, ao frio, ao ar verão despídos,
 Depois de ter pizada longamente
 Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos, que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na fervida e implacabil espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão.

Mais ia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem és tu? que esse estupendo
 Corpo certo me tem maravilhado.
 A bocca, e os olhos negros retorcendo.
 E dando um espantoso e grande brado.

Me respondêo com voz pezada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezára:

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passarão, fui notorio:
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o pólo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:
 Não que puzesse serra sobre serra,
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptumno, que eu buscava

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empreza;
 Todas as deosas desprezei do ceo,
 Só por amar das aguas a princeza:
 Um dia a vi co'as filhas de Nereo
 Sahir núa na praia; e logo preza
 A vontade senti de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa, que mais queira.

Como fosse impossibil alcançal-a
 Pela grandeza feia de meu gesto,
 Determinei por armas de tomal-a,

E a Doris este caso manifesto:
 De medo a deosa então por mi lhe falla;
 Mas ella c'um formoso riso honesto
 Respondéo: qual será o amor bastante
 De nympha, que sustente o d'um gigante?

Com tudo por livrarinos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 Com que com minha honra escuse o dano;
 Tal resposta me torna a mensageira.
 Eu que cahir não pude neste engano,
 (Que é grande dos amantes a cegueira)
 Enchêrão-me com grandes abundanças
 O peito de desejos, e esperanças.

Já nescio, já da guerra desistindo.
 Uma noite de Doris promettida,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis unica despida;
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços para aquella, que era vida
 Deste corpo, e começo os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que, crendo ter nos braços quem amava.
 Abraçado me achei c'um duro monte
 De aspero mato, e de espessura brava:
 Estando c'um penedo fronte a fronte,
 Que eu pelo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
 E junto d'um penedo outro penedo.

Ó nympha a mais formosa do Oceano,

Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 Daqui me aparto irado, e quasi insano
 Da magoa, e da deshonra alli passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

Erão já neste tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos:
 E, por mais segurar-se os deoses vãos,
 Alguns a varios montes sotopostos:
 E como contra o ceo não valeni mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos.
 Comecei a sentir do fado imigo
 Por meus atrevimentos o castigo.

Converte-se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizerão;
 Estes membros, que vês, e esta figura
 Por estas longas aguas se estenderão:
 Em fim, minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo convertêrão
 Os deoses; e por mais dobradas magoas
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

Assi contava, e c'um medonho choro
 Subito d'ante os olhos se apartou;
 Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
 Bramido niuito longe o mar soou.
 Eu, levantando as mãos ao santo coro
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
 A Deos pedi, que removesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros

Notai antes de tudo como Camões descreve tão poeticamente o phenomeno natural chamado tromba, que se observa, quando as nuvens absorvem a agua do mar. Não é possível pintar melhor! As côres as mais vivas e ao mesmo tempo as mais delicadas parecem acodir naturalmente ao inimitavel pincel do poeta, para pôr-nos o objecto diante dos olhos, tal qual é:

Eu o vi certamente (e não presumo
 Que a vista me enganava) levantar-se
 No ar um vaporzinho, e subtil fumo,
 E, do vento trazido, rodear-se:
 De aqui levado um cano ao pólo summo
 Se via, tão delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia;
 Da materia das nuvens parecia.

E como é inesperada e frisante a conclusão de tão soberba piutura:

Vejão agora os sabios na escriptura,
 Que segredos são estes de natura.

No remate de seus quadros, aliás tão completos, é sempre o poeta felicissimo, porque os conclue de ordinario por alguma notavel e imprevista circumstancia, que lhes dá novo realce.

Somos emfim chegados ao admiravel episodio de Adamastor, uma das mais grandiosas e bellas ficções poeticas de todas quantas se depárão na poesia épica.

Tenho lido e relido todos os grandes modelos épicos, antigos e modernos, e sou o primeiro a admirar as suas bellezas, mas quer me parecer que só o incomparavel engenho de Camões nos podia dar uma concepção como essa, onde o estupendo, o grandioso, o sublime, e ao mesmo tempo o delicado, o terno, o mavioso, formão contrastes de singular belleza, expressos nos mais soberbos versos. Que poder de imaginação, que delicadeza de sentimento, que magia de pincel! Quem quizer fazer nma idea do talento incommensuravel que era o immortal cantor dos *Luziadas*, leia com attenção o episodio de Adamastor, que por tantos dotes e primores poeticos que reúne, equivale elle só a um admiravel poema com seus episodios, em que sobresaem, ora o grandioso, ora o pathetico, levados ao supremo grão.

Não podendo na succinta analyse que me impuz, apreciar todas essas bellezas, uma por uma, limitar-me-hei a tornar bem saliente a que resulta dos contrastes, com que o poeta sabe aformosear os seus quadros, como já vimos no episodio de D. Ignez de Castro.

Ahi tendes logo no principio o estupendo e o maravilhoso, enriquecidos com a mais bella poesia imitativa:

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,

Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
 Cheios de terra e crespos os cabellos,
 A bocca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem pôsso
 Certificar-te que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que um dos sete milagres foi do Mundo:
 C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso
 Que parecéo sahir do mar profundo;
 Arripião-se as carnes e o cabelo
 A mi e a todos só de ouvil-o e vel-o.

Notai como na primeira estancia a extensão dos versos esdruxulos pinta admiravelmente a descommunal estatura do gigante, e como na segunda a combinação de consoantes asperas com vogaes mudas, o horrisono som de sua voz, e o espanto que a todos causa!

Eis o grande e o terrivel, descriptos tambem pela fórma a mais poetica:

Aqui espero tomar, se não me engano,
 De quem me descobrio summa vingança:
 E não se acabará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança;
 Antes em vossas náos vereis cada anno
 (Si é verdade o que o meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

Eis o sentimental e o pathetico, expressos nos mais maviolos versos, que jámais se lêrão:

Outro tambem virá de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, enamorado,
 E comsigo trará a formosa dama,
 Que amor por grã mercê lhe terá dado:
 Triste ventura, e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e irado
 Os deixará de um erú naufragio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos charos,
 Em tanto amor gerados e nascidos;
 Verão os cafres asperos e avaros
 Tirar á linda dama seus vestidos:
 Os cristallinos membros e preclaros,
 Á calma, ao frio, ao ar, verão despídos.
 Depois de ter pisada longamente
 Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na fervida e implacabil espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura.
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa miserrima prisão.

Aqui o pathetico levado ao seu auge orça pelo sublime, porque nada escapa ao poeta para exprimir o sentimento em toda a sua verdade e força. Vede que

belleza de imagens, que expressão de figuras, e que riqueza de poesia, não encerrão só estes quatro admiráveis versos, que resumem em si toda a situação dos dois desventurados amantes:

Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente...
Abraçados as almas soltarão
Da formosa miserrima prisão.

Eu disse nas minhas *Postillas Grammaticaes*, que estas tres estancias de Camões valião por si só todo o extenso poema de Jeronymo Côrte Real sobre o naufragio dos dois infelizes esposos, Manoel de Souza de Sepulveda e D. Lionor de Sá, nas costas de Africa. E com effeito assim é, porque nada ha que se compare á delicadeza de sentimento, força de pathetico, e inimitavel perfeição de estylo, com que o immortal cantor dos *Luziadas* descrevêo este caso tão triste e miserando, ou antes esta tão espantosa e funebre tragedia.

Vêde agora si Ovidio descreveria uma transformação mais poeticamente, ou em mais bellos versos imitativos:

Converte-se-me a carne em terra dura.
Em penédos os ossos se fizerão;
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estendêrão:
Enfim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo convertêrão
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas aguas.

Que bellissimo verso é o ultimo desta estancia,

Me anda Thetis cercando destas agoas,

no qual nos parece estar vendo o afluir e o refluir das ondas, e ouvindo o seu compassado bater nas rochas! Que inimitavel pintor não é Camões !

O grandioso e o sublime resultão de todos os traços deste admirabilissimo quadro, o mais poetico e bello no seu genero de todos quantos conheço.

Nem em Homero, nem em Virgilio, nem em Dante, nem em Tasso, se depara cousa equivalente á concepção do *Adamastor* de Camões, no engenhoso e poetico da creação. Só em Milton, que lucha com Camões em vigor de imaginação e phantasia, se pode dizer que ha um equivalente, na concepção do *Lucifer* do seu *Paraizo Perdido*, bem que de genero diverso. Mas a concepção do poeta inglêz, com quanto grandiosa e bella, exclúe todavia o pathetico, que o poeta portuguez soube alliar á sua, e lhe dá um realce admiravel. Assim si o bellissimo episodio de *Adamastor* pode encontrar rival no grandioso da creação phantastica, não o encontra de certo na delicadeza de gosto, e finura de tacto, com que é desempenhado.

Serião necessarios volumes para bem apreciar cada canto dos *Luziadas*, porque analysar Camões é tropeçar de belleza em belleza, e cahir de prodigio em prodigio. Assim farei hoje aqui ponto, para continuar a occupar-me com o mesmo assumpto em outros discursos.

LICÇÃO XXVI.

Si os *Luziadas*, Senhores, uma das mais admiraveis producções do genio entre as que o são mais, á nenhuma das grandes epopéas cedem o passo em variedade e belleza de episodios, antes levão vantagem á mór parte dellas, ainda menos o cedem em perfeição de estylo, na qual correm parellas com as mais gabadas sem desmerecer um apice, e pôdem nisto servir de modelo aos melhores poetas.

A perfeição de estylo é um dote inestimavel, porque tudo, segundo disse um grande escriptor, está no modo de dizer; e todas as grandes epopéas primão por ella, sendo que nisso consiste a principal belleza de execução, mas umas mais que outras, como acontece com as melhores obras do engenho, as quaes nunca pôdem rivalisar perfeitamente em tudo. Nesta qualidade eminente, porém, tanto sobresaem os *Luziadas*, que nada teem que invejar á *Eneida* e á *Jerusalem Libertada*, que no sentir dose criticos são das

que mais nella se avantajão. A delicadeza de pincel é inimitavel em Camões, como em Virgilio, como em Tasso, e tal, que só o talento o mais favorecido da natureza podia chegar á ella.

É grande certamente o merito da invenção, mas não é menor o da execução, e na reunião de um e outro em supremo gráo é que se reconhece o poder do genio, a que nenhum se iguala. Ambos estes meritos reunio Camões em gráo tão subido, como nenhum poeta; e ámbos elles dão o mais solemne, e incontestavel testemunho da fina tempera do seu prodigioso engenho, como se deprehe de do aprofundado estudo do seu immortal poema.

Para voltarmos aos episodios, parece que depois do concilio dos deuses, da descida de Venus ao mar e sua ascensão ao Olympo, da morte de D. Ignez de Castro, do sonho de D. Manoel, do discurso do velho, da concepção do Adamastor, e tantas outras admiraveis passagens, que deixámos apreciadas, nada mais era possivel produzir tão bello, grandioso e sublime; mas a inexgotavel imaginação de Camões e seu divino pincel ahí vos apresentam nos cantos VI e VII, que constituem hoje o objecto de minha analyse, outras passagens não menos admiraveis, que as primeiras, como a descripção do palacio e côrte de Neptuno, o episodio dos doze de Inglaterra, a descripção de uma tempestade como nenhuma outra, e o recebimento de Vasco da Gama pelo Samorim, e a pintura dos costumes da India.

Analysar Camões, tórno a dizél-o, é sahir de um prodigio para cahir em outro, como vereis da analyse que vou continuar do ponto, em que a deixei, ou no fim do canto V.

Terminada a narração de sua viagem, pede Vasco da Gama ao rei Melinde lhe dê piloto, que o conduza á India. Apenas obtem este, e faz-se á vela, Baccho desce ao fundo do mar a supplicar á Neptuno e ás deidades d'aquelle elemento, que destruão a armada portugueza. Movido por taes rogos Neptuno excita uma tormenta, que a teria submergido, si Venus, acodindo em soccorro dos Portuguezes, não tivesse aplacado os ventos. Chega felizmente Vasco da Gama á Calecut na costa do Malabar, aonde é bem recebido pelo Samorim, soberano d'aquelle estado. Aqui pela bocca de Monçaide dá o poeta uma idéa da historia, religião e costumes da India.

Passarei a ler-vos as pássagens mais notaveis do canto VI.

As ondas navegavão do Oriente
 Já nos mares da India, e enxergavão
 Os thalamos do Sol, que nasce ardente:
 Já quasi seus desejos se açabavão.
 Mas o mão de Thyoneo, que na alma sente
 As venturas, que então se aparelhavão
 Á gente Lusitana, dellas dina,
 Arde, morre, blasphema, e desatina.

Via estar todo o Ceo determinado

De fazer de Lisboa nova Roma;
 Não no pôde estorvar, que destinado
 Está d'outro poder que tudo doma.
 Do Olympo desce enfim desesperado,
 Novo remedio em terra busca, e toma;
 Entra no humido reino, e vai-se à côrte
 Daquelle, a quem o mar cahio em sorte.

No mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas sahem furibundas,
 Quando ás iras do vento o mar responde.
 Neptuno môra, e morão as jucundas
 Nereidas, e outros deoses do mar, onde
 As aguas campo deixão ás cidades,
 Que habitão estas humidas deidades.

Descobre o fundo nunca descoberto
 As aréas alli de prata fina,
 Torres altas se vêm no campo aberto
 Da transparente massa êrystallina:
 Quanto se chegão mais os olhos perto,
 Tanto menos a vista determina
 Se é crystal o que vê, se diamante,
 Que assi se mostra claro e radiante.

As portas d'ouro fino e marchetadas
 Do rico aljofar que nas conchas nasce,
 De esculptura formosa estão lavradas,
 Na qual do irado Baccho a vista pasce:
 E vê primeiro em côres variadas
 Do velho Chãos a tão confusa face;
 Vêm-se os quatro elementos trasladados,
 Em diversos officios occupados.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
 Que em nenhuma materia se sustinha;
 Daqui as cousas vivas sempre anima,
 Depois que Prometheo furtado o tinha.
 Logo após elle leve se sublima
 O invisibil Ar, que mais asinha
 Tomou logar, e nêo por quente, ou frio,
 Algum deixa no mundo estar vazio.

Estava a Terra em montes revestida
 De verdes hervas, e arvôres floridas,
 Dando pasto diverso, e dando vida
 Às alimarias nella produzidas.
 A clara forma alli estava esculpida
 Das Aguas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Com seu humor mantendo os corpos todos.

N'outra parte esculpida estava a guerra
 Que tiverão os deoses co'os gigantes;
 Está TYPHEO debaixo da alta serra
 De EITHA, que as flammaz lança crepitanzes:
 Esculpido se vê florindo a terra
 NEPTUNO, quando as gentes ignorantes,
 Delle o cavallo houverão, e a primeira
 De MINERVA pacifica oliveira.

Pouca tardança faz Lyeo irado
 Na vista destas cousas, mas entrando
 Nos paços de NEPTUNO, que avisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando:
 Às portas o recebe, acompanhado
 Das nymphas que se estão maravillhando.

De ver que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres:
Verão da desventura grandes modos,
Oução todos o mal que toca a todos.

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitão d'huma e d'outra banda:
Tritão que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio.
Trombeta de seu pae, e seu correio.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos erão
Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conhecerão:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se gerão:
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

O corpo nú, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento.
Mas porém de pequenos animais

Do mar, todos cobertos cento e cento:
 Camarões e cangrejos, e outros mais,
 Que recebem de Phebo crescimento;
 Ostras e breguições do musgo sujos,
 Às costas com a casa os caramujos.

Na mão a grande concha retorcida,
 Que trazia, com força já tocava:
 A voz grande canora foi ouvida
 Por todo o mar, que longe retumbava.
 Já toda a companhia aperecida
 Dos deoses para os paços caminhava
 Do deos, que fez os muros de Dardania,
 Destruídos depois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
 Dos filhos, e das filhas, que gerára:
 Vem Nereo, que com Doris foi casado,
 Que todo o mar de nymphas povoára:
 O propheta Proteo, deixando o gado
 Maritimo pascer pela agua amára,
 Alli veio tambem; mas já sabia
 O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno, de Caelo, e Vesta filha,
 Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
 Que se amansava o mar de maravilha:
 Vestida uma camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo crystallino deixa ver-se:
 Que tanto bem não é para esconder-se:

Amphitrite, formosa como as flôres,
 22

Neste caso não quiz que fallecesse;
 O Delphim traz consigo, que aos amôres
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse:
 Co'os olhos, que de tudo são senhores,
 Qualquer parecerá que o sol vencesse:
 Ambas vem pela mão, igual partido;
 Pois ambas são esposas d'um marido.

Aquella que das furias de Athamante
 Fugindo, veio a ter divino estado,
 Comsigo traz o filho, bello infante,
 No numero dos deoses relatado:
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre cria, e as vezes pela arêa
 No collo o toma a bella Pânopæa.

E o deos, que foi n'um tempo corpo humano,
 E por virtude da herva poderosa
 Foi convertido em peixe, e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa,
 Inda vinha chorando o feio engano,
 Que Circe tinha usado co'a formosa
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado,
 Que a mais obriga amor mal empregado.

Já finalmente todos assentados
 Na grande sala, nobre e divinal,
 As deosas em riquissimos estrados,
 Os deoses em cadeiras de crystal:
 Forão todos do padre agasalhados,
 Que co'o Tebano tinha assento igual:
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

Estando socegado já o tumulto
 Dos deoses, e de seus recebimentos.
 Começa a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:
 Um pouco carregando-se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos
 Só por dar aos de Luso triste morte
 Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

.....

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,
 E nobres cortezãos, ataso um dia
 Se levantou Discórdia em ira accesa
 Ou foi opinião, ou foi porfia:
 Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
 Soltar palavras graves de ousadia,
 Dizem, que provarão, que honras e famas
 Em taes damas não ha, para ser damas.

E que, se houver alguém com lança e espada,
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou estacada,
 Lhe darão feia infamia, ou morte crua.
 A feminil fraqueza pouco usada,
 Ou nunca a opprobios taes, vendo-se nua
 De forças naturaes convenientes,
 Soccorro pede a amigos, e parentes.

Mas, como fossem grandes, e possantes,
 No reino os inimigos, não se atrevem
 Nem parentes, nem fervidos amantes,
 A sustentar as damas, como devem.
 Com lagrimas formosas, e bastantes

A fazer, que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Inglez potente, e militára
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra experimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma,
Do forte Rei, que por mulher a toma.

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderião, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas,
De vosso agravo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E, porque cada dama um tenha certo,

Lhe manda, que sobre elles lancem sortes:
 Que ellas se doze são: e descoberto
 Qual a qual tem cahido das consortes,
 Cada uma escreve ao seu por varios modos,
 E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

Já cbega a Portugal o mensageiro,
 Toda a cõrte alvoroça a novidade:
 Quizéra o Rei sublime ser primeiro,
 Mas não lh'o soffre a Regia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser com fervida vontade,
 E só fica por bem-aventurado,
 Quem já vem pelo Duque nomeado.

Lá na leal cidade, donde teve
 Origem (como é fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas, e roupas de uso mais moderno,
 De elmos, cimeiras, letras, e primõres,
 Cavallos, e concertos de mil cõres.

Já do seu Rei tomado tem licença.
 Para partir do Douro celebrado.
 Aquelles, que escolhidos por sentença
 Fõrão do Duque Inglez exprimentado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro, déstro, ou esforçado:
 Mas um só, que Magriço se dizia,
 Desta arte falla á forte companhia:

Fortissimos consocios, eu desejo

Ha muito já de andar terras estranhas,
 Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo.
 Varias gentes, e leis, e varias manhas.
 Agora que apparelho certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero, se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serci comvosco em Inglaterra.

E quando caso fôr, que eu impedido
 Por quem das cousas é ultima linha,
 Não fôr comvosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha;
 Todos por mi fareis-o que é devido;
 Mas, se a verdade o espirito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
 Não farão, que eu comvosco lá não seja.

Assi diz; e abraçados os amigos.
 E tomada licença, enfim se parte:
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Logares, que ganhára o patrio Marte;
 Navarra, co'os altissimos perigos
 Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
 Vistas enfim de França as cousas grandes,
 No grande imperio foi parar de Frandes.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteve muitos dias;
 Mas dos onze a illustrissima companhia
 Cortão do mar do Norte as ondas frias.
 Chegados de Inglaterra á costa estranha,
 Para Londres já fazem todos vias:
 Do Duque são com festa agasalhados.
 E das damas servidos, e animados.

Chega-se o praso, e dia assinalado.
 De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
 Que pelo Rei já tinhamo segurado:
 Armão-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
 Já as damas teem por si fulgente, e armado,
 O Mavorte feroz dos Portuguezes:
 Vestem-se ellas de côres, e de sedas
 De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro nesta empreza:
 Bem que os onze apregôão, que acabado
 Será o negocio assi na côrte Ingleza,
 Que as damas vencedôras se conheção,
 Posto que dous è três dos seus falleção.

Já n'um sublime e publico theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a corte:
 Estavão tres e tres, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual coubéra em sorte.
 Não são vistos do Sol, do Tejo ao Baetro,
 De força, esforço, e d'animo mais forte,
 Outros doze sahir, como os Inglezes,
 No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigão os cavallos escumando
 Os aureos freios com feroz semblante:
 Estava o Sol nas armas rutilando,
 Como em crystal, ou rigido diamante:
 Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
 Partido desigual, e dissonante,

Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Virão todos o rosto, aonde havia
A causa principal do reboiço:
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se ia
Para os onze, que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

A dama, como ouviu, que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegre, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picão d'esporas, largão redeas logo,
Abaixão lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepido parece
Que faz, que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo vóa, que não desce;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas:
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

Algum dalli tomou perpetuo o sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:

Cahe a soberba Ingleza do seu trono,
 Que dois, ou tres, já fóra vão do vallo:
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão já que arnez, escudo, e malha

Gastar palavras em contar extremos
 De golpes ferros, cruas estocadas,
 É desses gastadôres, que sabemos,
 Mãos do tempo com fabulas sonhadas:
 Basta por fim do caso, que entendemos,
 Que com finezas altas e afamadas,
 Co'os nossos fica a palma da victoria,
 E as damas venedôras, e com gloria.

.....

Não erão os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande, e subita procella:
 Amaina, disse o mestre, a grandes brados.
 Amaina, disse, amaina, a grande véla!
 Não esperão os ventos indignados,
 Que amainassem, mas juntos dando nella.
 Em pedaços a fazem c'um ruido,
 Que o mundo pareceo ser destruido.

O Ceo fere com gritos nisto a gente
 Com subito temor e desaccordo,
 Que no romper da véla, a não pendente
 Toma grã somma d'agua pelo bordo.
 Alija, disse o mestre, rijamente,
 Alija tudo ao mar, não falte accordo,
 Vão outros dar á bomba, não cessando,
 «Á bomba, que nos imos alagando.»

Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba, e tanto que chegarão,
 Os balanços, que os mares temerosos
 Dêrão á náó n'um bordo, os derribárão:
 Tres marinheiros duros, e forçosos,
 Á manear o leme não bastárão,
 Talhas lhe punhão d'uma e d'outra parte,
 Sem aproveitar dos homens força, e arte.

Os ventos erão taes, que não puderão
 Mostrar mais força de impeto cruel,
 Se para derribar então vierão
 A fortissima torre de Babel:
 Nos altissimos mares, que crescerão,
 A pequena grandura d'um batel
 Mostra a possante náó, que move espanto,
 Vendo, que se sostem nas ondas tanto.

A náó grande, em que vai Paulo da Gama,
 Quebrado leva o mastro pelo meio,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle, que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vão ao mar derrama
 Toda a náó de Coélho com receio,
 Com quanto teve o mestre tanto tempo,
 Que primeiro amainou, que desse o vento.

Agora sobre as nuvens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo:
 Agora a ver parece que desciação
 As intimas entranhas do profundo.
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a machina do mundo:

A noite negra e feia se allumia
Co'os raios, que o pólo todo ardia.

As Haleyonéas aves triste canto
Junto da costa brava levantarão,
Lembrando-se de seu passado pranto.
Que as furiosas aguas lhe causarão.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entrarão,
Fugindo á tempestade, e ventos duros.
Que nem no fundo os deixão estar seguros.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós vivêrão
Os dois, que em gente as pedras convertêrão.

Quantos montes então que derribarão
As ondas, que batião denodadas!
Quantas arvores velhas arrancarão,
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidarão,
Que nunca para os Ceos fossem viradas:
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Admirai no primeiro episodio que vos li, não só a pittoresca scena representada no oceano que, sendo da mesma natureza da do Olympo no primeiro can-

to, pois ambas são reuniões de deuses, muito se distingue della pela arte com que o poeta sabe variar os seus quadros, como também a novidade e belleza das descripções, a pompa da linguagem poetica, e o superior colorido do estylo, qualidades em que poucos hombrêão com elle:

Descobre o fundo nunca descoberto
As âreias alli de prata fina;
Torres altas se veem no campo aberto
Da transparente massa cristalina:
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

Admirai mais a bella e variada descripção dos deuses marinhos, acodindo pressurosos ao reclamo da concha retorcida embocada por Tritão, e os sons imitativos destes magnificos versos:

A voz grande e canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.

Só os grandes poetas sabem empregar bem estas onomatopeias; tal é a de Tasso:

Chiama gli abitor delle ombre eterne
Il rauco suon della tartarea tromba.
Treman le spaciose atre caverne,
E l'aer cieco aquel rumor rimbomba.

Não é menos de admirar no que se segue á descripção, o artificio do discurso de Baccho para excitar os deuses do mar contra os Portuguezes, o qual é um modelo de eloquencia no seu genero. Neste bello episodio só nótarei como censuravel o trocadilho de palavras de máo gosto:

Entre no reino d'agua o rei do vinho.

o qual confirma o, *Aliquando bonus dormiat Homerus* de Horacio, e attesta a imperfeição da natureza humana, que sempre ou mais ou menos se mostra a descoberto nas obras as mais primas do genio. •

O segundo episodio dos doze de Inglaterra é todo no gosto romantico, e tão primoroso, que nada deixa a desejar, e pode passar por modelo no seu genero. Honra de damas nobremente desagradada, altas proesas cavalleirescas, estylo cheio de movimento e vida, primor de colorido, e poesia imitativa, tudo nelle se depara, e tudo magistralmente expresso. Admirai esta soberba pintura, que começa por uma bella imitação de Virgilio:

Mastigão os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz semblante:
Estava o sol nas armas rutilando,
Como em cristal, ou rigido diamante,
Mas enxerga-se n'um, e n'outro bando,
Partido desigual, e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Admirai agora o movimento, a animação, e a poesia imitativa da seguinte bellissima passagem:

.....
 Já dão signal, e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos, que inflamma:
 Picão de esporas, largão redeas logo,
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

Des cavallos o estrepito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme:
 O coração no peito, que estremece,
 De quem os olha, se alvoroça, e teme:
 Qual do cavallo vóa, que não desce:
 Qual, co'o cavallo em terra dando, geme:
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

Só Camões sabe fazer destes quadros tão vivos, e cheios de movimento, que parecem fallar-nos aos olhos, e aos ouvidos. É esta uma pintura de incomparavel belleza, que serve de dar realce a todas as outras disseminadas por este soberbo episodio, um dos mais perfeitos neste gosto de quantos tenho noticia. Nem Ariosto, nem Tasso, mestres na pintura de proesas cavalleirescas, apresentam cousa que lhe seja superior, nos seus poemas com justa rasão admirados pelos entendedores.

Admirai agora a descripção de uma tempestade, como nenhuma, porque é feita com as verdadeiras côres de quem presenciou outras iguaes, e esteve mui-

tas vezes a ponto de ser victima dellas. Bem poucos, ou antes nenhum dos grandes épicos chega a esta verdade de pintura na descripção das scenas da natureza, porque nenhum viajou tanto, e corrêo tanto mundo, como Camões, que representava o mesmo que tinha diante dos olhos.

Vêde como é bem pintado o subito estrago feito pelo vento na grande vela, que fica em pedaços:

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela!
Não esperão os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem e'um ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

Vêde ainda como são bellas e bem cabidas as hyperboles, com que o poeta figura os aterrados nautas, ora subidos sobre as nuvens, ora descidos ás entranhas do profundo:

Agora sobre as nuvens os subião
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora á ver parece que descião
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a maquina do mundo:
A noite negra, e feia, se allumia
Co'os raios, em que o pólo todo ardia.

Nesta soberba e admiravel estancia o poeta mais se encontra com Virgilio, do que o imita, pois o ultimo verso della,

Co'os raios, em que o pólo todo ardia,

que parece responder ao

Crebris micat ignibus æther,

é muito mais expressivo, e poetico, que o do poeta latino, que apenas se limita a descrever o phenomeno sem figuras e imagens arrojadas, como as que se não no verso de Camões.

Eis as passagens mais notaveis do canto septimo:

.....

Assi contava o Mouro: mas vagando
Andava a fama já pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandára da verdade:
Já vinhão pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandava
O capitão da armada, que chegava.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado:
Das côres a formosa differença

A vista alegre ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'um portatil leito uma rica cama
Lhe offerece, em que vá (costume usado).
Que nos hombros dos homens é levado.

Dest'arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminhão lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera:
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado.
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, e o Catual ião fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde uma rica fabrica se erguia
De um sumptuoso templo, já chegavão,
Pêlas portas do qual juntos entravão.

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo, e em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas.

A segundo o demonio lhe fingia:
 Vêm-se as abominaveis esculpturas,
 Qual a chimera em membros se varia:
 Os christãos olhos, a ver Deos usados
 Em fórma humana, estão maravilhados.

Um, na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Lybia estava;
 Outro n'um corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Jano se pintava:
 Outro com muitos braços divididos
 A Briarêo parece que imitava;
 Outro fronte canina tem de fóra,
 Qual Anubis Memphítico se adora.

Aqui feita do barbaro Gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desvio,
 Para onde estava o Rei do povo vão:
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co'os que vem ver o estranho capitão:
 Estão pelos telhaços, e janellas,
 Velhos e moços, donas e donzellas.

Já chegam perto, e não com passos lentos.
 Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos:
 Edificação-se os nobres seus assentos,
 Por entre os arvoredos deleitosos:
 Assi vivem os Reis daquela gente,
 No campo, e na cidade juntamente.

Pelos portaes da cêrca a subtileza

Se enxérga da Delálea faculdade,
 Em figuras mostrando por nobreza.
 Da India a mais remota antiguidade:
 Affiguradas vão com tal viveza
 As historias daquella antiga idade,
 Que quem dellas tiver noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

Estava um grande exercito que pisa
 A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
 Rege-o um capitão de fronte lisa,
 Que com frondentes thyrsos pelejava:
 Por elle edificada estava Nysa
 Nas ribeiras do rio, que manava:
 Tão proprio, que se alli estiver Semele
 Dirá por certo, que é seu filho aquelle.

Mais avante bebendo sécca o rio
 Mui grande multidão da Assyria gente!
 Sujeita a feminino senhorio,
 De uma tão bella, como incontinente.
 Alli tem junto ao lado nunca frio
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia:
 Amor nefando, bruta incontinencia!

Daqui mais apartadas tremolavão
 As bandeiras de Grecia gloriosas.
 Tereceira Monarchia, e subjugavão
 Até as aguas Gangeticas undosas:
 D'um capitão mancebo se guiavão.
 De palmas rodeado valerosas,
 Que já, não de Philippo, mas sem falta.
 De progenie de Jupiter se exalta.

Os portuguezes vendo estas memorias,
 Dizia o Catual ao Capitão:
 Tempo cedo virá, que outras victorias,
 Estas que agora olhais abaterão:
 Aqui se escreverão novas historias
 Por gentes estrangeiras que virão:
 Que os nossos sabios magos o alcançarão,
 Quando o tempo futuro especularão.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
 Que para se evitar força tamanha,
 Não valerá dos homens resistencia,
 Que contra o Ceo não val da gente manha:
 Mas tambem diz, que a bellica excellencia
 Nas armas, e na paz, da gente estranha
 Será tal, que será no mundo ouvido
 O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entravão já na sala,
 Onde aquelle potente Imperador
 N'uma camilha jaz, que não se iguala
 De outra alguma no preço, e no lavor:
 No recostado gesto se assignala
 Um venerando e prospero senhor:
 Um panno de ouro cinge, e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

Bem junto delle um velho reverente,
 Co'os gíolhos no chão, de quando em quando
 Lhe dava a verde folha da herva ardente,
 Que a seu costume estava ruminando.
 Um Brahmene, pessoa preeminente,
 Para o Gama vem com passo brando,

Para que ao grande principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no traje, e geito
Da gente, nunca de antes d'elle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo.
O capitão lhe falla deste modo:

Um grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil com perpetua roda;
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura nodá:
Ouvindo do rumor que lá responde
O écco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber que tudo aquillo,
Que sobre o mar; que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o sol não muda o estylo
Nos dias sôbre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande cópia.

E, se queres com pactos, e lianças
De paz e de amizade sacra, e nua,
Commercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, e tua;

Porque creção as rendas e abastanças
 (Por quem a gente mais trabalha e sua)
 De vossos reinos; será certamente
 De ti proveito, e delle gloria ingente.

E sendo assi que o nó desta amizade.
 Entre vós firmemente permaneça,
 Estará prompto a toda adversidade,
 Que por guerra a teu reino se offereça,
 Com gente armas e náos; de qualidade
 Que por irmão te tenha, e te conheça:
 E da vontade em ti sôbre isto posta
 Me dês a mi certissima resposta.

Tal embaixada dava o capitão,
 A quem o Rei gentio respondia,
 Que em ver embaixadores de nação
 Tão remota grão gloria recebia:
 Mas neste caso a ultima tenção
 Com os de seu conselho tomaria,
 Informando-se certo de quem era
 O Rei, e a gente, e terra que dissera.

E que em tanto podia do trabalho
 Passado ir repousar, e em tempo breve
 Daria a seu despacho um justo talho,
 Com que a seu Rei resposta alegre leve.
 Já nisto punhá a noite o usado atalho
 Às humanas canseras, porque ceve
 De doce sonno os membros trabalhados.
 Os olhos occupando ao ocio dados.

Notai primeiramente na passagem, que acabo de

ler-vos, como o poeta não perde occasião de descrever a religião e costumes da India, cuja historia já ficára relatada nas estancias atrás, e como acha ainda lugar para mencionar a fabulosa conquista de Baccho, a de Semiramis, e a de Alexandre Magno. Para metter tudo isto em quadro tão abreviado, como o que temos diante dos olhos, e demais tão naturalmente trazido, era preciso ser Camões, ou o proprio genio da poesia épica.

Notai depois a belleza das descripções, a fidelidade das pinturas, o colorido de estylo sempre variado, e a animação que reina em todos os quadros do poeta.

Vêde como são bellos e naturaes estes dois versos:

O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio:

como se acha bem descripta nest'outros a multidão que vai crescendo, toma todas as avenidas, e se trepa por todas as partes para vêr:

Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vêm vêr o extranho capitão:
Estão pelos telhados e janellas,
Velhos, e moços, donas, e donzellas:

como é amena e pittoresca a descripção dos paços do Samorim, e dos de sua côrte, escondidos por jardins odoriferos:

Já chegão perto, e não com passos lentos,

Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos:
 Edificação-se os nobres seus assentos,
 Por entre os arvoredos deleitosos:
 Assi vivem os Reis d'aquella gente,
 No campo, e na cidade juntamente.

Notai o artificio, a eloquencia verdadeiramente diplomatica do admiravel discurso, que Vasco da Gama dirige ao Samorim, pois não pôde ser mais apropriado para dar idéa da grandeza do rei D. Manoel, e solicitar a amisade do soberano de Calecut.

Notai finalmente na bella invocação ás musas do fim do canto VII a nobre independencia, com que o poeta protesta não exaltar em seus versos a quem não o merecer, mas só aquelle que de louvor fôr digno, e como censura com bem cabida ironia os grandes do seu tempo, inimigos jurados das lettras, e com especialidade os descendentes de Vasco da Gama:

Véde nimphas, que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem presar com taes favôres
 A quem os faz cantando gloriosos!
 Que exemplos a futuros escriptôres,
 Para espertar engenhos curiosos,
 Para pôrem as cousas na memoria.
 Que merecerem ter eterna gloria !

Que espirito elevado não era Camões! Alguns le-

vão-lhe a mal o ter fallado de si, referindo-se aos trabalhos, perigos, e miserias, por que passou; mas não lhes vejo razão, porque o poeta não trata de engrandecer-se, e sim de dizer a amarga verdade, que em toda parte tem cabimento.

Si é por ter descripto a sua fera ventura como elle chama algures, como querião que dissesse que se achava em leito de rosas, quem se revolia no de espinhos?

Eis as estancias que motivão a censura:

Olhai, que ha tanto tempo, que, cantando
 O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
 A fortuna me traz perigrinando
 Novos trabalhos vendo, e novos damnos:
 Agora o mar, agora exp'rimtando
 Os perigos Mavorcios inhumanos:
 Qual Canace, que á morte se condemna.
 N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Agora com pobreza aborrecida
 Por hospícios alheios degradado:
 Agora da esperança já adquirida,
 De novo mais, que nunca, derribado:
 Agora ás costas escapando a vida,
 Que d'um fio pendia tão delgado,
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

Si as reflexões que terminão este canto, não são, por se referirem á pessoa do poeta e aos costumes

do seu tempo, de um genero tão elevado, como as que terminão o canto primeiro, e cuja referencia é feita á humanidade em geral, teem de certo o incontestavel merito, de pintar-nos com verdadeiras côres os vicios e a ignorancia do seculo em que vivêo o poeta, que se mostra na sua epopéa não só poeta, mas historiador e philosopho de primeira ordem. Sem a reunião de todas essas qualidades eminentes, a que se deve ainda accrescentar a de orador eloquente que era, nunca teria elle conseguido produzir obra tão admiravel. A epopéa de Camões é àinda hoje o melhor resumo de historia portugueza, que possuimos.

LICÇÃO XXVII.

Grande na invenção, grande na distribuição, grande na perfeição de estylo, o cantor dos *Luziadas*, senhores, não é menos admiravel pela eloquencia dos discursos, que põe na bocca dos personagens do seu immortal poema. Tito Livio, um dos historiadores mais eloquentes da antiguidade, não attribue aos personagens de sua historia discursos mais apropriados, e facundos, que os que se leem nos *Luziadas*. Neste particular corre Camões parelhas com Homero, sem todavia ter o vicio da prolixidade, em que o pae da poesia cabe não poucas vezes, e leva vantagem á todos os outros grandes épicos, si exceptuarmos á Milton, que é tambem nisto insigne. Os discursos de Venus no segundo canto, o de D. Nuno Alvares Pereira no quarto, o de Baccho no sexto, o de Vasco da Gama ao Samorim no setimo, e sobretudo o deste capitão ao mesmo soberano no oitavo, de que breve-

mente tratarei, são outros tantos modelos de eloquencia, que attestão o grande estudo que o poeta tinha feito da oratoria, e o seu profundo conhecimento do coração humano. Camões, Homero, e Milton, podem por esta eminente qualidade, em que sobresaem, considerar-se como os Demosthenes, e os Ciceros da poesia épica.

Voltando porem á perfeição de estylo, que é qualidade essencial á toda obra prima da intelligencia, e na qual Camões, como já anteriormente ficou dito, corre parellas com os primeiros poetas épicos da antiguidade e tempos modernos, nota-se ella em todas e cada uma das partes dos seus *Luziadas*, mas com especialidade na descripção do concilio dos deuses, na descida de Venus ao mar e sua ascenção ao Olympo, na morte de D. Ignez de Castro, nas descripções das batalhas, no episodio de Adamastor, na descripção do palacio e côrte de Neptuno, no episodio dos doze de Inglaterra, na descripção dos phenomenos naturaes, e no episodio da ilha dos amores, que tenho agora de apreciar. Em todas essas admiraveis passagens o Homero Portuguez não tem rival em perfeição de estylo, e é só igual a si mesmo, porque todas ellas trazem o cunho do seu prodigioso engenho.

Darei hoje mais expansão a analyse no que se refere ao estylo, afim de tornar bem saliente este grande e singular merito dos *Luziadas*, ou este primor de execução em uma das mais maravilhosas producções do espirito humano.

Os episodios do poema, que já ficão apreciados nos precedentes discursos, são todos admiraveis por sua variedade, belleza, originalidade, e attestão a um tempo a potencia imaginosa e o assombroso engenho de Camões, porque todos são de sua invenção, e em nenhum dos poetas conhecidos toem modelo. Mas para o seu episodio da ilha dos Amores, não menos bello, que os anteriores, e um dos mais admiraveis em perfeição de estylo, encontrou certamente o poeta modelo no dos jardins de Alcina de Ariosto, assim como Tasso nesse episodio de Ariosto, e no da ilha dos Amores de Camões, teve depois modelo para o seu dos jardins de Armida. Comtudo se Camões deparou em Ariosto a idéa geral pará este seu episodio, não é menos certo que levou a palma ao seu modelo na variedade, belleza, e primor de execução dos quadros imaginados, porque pelos recursos de seu poderoso engenho, aformoseou a idéa primordial suggerida, tornando-a completamente sua.

Das bellezas destes dois cantos ides vós mesmos ajuizar pela analyse, que vou continuar do ponto, em que a deixei no fim do setimo canto.

Não perdendo de vista engrandecer a sua nação, o poeta imagina uma engenhosa pintura que, na visita do Catual á não de Paulo da Gama, a este dê motivo de satisfazer a curiosidade do primeiro ministro do Samorim, narrando-lhe algumas façanhas mais notaveis dos heroes portuguezes. Baccho porem procura novos meios de excitar os Mouros de Calecut contra

Vasco da Gama e seus companheiros, que representa como piratas, que vêm com a intenção de roubar. O Catual retém o capitão portuguez prisioneiro, que nesta ardua conjunctura mostra sua grande prudencia e fortaleza, e obtem afinal do Samorim a faculdade de embarcar-se, e voltar á patria. Nesta volta Venus, para recompensar os nautas portuguezes, os faz aportar á uma ilha deliciosa, onde lhes havia preparado festas proprias para os refocillar das fadigas e perigos experimentados em tão longa e trabalhosa viagem.

Passarei a ler-vos as passagens mais notaveis do canto oitavo:

Este que vês olhar com gesto irado
 Para o rompido alumno mal soffrido,
 Dizendo-lhe, que o exército espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido:
 Egas Moniz se chama o forte velho,
 Para leaes vassallos claro espelho.

Vê-o cá vai co'os filhos a entregar-se.
 A corda ao collo, nú de seda e panno.
 Porque não quiz o moço sujeitar-se,
 Como elle promettêra ao Castelhana:
 Fez com siso, e promessas levantar-se
 O cerco, que já estava soberano:
 Os filhos, e mulher obriga á pena;
 Para que o senhor salve, a si condena.

Não fez o consul tanto, que cercado

Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante:
 Este pelo seu povo injuriado,
 A si se entrega só, firme e constante:
 Est'outro a si, e os filhos naturais,
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

.....

Olha aquelle que desce pela lanca
 Com as duas cabeças dos vigias,
 Onde a cilada esconde, com que alcança
 A cidade por manhas, e ousadias:
 Ella por armas toma a semelhança
 Do cavalleiro, que as cabeças frias
 Na mão levava: feito nunca feito!
 Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

.....

Mas aquelles avaros Catuais,
 Que o gentilico povo governavão,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portuguez despacho dilatavão.
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenavão,
 Que levar a seu Rei um signal certo
 Do mundo, que deixava descoberto:

Nisto trabalha só, quem bem sabia.
 Que, depois que levasse esta certeza.
 Armas, e náos, e gente mandaria

Manoel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo e lei submetterá
 Das terras, e do mar a redondeza;
 Que elle não era mais, que um diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei gentio determina,
 Porque com seu despacho se tornasse;
 Que já sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se, quanto desejasse.
 O Rei que da noticia falsa indina
 Não era d'espantar se s'espantasse,
 Que tão credulo era em seus agouros.
 E mais sendo affirmados pelos Mouros:

Este temor lhe esfria o baixo peito:
 Por outra parte a força da cobiça,
 A quem por natureza está sujeito,
 Um desejo immortal lhe accende, e atica:
 Que bem vê que grandissimo proveito
 Fará, se com verdade, e com justiça,
 O contracto fizer por longos annos,
 Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

Sobre isto nos conselhos que tomava,
 Achava mui contrarios pareceres:
 Que naquelles, com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes:
 O grande capitão chamar mandava:
 A quem chegado disse: Se quizeres
 Confessar-me a verdade limpa e nua.
 Perdão alcançarás da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaixada

Que de teu Rei me dêste, que é fingida;
 Porque nem tu tens Rei, nem patria amada:
 Mas vagabundo vas passando a vida:
 Que quem da Hesperia ultima alongada,
 Rei, ou senhor, de insania desmedida,
 Ha de vir commetter com náos e frotas.
 Tão incertas viagens, e remotas?

· E se de grandes reinos poderosos
 O teu Rei tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Signaes de tua incognita verdade?
 Com peças, e dons altos sumptuosos,
 Se lia dos Reis altos a amizade:
 Que signal, nem penhor não são bastante
 As palavras d'um vago navegante.

· Se por ventura vindes desterrados.
 Como já forão homens d'alta sorte,
 Em meu reino sereis agasalhados;
 Que toda a terra é patria para o forte:
 Ou se piratas sois ao mar usados,
 Dizei-m'o sem temor de infamia, ou morte:
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
 Suspeitas das insidias, que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tão mal o Rei cuidava:
 C'uma alta confiança, que convinha,
 Com que seguro credito alcançava,
 Que Venus Acidalia lhe influia,
 Taes palavras do sabio peito abria:

Se os antigos delictos, que a malicia
 Humana commetteo na prisca idade,
 Não causarão, que o vaso da nequicia.
 Açoute tão cruel da Christandade,
 Viera pôr perpetua inimicia
 Na geração de Adão co'a falsidade
 (Ó poderoso Rei) dá torpe seita;
 Não concebêras tu tão má suspeita.

Mas, porque nenhum grande bem se alcança.
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor vive sempre de seu peito:
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade, sem respeito
 Das razões em contrario, que acharias,
 Se não cresses a quem não crer devias.

Porque, se eu de rapinas só vivesse,
 Undivago, ou da patria desterrado,
 Como crês que tão longe me viesse
 Buscar assento incognito e apartado?
 Porque esperanças, ou porque interesse.
 Viria experimentando o mar irado,
 Os Antarticos frios, e os ardores
 Que soffrem do Carneiro os moradores?

Se com grandes presentes d'alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais, que a achar o estranho clima.
 Onde a natura poz teu reino antigo:
 Mas, se a fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne á minha patria, e reino amigo,

Entã verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certilico.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece, que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza.
Que creá delle tanta fortaleza.

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzerão
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzerão: -
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderão
De saber, que fim tinhão, e onde estavão
As derradeiras praias, que lavavão.

Conceito digno foi do rauro claro
Do venturoso Rei, que arrou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este, por sua industria, e engenho raro.
N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir poude a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobrirão
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns, succedendo aos outros, proseguirão.

De Africa os moradores derradeiros
 Austraes, que nunca as sete flammas virão,
 Forão vistos de nós, atrás deixando
 Quantos estão os Tropicos queimando.

Assi com firme peito, e com tamanho
 Proposito vencemos a Fortuna,
 Até que nós no teu terreno estranho
 Viemos pôr a ultima coluna:
 Rompendo a força do liquido estanho,
 Da tempestade horrifica, e importuna,
 A ti chegamos, de quem só queremos
 Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

Esta é a verdade, Rei; que não faria
 Pôr tão incerto bem, tão fraco premio,
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
 Tão longo, tão fingido, e vão proemio:
 Mas antes descansar me deixaria
 No nunca descansado e fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico,
 Dos trabalhos alheios feito rico.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
 Tens por qual é, sincera e não dobrada,
 Ajunta-me ao despacho brevidade,
 Não me impidas o gosto da tornada:
 E, se inda te parece falsidade,
 Cuida bem na razão, que está provada.
 Que com claro juizo pode ver-se,
 Que facil é a verdade de entender-se.

Attento estava o Rei na segurança,
 Com que provava o Gama o que dizia:

Concebe delle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia:
 Pondera das palavras a abastança.
 Julga na autoridade grão valia;
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos, mal julgados.

.....

Notai no que acabo de ler-vos, primeiramente, a arte com que o poeta imitando á Virgilio, reproduz por meio de uma pintura, as proezas especiaes de alguns heroes portuguezes, as quaes não podião ter cabimento na succinta narração da historia de Portugal, feita por bocca de Vasco da Gama ao rei de M̃elinde. Destas só vos apresentei o rasgo de patriotismo e dedicação de Egas Moniz, offerecendo-se á morte com mulher e filhos em desempenho de sua palavra dada ao rei de Castella, e o de extremado valor de Giraldo Sem-pavor na tomada de Evora aos Mouros, por ser isso bastante ao meu proposito de tornar bem saliente a habilidade do poeta neste ponto.

Admirai depois o magistral artificio e a persuasiva eloquência do discurso de Vasco da Gama ao Samorim, para desterrar do espirito deste principe as suspeitas que lhe havião incutido os Mouros de Calecut, dizendo que o capitão Portuguez e seus companheiros erão piratas sem patria, que vivião de roubos, infestando os mares. O mesmo Cicero em caso identico não faria um discurso mais apropriado, que este de Camões, que era

insigne na arte de tecel-os, e ordenal-os. Em tudo este discurso é obra de mestre, e nada tem que invejar aos mais eloquentes no seu genero.

Passarei agora a ler-vos as passagens mais notaveis do canto nono:

Já sòbre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos forão dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

Via Acteon na caça tão austero,
De-cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir um feio animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana:
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana:
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina:
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si somente, e a quem Philaucia ensina:
Vê, que esses que frequentão os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

Vê, que aquelles que devem á pobreza
 Amor divino, e ao povo charidade.
 Amão somente mandôs, e riqueza,
 Simulando justiça, e integridade.
 Da feia tirannia, e de aspereza,
 Fazem direito, e vã severidade:
 Leis em favor do Rei se estabelecem,
 As em favor do povo só-perecem.

Vê enfim, que ninguem ama o que deve.
 Senão o que somente mal deseja:
 Não quer, que tanto tempo se releve
 O castigo, que duro, e justo seja.
 Seus ministros ajunta, porque leve
 Exercitos conformes á peleja,
 Que espera ter co'a mal regida gente.
 Que lhe não-fôr agora obediente.

Muitos destes meninos voadores
 Estão em varias obras trabalhando,
 Uns amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de settas delgaçando;
 Trabalhando, cantando estão de amores,
 Varios casos em versos modulando,
 Melodia sonora, e concertada
 Suave a lettra, angelica a soada.

Nas fragoas immortaes, onde forjavão
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha corações ardendo estavão,
 Vivas entranhas inda palpitantes:
 As aguas, onde os ferros temperavão.
 Lagrimas são de miseros amantes;

A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima, e não consume.

Alguns exercitando a mão andavão.
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavão,
Dos que feridos vão da setta aguda;
Formosas nymphas são as que curavão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas põem em vida os inda não nascidos.

Formosas são algumas, e outras feias,
Segundo a qualidade fôr das chagas:
Que o veneno espalhado pelas veias
Curão-n'ó ás vezes asperas triagas.
Alguns ficão ligados em cadeias,
Por palavras subtís de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertão de levar hervas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando:
Qual o das môças, Bibli, e Cinyrea;
Um mancebo de Assyria, um de Judea.

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vòdes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomão nas Vulcaneas redes.

Uns esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis telhados e paredes:
 Mas eu creio, que deste amor indino
 É mais culpa a da mãe, que a do menino.

Mas já no verde prado o carro leve
 Punhão os brancos cisnes mansamente:
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, descia diligente.
 O frecheiro, que contra o ceo se atreve.
 A recebê-la vem, ledô e contente;
 Vem todos os cupidos servidores
 Beijar a mão á deosa dos amores.

Ella, porque não gaste o tempo em vão.
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada;
 Filho, em quem minhas forças sempre estão.
 Tu que as armas Typheas tens em nada.
 A soccorrer-me á tua potestade
 Me traz especial necessidade.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
 Que eu já de muito longe favoreço.
 Porque das Parcas sei minhas amigas.
 Que me hão de venerar, e ter em preço.
 E porque tanto imitão as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso.
 A quanto se estender o poder nosso.

E porque das insidias do odioso

Baccho forão na India molestados,
 E das injurias sós do mar undoso,
 Pudérão mais ser mortos, que cansados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero, que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, e doce gloria,
 Do trabalho, que faz clara a memoria.

E para isso queria, que feridas
 As filhas de Neréo no ponto fundo,
 D'amor dos Lusitanos incendidas,
 Que vem de descobrir o novo mundo:
 Todas n'uma ilha juntas, e subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada,
 De dons de Flora, e Zephyro adornada:

Alli com mil refrescos e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e rosas,
 Em crystallinos paços singulares,
 Formosos leitos, e ellas mais formosas,
 Em fim com mil deleites não vulgares
 Os esperem as nymphas amorosas,
 D'amor feridas, para lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobicarem.

Quero, que haja no reino Neptunino,
 Onde eu nasci, progenie forte e bella,
 E tome exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se rebella;
 Porque entendão, que muro adamantino,
 Nem triste hypoerisia val contra ella:
 Mal haverá na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas aguas arde.

Assi Venus propòz, e o filho inico
 Para lhe obedecer já se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
 Onde as settas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto ledô a Cypria, e impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe;
 A redea larga às aves, cujo canto
 A Phacontea morte chorou tanto.

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Uma famosa e célebre terceira,
 Que posto que mil vezes lhe é contraria,
 Outras muitas a tem por companheira:
 A deosa Gigantéa, temeraria,
 Jactane, mentirosa, e verdadeira,
 Que com cem olhos vê, e por onde vôa
 O que vê com mil boccas apregôa.

Vão-a buscar, e mandão adiante,
 Que celebrando vá com tuba clara,
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrára:
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhára:
 Falla verdade, havida por verdade,
 Que junto a deosa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente
 No coração dos deoses, que indignados
 Fôrão por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando, os fez um pouco affeiçoados.
 O peito feminino, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,

Já julga por mão zelo e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede nisto o fero moço as settas
 Uma após outra; geme o mar co'os tiros:
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algumas vão, e algumas fazem giros:
 Cahem as nymphas, lanção das secretas
 Entranhas ardentissimos suspiros;
 Cabe qualquer, sem ver o vulto, que ama:
 Que tanto, como a vista, póde a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea lã,
 Com força o moço indomito excessiva,
 Que Tethys quer ferir mais que nenhã,
 Porque mais que nenhã lhe era esquivã.
 Já não fica na aljava setta algã,
 Nem nos equoreos campos nympha viva;
 E, se feridas inda estão vivendo,
 Será para sentir, que vão morrendo.

Dai logar, altas e ceruleas ondas,
 Que vêdes, Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas velas, e redondas,
 Que vem por cima da agua Neptunina:
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente Amor, à flamma feminina,
 É forçado, que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

Já todo o bello côro se aparelha
 Das Nereidas; e junto caminhava
 Em choréas gentis, usança velha.

Para a ilha, a que Venus as guiava:
 Alli a formosa deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava;
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as náos a larga via
 Do mar ingente, para a patria amada,
 Desejando prover-se de agua fria,
 Para a grande viagem prolongada:
 Quando juntas, com subita alegria,
 Houverão vista da ilha namorada;
 Rompendo pelo céo a mãe formosa
 Do Memnonio, suave e delectosa.

De longe a ilha virão fresca e bella.
 Que Venus pelas ondas lh'a levava,
 (Bem como o vento leva branca vela)
 Para onde a forte armada se enxergava:
 Que, porque não passassem, sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Para onde ás náos navegão a movia
 A Acidalia, que tudo emfim podia.

Mas firme a fez e immobil, como vio,
 Que era dos nautas vista, e demandada:
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Latona, Phebo, e a deosa á caça usada.
 Para lá logo a prôa o mar abriu,
 Onde a costa fazia uma enseada
 Curva e quieta, cuja branca area
 Pintou de ruivas conchas Cytherea.

Tres formosos oiteiros se mostravão

Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornavão,
 Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
 Claras fontes e limpidas manavão
 Do cume, que a verdura tem viçosa;
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora lympha fugitiva.

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
 Vinhão as claras aguas ajuntar-se,
 Onde uma mesa fazem, que se estende
 Tão bella, quanto pôde imaginar-se:
 Arvoredo gentil sôbre ella pende,
 Como que prompto está para afeitar-se,
 Vendo-se no crystal resplandecente,
 Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceo subindo,
 Com pomos odoriferos e bellos:
 A lorangeira tem no fructo lindo
 A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
 Encosta-se no chão, que está cahindo
 A cidreira co'os pezos amarellos;
 Os formosos limões alli cheirando
 Estão virgineas tetas initando.

As arvores agrestes, que os outeiros
 Tem com frondente côma ennobrecidos,
 Aemos são de Alcides, e os loureiros
 Do louro deos amados, e queridos:
 Myrtos de Cytheréa, co'os pinheiros
 De Cybele, por outro amor vencidos;
 Está apontando o agudo cypariso
 Para onde é posto o ethereo paraíso.

Os dons que dá Pomôna, alli natura
 Produze diferentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito melhores:
 As cerejas purpureas na pintura;
 As amoras, que o nome tem de amores;
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
 Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
 Vide, c'uns cachos roxos, e outros verdes:
 E vós se na vossa arvore fecunda,
 Peras pyramidaes, viver quizerdes,
 Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella e fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Alli a cabeça a flôr Chephisia inclina
 Sobolo tanque lucido e sereno;
 Florece o filho e neto de Cinyras,
 Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

Para julgar difficil cousa fôra,
 No céu vendo, e na terra as mesmas côres,
 Se dava ás flores côr a bella Aurora,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores.
 Pintando estava alli Zephyro, e Flôra,
 As violas, da côr dos amadores;

O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-se as letras nas flôres Hyacinthinas.
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando vôão.
Alegres animaes o chão povôão.

Ao longo da agua o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Actéon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

Nesta frescura tal desembarcavão
Já das náos os segundos Argonautas.
Onde pela floresta se deixavão
Andar as bellas deosas, como incautas;
Algumas, doces citharas tocavão,
Algumas arpas, e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingião
Seguir os animaes, que não seguião.

Assi lho aconselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas:
Que, vista dos Barões a presa incerta.
Se fizessem primeiro desejadas.

Algumas, que na fôrma descoberta
Do bello corpo estavão confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixão na agua pura.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punhão os pés de terra cubiçosos;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuidão, que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos,
Tão suave, domestica, e benina,
Qual ferida lh'a tinha já Erycina.

Alguns, que em espingardas, e nas béstas,
Para ferir os cervos se fiavão,
Pelos sombrios matos, e florestas,
Determinadamente se lançavão:
Outros nas sombras, que das altas séstas
Defendem a verdura, passeavão
Ao longo da agua, que suave, e queda .
Por alvas pedras corre á praia leda.

Começão de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres:
Côres, de quem a vista julga, e sente,
Que não erão das rosas, ou das flôres:
Mas da lã fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amôres,
De que se vestem as humanas rosas.
Fazendo-se por arte mais formosas.

Dá Velloso espantado um grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, é esta:

Se inda dura o Gentio antigo rito.
 Á deosas é sagrada esta floresta:
 Mais descobrimos, do que humano esp'rito
 Desejou nunca; e bem se manifesta,
 Que são grandes as cousas, e excellentes,
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

Sigamos estas deosas, e vejamos
 Se phantasticas são, se verdadeiras.
 Isto dito, veloces mais, que gamos,
 Se lanção a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos:
 Mas mais industriosas, que ligeiras,
 Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
 Se deixão ir dos galgos alcançando.

De uma os cabellos de ouro o vento leva,
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Uma de industria cabe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas.
 Que sobre ella empecendo tambem cáia,
 Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar
 Com as deosas despidas, que se lavão:
 Ellas começão subito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavão.
 Umás, fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força, se lançavão
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que ás mãos cubiçosas vão negando.

Outra, como acudindo mais depressa
 À vergonha da deosa caçadora,
 Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fóra.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi, e calçado, (que co'a mora
 De se despir, ha medo, que inda tarde)
 A matar na agua o fogo, que nelle arde.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
 Usado a tomar na agua a ave ferida,
 Vendo ao rosto o ferreo cano erguido.
 Para a garcenha, ou pata conhecida;
 Antes que sõe o estouro, mal soffrido
 Salta n'agua, e da presa não duvida,
 Nadando vai, e latindo; assi o mancebo
 Remette á que não era irmã de Phebo.

.....

Este episodio, um dos mais bellos dos *Luziadas*, pela multiplicidade de incidentes e variedade de quadros que contem, equivale elle só, como o de *Adamastor*, a um bem acabado poema. Começão as bellezas pelas disposições, que faz Venus para dispôr as nymphas do Oceano em favor dos nautas portuguezes, mandando-as ferir pelos Amôres, e fazendo apregoar pela fama os feitos heroicos dos seus protegidos. A ilha namorada descripta pelo poeta com todos os predicados, que a podem tornar deliciosa, é um verdadeiro paraizo. Pretendem alguns, que o poeta devia descrever nella as plantas da Asia para dar-lhe a côr local;

mas eu entendo que elle o que teve em vista, foi pôr diante dos olhos dos nautas tudo quanto lhes pudesse avivar a idéa da patria, por que suspiravão. O encontro destes com as nymphas, que se fingem surprehendas, é bellissimo; os quadros são todos cheios de movimento e vida; a poesia de estylo é admiravel, ou antes de perfeição inimitavel. O poeta imita em alguns logares á Virgilio, assim como este imitou á Homero; mas as imitações são sempre feitas com pincel de méstre.

Impossivel é enumerar todas as bellezas, que se achão disseminadas por este admiravel episodio, porque são muitas e de diverso genero; mas procurarei chamar a vossa attenção para algumas das mais salientes, e principalmente para as que se referem ao estylo, afim de dar-vos de sua perfeição uma idea ajustada.

Notai primeiramente a delicadeza e a animação desta tão apropriada, e, para assim dizer, fallante pintura:

Muitos destes meninos voadôres
Estão em varias obras trabalhando,
Uns amolando ferros passadôres,
Outros hasteas de settas delgaçando,
Trabalhando, cantando estão de amôres.
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora e concertada.
Suave a lettra, agelica a soada.

Vêde como é amena e graciosa est'outra descripção.

que encerra a mais bella poesia de estylo no final das estancias:

.....
 Para lá logo a prôa o mar abrio,
 Onde a costa fazia uma enseada
 Curva e quieta, cuja branca arêa
 Pintou de ruivas conchas Cilherêa.

Tres formosos outeiros se mostravão
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornavão,
 Na formosa ilha alegre e deleitosa:
 Claras fontes e limpidas manavão
 Do eume, que a verdura tem viçosa,
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora lymphá fugitiva.

● Vêde ainda quanta poesia de estylo brilha nestes dois unicos bellissimos versos:

E os formosos limões alli cheirando.
 Estão virgineas tetas imitando.

Admirai agora o delicioso, o pittoresco, o animado deste riquissimo e soberbo quadro:

Ao longo da agua o niveo Gysne canta,
 Responde-lhe do ramo Philomela;
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Actéon n'agua crystallina e bella:
 Aqui a fugace lebre se levanta

Da espessa mata, ou tímida gazella,
 Alli no bico traz ao charo ninho
 O mantimento o leve passarinho.

Admirai ainda a poesia de estylo destes quatro bellissimos versos:

Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
 As violas da cõr dos amadores;
 O lirio roxo, a fresca rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella.

Admirai finalmente o bello, o voluptuoso, o natural, o imitativo deste outro admiravel e primoroso quadro, com quanto um pouco lascivo seja:

De uma os cabellos de ouro o vento leva,
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subltio mostradas:
 Uma de industria cahe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas.
 Que sobre ella empecendo tambem caía,
 Quem a seguio pela arenosa praia.

Vêde que riquissima poesia de estylo, que falla aos olhos, aos ouvidos, ou antes a todos os sentidos mentalmente, exprimindo a fórma, as côres, os sons, as emanações, o movimento e a vida. Como todos os epithetos formão nella imagens bellissimas para dar realce á pintura! Como as pausas dos versos combi-

nadas com os sons ajustão-se perfeitamente para imitar tudo quanto o poeta quer reproduzir nos seus admiráveis quadros! Para pintar tão divinamente é preciso ser Camões ou Virgilio, porque só elles entre todos os grandes épicos possuem pinceis tão delicados, e tintas tão vivas e finas. São elles, quanto a nós, os dois principaes modelos de estylo em poesia. Assim o grande engenho de Camões, assombroso na criação, é tambem um dos mais perfeitos no colorido e na animação de tudo quanto cria.

Tendo-vos dado uma idéa imperfeita de tantas bellezas, farei aqui ponto, para concluir em outro discurso a analyse deste immortal poema.

LICÇÃO XXVIII.

De todos os grandes épicos, Senhores, Camões é não só um dos mais engenhosos na criação e distribuição, um dos mais admiráveis na execução, e um dos mais eloquentes nos discursos, que põe na bocca dos personagens do seu poema, como também o que melhor compendiou a historia do seu paiz com os indispensaveis accessorios; pois os *Luziadas* outra cousa não são, senão um magnifico monumento levantado á gloria portugueza, que grandemente se estendêo pelo mundo, e precedêo em brilho a de quasi todas as modernas nações européas.

Tendo-vos dado uma idéa das outras qualidades eminentes do poeta, passarei hoje a apreciar-o como historiador, merito em que não tem rival na poesia épica, a não ser Virgilio, a quem tomou por modelo, e excedêo neste ponto.

Nos cantos terceiro e quarto relata o poeta por

bocca de Vasco da Gama os factos mais notaveis da historia portugueza até a época da expedição deste, precedidos de uma succinta e bella descripção da Europa; no oitavo, servindo-se do engenhoso meio de uma pintura, menciona por bocca de Paulo da Gama as proezas especiaes dos heroes portuguezes, que não podião ter cabimento no resumo historico anteriormente feito; no decimo, finalmente, que tenho de apreciar agora, refere por bocca de Thetis, personagem allegorica, as futuras acções memoraveis dos portuguezes na India, seguidas de uma soberba descripção do vasto imperio portuguez na Africa, Asia e America. Assim resumio Camões admiravelmente toda a historia da monarchia portugueza, desde a época da sua fundação até o começo do reinado d'el-rei D. Sebastião, a quem dedicou o seu immortal poema.

O resumo historico feito nos *Luziadas* tem não só o merito de ser o quadro das bellezas da historia de Portugal o mais completo, que se podia desejar, mas ainda o de ser escripto com uma imparcialidade e philosophia, que attestão a um tempo a elevação de espirito e a consummada instrucção do poeta, que foi um dos homens mais sabios do seu tempo. Justa apreciação dos factos, louvor aos heroicos feitos, vituperio ás acções más dos reis e dos grandes, moralidade historica para licção dos contemporaneos e vindouros, tudo é feito e deduzido com uma elevação de vistas, sabedoria e isenção, que só póde dar o ge-

nio, quando, como Camões, se liberta dos respeitos humanos, que o peião em seus vôos.

Pela analyse que vou continuar do ponto, em que a deixei no fim do canto nono, ajuizareis vós mesmos dô que digo.

Thetis que com as nymphas do Oceano recebe os nautas portuguezes na Ilha dos Amores, faz vêr á Vasco da Gama a extensão do futuro imperio portuguez na Asia, assim como os governadores, e grandes homens, que immortalisarão o seu nome n'aquella parte de mundo. Termina depois o poeta por uma nova allocução a el-rei D. Sebastião, que é como o epilogo do poema.

Passarei agora a lêr-vos as passagens mais notaveis deste decimo e ultimo canto:

E canta, como lá se embarcaria
 Em Belem o remedio deste dano,
 Sem saber o que em si ao mar traria.
 O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
 O peso sentirão, quando entraria
 O curvo lenho, e o fervido Oceano,
 Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
 Contra sua natureza se metterem.

Mas já chegado aos lins Orientaes,
 E deixado em ajuda do gentio
 Rei de Cochim com poucos naturaes
 Nos braços do salgado e curvo rio.
 Desbaratará os Naires infernaes
 No passo Cambalão, tornando frio

De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará, que todo o Naire emfim se mova,
Que entre Calcut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem razas,
Fará, que os seus, de vida pouco escassos,
Commettão o Pacheco, que tem azas,
Por dous passos n'um tempo: mas voando
D'um n'outro, tudo irá desbaratando.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime:
Mas um tiro, que com zunido vòa,
De sangue o tingirá no andor sublime.

Já não verá remedio, ou manha bôa,
 Nem força, que o Pacheco muito estime:
 Inventará traições, e vãos venenos;
 Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

Que tornará a vez septima, cantava,
 Pelejar com o invicto e forte Luso,
 A quem nenhum trabalho péza, e agrava;
 Mas comtudo este só o fará confuso:
 Trará para a batalha horrenda e brava,
 Machinas de madeiro fóra de uso,
 Para lhe abalroar as caravellas,
 Que atelli vão lhe fóra commettel-as.

Pela agua levará serras de fogo
 Para abraçar-lhe quanta armada tenha:
 Mas a militar arte, e engenho, logo
 Fará ser vã a braveza, com que venha.
 Nenhum claro Barão no Marcio jogo,
 Que nas azas da fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma:
 E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

Porque tantas batalhas, sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, e artes inventadas,
 Tantos cães não imbelles profligados,
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes córos invocados
 Descerão a ajudal-o, e lhe darão
 Esforço, força, ardil, e coração.

Aquelle que nos campos Marathonios
 O grão poder de Dário estrue, e rende,

Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Thermopylas defende;
 Nem o mancebo Cocles dos Ansonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como este na guerra forte e sabio.

Mas neste passo a nympha o som canoro
 Abaixando, fez rouco, e entristecido,
 Cantando em baixa voz, envolta em choro,
 O grande esforço mal agradecido.
 Ó Belizario, disse, que no coro
 Das Musas serás sempre engrandecido;
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te !

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
 Como no galardão injusto e duro;
 Em ti, e nelle veremos altos peitos,
 Abaixo estado vir, humilde, e escuro:
 Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
 Os que ao Rei, e á lei servem de muro!
 Isto fazem os Reis, cuja vontade
 Manda mais, que a justiça, e que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
 N'uma apparencia branda, que os contenta,
 Dão os premios, de Aiace merecidos,
 Á lingua vã de Ulysses fraudulenta.
 Mas vingó-me, que os bens mal repartidos
 Por quem só doces sombras apresenta.
 Se não os dão a sabios cavalleiros,
 Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
 Um tal vassallo, ó Rei, só nisto inico,
 Se não és para dar-lhe honroso estado,
 É elle para dar-te um reino rico.
 Em quanto fôr o mundo rodeado
 Dos Apollineos raios, eu te fico,
 Que elle seja entre a gente illustre e claro,
 E tu nisto culpado por aváro.

.....

Mas oh ! que luz tamanha que abrir sinto,
 Dizia a nympha, e a voz alevantava,
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
 Pelo Cunha tambem, que nunca extincto
 Será seu nome em todo o mar, que lava
 As ilhas do Austro, e prais, que se chamão
 De São Lourenço, e em todo o Sul se affamão!

Esta luz é do fogo, e das luzentes,
 Armas, com que o Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
 Que refusão o jugo honroso, e brando.
 Alli verão as settas estridentes
 Reciprocár-se, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estende a fé da madre Igreja.

Alli de sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que, mortos pela praia, e mar se estendem
 De Gerum, de Mascate, e Calayate:
 Até que á força só de braço aprendem

A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reino inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe corôa,
 Quando sem sombra vã de medo, ou pejo,
 Toma a ilha illustrissima de Gôa!
 Depois, obedecendo ao duro ensejo
 A deixa, e occasião espera bôa,
 Com que a torna a tomar; que esforço, e arte.
 Vencerãõ a fortuna, e o proprio Marte.

Eis ja sôbre ella torna, e vai rompendo
 Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
 Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
 Esquadrão de Gentios, e de Mouros.
 Irão soldados inclytos fazendo •
 Mais, que leões famelicos, e touros,
 Na luz, que sempre celebrada, e dina
 Será da Egyptia Sancta Catharina.

Nem tu menos fugir poderás deste,
 Posto que rica, e posto que assentada
 Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada!
 As settas venenosas, que fizeste,
 Os crises, com que já te vejo armada,
 Malaios namorados, Jáos valentes,
 Todos farás ao Luso obedientes.

Mais estanças cantara esta Sirena
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,

Mas alembrou-lhe uma ira, que o condena,
 Posto que a fama sua o mundo cerque.
 O grande capitão, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser um brando companheiro
 Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

Mas em tempo, que fomes, e asperezas,
 Doenças, frechas, e trovões ardentes,
 A sazão, e o logar fazem cruezas
 Nos soldados a tudo obedientes,
 Parece de selvaticás brutezas,
 De peitos inhumanos, e insolentes,
 Dar extremo supplicio pela culpa
 Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

Não será a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgem pura,
 Nem menos adulterio deshonesto.
 Mas, c'uma escrava vil, lasciva, e escura:
 Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
 Ou de usado á crueza fera e dura,
 Co'os seus uma ira insana não refreia,
 Põe na fama alva, nota negra e feia.

.....

Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
 Portuguez terá sempre levantado,
 Conforme successor ao sucedido,
 Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

Persas feroces, Abassis, e Rumes
 Que trazido de Roma o nome tem,

Varios de gestos, varios de costumes,
 Que mil nações ao cerco feras vem,
 Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
 Porque uns poucos a terra lhe detem,
 Em sangue Portuguez jurão desceridos
 De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos, e leões,
 Trabucos féros, minas encobertas,
 Sustenta Mascarenhas co'os barões,
 Que tão ledos as mortes tem por certas:
 Até que nas maiores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filbos, quer, que fiquem
 Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

Fernando um delles, ramo de alta planta,
 Onde o violento fogo com ruido
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Será alli arrebatado, e ao Céu subido.
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.

Eis vem depois o pai, que as ondas corta
 Co'o restante da gente Lusitana;
 E com força, e saber que mais importa,
 Batalha dá felice, e soberana:
 Uns, paredes subindo, escusão porta,
 Outros a abrem na féra esquadra insana:
 Feitos farão tão dignos de memoria,
 Que não caibão em verso, ou larga historia.

Este depois em campo se apresenta,
 Vencedor forte e intrepido, ao possante
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
 Da féra multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalcão do braço triumphante,
 Que castigando vai Dabul na costa:
 Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

Nas tres primeiras passagens que acabo de lér-vos, notai como cantando as façanhas do Achilles Luzitano Duarte Pacheco, o poeta estigmatiza nobremente o procedimento do rei, que tão mal as galardoou, deixando o heroe portuguez morrer á mingua n'um hospital; como celebrando as do grande Affonso de Albuquerque, vitupera o heroe por ter cedido á um impulso de ira, que o fez mandar matar um soldado por uma fragilidade que merecia ser perdoada; como sublimando as de D. João de Castro, modelo de virtudes guerreiras e civicas, dá ao heroe um louvor puro e extreme de toda e qualquer censura. Ahi tendes nesses tres bellos quadros historicos, para me não referir aos anteriores do mesmo genero, a maneira nobre e grandiosa, porque elle escreve a historia, distribuindo louvor e vituperio a quem o merece sem escurecer em cousa alguma a verdade, vá ella ferir a quem quer que seja rei, nobre, e plebéo.

Assim, é o cantor dos Luziadas um verdadeiro exemplo do historiador imparcial e illustrado, que escreve para licção dos povos e dos reis.

Na primeira dessas tres passagens, cheias de bellezas de estylo só ha a censurar como improprio, por baixo, o termo cão applicado ao Samorim. Vêde como é bella pelo arrojado da figura a estancia da segunda passagem que começa:

Esta luz é do fogo, e das luzentes
 Armas com que o Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Parseos por seu mal valentes,
 Que refusão o jugo honroso e brando:

.....

Olha cá pelos mares do Oriente
 As infinitas ilhas espalhadas:
 Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
 Come, que lança as flammis ondeadas:
 As arvores verás do cravo ardente,
 Co'o sangue Portuguez inda compradas;
 Aqui ha as aureas aves, que não decem
 Nunca á terra, e só mortas apparecem.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltão
 Da varia côr, que pinta o roxo fruto:
 As aves variadas, que alli saltão,
 Da verde noz tomando seu tributo:
 Olha tambem Bornéo, onde não faltão
 Lagrimas no licor coalhado, e enxuto
 Das arvores, que câmphora é chamado:
 Com que da ilha o nome é celebrado.

Alli tambem Timôr, que o lenho manda
 Sândalo salutifero, e cheiroso:

Olha a Sunda tão larga, que uma banda
 Esconde para o Sul difficuloso:
 A gente do Sertão, que as terras anda,
 Um rio, diz, que tem miraculoso,
 Que, por onde elle só sem outro vae,
 Converte em pedra o pão, que nelle cahe.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
 Que tambem flammæ trémulas vapora,
 A fonte que oleo mana, e a maravilha
 Do cheiroso licôr, que o tronco chora;
 Cheiroso mais, que quanto estilla a filha
 De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
 E vê que, tendo quanto as outras tem,
 Branda seda, e fino ouro dá tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
 Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;
 Os naturaes o tem por cousa santa,
 Pela pedra, onde está a pegada humana.
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
 No profundo das aguas soberana,
 Cujo pômo contra o veneno urgente
 É tido por antidoto excellente.

Verás defronte estar do Roxo Estreito
 Socotorá, co'o amaro Aloe fomosa;
 Outras ilhas no mar tambem sujeito
 A vós na costa de Africa arenosa,
 Onde sahe do cheiro mais perfeito
 A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
 De São Lourenço vê a ilha affamada,
 Que Madagascar é d'alguns chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
 Que vós outros agora ao mundo dais,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente.
 Que com tão forte peito navegais.
 Mas é também razão, que no Ponente
 D'um Lusitano um feito inda vejais,
 Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Védes a grande terra, que continua
 Vai de Callisto ao seu contrario pólo,
 Que soberba a fará luzente mina
 Do metal, que a côr tem do louro Apollo:
 Castella, vossa amiga, será dina
 De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
 Varias provincias tem de varias gentes.
 Em ritos, e costumes diferentes.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
 Parte também co'o pão vermelho nota:
 De Santa-Cruz o nome lhe poreis,
 Descobril-a-ha a primeira vossa frota:
 Ao longo desta costa, que tereis,
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portuguez, porém não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico pólo vai da Linha,
 D'uma estatura quasi gigantea
 Homens verá, da terra alli visinha.
 E mais avante o Estreito, que se arrea
 Co'o nome delle agora, o qual caminha

Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

Notai na quarta passagem que vos li, ou na bella descripção das ilhas pertencentes ao imperio portuguez na Asia, a habilidade com que o poeta classifica cada uma dessas possessões pelos seus productos naturaes, e com especialidade plantas, bastando-lhe um só destes vegetaes para caracterisal-as. Os que pretendem que o poeta devia descrever na Ilha dos Amôres as plantas da Asia, ahi as tem descriptas, não em uma concepção phantastica, mas em seus logares e climas proprios, como convem. Nestas admiraveis descripções das verdadeiras terras do Oriente é que o poeta se esméra em dar a cada uma a sua côr local, e não nas de pura ficção, onde tinha liberdade de pintar o que mais conviesse para recreiar os heroes do seu poema. Notai ainda o artificio com que é trazido para gloria dos portuguezes o grande descobrimento feito per Fernão de Magalhães, do qual diz o poeta:

O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

Apresentei-vos só esta ultima parte da descripção, supposto seja toda ella de mão de mestre, por me parecer a mais pittoresca, e comprehender tambem a Terra de S. Cruz, ou Brazil, que já começava a povoar-se no tempo do poeta.

Para dar-vos uma amostra das bellezas de estylo desta passagem, basta citar a primeira estancia della:

Olha cá pelos mares do Oriente
 As infinitas ilhas espalhadas:
 Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
 Cume, que lança as flammas ondeadâs:
 As arvores verâs do cravo ardente,
 Co'o sangue portuguez inda compradas;
 Aqui ha as aureas aves, que não descem
 Nunca á terra, e só mortas apparecem.

Notai na allocução final que o poeta dirige á el-rei D. Sebastião, e serve como de epílogo ao poema, ou de remate ao grandioso monumento levantado á gloria portugueza, os prudentes e sãos conselhos, que dá ao joven principe, para bem dirigir-se no governo do estado:

Olhai que sois (e vede as outras gentes)
 Senhor só de vassallos excellentes:

.....

Favorecei-os logo, e alegrai-os
 Com a presença, e leda humanidade;
 De rigorosas leis desalivai-os,
 Que assi se abre o caminho á santidade:
 Os mais exp'rimentados levantai-os,
 Si com a experiencia tem bondade,
 Para vosso conselho, pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

Fallando de si, diz o poeta com nobre e desculpa-
vel orgulho, depois de acabada uma tão grande e admi-
ravel empreza:

Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se achão raramente:

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser presada.

Si alguém soube dizer a verdade aos reis, foi Ca-
mões que sempre lhes fallou no tom o mais elevado,
como o attestão esta e outras passagens do seu im-
mortal poema.

Tendo concluido o trabalho da analyse dos Luzia-
das, não sei o que mais deva admirar, si o poema,
que é uma das mais primorosas e soberbas produc-
ções do genio, si o poeta que é um dos espiritos mais
elevados e fecundos de todos quantos se teem jamais
exprimido em verso! Tanto um como outro tem in-
contestavel direito á nossa admiração, e hão de exis-
tir na memoria dos homêns emquanto houver mun-
do, porque fallão ao mesmo tempo á todas as intel-
ligencias, e á todos os corações, tocando as ultimas
raias do sublime e do pathetico. Camões poude dizer
com Horacio ao terminar o seu poema: *Exegi monu-*

mentum aere perennius. E com effeito nenhum outro monumento ha que prometta mais duração!

Os defeitos de obra tão grandiosa nascem ordinariamente do mesmo maravilhoso, que tantas bellezas ministrou ao poeta, porque ás vezes dá-se a impropriedade de ser uma falsa divindade posta em presença da verdadeira, como quando Baccho no canto segundo, para illudir os Portuguezes, fabrica em Mombaça um altar em que adora o verdadeiro Deus,

..... E por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

Desde a época da renascença, e ainda quando Camões escrevia o seu poema e posteriormente, em consequencia do estudo aprofundado e quasi exclusivo que se fazia das linguas e litteraturas grega e latina, os deuses de Grecia e Roma tinham grande voga na poesia em toda a Europa, e com especialidade na Peninsula Hispanica, na qual, si exceptuarmos os romances populares, não havia composição alguma poetica, em que não figurassem. Era então moda, ou antes mania, não compôr versos, sem que fossem enriquecidos com os deuses da *Iliada* e da *Eneida*. Por isso fazendo-os entrar no seu poema, não podia Camões escolher um maravilhoso que mais agradasse aos litteratos contemporaneos, e delles fosse melhor comprehendido. Si Tasso, quasi pelo mesmo tempo ou pouco depois, escolheu outro maravilhoso, de que

aliás não soube tirar mais vantagem, que Camões do seu, é porque o assumpto da sua *Jerusalem Libertada* não era simplesmente historico, como o dos *Luziadas*, mas misto, ou antes tinha mais de religioso e cavalleiresco, que de historico, e estava por conseguinte em perfeito antagonismo com as bellas fabulas da Grecia.

Entretanto as impropriedades, que se notão á Camões no desenvolvimento do seu maravilhoso, não deixão de ser defeitos, os quaes este grande poeta podia ter evitado, deixando de pôr a falsa divindade em presença da verdadeira; o que aliás poucas vezes lhe acontece.

Mas tantas são as bellezas disseminadas por todo o corpo do poema, que afogão, para assim dizer, se não encobrem totalmente estes e outros raros defeitos. como este verso prosaico,

Pero Rodrigues é do Alandroal.

e alguns mais.

Assim póde ainda Camões dizer com Horacio: *Non ego paucis offendar maculis*; pois deixaria elle de pertencer á humanidade, si o seu admiravel poema não tivesse imperfeições.

Farei aqui ponto, para analysar em outros discursos as poesias lyricas do poeta.

SECÇÃO TERCEIRA.



Luiz de Camões: suas poesias lyricas romanticas e classicas: suas poesias pastoris: suas poesias didaticas: suas redondilhas: seus dramas.

LICÇÃO XXIX.

Camões, Senhores, foi não só um grande poeta épico, e o maior pela ventura dos tempos modernos, como fica demonstrado, mas também um grande poeta lyrico, e o maior sem contradicção, desde o renascimento das lettrás até o seu século; pois primou, como nenhum, em quasi toda e qualquer poesia, a que applicou o seu extraordinario e incomparavel engenho. Como poeta lyrico, qualidade em que me proponho apreciar-o hoje, percorréo todos os generos de poesia usados no seu tempo, e todos com incontestavel superioridade, a ponto de não ser em nenhum excedido pelos modernos, a não ser nas odes, que só mais tarde fôrão em Portuguez levadas á sua ultima perfeição.

Nos sonetos é admiravel, e dentre tantos que compuzérão poemas do mesmo genero, só com elle ri-

valisou modernamente Bocage; nas canções é superior ao proprio Petrarcha, que aliás imitou, porque era um engenho maior, que o seu modelo; nas elegias não tem rival em Portuguez; nas odes é que cede a palma aos grandes lyricos modernos, e com especialidade á Francisco Manoel do Nascimento e ao Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, que elevárão este genero de composição a uma altura, a que bem poucos teem attingido. Ainda assim foi elle o poeta portuguez, que melhores odes compoz até o seu século.

Si os *Luziadas* attestão o grande estudo que Camões tinha feito dos épicos antigos, e com especialidade de Virgilio a quem imita superiormente em diversas passagens do seu immortal poema, as suas Rimas não revelão menos estudo dos poetas gregos e latinos, e sobretudo dos italianos, de quem tinha muita licção, e que havião pelo seu turno estudado os provençaes. Isto melhor se deprehenderá do decurso da analyse que vou emprehender, começando pelos sonetos, muitos dos quaes são admiraveis, e pôdem servir de modelo no seu genero.

Compoz elle duzentos e oitenta e seis sonetos, que correm impressos com as outras suas Rimas, afóra os ineditos, cujo numero parece não ser pequeno, e de alguns dos quaes faz menção o Sr. Visconde de Jeromenha no seu optimo e cabal trabalho sobre a vida do poeta. Muitos destes são de uma perfeição inimitavel, e superiores a quantos se escreverão até então,

não só em Portugal, mas ainda na Italia, onde se compunhão os melhores, e mais gabados. O mesmo Petrarcha, a quem Camões imitou em alguns sonetos eroticos, não póde lutar com o poeta portuguez, quando este segue os impulsos da propria inspiração, dando largas á sua poderosa imaginação.

Os sonetos de Camões são de ordinario pinturas tão delicadas e imaginosas, como bem acabadas, e muito mais bem fechados, que os do poeta italiano, que decahe nos tercetos, segundo a opinião dos melhores criticos, e entre outros, de Betinelli citado por José Maria da Costa e Silva; o que não acontece á Camões, que é tão excellente nos quartetos, como nos tercetos. Os sonetos que passo a lér-vos, são todos bellissimos, e bem acabados, ou fórmão todos quadros perfectos, e sem senão:

E cantarei de amor tão docemente,
 Por uns termos em si tão concertados,
 Que dois mil accidentes namorados
 Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que Amor a todos avivente,
 Pintando mil segredos delicados,
 Brandas iras, suspiros magoados,
 Temerosa ousadia, e pena, ausente.

Tambem, Senhora, do desprezo honesto
 De vossa vista branda e rigorosa,
 Contentar-me-hei dizendo a menor parte.

Porém para cantar de vosso gesto
 A composição alta e milagrosa,
 Aqui falta saber, engenho, e arte.

.....

N'um bosque que das Nymphas se habitava,
 Sibella, Nympha linda, andava um dia;
 E subida em uma arvore sombria,
 As amarellas flores apanhava.

Cupido, que alli sempre costumava
 A vir passar a sésta á sombra fria,
 Em um ramo arco e settas, que trazia,
 Antes que adormecesse, pendurava.

A Nympha, como idoneo tempo vira
 Para tamanha empresa, não dilata;
 Mas com as armas foge ao moço esquivo.

As settas traz nos olhos, com que tira.
 Ó Pastores! fugi, que a todos mata,
 Senão a mi, que de matar-me vivo.

.....

Esta o lascivo e doce passarinho
 Com o biquinho as pennas ordenando:
 O verso sem medida, alegre e brando,
 Despedindo no rustico raminho.

O cruel caçador, que do caminho
 Se vem callado e manso desviando,

Com prompta vista a setta endireitando.
Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

Desta arte o coração, que livre andava.
(Posto que já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.

Porque o frecheiro cego me esperava.
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

.....

Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de que; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso:

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso:

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente soffrimento:

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que poude transformar meu pensamento.

Ondados fios de ouro reluzente,
 Que agora da mão bella recolhidos,
 Agora sobre as rosas esparzidos
 Fazeis que a sua graça se accrescente;

Olhos, que vos moveis tão docemente;
 Em mil divinos raios incendiados,
 Se de ca me levais a alma e sentidos,
 Que fôra, se eu de vós não fôra ausente?

Honesto riso, que entre a mór fineza
 De perlas e coraes nasce e apparece;
 Oh quem seus doces écos já lhe ouvisse!

Se imaginando só tanta belleza,
 De si com nova gloria a alma se esquece,
 Que será quando a vir? Ah quem a visse!

.....

Tornae essa brancura á alva asucena.
 E essa purpurea côr ás puras rosas;
 Tornae ao sol as chammias luminosas
 D'essa vista que a roubos vos condena.

Tornae á suavissima Sirena
 D'essa voz as cadencias deleitosas:
 Tornae a graça ás Graças, que queixosas
 Estão de a ter por vós menos serena:

Tornae á bella Venus a belleza;
 Á Minervá o saber, o engenho, e a arte;
 E a pureza á castissima Diana.

Despojae-vos de toda essa grandeza
De dôes; e ficareis em toda parte
Comvoseo só, que é só ser inhumana.

.....

Todo animal da calma repousava.
Só Liso o ardor della não sentia;
Que o repouso do fogo, em que elle ardia.
Consistia na Nympa que buscava.

Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia:
Mas nada o duro peito communia.
Que na vontade de outro posto estava!

Cansado já de andar por a espessura.
No tronco de uma faia, por lembrança.
Escreve estas palavras de tristeza:

Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito femil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

.....

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Raquel, serrana bella:
Mas não servia ao pae, servia a ella.
Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vella:

Porém o pae, usando de cautella,
Em logar de Raquel lhe deo a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivéra merecida:

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta vida.

.....

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dóe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitario andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pôde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor?

.....

Um firme coração posto em ventura:
 Um desejar honesto, que se engeite
 De vossa condição, sem que respeite
 Á meu tão puro amor, a fé tão pura:

Um ver-vos de piedade e de brandura
 Sempre inimiga, faz-me que suspeite
 Se alguma Hircana fêra vos deo leite,
 Ou se nascestes de uma pedra dura.

Ando buscando causa que desculpe
 Cruenza tão estranha; porém quanto
 Nisso trabalho mais, mais mal me trata.

Donde vem, que não ha quem nos não culpe;
 A vós, porque matais quem vos quer tanto,
 A mim, por querer tanto a quem me mata.

.....

Como estes podia ler-vos outros muitos, porque é abrir o livro e deparar um bello soneto, mas seria cançar-vos, abusando de vossa paciencia; porisso limitar-me-hei a chamar a vossa attenção para os tres seguintes, que são outros tantos modelos no seu genero.

Vêde si pôde haver pintura mais animada, poetica e deliciosa do que esta:

Está o lascivo e doce passarinho
 Com o biquinho as pennas ordenando:
 O verso sem medida, alegre e brande,
 Despedindo no rustico raminho.

O cruel cacador, que do caminho
 Se vem callado e manso desviando,
 Com prompta vista a setta endireitando,
 Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

Desta arte o coração, que livre andava,
 (Posto que já de longe destinado)
 Onde menos temia, foi ferido.

Porque o frecheiro cego me esperava.
 Para que me tomasse descuidado.
 Em vossos claros olhos escondido.

Vêde agora como é terno, pathetico, e para assim dizer, aerio este sonho, ou est'outra admiravel pintura, que só respira saúde e melancolia pela maneira a mais nova e inesperada. Deste soneto dizia Faria e Sousa, que era superior a todos os de Petrarca, e com effeito é bellissimo:

Quando de minhas magoas a comprida
 Maginação os olhos me adormece,
 Em sonhos aquella alma me apparece,
 Que para mi foi sonho nesta vida.

Lá n'uma soidade, onde estendida
 A vista por o campo desfallece,
 Corro após ella; e ella então parece
 Que mais de mi se alonga, compellida.

Brado: Não me fujais, sombra benina.
 Ella, os olhos em mi co'um brando peje,
 Como quem diz que já não póde ser,

Torna a fugir-me; tórno a bradar *Dina* . . .
 E antes que diga *meu* acórdio e vejo
 Que nem um breve engano pôsso ter.

Vêde finalmente si ha nada mais delicado, pittoresco, e primoroso, que o seguinte lindissimo quadro, que nada fica a restar aos anteriores:

N'um bosque, que das Nymphas se habitava,
 Sibella, Nympha linda, andava um dia,
 E, subida n'uma arvore sombria,
 As amarellas flôres apanhava.

Cupido, que alli sempre costumava
 A vir passar a sésta á sombra fria,
 Em um ramo, arco, e settas, que trazia,
 Antes que adormecesse pendurava.

A Nympha como idoneo tempo vira
 Para tamanha empreza, não dilata,
 Mas com as armas fôge ao moço esquivo.

As settas traz nos olhos, com que atira.
 Ó pastores, fugi, que a todes mata,
 Senão a mi, que de matar-me vivo.

Sonetos como estes não se leem em nenhum outro poeta, nacional ou estrangeiro, nem pôdem ser iguallados, e ainda menos excedidos, porque são o verdadeiro prototypo do bello. Todos elles trazem o indelevel cunho do genio, que Camões imprimia em suas composições ainda as mais ligeiras, quando só

seguia os impulsos de sua poetica e riquissima phantasia, sem se embaraçar com os modelos italianos, nos quaes já começava a degenerar o gosto.

Si dos sonetos passarmos ás canções, veremos que Camões não primou' menos neste genero de poesia romantica muito em voga n'aquelles tempos, ainda não mui rémotos do ultimo termo da idade média.

Francisco Petrarcha, com quanto não fosse o inventor, passa todavia pelo melhor modelo do genero entre os Italianos, e tem com effeito canções admiraveis, por sua grande belleza. Camões o imitou em algumas das suas, mas com uma superioridade tal, que não só igualou, mas excedéo o proprio modelo.

Darei aqui á tal respeito a opinião de Jozé Maria da Costa e Silva, que é juiz competente na materia:

«Temos dezeseite canções de Camões, as mais bellas que possuimos em nossa lingua, ou se attenda á belleza dos pensamentos, ou á graça das pinturas, ou á elegancia do estylo, perfeição e cadencia dos versos, córte dos ramos, ou estrophes, e á collocação musical das rimas, estes poëmas mostram o estudo, que o poeta havia feito das obras de Petrarcha, e a facilidade, com que o imitava: mostra porém de ordinario mais variedade, mais elevação, e mais força, que o seu modêlo; e, quando o assumpto o permite, sabe compôr os seus quadros com vivissimos rasgos de poesia descriptiva».

Quasi todas as canções de Camões são bellas, mas

não podendo lêr-vo-las todas. apenas vos lerei a XVI,
que é bellissima:

CANÇÃO XVI.

Por meio d'umas serras mui fragosas
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes agoas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada,
Celebrada,
Por qu'em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Qu'excede a qualquer outra mais formosa;
As correntes se vêm, que acceleradas,
As hervas regalando e as boninas,
Se vão a entrar nas agoas Neptuninas.
Por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea areia
Bem se arreia;
Voão aves;
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estão sempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.
O doce rouxinol n'um ramo canta,
E d'outro o pintasirgo lhe responde:
A perdiz dentre a mata, em que se esconde.
O caçador sentindo, se levanta:

Voando vai ligeira mais, que o vento;

Outro assento

Vai buscando;

Porem quando

Vai fugindo

Retinindo,

Traz ella mais veloz a setta corre,

De que ferida logo cahe e morre.

Aqui Progne d'um ramo em outro ramo.

Co'o peito ensanguentado anda voando,

Cibato para o ninho indo buscando;

A leda codorniz vem ao reclamo

Do sagaz caçador, que a rede estende,

E pretende

Com engano

Fazer dano

À coitada,

Qu'enganada

D'uns esparzidos grãos de louro trigo,

Nas mãos vai a cahir de seu imigo.

Aqui sôa a calbandra na parreira;

A rôla geme; palra o estorninho;

Sahe a candida pomba do seu ninho;

O tordo pousa em cima da oliveira:

Vão as doces abelhas sussurrando,

E apanhando

O rocio

Fresco e frio

Por o prado

D'herva ornado,

Com que o aureo licor fazem, que dêo

Á humana gente a industria d'Aristêo.

Aqui as uvas luzidas, penduradas

Das pampinosas vides, resplandecem:

As frondíferas arvores se offereem
 Com diferentes fructos carregadas:
 Os peixes n'agoa clara andão saltando.
 Levantando

As pedrinhas.

E as conchinhas

Rubieundas,

Que as jucundas

Ondas consigo trazem, crepitando

Por a praia alva com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantãe

Animaes Calidoneos, e veados

Na fugida inda mal assegurados.

Porque do som dos próprios pés s'espantão.

Sahe o coelho, a lebre sahe manhosa

Da frondosa

Breve mata.

Donde a cata

Cão ligeiro.

Mas primeiro

Qu'ellã ao contrário fêrvido s'entregue.

Às vezes deixa em branco a quem a segue.

Luzem as brancas e purpúreas flôres,

Com que o brando Favonio a terra esmalta:

O formoso jacintho alli não falta.

Lembrado dos antigos seus amores.

Inda na flôr se mostrão esculpido-

Os gemidos:

Aqui Flora

Sempre mora:

E com rosas

Mais formosas.

Com lírios e boninas mil fragrantes.

Alegra os seus amores circumstantes

Aqui Narciso em liquido crystal
 Se namora de sua formosura:
 Nelle as pendentes ramas da espessura
 Debuxando-se estão ao natural.

Adonis, com que a linda Cytherèa
 Se reerèa,

Bem florido,

Convertido

Na bonina.

Qu'Erycina

Por imagem deixou de qual seria

Aquelle que por ella se perdia.

Logar alegre, fresco, accommodado

Para se deliciar qualquer amante,

A quem com sua ponta penetrante

O cego Amor tivesse derribado:

E para memorar ao som das agoas

Suas mágoas

Amorosas,

As cheirosas

Flôres vendo.

Escolhendo

Para fazer preciosas mil capellas,

E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

Eu dellas, por penhor de meus amores.

Uma capella á minha deosa dava:

Que lhe queria bem, bem lhe mostrava

O bem-mequeres entre tantas flores:

Porem, como se fôra mal-mequeres,

Os poderes

Da crueldade

Na beldade

Bem mostrou:

Desprezou

A dadiva de flôres; não por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

Notai nesta admiravel poesia, que é uma serie de quadros, cada qual mais bello, primeiro a variedade das pinturas, que não se encontrão umas com outras, ou não se assemelhão entre si; depois a amenidade das descripções, a viveza do colorido, a inimitavel perfeição de estylo; e finalmente o effeito musical do artificio da metrificacão, na qual os versos tetrasyllabos empregados pelo poeta contribuem para dar movimento e vida á todos esses rasgos imaginosos.

Vêde si ha nada mais bello, pittoresco, e animado, que os tres seguintes primorosos quadros:

O doce rouxinol n'um ramo canta,
E d'outro o pintasirgo lhe responde;
A perdiz d'entre a mata, em que s'esconde,
O caçador sentindo, se levanta;
Voando vai ligeira mais, que o vento;
Outro assento
Vai buscando:
Porem quando
Vai fugindo;
Retinindo,
Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cahe e morre.

.....
Aqui as uvas luzidas, penduradas
Das pampinosas vides, resplandecem:
As frondiferas árvores se offerecem
Com differentes fructos carregadas:

Os peixes n'ágoa andão saltando,
 Levantando
 As pedrinhas
 E as conchinhas
 Rubicundas,
 Que as jucundas
 Ondas consigo trazem, crepitando
 Por a praia alva com ruído brando.

.....
 Luzem as brancas e purpúreas flores,
 Com que o brando Favonio a terra esmalta:
 O formoso jacintho alli não falta,
 Lembrado dos antigos seus amores.
 Inda na flôr se mostrão esculpidos
 Os gemidos:
 Aqui Flora
 Sempre mora:
 E com rosas
 Mais formosas,
 Com lirios e bouinas mil fragrantés.
 Alegra os seus amores circumstantes.

Só o divino pincel de Camões sabe traçar quadros, como esses, que nada deixão a desejar no animado e primoroso da pintura.

Em alguns destes bellos poemas desenvolve o poeta a riqueza de sua imaginação, n'outros o seu espirito philosophico, n'outros o mais delicado sentimento amoroso, n'outros a expressão sentimental combinada com a philosophia do amor, e o primoroso das descripções, variando sempre por tal fórmula os tons, que evita a monotonia, que se nota nos de Petrarcha.

apesar de sua belleza. Primão sobretudo pelo estylo. o que analysei, e os que começam:

Já a roxa manhã clara

e

Junto d'um secco, duro, e esteril monte;

supposto haja em todos elles bellêzas a notar. Muitos contra o sentir de José Maria da Costa e Silva preferem estes poemas ás odes do poeta, e talvez com razão.

Tanto nas canções como nos sonetos sobresahe não só a delicadeza, mas a verdade do sentimento amoroso, de que se achava possuido o poeta por D. Catharina de Atahide, e o acompanhava por toda a parte em sua vida aventureosa, ainda no meio dos maiores trabalhos, como um lenitivo ás suas desventuras.

Assim os mais admiraveis destes poemas eroticos são de ordinario aquelles em que elle descreve os affectos proprios, porque está bem compenetrado da paixão que lhe dicta accentos tão maviosos, e repassa seus versos da mais terna e suave melancolia.

Tendo apreciado Camões como poeta lyrico romantico, passarei em outro discurso a analysal-o como lyrico classico, fazendo aqui ponto neste.

LICÇÃO XXX.

Como poeta lyrico classico foi ainda Camões, Senhores, o maior poeta de seu seculo, porque nenhum outro seu contemporaneo compoz elegias e odes tão bellas como elle, nem em Portugal e Hespanha, nem na Italia, onde mais florescia então a litteratura, e cujos poetas erão principalmente imitados pelos dos outros paizes. E tanto umas como outras attestão grande conhecimêto dos poetas gregos e romanos, como Simonides, Ovidio, Tibullo e Propercio, elegiacos; e Pindaro e Horacio, lyricos propriamente ditos; pois todas essas composições são no gôsto classico o mais depurado, e superiores a quantas se escrevião na mesma época. As composições do mesmo genero dos poetas portuguezes contemporancos, Ferreira, Caminha, e Bernardes, não pôdem rivalisar com ellas em merito, porque Camões era um poeta de genio, e elles o erão unicamente de arte. Aquelle tem pela for-

ça de seu genio a propriedade de tornar seu o que imita, aformoseando-o; o que de ordinario não acontece com os poetas de arte, que não levantão seus vôos, a ponto de exceder os proprios modelos, como elle pratica. Assim emquanto Camões se torna poeta original em suas imitações, estes não passam de copistas mais ou menos habéis, defeito que o Visconde de Almeida Garret notava em Ferreira, que é aliás mui superior á Bernardes e á Caminha.

Começarei a analyse de hoje pelas elegias, porque, alem de serem quasi todas mui bellas, inspirão grande interesse ao leitor por haver o poeta descripto nellas mais, que em nenhuma outra poesia, muitas das circumstancias de sua vida aventureosa, pelo mundo em pedaços repartida.

O tom plangente desta especie de poema, composto em tercêtos e accommodado á expressão de todo genero de affectos, parecia ser preferido pelo espirito attribulado do poeta, para pintar as suas magoas e dis-sabores. Assim são elles ordinariamente os mais extensos depois dos *Luziadas* e eglogas.

Mas as elegias de Camões não são só bellas pela expressão dos affectos, só interessantes pelas circumstancias da vida do poeta, que contém, são tambem admiraveis pelas descripções, e pela philosophia, com que o poeta soube varial-as. Algumas são inteiramente no gôsto da elegia antiga, como a elegia X que começa,

Que tristes novas, ou que novo dano,

outras admittem mais variedade, como a III que começa,

O poeta Simonides fallando.

n'outras o tom se levanta com o assumpto como na XI,

Se quando contemplamos as secretas
Causas, por que este mundo se sustenta,

mas em todas sobresahe a expressão dos affectos, que devem dominar neste genero de composição, que parece haver sido inventado para exprimir-os.

Compoz Camões doze elegias, que correm impressas com as suas obras, afóra as ineditas, de que faz menção o visconde de Jeromenha, mas destas só vos lerei a I e a III, que são mui bellas, porque estender-me á mais seria cansar a vossa attenção com demasiadas citações.

ELEGIA I

O sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado:
Sua chara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento
De sua patria os olhos apartando:
Não podendo encobrir o sentimento.
Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro e triste nascimento.

O curso das estrellas contemplava,
 E aquella ordem com que discorria
 O ceo, e o ar, e a terra adonde estava.

Os peixes por o mar nadando via,
 As feras por o monte procedendo
 Como o seu natural lhes permitia.

De suas fontes via estar nascendo
 Os saudosos rios de crystal,
 Á sua natureza obedecendo.

Assi só, de seu proprio natural
 Apartado, se via em terra estranha,
 A cuja triste dôr não acha igual.

Só sua doce Musa o acompanha
 Nos sóidosos versos que escrevia,
 E nos lamentos, com que o peito banha.

Dest'arte me figura a phantasia
 A vida com que morro, desterrado
 Do bem, que em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gôsto já passado,
 Que nunca passará por a memoria
 De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo caduca e breve glória
 Desenganar meu êrro co'a mudança
 Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança
 Quão pouca culpa tenho; e m'entristece
 Ver sem razão a pena que m'alcança.

Que á pena, que com causa se padece.
 A causa tira o sentimento della;
 Mas muito dóe a que se não merece.

Quando a roxa manhã, dourada e bella,
 Abre as portas ao sol, e cahe o orvalho,
 E torna á seus queixumes Philomela;
 Este cuidado, que co'o somno atalho.

Em sonhos me parece; que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho.

E depois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco accôrdo logra um descontente)

Daqui me vou, com passo carregado,
Á um outeiro erguido, e alli m'assento,
Soltando toda a redea á meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento.
Estendo estes meus olhos saüdosos
Áparte donde tinha o pensamento.

Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça e sem flôr os campos vejo,
Que já floridos vira, e graciosos.

Vejo o puro, suave e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

Umás com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas ágoas apartando.

D'alli fallo com a ágoa que não sente.
Com cujo sentimento est'alma sae
Em lagrimas desfeita claramente.

Ó fugitivas ondas, esperae;
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae.

Até que venha aquelle alegre dia
Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledô.
Mas tanto tempo, quem o passaria?

Não pôde tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo.

Mas essa triste morte que virá,
S'em tão contrário estado me acabasse,

Est'alma assi impaciente adonde irá?

Que se ás portas Tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.

Que se á Tantaló e Ticio for notoria
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá teem, terão por gloria.

Essa imaginação, enfim, me augmenta
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.

Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possui se resume,
Imagina na glória possuida.

Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a Fortuna faça o que costuma;
Se nella ha hi mudar-se um triste estado.

ELEGIA III.

O poeta Simonides fallando
Co'o Capitão Themistocles um dia.
Em cousas de sciencia praticando:

Um'arte singular lhe promettia,
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
A lembrar-se de tudo que fazia;

Onde tão subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas, que passasse.

Bem merecia, certo, fama e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que sepulta qualquer antiga historia.

Mas o Capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia

Do passado as lembranças por tormento;

Oh! illustre Simonides! (dizia)

Pois tanto em teu engenho te confias,

Que mostras á memoria nova via:

Se me desses um'arte, qu'em meus dias

Me não lembrasse nada do passado,

Oh quanto melhor obra me farias!

S'este excellente dito ponderado

Fosse por quem se visse estar ausente,

Em longas esperanças degradado:

Oh como bradaria justamente,

Simonides, inventa novas artes;

Não midas o passado co'o presente!

Que se é forçado andar por várias partes

Buscando á vida algum descanso honesto.

Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;

E se o duro trabalho, é manifesto

Que por grave que seja, hade passar-se

Com animoso esp'rito e ledo gesto;

De que serve ás pessoas o lembrar-se

Do que se passou já, pois tudo passa,

Senão d'entristecer-se e magoar-se?

S'em outro corpo um'alma se traspassa,

Não, como quiz Pythagoras, na morte,

Mas como quer Amor na vida escassa;

E s'este Amor no mundo está de sorte,

Que na virtude só d'um lindo objecto

Tem um corpo, sem alma vivo e forte:

Onde este objecto falta, qu'è defecto

Tamanho para a vida, que já nella

M'está chamando á pena a dura Alecto:

Porque me não criára a minha Estrella

Selvatico no mundo, e habitante

Na dura Seythia, e no mais duro della:

Ou no Caucaso horrendo, fraco infante
Criado ao peito d'uma tigre Hircana,
Homem fôra formado de diamante,

Porque a cerviz ferina e inhumana
Não submettêra ao jugo e dura lei
Daquelle que dá vida quando engana.

Ou em pago das ágoas qu'estilei,
As que passei do mar, fôrão do Lethe,
Para que me esquecêra o que passei.

Porque o bem que a esperança vã promete,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que é mal, que um'alma em lagrimas derrete.

Já, Senhor, cahirá como a lembrança,
No mal, do bem passado é triste e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.

E se quizer saber como se apura
Em almas saúdosas, não s'enfade
De ler tão longa e misera escriptura.

Soltava Eólo a redea e liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já sôlta á saúde,

Neptuno tinha posto o seu tridente;
A prôa a branca escuma dividia,
Com a gente marítima contente.

O côro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatêa
Comsigo socegados os movia.

Das argenteas conchinhas Panopêa
Andava por o mar fazendo mólhos,
Melanto, Dinamene, com Ligêa.

Eu, trazendo lembranças por antólhos,
Trazia os olhos n'agoa socegada,
E a ágoa sem socêgo nos meus olhos.

A bem aventurança já passada

Diante de mi tinha presente.

Como se não mudasse o tempo nada.

E com o gesto immoto e descontente,
Co'um suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,

Dizia: Oh claras Nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido:

Se por ventura fordes algum'hora
Aonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora:

Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher ouro rutilante,
Das Tagicas areias rico fruto:

Nellas em verso erotico e elegante
Escrevei co'uma concha o qu'em mi vistes:
Pode ser que algum peito se quebrante.

E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouvião,
Oução de vós as mágoas, que me ouvistes.

Ellas, que já no gésto m'entendião,
Nos meneios das ondas me mostravão
Qu'em quanto lhes pedia consentião.

Estas lembranças, que me acompanhavão
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavão.

Porque ehegando ao Cabo da Esperança,
Comêco da saúde que renova,
Lembrando a longa e aspera mudança:

Debaixo estando já da estrella nova
Que no novo Hemispherio resplandee,
Dando do segundo axe certa prova:

Eis a noite com nuvens s'esenrece:
Do ar subitamente foge o dia:

E todo o largo Oceano s'embracece.

A machina do mundo parecia
Qu'em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.

Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavão,
Das náos as velas concavas rompendo.

As cordas co'o ruído assoviavão:
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o Céu o ar coalhavão.

Os raios por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os pólos ambos de assombrados.

Amor, alli mostrando-se possível,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais constante;

Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhõra, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.

Emfim nunca houve cousa, que mudasse
O firme amor intrinseco daquelle
Em quem alguma vez de siso entrasse.

Uma cousa, senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se afina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa delle.

D'est'arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós s'encerra,
E nos proprios quão pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.

Uma ilha que o Rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lh'a, e succedeo-nos bem.

Com uma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Góia nos partimos
Com toda a gente d'armas, que se achára.

E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada:
Com morte, com incendios os punimos.

Era a ilha com ágoas alagada,
De modo que se andava em almadias:
Emfim, outra Veneza trasladada.

Nella nos detivemos sós dous dias,
Que fôrão para alguns os derradeiros,
Pois passárão da Estyge as ondas frias.

Qu'estes são os remedios verdadeiros,
Que para a vida estão aparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.

Oh Lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara d'ágoa pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Não vêm o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura:

Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cobiça d'ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assýria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado;

Se não tem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltão,
O pyropo, a esmeralda e o jacinto;

Se suas casas de ouro não s'esmaltão,

Esmalta-se-lhe o campo de mil flôres,
Onde os cabritos seus comendo saltão.

Alli lhe mostra o campo várias côres;
Vêm-se os ramos pender co'o fructo ameno:
Alli se afina o canto dos pastôres.

Alli cantára Tityro e Sileno:
Enfim por estas partes caminhou
A sã Justiça para o Céu sereno.

Ditoso seja aquelle, que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa:
Como se gera a chuva e neve fria;

Os trabalhos do Sol, que não repousa;
E porque nos dá a Lua a luz albêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:

E como tão depressa o Ceo rodêa;
E como um só os outros traz cousigo:
E se é benigna ou dura Cytherêa.

Bem mal pôde entender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte;
Que sempre os olhos traz em seu perigo.

Porém seja, Senhor, de qualquer arte.
Pois posto que a Fortuna pôssa tanto,
Que tão longe de todo o bem me aparte:

Não poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto;

Se para tristes ha tão leda sorte.

Notai na poesia que vos li em primeiro logar, e logo no principio, a bella e pathetica pintura de Ovi-

dio desterrado em Tomes, queixando-se aos montes e aos rios de se vêr longe de sua chara mulher e filhos, longe dos penates e da patria. Tudo quanto contemplava, estrellas, céo, ar, terra, fontes e animaes, seguião seu curso e inclinações naturaes, só elle se via em terra estranha, sequestrado de seu natural,

A cuja triste dôr não acha igual,
Só sua doce Musa o acompanha
Nos saüdosos versos que escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.

Vêde se é possível exprimir melhor as saudades da patria, de que se achava possuido o poeta romano entre os barbaros Getas. Notai depois a delicada expressão sentimental de todo o poema repassado da mais terna melancolia, que se traduz em accentos tão maviosos, como estes, com que o poeta exprime as saudades do bem amado residente em Lisbôa, donde elle se acha ausente, porque havia sido desterrado para Ribatejo:

Vejo o puro, suave e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo:
Unas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas ágoas apartando.
D'alli fallo com a ágoa que não sente,
Com cujo sentimento est'alma sac
Em lagrimas desfeita claramente.

Ó fugitivas ondas, esperae;
 Que pois me não levais em companhia
 Ao menos estas lagrimas levae.

Que ternissimos accentos! Que delicada e mimosa poesia! Só Camões e Bernardim Ribeiro sabião exprimir por esta fórma o sentimento. Parece que um se inspirou no outro!

No segundo desses admiraveis poemas, notai primeiramente a bella introdução com que o enriquece o poeta, dando largas ao desenvolvimento do seu espirito philosophico na descripção dos desenganos da vida, que erão parte para que o grande Themistocles desejasse perder a memoria do passado, que o poeta Simonides pretendia avivar-lhe.

Notai depois a soberba descripção da tempestade, que o poeta experimentou ao passar o Cabo de Boa Esperança, e vêde se era possivel descrever este phenomeno com côres mais vivas e verdadeiras:

Eis a noite com nuvens se escurece;
 Do ar subitamente foge o dia;
 E todo o largo Oceano se embravece.
 A machina do mundo parecia
 Qu'em tormentas se vinha desfazendo:
 Em serras todo o mar se convertia.
 Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
 Sonoras tempestades levantavãc,
 Das nãos as velas concavas rompendo.
 As cordas co'o ruido assoviavão:

Os marinheiros, já desesperados,
 Com gritos para o Ceo o ar coalhavão.
 Os raios por Vulcano fabricados
 Vibrava o fero e aspero Tonante,
 Tremendo os pólos ambos de assombrados!

Notai mais a bellissima imitação de Virgilio com que o poeta termina o poema, e da qual por extensa só vos citarei o primeiro tercêto:

Ó lavradores bem-aventurados!
 Si conhecessem seu contentamento,
 Como vivem no campo socegados!

Pelo desenvolvimento que o poeta dêo a todo esse magnifico trecho sobre a felicidade da vida campezi-na, mettendo-lhe tanto de sua casa, e tão ajustadamente, vêde como elle sabia tornar seu aquillo mesmo que imitava, mostrando-se superior aos proprios modelos, pois sobresahe nelle ao mesmo grande engenho a quem imita. Esta riquissima passagem que nada deixa a desejar, é uma das mais bellas, que tenho lido sobre louvores do campo; e só me parece rivalisar com ella, guardada a differença dos generos e tons, a bellissima ode de Francisco Manoel, que comêça:

Lá vem a Aurora o manto apavonado
 Lançando pelas c'roas dos outeiros.

Com quanto Camões fosse excedido nas odes por alguns grandes lyricos modernos, foi ainda neste ge-

nero o maior poeta do seu tempo, porque ninguém soube então como elle reproduzir as inimitaveis graças de Horacio, ou a grandiloqua magestade de Pindaro. Destes poemas, que são doze ao todo, só vos lerei dois, um nò gosto Horaciano; outro no Pindarico; porque isso basta ao meu proposito, que é dar-vos ideia do merito do poeta em cada um dos generos, que tratou.

ODE IX

Fogem as neves frias
 Dos altos montes quando reverdecem
 As arvores sombrias;
 As verdes hervas crecem,
 E o prado ameno de mil côres teem.
 Zephyro brando espira;
 Suas setas amor afia agora;
 Progne triste suspira,
 E Philomela chora:
 O ceo da fresca terra se namora.
 Já a linda Cytherêa
 Vem, do côro das Nymphas rodeada;
 A branca Pasitêa
 Despida e delicada,
 Com as duas irmãs acompanhada.
 Em quanto as officinas
 Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
 Vão colhendo boninas
 As Nymphas, e cantando,
 A terra co'o ligeiro pé tocando.
 Desce do aspero monte

Diana, já cansada da espessura,
 Buscando a clara fonte,
 Onde por sorte dura
 Perdêo Actêo a natural figura.

Assi se vai passando
 A verde Primavera e o sêcco Estio;
 O Outono vem entrando,
 E logo o Inverno frio,
 Que tambem passará por certo fio.

Ir-se-ha embranquecendo
 Com a frígida neve o sêcco monte;
 E Jupiter chovendo
 Turbará a clara fonte:
 Temerá o marinheiro á Oriente.

Porque, enfim, tudo passa;
 Não sabe o Tempo ter firmeza em nada;
 E a nossa vida escassa
 Foge tão apressada,
 Que quando se comêça é acabada.

Que se fez dos Troianos
 Heitor temido, Enêas piedoso?
 Consumirão-te os anos,
 Ó Cresso tão famoso,
 Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento
 Crias qu'estava em ter thesouro ufano!
 Oh falso pensamento!
 Que á custa de teu dano
 Do sabio Solon crêste o desengano.

O bem que aqui se alcança,
 Não dura por passante, nem por forte:
 Que a bem-aventurança
 Duravel, de outra sorte
 Se ha de alcançar na vida para a morte.

Porque, emfim, nada basta
 Contra o terrivel fim da noite eterna:
 Nem pôde a deosa casta
 Tornar á luz superna
 Hyppolito da escura sombra averna.

Nem Thséo esforçado,
 Ou com manha, ou com força valerosa,
 Livrar pôde o ousado
 Perithoo da espantosa
 Prisão Lethêa escura e tenebrosa.

ODE X

Aquelle moço fero
 Nas Pelethronias covas doctrinado
 Do Centauro severo;
 Cujó peito esforçado
 Com tutanos de tigres foi criado,
 N'ágoa fatal menino
 O lava a mãe, presaga do futuro,
 Para que ferro fino
 Não passe o peito duro
 Que de si mesmo a si se tem por muro.
 A carne lh'endurece,
 Porque não seja d'armas offendida.
 Cega! pois não conhece
 Que pôde haver ferida
 N'alma, e que menos doe perder a vida.
 Que donde o braço irado
 Dos Troianos passava'arnez e escudo,
 Alli se vio passado
 Daquelle ferro agudo
 Do menino qu'em todos pôde tudo.
 Alli se vio captivo

Da captiva gentil que serve e adora:
 Alli se vio que vivo
 Em vivo fogo mora,
 Porque de seu senhor a vê senhora.

Já toma a branda lyra
 Na mão que a dura Pelias mencára;
 Alli canta e suspira,
 Não como lh'ensinára,
 O velho, mas o moço que o cegára.

Pois logo, quem culpado
 Será, se de pequeno offerecido
 Foi todo á seu cuidado;
 No berço instituido
 A não poder deixar de ser ferido?

Quem logo fraco infante
 D'outro mais poderoso foi sujeito,
 E para cego amante
 Desd'o principio feito,
 Com lagrimas banhando o tenro peito?

Se agora foi ferido
 Da penetrante ponta e força d'herva:
 E se Amor é servido
 Que sirva á linda serva,
 Para quem minha estrella me reserva?

O gésto bem talhado;
 O airoso mencio e a postura:
 O rosto delicado,
 Que na vista figura
 Que s'ensina por arte a formosura,

Como póde deixar
 De render a quem tenha entendimento?
 Que quem não penetrar
 Um doce gésto attento,
 Não lhe é nenhum louvor viver isento.

Aquelles, cujos peitos
 Ornou d'altas sciencias o destino,
 Se virão mais sujeitos
 Ao cêgo e vão menino,
 Arrebatados do furor divino.

O Rei famoso Hebreio,
 Que mais que todos soube, mais amou;
 Tanto, que a deos alheio
 Falso sacrificou,
 Se muito soube e teve, muito errou.

E o grão Sabio qu'ensina,
 Passeando, os segredos da Sophia,
 Á baixa concubina
 Do vil Eunuco Hermia
 Aras ergueo, que aos deoses só devia.

Aras ergue a quem ama
 O Philosopho insigne namorado.
 Dóe-se a perpétua fama,
 E grita qu'ê culpado:
 De lesa divindade é accusado.

Já foge donde habita;
 Já paga a culpa enorme com destêrro.
 Mas, oh grande desdita!
 Bem mostra tamanho êrro
 Que doctos coraçõs não são de ferro.

Antes na altiva mente.
 No subtil sangue e engenho mais perfeito
 Ha mais conveniente
 E conforme sugeito,
 Onde s'imprima o brando e doce effeito.

Notai na primeira das odes que vos li, e a que José Maria da Costa e Silva chama com razão—brilhante imitação da ode VII do livro quarto de Horacio—, como

vem bem reproduzidos o estylo e as maneiras graciosas do poeta de Venusa, a quem nenhum outro poeta antigo igualou em donaire e louçania. Nella descreve Camões o rapido giro das quatro estações do anno, que se succedem alternadamente; e dahi tira motivo para moralisar sobre a curta duração da vida, e instabilidade das cousas humanas, fazendo-o pela fórmula a mais poetica, como costuma. Esta bella ode no gôsto Horaciano não seria de certo desdenhada por Garção, que foi d'entre todos os poetas modernos o que melhor soube imitar o Venusino. Quem a lê parece estar lendo a Horacio, quando canta as graças de Lalage, os prazeres da mesa, ou a philosophia de Epicuro.

Na segunda, que é escripta no gôsto pindarico, notai como o poeta Portuguez sabe reproduzir a grandiloquencia do poeta grego, recorrendo ás figuras, e sobretudo ás periphrases. *Achilles é o moço fero nas pelethronias covas do Centauro severo; Cupido, ou o Amor, é o menino que pôde tudo em todos; a setta hervada, é a ponta e a força de herca; Salomão, é o rei hebreo, que amou e soube mais, que todos.* Estas periphrases, com as quaes o poeta substitue os nomes das pessoas e objectos pelas qualidades, que lhes são proprias, contribuem para tornar o estylo grandioso. Nesta ode prova Camões com o exemplo dos heróes e sabios da antiguidade, que o amor exerce um poder irresistivel sobre o homem, e o obriga a commetter os maiores excessos. A fórmula que dá

aos seus pensamentos é sempre a mais poetica, que se póde desejar. Quem negará que esta ode é digna de Pindaro, assim como a primeira o é de Horacio?

Camões é o unico poëta portuguez antigo, que sabe moldar o estylo a todo o genero de assumptos, e tomar todos os tons, porque o seu incomparavel engenho lhe aponta sempre o melhor caminho a seguir. É convicção nossa que si o immortal cantor dos *Luziadas* tivesse feito das odes uma especialidade, como Garção, Diniz, Francisco Manoel, e o Padre Sousa Caldas, correria parellas neste genero de composição com todos esses grandes lyricos. Pelo menos as poucas odes, que delle nos restão, são quasi todas mui bellas, e denuncião a altura, a que elle podia ter chegado como poeta lyrico, se cultivasse mais o genero, e não fosse distrahido para obra de maior vulto e alcance, como erão os *Luziadas*, que lhe absorvião constantemente as eminentes faculdades de espirito, com que o dotou a natureza. Mas que riquissimo engenho de poeta não era o seu, que assim primava em todos os generos e assumptos!

Tendo apreciado á Camões como poeta lyrico classico, passarei em outro discurso a analysal-o como poeta bucolico e didatico, fazendo hoje aqui ponto.

LICÇÃO XXXI.

Si Camões, Senhores, foi insigne na poesia lyrica, quer romantica, quer classica, como já ficou demonstrado, não o foi menos na bucolica; pois excedêo nella a todos os poetas que o precedêrão, ou fôrão seus contemporaneos em Portugal e Hespanha, os dois paizes da Europa, em que primeiramente foi introduzido o genero em lingua vulgar, depois do renascimento das letras. Os outros bucolicos portuguezes que florecêrão até o seu tempo, não pôdem por fórma alguma competir com elle, nem em riqueza de imaginação e invenção, nem em animada expressão de affectos, nem em belleza de descripções e pinturas campestres, nem em elegancia de estylo e suavidade metrica, porque á todos sobrepuja. Bernardim Ribeiro que foi o introductor do genero em Portugal, denuncia ainda a infancia da arte em sua extrema simplicidade: Gil Vicente é por demais grosseiro no

estyllo rustico de seus autos pastoris; Sá de Miranda, cujos pastores discretêão inspidamente como philosophos, é tambem grosseiro e sem elegancia em seu styllo rustico; dos poetas contemporaneos, Ferreira que é superior á Bernardes e á Caminha, é todavia inferior á Camões, que pela superioridade de seu engenho não tem igual em genero algum de poesia no seu seculo.

Si passarmos aos bucolicos posteriores, Lobo e Quita, que são sem contradicção os melhores, com quanto tenham muito merito, não só não excedem, mas nem ainda igualão á Camões, cujas églogas querem alguns que sejam as mais primorosas de suas rimas, e são com effeito bellissimas.

Tomou este por modelo á Teocrito e á Virgilio, os melhores bucolicos da antiguidade classica; e á Sannazaro, poeta sciciliano da latinidade moderna. Dos dois primeiros, e sobretudo de Virgilio, ha muitas imitações em suas églogas, e todas feitas com pincel de mestre; do ultimo imitou as églogas piscatorias, que introduzio em Portugal, e creou elle proprio as mixtas. Assim Camões não só foi o melhor bucolico portuguez, mas enriquecéo demais a mais a litteratura patria com um genero novo, dando com isso variedade á poesia pastoril.

Compôz quinze églogas, que correm impressas com as outras suas rimas. Dellas fôrão escriptas na sua mocidade, ou antes da sua viagem á India, quando o seu talento estava em todo o seu vigor, e a sua vida

não tinha sido amargurada pelo infortunio; dellas, durante a sua longa digressão pelos mares e terras do Oriente, como a primeira que fez por occasião da morte de seu amigo D. Antão de Noronha e da do principe D. João; dellas como a undecima, depois do seu regresso a Portugal, segundo se infere desta passagem:

E mais saber desejo,
 Se a fama não engana,
 Que diz que o grão pastor dos Lusitanos,
 Com todos os do Tejo.
 E com fato e cabana,
 Reside já nos campos Africanos.

Lamentão alguns criticos, e nesta parte com bom fundamento, que os estudos classicos do poeta, e o seu ardente amor da patria, para onde dirigia toda a attenção, lhe fizessem desprezar as ricas paisagens do Oriente, com que podia ter aformoseado as suas églogas alli compostas, dando-lhes a côr local. Seja porém dito em abono do poeta portuguez, que descrevêo sempre nellas as scenas, os montes, valles e rios da patria, não os da Arcadia, como outros, si bem ahi figure por vezes a mithologia, segundo o gôsto d'aquelles tempos, em que os nunes da Grecia entravão em todas as composições poeticas, fosse qual fosse o seu genero.

Para não cansar a vossa attenção com citações demasiadas, lêr-vos-hei das églogas a VI e a X, que são

mui bellas, uma no genero mixto, outra no piscatorio.

ÉCLOGA VI

A rustica contenda desusada
 Entr'as Musas dos bosques, das areias,
 De seus rudos cultores modulada,

A cujo som attonitas e alheias
 Do monte as brancas vaccas estiverão,
 E do rio as saxatiles lampreias;

Desejo de cantar. Que se movêrão
 Os troncos ás arenas dos pastores,
 E já sylvestres brutos suspendêrão.

Não menos o cantar dos pescadores
 As ondas amansou do fundo pégo,
 E fez ouvir os mudos nadadores.

E se por sustentar-se o moço cego
 Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
 O que é mais proprio no ocio e no socego;

Mais maravilhas dando á voz da fama,
 No mesmo mar undoso, e vento frio
 Brazas roxas accende a roxa flama.

.....

Partira-se do monte Agrario insano
 Para onde a fôrça só do pensamento
 Lh'encaminhava o lasso peso humano.

Embebido em um longo esquecimento
 De si, e do seu gado e pobre fato,
 Após um doce sonho e fingimento,

Rompendo as sylvas horridas do mato.
 Vai por cima d'outeiros e penedos,
 Fugindo, enfim, de todo humano trato.

Ante os seus olhos leva os olhos ledos

Da branca Dinamene, qu'enverdece
Só co'o meneio valles e rochedos.

Ora se ri consigo, quando tecc
Na phantasia algum prazer tingido;
Ora falla; ora mudo s'entristece.

Qual a tenra novilha, que corrido
Teem montanhas fragosas e espessuras,
Por buscar o cornigero marido;

E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longo d'um ribeiro,
Já quando as sombras vêm cahindo escuras;

E nem co'a noite ao valle seu primeiro
Se lembra de tornar, como sohia,
Perdida por o bruto companheiro:

Tal Agrario chegado, enfim, se via
Onde o grão pégo horrisono suspira
N'uma praia arenosa, humida e fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si, de longe ouvio tocar-se
De douta mão não vista e nova lira.

Fez-lhe o som desusado desviar-se
Para onde mais soava, desejando
D'ouvir e conversar, e de provar-se.

Muito não tinha proseguido, quando
Em a concavidade d'um penedo,
Que pouco a pouco fôra o mar cavando,

Topou um pescador, que prompto e quedo,
N'uma pedra assenta-lo, brandamente
Tangendo, faz o mar sereno e ledô.

Mancebo era d'idade florecente,
Pescador grande do alto, conhecido
Por o nome de toda humida gente:

Alicuto se chama: que perdido
Era por a formosa Lemnoria;

Nympha que tem o mar ennobrecido.

Por ella as redes lança noite e dia:

Por ella as ondas tumidas despreza:

Por ella soffre o sol e a chuva fria.

Co'o seu nome mil vezes a braveza

D'irados ventos amansou co'o verso,

Que remove das rochas a dureza.

E agora em som de voz, suave e terso.

Está seu nome aos écos ensinando

Por estylo do agreste som diverso.

Ouvindo Agrario, attonito, affrouxando

Da phantasia um pouco seu cuidado,

Suspenseo esteve os numeros notando.

Mas Alicuto, vendo-se estorvado

Por um pastor da musica divina,

O rosto levantou bem socegado.

E disse assí: Vaqueiro da campina,

Que vens buscar ás arenosas praias,

Onde a bella Amphitrite só domina?

Que razão ha, pastor, para que saías

A este nosso escamoso e vil terreno

Dos teus floridos myrtos e altas faias?

Pois s'agora o mar vês brando e sereno,

E estender-se estas ondas por a areia,

Amansadas das mágoas, com que peno,

Logo verás o como desenfreia

Eólo o vento por o mar undoso.

De sorte que Neptuno se receia.

Responde Agrario: Oh musico e amoroso

Pescador! eu não venho a ver o lago

Bravo e quieto, ou vento brando e iroso:

Mas o meu pensamento, com que apago

As flamas ao dezejo, me trazia

Sem ouvir e sem ver, suspenseo e vago:

Até que a tua angelica harmonia
M'acordou, vendo o som, com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.

Mas se de ver-me cá no mar t'espantas,
Eu m'espanto tambem do estylo novo
Com que as ondas horrisonas quebrantas.

Porém se com verdade o louvo e approvo,
Desejo de o provar contra o sylvestre
Antigo pastoril, qu'eu mal renóvo.

E tu, que no tocar parecees mestre,
Bem julgarás se ha clara differença
Entr'o canto marítimo e o campestre.

Não ha (disse Alicuto) em mi detença:
Alvorôco antes ha, por mais que veja
Que a tua confiança só me vença.

Mas, porque saibas que nenhuma inveja
Os pescadores temos aos pastores
Do som que pelo mundo se deseja.

Toma a lyra na mão, que os moradores
Do vitreo fundo vendo estou juntar-se
Para ouvir nossos rusticos amores.

Bem vês por essa praia apresentar-se
Nas conchas vária côr á vista humana;
E o mar vir por entr'ellas e tornar-se,

Socegada do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o amêno rio,
Que seu licôr aqui mistura e dana.

Este penedo concavo e sombrio,
Que de cangrejos vês estar coberto,
Nos dá abrigo do sol, quieto e frio.

Tudo nos mostra, enfim, repouso certo.
E nos convida ao canto, com que os mudos
Peixes sabem ouvindo ao ar aberto.

Assi se desalião estes rudos

Poetas, nos officios discrepantes;
 Nos engenhos porém subtis e agudos.
 Eis ja mil companheiros circumstantes
 Estavão para ouvir, e aparelhavão
 Ao vencedor os premios semelhantes.
 As bem sonantes lyras se tocavão;
 Agrario começava, e da harmonia
 Os pescadores todos s'admiravão;
 E dest'arte Aliento respondia.

AGRARIO.

Vós semicápros deoses do alto monte,
 Faunos longévos, Satyros, Sylvanos;
 E vós, deosas do bosque e clara fonte,
 E dos troncos que vivem largos anos;
 Se tendes prompta um pouco a sacra fronte
 Á nossos versos rusticos e humanos,
 Ou me dae já a capella de loureiro,
 Ou penda a minha lyra d'um pinheiro.

ALICUTO.

Vós humidas deidades deste pégo,
 Tritões ceruleos, Próteo, com Palemo;
 Vós Nereidas do sal em que navego,
 Por quem do vento as furias pouco temo:
 Se ás vossas sacras aras nunca nego
 O congro nadador na pá do remo,
 Não consintais, que a musica marinha
 Vencida seja aqui na lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez um tempo o moço louro.

Que do sol as carretas move e guia:
 Ouvio o rio Amphriso a lyra d'ouro,
 Que o seu claro inventor alli tangia.
 Io foi vacca; Jupiter foi touro:
 Mansas ovelhas junto d'ágoa fria
 Guardou formoso Adonis; e tornado
 Em bezerro Neptuno foi já achado.

ALICUTO.

Pescador já foi Glauco, e deos agora
 É do mar; e Próteo Phocas guarda.
 Nascéo no pégo a deosa, que é senhora
 Do amoroso prazer, que sempre tarda.
 Se foi bezerro o deos, que cá se adora,
 Tambem já foi delfim. Se se resguarda.
 Vê-se que os moços pescadores erão,
 Que o escuro enigma ao primo Vate dérão.

AGRARIO.

Formosa Dinamene, se dos ninhos
 Os implumes penhõres já furtei
 Á doce Philoméla; e dos murtinhos
 Para ti (féra!) as flôres apanhei;
 E se os crespos medronhos nos raminhos
 Com tanto gôsto já te presentei,
 Porque não dás á Agrario desditoso
 Um só revolver d'olhos piedoso?

ALICUTO.

Para quem trago d'ágoa em vaso cávo
 Os curvos camarões vivos saltando?

Para quem as conchinhas ruivas cavo
 Na praia, os brancos buzios apanhando?
 Para quem de mergulho no mar bravo
 Os ramos de coral vou arrancando.
 Senão para a formosa Lemnoria,
 Que co'um só riso a vida me daria?

AGRARIO.

Quem vio o desgrenhado e crespo Inverno,
 D'âtras nuvens vestido horrido e feio,
 Ennegrecendo á vista o Céu superno,
 Quando os troncos arranca o rio cheio:
 Raios, chuvas, trovões, um triste inferno,
 Que ao mundo mostra um pallido receio:
 Tal o amor é cioso, a quem suspeita
 Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

ALICUTO.

Se alguém vê, se alguém ouve o sibilante
 Furor lançando flamas e bramidos,
 Quando as pasmosas serras traz diante,
 Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:
 Á braços derribando o já nutante
 Mundo co'os elementos destruidos:
 Assi me representa a phantasia
 A desesperação de a vêr um dia.

AGRARIO.

Minha alva Dinamene, a Primavera,
 Que os deleitosos campos pinta e veste,
 E rindo-se huma côr aos olhos gera,

Qu'em terra lhes faz vér o Arco celeste:
 As aves, as boninas, a verde hera,
 E toda a formosura amena agręste,
 Não é para os meus olhos tão formosa.
 Como a tua, que abate o lirio e rosa.

ALICUTO.

As conchinhas da praia, que presentão
 A côr das nuvens, quando nasce o dia:
 O canto das Sirenas, que adormentão;
 A tinta, que no Murice se cria;
 O navegar por ondas, que se assentão
 Co'o brando bafo, com que o sol s'enfria,
 Não pôdem, Nympha minha, assi aprazer-me.
 Como o ver-te, se em tanto chego a vér-me.

AGRARIO.

A deosa, que na Lybica lagòa
 Em fórma virginal appareceo,
 Cujó nome tomou que tanto sòa,
 Os olhos bellos tem da côr do Ceo:
 Garços os tem; mas uma, que a coròa
 Das formosas do campo mereceo,
 Da côr do campo os mostra graciosos;
 Quem diz, que não são estes os formosos?

ALICUTO.

Perdoem-me os deidades; mas tu, diva,
 Que no liquido marmore és gerada,
 A luz dos olhos teus, celeste e viva,
 Tens por vicio amoroso atravessada:

Nós petos lhe chamâmos; mas quem priva
 De luz o dia, baixa e socegada
 Traz a dos seus nos meus, qu'eu o não nego:
 E com toda esta luz sempre estou cego.

Assi cantavão ambos os cultores
 Do monte e praia, quando os atalhárão:
 A um pastores, a outro pescadorês.
 E quaesquer a seu vate coroárão
 De capellas idoneas e formosas,
 Que as Nymphas lhes tecêrão e ordenárão:

A Agrario de murtinhos e de rosas:
 A Alicuto d'um fio de toreidos
 Buzios, e conchas ruivas e lustrosas.

Estavão n'ágoa os peixes embebidos
 Com as cabeças fóra; e quasi em terra
 Os musicos delphins estão perdidos.

Julgavão os pastores que na serra
 O cume e preço está do antigo canfo;
 Que quem o nega, contra as Musas erra.

Dizem os pescadores que outro tanto
 Teem na sonora frauta, quanto teve
 O monte pastoril da antiga Manto.

Mas já o pastor d'Admeto o carro leve
 Molhava n'ágoa amara, e compellia
 A recolher a roxa tarde e breve:

E foi fim da contenda o fim do dia.

ÈGLOGA X.

MELISO.

Enchéo do mar azul a branca praia

Meliso pescador de mil querellas:

Meliso, que por Lilia arde e desmaia.

Despois que á luz da lua e das estrelas,

Sobre dura fatexa o barco pôsto,

As redes recolhêo, remos e vélas:

Que gôsto, ó Lilia, (disse) ou que desgôsto

Te move a me negar, vendo qual ando,

Teus olhos còr do céo, teu alvo ròsto?

Se tu queres que pene desejando,

Se queres que no mar em fogo viva.

Ardendo sempre estè, sempre penando:

Mas ólha, ó branda Lilia, (antes esquiva)

Que não merece ser tão mal tratada

Um'alma desses olhos tão captiva.

Vives dos meus cuidados descuidada:

Coitado de quem traz a duvidosa

Vida no mar e terra aventurada!

Bem pòdes com razão ser piedosa:

Com quem não quer mór bem, que bem querer-te.

Não sendo tão cruel como és formosa.

Ora deixa já. ingrata, deixa vêr-te

A meus cansados olhos, que de tantas

Lágrimas são movidos, sem mover-te.

Se tu me vences, e se tu m'encantas

Com tua doce falla, doce riso,

Porque foges de mi? porque te espantas?

Lembre-te a formosura de Narciso.

E qual pago lhe dêo seu desamôr:

Ólha que com amor disto te aviso.

Mas quando essa crueza tanta fór.

Que merêça do Céo novo castigo.

Qual herva será digna de tal flôr?

Amor que me persegue, Amor que sigo.

Me faz d'um grave mal andar temendo:

D'um mal, qu'eu sinto na alma, e que não digo.

Quanto mais ledo já te estive vendo
 Aqui as mansas ondas esperando,
 Que por chegar a ti vinhão correndo,
 E da molhada areia despegando
 Com a caudida mão roxas conchinhas,
 A fórma de teu pé nella deixando?

Daquellas, de que tu mais gôsto tinhas.
 Muitas te trago aqui, posto que tomo
 Que menos o terás por serem minhas.

Um temor tal me chega a tal extremo,
 Que, vencido d'um triste esquecimento,
 No mar me cahe da mão o duro remo.

E quando a branca véla sólto ao vento,
 Tão descuidado vou do fiel léme,
 Que me leva a perder meu pouco tento.

Mas quem arde por ti, quem por ti treme.
 Os seus maiores riscos não receia,
 Os teus que sente mais, muito mais teme.

Despois que te não vi, (não sei que creia
 Desta tardança tua e morte minha)
 Sendo a lua vazia, ó quasi cheia.

O tempo, que nos gôstos passa asinha,
 Detem-se neste mal da saúde,
 Por me dobrar a dôr, que d'antes tinha.

Não desprezes, ó Lilia, uma vontade.
 Que por te contentar tudo despreza,
 Tudo julga, sem ti, por pouquidade.

Se pretendes amor, já tens certeza
 Que não podes ser nunca mais amada
 Dos que vencidos traz tua belleza.

Se por ventura estás affeçoada
 A gentil parecer, a bom engenho,
 A ninguém nestas partes devo nada.

Se fazes caso d'honra, ôlha que venho
 De geração d'honrados pescadores:
 Se de riqueza, barco e redes tenho.
 Por erro julgarás estes louvores:
 E oxalá não os julgues por doudice!
 Mas quem siso quer ter, não tenha amores.
 E mais tudo foi pouco quanto disse,
 Pondo os olhos no muito que meu fado
 Nos teus, que ver desejo, quiz que visse.
 Aconteceo-me um caso desusado,
 (Inda que d'uma cousa n'outra salto)
 Digno, por ser de amor, de ser contado.
 Pescando hontem à tarde no mar alto,
 Suspenso nessa rara formosura,
 A quem com mil lembranças nunca falto.
 Comecei a cantar: Lilia, mais dura,
 Que a mais inculta rocha rodeada
 Do mar, de cujo encontro está segura;
 Mais alva, que jasmims, e mais cõrada.
 Que purpureas serejas polo Maio;
 Mais loura, que manhã desentrançada:
 Não vês... dizer queria que desmaio.
 Quando (cousa que mal me será erida)
 No mar, vencido d'um, do barco caio?
 Alli tivêra fim a triste vida,
 Se d'um brando delfim, que me escuitava.
 Não fõra, por ser tua, soccorrida.
 Parece que tambem vencido estava
 Do mal, de que me via andar vencido.
 Quem em tamanho risco m'ajudava.
 Trouxe-me sobre si adormecido,
 Nadando ao som das ondas mansamente.
 Até que me sentio em meu sentido.
 Livre deste mortal, bravo accidente.

Tal foi o espanto meu, tal meu temor,
Que d'outro me livreí escaçamente.

Mas logo o amoroso nadador
Me poz junto do barco, que tão perto
Esteve de ficar sem pescador.

O sol era de todo já coberto,
Quando eu, entrando nelle, sahi fóra
Do perigo, onde tive o fim tão certo.

Porém outro maior me causa agora,
De que mal sahírei, se te não vir
Amanhecer aqui co'a nova aurora.

Não póde ella tardar em descobrir
As suas louras tranças desatadas,
Das quaes as tuas bem se pódem rir.

Pois por cima das ondas, acordadas,
As Halcyoneas ouço lamentar-se,
Do seu antigo damno inda lembradas.

E sinto o fresco orvalho derramar-se
Mais congelado e frio; e Venus bella
Polo Oriente já vejo levantar-se.

Bem pódes, Lilia, competir com ella,
E com Pallas e Juno em gentileza;
Em amor não, pois elle nascéo della:

Desterrou-o de ti tua aspereza,
Que desterra de mi prazer e vida,
Deixando em seu logar mágoa e tristeza.

No silencio da noite, que convida
A descanso commum, tanto me cança,
Que não sei se remedio ou morte pida.

Se tu quizesse dar-me uma esperanza
De te servir de mi ou tarde, ou cedo,
Nunca me negaria o mar bonança.

Polas inchadas ondas, que põem medo,
Eu só, sem mais ajuda, levaria

Sempre a fôrça de braço o barco quedo.

Tão seguro por ellas andaria,
 Como polo seu campo o lavrador
 No mais quieto, claro e bello dia.

Ólha que não ha déstro pescador,
 Que mais manhoso as redes desencolha.
 Nem os tórtos anzóes isque melhor.

Os peixes deixarei em tua escolha:
 Aquelles de que fôres mais amiga,
 Nunca te faltarão de fólha a fólha.

Não sei, Lilia formosa, que mais diga,
 Que mova amor em ti, que mova mágoa:
 Sei que mágoa, e que amor a mais obriga.

Mas antes que o sol dê naquella frágoa.
 Onde meus ais dilata a triste Écco,
 Vou-me segurar mais o barco na ágoa,
 Porque de baixa-mar não fique em sêcco.

Notai na primeira destas duas églogas, que é pela ventura a mais bella de quantas compoz o poeta,

A rustica contenda desusada
 Entre as Musas do bosque, das areias,
 De seus rudes cultores modulada,

e vêde si é possível exprimir em estylo mais poetico, e ao mesmo tempo mais accommodado á capacidade dos interluctores, o canto á porfia entre um pastor e um pescador que se esfórção, cada um, por exaltar a sua profissão. Tudo nesta égloga, pertencente a um genero novo introduzido pelo poeta, é bello e expresso em bellos versos, invocação, narração, contenda,

e desfecho, em que os pastores corôão o pastor, os pescadores, o pescador. O colorido e os donaires de estylo são dignos de Virgilio, de quem Camões se mostra não já discípulo, mas émulo e competidor. Vêde se ha nada mais gracioso, ameno e delicado, que estas duas admiraveis estancias:

AGRARIO.

Minha alva Dinamene, a Primavera,
 Que os deleitosos campos pinta e veste,
 E rindo-se uma côr aos olhos gera,
 Qu' em terra lhes faz vêr o Arco celeste:
 As aves, as boninas, a verde hera,
 E toda a formosura amena agreste,
 Não é para meus olhos tão formosa,
 Como a tua, que abate o lirio e rosa.

ALICUTO.

As conchinhas da praia, que presentão
 A côr das nuvens, quando nasce o dia:
 O canto das Sirenas, que adormentão;
 A tinta, que no Murice se eria;
 O navegar por ondas, que se assentão
 Co'o brando bafo, com que o sol se enfria,
 Não pôdem, Nympha minha, assi aprazer-me.
 Como o vêr-te, se em tanto chego a vêr-me.

Nunca a poesia pastoril portugueza se exprimio em taes accentos, nem se quer os sonhou, antes de Camões, cuja poderosa phantasia tudo inventa, pinta,

anima e aformosêa. Nem Theocrito, nem Virgilio, desdenharião como sua esta égloga tão cheia de bellezas, quer se attenda aos conceitos, quer ao estylo.

Notai na segunda égloga que vos li, a delicada expressão do sentimento, a viveza das imagens, ou antes o primor inimitavel do colorido, a elegancia do estylo, a melodia da toada, e a perfeição metrica que é tal, que parece trazer-nos aos ouvidos as vibrações do canto longinquo do pescador: Vêde se ha nada mais bello, harmonioso e pittoresco, que estes tres admiraveis tercêtos, por que comêça a égloga:

Enchêo do mar azul a branca praia
 Meliso pescador de mil querelas;
 Meliso, que por Lilia arde e desmaia.
 Depois que á luz da lua e das estrellas,
 Sobre dura fatexa o barco pôsto.
 As redes recolhêo, remos e vélas:
 Que gôsto, ó Lilia, disse, ou que desgôsto
 Te move a me negar, vendo qual ando.
 Teus olhos côr do céu, teu alvo rôsto?

Quem quer que lér estes bellissimos versos, não poderá deixar de sentir com toda a convicção d'alma, que a poesia é uma verdadeira pintura fallante. E quanto ao pathetico, accommodado ao assumpto, admirai-o nest'outros versos não menos bellos:

Quanto mais ledô já te estive vendo
 Aqui as mansas ondas esperando,
 Que por chegar a ti vinhão correndo.

E da molhada areia despregando
 Com a candida mão roxas conchinhas,
 A fôrma de teu pé nella deixando?
 Daquellas, de que tu mais' gôsto tinhas,
 Muitas te trago aqui, posto que temo
 Que menos o terás por serem minhas.
 Um temor tal me chega a tal extremo,
 Que, vencido d'um triste esquecimento,
 No mar me cabe da mão o duro remo.
 E quando a branca véla sólto ao vento,
 Tão descuidado vou do fiel leme,
 Que me leva a perder meu pouco tento.

Que poesia tão cheia de imagens, como sentimental mavisosa ! E tão admiravel é ella, que, ao lê-la, não nos é possível deixar de exclamar com enthusiasmo: ah, que só o divino pincel de Camões podia aqui chegar ! Em que outro poeta bucolico, antigo ou moderno, se encontrão passagens tão bellas e delicadas, que assim nos enlevão e arrebatão?

Mas a superioridade de Camões sobre os poetas portuguezes, seus contemporaneos, não se revela unicamente no genero lyrico, e no bucolico, que ficão analysados, manifesta-se igualmente no epistolar ou didatico, em que não tem competidor, porque nenhum outro poeta, nem Sá de Miranda, nem Ferreira, o elevou tão alto, como elle. Cabe-lhe pois a palma tambem neste genero. Disto dará brilhante testemunho a epistola dirigida ao vice-rei da India, D. Constantino de Bragança, a qual passarei a lêr-vos. É a

segunda das quatro que compôz o poeta, e que correm impressas com outras obras suas:

EPISTOLA II.

Como nos vossos hombros tão constantes
 (Principe illustre e raro) sustenteis
 Tantos negocios arduos e importantes,
 Dignos do largo Imperio, que regeis:
 Como sempre nas armas rutilantes
 Vestido, o mar e a terra segureis
 Do pirata insolente, e do tyrano
 Jugo do potentissimo Othomano:

E como com virtude necessaria
 Mal entendida do juizo alheio,
 Á desordem do vulgo temeraria
 Na santa paz ponhais o duro freio;
 Se com minha escriptura longa e varia
 Vos occupasse o tempo, certo creio
 Que com vagante e ociosa phantasia
 Contra o commum proveito peccaria.

.....
 Sei eu, e sabem todos que os futuros
 Verão por vós o Estado accrescentado,
 Serão memoria vossa os fortes muros
 Do Cambaico Damão bem sustentado:
 Da ruina mortal serão seguros,
 Tendo todo o alicerce seu fundado
 Sobre orphãas amparadas com marides.
 E pagos os serviços bem devidos.

Quãmanha infamia ao Principe é perder-se
 Pouco do Estado seu, que inteiro herdou.
 Tanto por glória grande deve ter-se

Se accrescentado e próspero o deixou.
 Nunca consentio Roma ennobrecer-se
 Com triumphos alguém, se não ganhou
 Provincia com que o Imperio s'augmentasse.
 Por maiores victorias qu'aleançasse.

Póde tomar o vosso nome dino
 Damão, por honra sua clara e pura,
 Como já do primeiro Constantino
 Tomou Byzancio aquelle qu'inda dura.
 E tu, Rei, que no Reino Neptunino,
 Lá no seio Gangetico a Natura
 Te aposentou, de ser tão inimigo
 Deste Estado não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes aves
 Cortar a espumosa água navegando;
 Ouviste o som das tubas, não suaves,
 Mas com temor horrifero soando;
 Sentiste os golpes asperos e graves
 Do Lusitano braço nunca brando.
 Não soffreste o grão brado penetrante,
 Que os trovões imitava do Tonante.

Mas antes dando as costas e a victoria
 Á Bragancez ventura não corrido,
 Déste bem a entender quão grande glória
 É de tal vencedor o ser vencido.
 Quem faz obras tão dignas de memoria
 Sempre será famoso e conhecido,
 Onde os altos juizos o estimarem,
 Qu'estes sós tem poder de fama darem.

Não vos temais, Senhor, do povo ignaro,
 Tão ingrato a quem tanto faz por elle;
 Mas sabei qu'è signal de serdes claro
 O ser agora tão malquisto delle.
 Themistocles, da patria sua amparo.

O forte e liberal Cimón, e aquelle
 Que as leis ao povo dêo d'Esparta antigo,
 Testemunhas serão de quanto digo.

Pois ao justo Aristides um' robusto,
 Votando no ostracismo costumado,
 Lhe disse claro assi: Porque era justo
 Desejava que fosse desterrado.
 Pachitas por fugir do povo injusto
 Calumnioso, dando no Senado
 Conta de Lesbos, qu'elle já mandára,
 Se tirou co'o seu ferro a vida clara.

Demosthenes, lançado das tormentas
 Populares, Ó Pallas! foi dizendo,
 Que de tres monstros grandes te contentas.
 Do drago e moucho, e do vil povo horrendo!
 Que glórias immortaes houve, qu'isentas
 Do veneno vulgar fossem, vivendo?
 Pois mil exemplos deixo de Romanos,
 E vós tambem sois um dos Lusitanos.

Esta epistola que é uma imitação livre da de Horacio dirigida á Augusto que principia, *Cum tot sustineas, et tanta negotia sibus*, é não só uma das mais bellas do poeta, mas talvez de quantas se leem em lingua portugueza. Nella louva o poeta á D. Constantino, que sendo principe de sangue real, e podendo recusar por sua qualidade o cargo de vice-rei da India, se expuzêra ás tempestades do mar, e aos trabalhos de um governo longinquo e difficil, só para servir ao rei e á patria. Passa depois a augurar-lhe mui poeticamente futuras victorias, com que tem de engrandecer o imperio do Oriente, sempre tão alte-

rado por commoções dos principes sujeitos, e visinhos guerreiros. Nem em nobreza de sentimentos e elevação de conceitos, nem em sã philosophia, nem em elegancia de estylo, tem o poeta portuguez que invejar cousa alguma ao seu modelo latino, si é que o não deixa atraz. Para dar-voos idéa do que é Camões ainda neste genero, quando levanta o estylo, basta citar a seguinte estancia: -

Bem viste contra ti nadantes aves
 Cortar a espumosa ágoa navegando;
 Ouviste o som das tubas, não suaves,
 Mas com temor horrifero soando;
 Sentiste os golpes asperos e graves
 Do Lusitano braço nunca brando.
 Não soffreste o grão brado penetrante,
 Que os trovões imitava do tonante.

Nesta admiravel epistola em summa teem um perfeito modelo todos os que se propõem cultivar o genero, e desejão fazer progressos na poesia didatica.

Tendo apreciado a Camões como poeta bucolico e didatico, passarei em outro discurso á analysal-o como trovador, e poeta dramatico, fazendo hoje aqui ponto.

LICÇÃO XXXII.

Foi destino de Camões, Senhores, aperfeiçoar todos os generos de poesia, que tratou, e ser superior a quantos poetas o precedêrão em Portugal e Hespanha, porque tal é a partilha do genio, que é só igual a si mesmo. A sua superioridade na poesia lyrica romantica e classica, na pastoril, na didatica, mantem se igualmente na poesia dos trovadores propriamente dita, e ainda na dramatica, si attendermos ao tempo em que escrevêo os seus dramas. Assim, rival de Homero, Virgilio e Dante na poesia épica, o immortal cantor dos *Luziadas*, é ainda um dos maiores poetas modernos em todos os outros generos de poesia, a que applicou o seu grande e extraordinario engenho.

Na poesia dos trovadores que aperfeiçoou, como o attestão as suas redondilhas sobre diversos assumptos, é superior á Bernardim Ribeiro e á Christovão Falcão, que fôrão os que mais nella primárão, depois

que el-rei D. Diniz, de cujos rudes ensaios já demos uma amostra, a introduzio em Portugal pelos fins do século XIII. Na poesia dramatica, que só mais tarde devia ter completo desenvolvimento em Portugal ou no principio do século XIX, é ainda assim evidentemente superior á Gil Vicente, que a introduzio na Peninsula no reinado d'el-rei D. Manoel, porque dêo mais desenvolvimento e interesse a seus dramas, levando-lhe sobre tudo vantagem na perfeição de estylo e no dialogo. Não o comparamos com Sá de Miranda e Ferreira, introductores, antes copistas da comedia italiana, porque estes escreverão as suas comedias em prosa. Os poetas contemporaneos não podem tambem lutar com elle em qualquer genero que seja, porque nenhum tinha o seu prodigioso engenho. Sobranceiro á todos é Camões em seus vãos a guia altaneira fitando o sol.

Começarei a analyse de hoje pelas redondilhas, que attestão o grande estudo que o poeta tinha feito da poesia dos trovadores, ainda então em moda, e nas quaes se nota uma delicadeza de sentimento, uma graça de expressão, e uma vivacidade de espirito, que não se encontra nos poetas seus contemporaneos, e ainda menos nos que o precedêrão. D'isto dá brilhante testemunho a carta a uma dama, que comêça:

Querendo escrever um dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria,

Vi amor, que me dizia—
Escreve que eu notarei.

Poderia citar-vos como essas outras redondilhas não menos bellas, mas prefiro submeter á vossa apreciação as que fez o poeta sobre o thema—*Super flumina Babylonis*—, que são admiraveis, e teem sido á justo titulo louvadas por todos as criticos nacionaes e estrangeiros. Passo pois a lêr-vo-las:*

REDONDILHAS.

Sóbolos rios que vão
Por Babylonia, me achei.
Onde senfado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
N'alma se representarão:
E minhas cousas ausentes
Se fizerão tão presentes,
Como se nunca passarão.
Alli, depois d'acordado,
Co'o rosto banhado em ágoa.
Deste sonho imaginado.
Vi que todo bem passado.
Não é gôsto, mas é mágoa.

E vi que todos os danos
Se causavão das mudanças,
E as mudanças dos anos;
Onde vi quantos enganãos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura;
O mal quão depressa vem;
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val
Que então se entende melhor,
Quando mais perdido for:
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento:
E vejo-me a mi, qu'espalho
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas ágoas
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas,
E confusão de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos trances em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:

Assi, despois qu'assentei
Que tudo o tempo gastava.
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei

Os orgãos com que cantava.
 Aquelle instrumento ledo
 Deixei da vida passada,
 Dizendo: Musica amada,
 Deixo-vos neste arvoredó
 Á memoria consagrada.

Fruta minha, que tangendo
 Os montes fazeis vir
 Par'onde estaveis correndo:
 E as ágoas, que ião descendo,
 Tornavão logo a subir:
 Jamais vos não ouvirão
 Os tigres, que s'amansavão:
 E as ovelhas que pastavão,
 Das hervas se fartarão,
 Que por vos ouvir deixavão.

Já não fareis docemente
 Em rosás tornar abrolhos
 Na ribeira florecente;
 Nem poreis freio á corrente,
 E mais se fôr dos meus olhos.
 Não movereis a espessura.
 Nem podereis já trazer
 A trás vós a fonte pura;
 Pois não pudéstes mover
 Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
 Á Fama, que sempre vela.
 Fruta de mi tão querida:
 Porque mudando-se a vida,
 Se mudão os góstos della.
 Acha a tenra mocidade
 Prazeres accommodados:
 E logo a maior idade

Já sente por pouquidade
 Aquelles góstos passados.

Um gôsto, que hoje s'alcança,
 Amanhã já o não vejo:
 Assi nos traz a mudança
 D'esperança em esperança,
 E de desejo em desejo.
 Mas em vida tão escassa
 Qu'esperança será forte?
 Fraqueza da humana sorte,
 Que quanto da vida passa
 Está receitando a morte!

Mas deixar nesta espessura
 O canto da mocidade:
 Não cuide a gente futura
 Que será obra da idade
 O que é força da ventura.
 Qu'idade, tempo, e espanto
 De ver quão ligeiro passe,
 Nunca em mi pudêrão tanto,
 Que, posto que deixo o canto,
 A causa d'elle deixasse.

Mas em tristezas e nojos,
 Em gôsto e contentamento:
 Por sol, por neve, por vento,
 Tendré presente á los ojos
 Por quien muero tan contento.
 Orgãos e fruta deixava,
 Despôjo meu Jáo querido,
 No salgueiro que alli'stava.
 Que para trophéo ficava
 De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da affeição
 Que alli captivo me tinha,

Me perguntarão então.
 Qu'era da musica minha.
 Que eu cantava em Sião?
 Que foi d'aquelle cantar,
 Das gentes tão celebrado?
 Porque o deixava de usar.
 Pois sempre ajuda a passar
 Qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante ledo
 No caminho trabalhoso
 Por entre o espesso arvoredos:
 E de noite o temeroso
 Cantando refreia o medo.
 Canta o preso docemente.
 Os duros grilhões tocando:
 Canta o segador contente:
 E o trabalhador, cantando.
 O trabalho menos sente.

Eu que estas cousas senti
 N'alma de mágoas tão cheia.
 Como dirá, respondi,
 Quem alheio está de si
 Doce canto em terra alheia?
 Como poderá cantar
 Quem em choro banha o peito?
 Porque, se quem trabalhar
 Canta por menos cansar.
 Eu só descansos engeito.

Que não parece razão.
 Nem seria cousa idoneia.
 Por abrandar a paixão
 Que cantasse em Babylonia
 As cantigas de Sião.
 Que quando a muita graveza

De saúde quebrante
 Esta vital fortaleza,
 Antes morra de tristeza,
 Que por abrandal-a cante.

Que se o fino pensamento
 Só na tristeza consiste,
 Não tenho medo ao tormento:
 Que morrer de puro triste.
 Que maior contentamento?
 Nem na fruta cantarei
 O que passo, e passei já,
 Nem menos o escreverei;
 Porque a penna cansará,
 E eu não descansarei.

Que se vida tão pequena
 S'acrescenta em terra estranha;
 E se Amor assi o ordena,
 Razão é que canse a penna
 D'escrever pena tamanha.
 Porém se para assentar
 O que sente o coração,
 A penna já me cansar,
 Não canse para voar
 A memoria em Sião.

Terra bemaventurada,
 Se por algum movimento
 D'alma me fôres tirada,
 Minha penna seja dada
 A perpétuo esquecimento.
 A pena deste desterro,
 Qu'eu mais desejo esculpida
 Em pedra, ou em duro ferro.
 Essa nunca seja ouvida.
 Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quizer
 Em Babylonia sujeito,
 Hierusalem, sem te ver,
 A voz, quando a mover,
 Se me congele no peito:
 A minha lingua se apegue
 Às fauces, pois te perdi.
 S'em quanto viver assi
 Houver tempo, em que te negue,
 Ou que m'esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de glória,
 S'eu nunca vi tua essencia,
 Como me lembrás na ausencia?
 Não me lembrás na memória,
 Senão na reminiscencia:
 Que a alma é faboa rasa,
 Que com a escrita doutrina
 Celeste tanto imagina,
 Que vôa da propria casa,
 E sóbe á patria divina.

Não é logo a satidade
 Das terras onde nasceo
 A carne, mas é do Ceo,
 Daquella santa Cidade,
 Donde est'alma descendeo.
 E aquella humana figura,
 Que cá me pôde alterar,
 Não é quem se ha de buscar:
 É raio da formosura;
 Que só se deve d'amar.

Que os olhos, e a luz que ateia
 O fogo que cá sujeita,
 Não do sol, nem de candeia,
 É sombra daquella ideia,

Qu'em Deos está mais perfeita.
 E os que cá me captivarão,
 São poderosos affeitos
 Qu'os corações teem sujeitos:
 Sophistas, que m'ensinarão
 Máos caminhos por direitos.

Destes o mando tyrano
 M'obriga com desatino
 A cantar ao som do dano
 Cantares d'amor profano,
 Por versos d'amor divino.
 Mas eu, lustrado co'o santo
 Raio, na terra de dor,
 De confusões e d'espanto
 Como hei de cantar o canto,
 Que só se deve ao Senhor?

Tanto pôde o beneficio
 Da graça que dá saude,
 Que ordena que a vida mude:
 E o qu'eu-tomei por vicio,
 Me faz grão para a virtude;
 E faz qu'este natural
 Amor, que tanto se préza,
 Suba da sombra ao real,
 Da particular belleza
 Para a belleza geral.

Fique logo pendurada
 A fruta com que tangi.
 Ó Hierusalem sagrada,
 E tome a lyra dourada
 Para só cantar de ti;
 Não captivo e ferrolhado
 Na Babylonia infernal,
 Mas dos vicios desatado,

E cá desta a ti levado,
Patria minha natural.

E s'en mais dêr a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyranos e urgentes.
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.
E, tomando já na mão
A lyra santa e capaz
D'outra mais alta invencão.
Calle-se esta confusão,
Cante-se a visão de paz.

Ouçã-me o pastor e o rei.
Retumbe este accento santo.
Mova-se no mundo espanto;
Que do que já mal cantei
A palinodia já canto.
A vós só me quero ir.
Senhor, e grão capitão
Da alta torre de Sião,
Á qual não pôsso subir,
Se me vós não dais a mão.

No grão dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os rmins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente.
Soberbos co'o poder vão.
Arrazal-os igualmente:
Conheção que humanos são.

E aquelle poder tão duro
Dos affectos com que venho.

Qu'encendem alma e engenho:
 Que já me entrarão o muro
 Do livre arbitrio que tenho:
 Estes, que tão furiosos
 Gritando vem a escalar-me,
 Máos espiritos damnosos,
 Que querem como forçosos
 Do alicerce derribar-me;

Derribae-os, fiquem sós,
 De forças fracos, imbelles;
 Porque não podemos nós,
 Nem com elles ir a vós,
 Nem sem vós tirar-nos delles.
 Não basta minha fraqueza
 Para me dar defensão,
 Se vós, santo Capitão,
 Nesta minha Fortaleza
 Não puzes des guarnição.

E tu, ó carne, qu'encantas.
 Filha de Babel tão feia,
 Toda de miseria cheia,
 Que mil vezes te levantas
 Contra quem te senhoreia:
 Beato só pôde ser
 Quem co'a ajuda celeste
 Contra ti prevalecer,
 E te vier a fazer
 O mal que lhe tu fizeste:

Quem com disciplina crúa
 Se fere mais que uma vez:
 Cuja alma, de vicios nua,
 Faz nodoas na carne sua,
 Que já a carne n'alma fez.
 E beato quem tomar

Seus pensamentos recentes.
 E em nascendo os affogar.
 Por não virem a parar
 Em vícios graves e urgentes:

Quem com elles logo dêr
 Na pedra do furor santo.
 E batendo os deslizer
 Na Pedra, que veio a ser
 Emfim cabeça do canto:
 Quem logo quando imagina
 Nos vícios da carne má.
 Os pensamentos declina
 Àquella Carne divina,
 Que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento
 Cá deste mundo visibil,
 Quanto ao homem fôr possibil.
 Passar logo entendimento
 Para o mundo intelligibil:
 Alli achará alegria
 Em tudo perfeita, e cheia
 De tão suave harmonia,
 Que nem por pouco recreia,
 Nem por sobeja enfastia.

Alli verá tão profundo
 Mystério na summa Alteza.
 Que, vencida a natureza,
 Os móres faustos do mundo
 Julgue por maior baixeza.
 Ó tu, divino aposento,
 Minha patria singular,
 Se só com te imaginar,
 Tanto sóbe o entendimento.
 Que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
 Para ti, terra excellente,
 Tão justo e tão penitente.
 Que depois de a ti subir,
 Lá descanse eternamente!

Notai nas redondilhas que acabei de lèr-vos, primeiramente, a magestade e o sublime pathetico da poesia biblica que Camões, a quem nada era difficil, soube tão magistralmente introduzir no portuguez, e que sobresaem logo na primeira estancia:

Sóbolos rios que vão
 Por Babylonia, me achei.
 Onde sentado chorei
 As lembranças de Sião,
 E quanto nella passei.
 Alli o rio corrente
 De meus olhos foi manado;
 E tudo bem comparado,
 Babylonia ao mal presente,
 Sião ao tempo passado.

Estes admiraveis accents que ensaiou pela primeira vez em nossa lingua o immortal cantor dos Luziadas, só devião ser igualados dois seculos e meio mais tarde pelo Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas na sua magnifica paraphrase dos psalmos de David:

Qual arbusto que plantado
 Das agoas junto á corrente,

Com frescura permanente
 Sempre está verde e copado:
 E, no tempo appropriado,
 Troca em fructo a tenra flôr:
 Tal o justo que se esmera
 Na lei saneta do Senhôr:
 Logo tudo lhe prospera.
 Tudo corre a seu sabôr.

Até então não tinha esta inimitavel poesia rival em Portuguez; e com razão a exaltava tanto Lope da Vega, porque nada se havia jámais ouvido semelhante em Hespanha, cujos poetas nem por sonhos rastreamão taes bellezas, só á Camões palpaveis.

Notai depois a dolorosa verdade, com que passão para estes sentidissimos versos todas as tribulações de espirito do poeta, que havia escapado de um naufragio nas costas de Camboja, no qual perdêra quanto tinha de seu, quando vinha de Macau preso para Gôa por culpas, que lhe forjârão seus inimigos. Vêde se pode haver nada mais pungente e enternecedor, que o contraste resultante destas duas bellissimas estancias, pelo qual mostra o poeta que não acha no canto o allivio, que nelle encontra ás suas penas até o mais miseravel:

Canta o caminhante ledo
 No caminho trabalhoso
 Por entre o espêsso arvoredo:
 E de noite o temeroso
 Cantando refreia o medo.

Canta o preso docemente
 Os duros grilhões tocando;
 Canta o segador contente:
 E o trabalhador, cantando,
 O trabalho menos sente.

Eu que estas cousas senti
 N'alma de mágoas tão cheia,
 Como dirá, respondi,
 Quem alheio está de si
 Doce canto em terra alheia?
 Como poderá cantar
 Quem em choro banha o peito?
 Porque se quem trabalhar
 Canta por menos cansar.
 Eu só descansos engeito.

Quem é que ousará negar que a alma angustiada do poeta desvalido em terra estranha, e privado da liberdade, se acha fielmente retratada nestes versos que commovem até as entranhas, e são a verdadeira imagem della?

Notai finalmente o grandioso do sentimento patriótico, ou antes o admiravel pathetico, que respirão est'outras duas estancias não menos bellas:

Terra bem-aventurada,
 Se por algum movimento
 D'alma me fôres tirada,
 Minha penna seja dada
 A perpetuo esquecimento.
 A pena deste destêrro,
 Que eu mais desejo esculpida
 Em pedra, ou em duro ferro.

Essa nunca seja ouvida,
 Em castigo de meu erro.
 E se eu cantar quizer
 Em Babylonia sujeito,
 Hierusalem, sem te ver.
 A voz, quando a mover,
 Se me congele no peito;
 A minha lingua se apegue
 Às fauces, pois te perdi,
 S'em quanto viver assi
 Houver tempo, em que te negue,
 Ou que m'esqueça de ti.

Vêde si é possível exprimir de uma maneira mais sublime, e ao mesmo tempo mais nova o amor da patria tão distante, figurada em Hierusalem, ou Sião! Não vos parecêo estar ouvindo os sons plangentes do órgão, que como que acompanha essas endeichas tão repassadas de amargura e saúde?

Quando é que accents como estes completamente desconhecidos na poesia portugueza antes de Camões, fôrão nella ouvidos depois d'elle, a não ser na magestosa harpa do moderno poeta citado, que não tem rival no seu genero? Assim foi ainda Camões o primeiro que introduzio a poesia biblica na litteratura patria, e pena é que não deixasse mais composições deste genero, de que nos dêo tão magnifica amostra, e que tanto parecia accommodar-se ao estado de sua alma assoberbada de desgostos. Si isso se tivesse dado, seria uma riqueza mais para a lingua e poesia portugueza.

Compoz o poeta tres dramas, que correm impres-

sos com as outras obras suas e tem por titulo—*El-rei Seleuco, Os Amphitriões, e Filodemo*.—Estes dramas são em verdade escriptos no gôsto dos de Gil Vicente, a quem o poeta tomou por modelo; mas ha nelles, como bem observa José Maria da Costa e Silva, fabula bem ordenada, acção progressiva, melhor ligação de scenas, desenrêdo facil e natural, caracteres bem sustentados, dialogo vivo, rapido, gracioso e elegante. Assim nota-se em Camões visivel progresso n'arte dramatica, e superioridade sobre o seu modelo.

O primeiro destes dramas, ou *El-rei Seleuco*, é tirado do facto historico de haver Seleuco I cedido a formosa Stratonica, com quem casára em avançada idade, ao principe seu filho que concebêra pela madrasta uma paixão, que esteve a ponto de leval-o a sepultura. O segundo, ou os *Amphitriões*, é uma imitação da comedia de Plauto, que teve o mesmo titulo, mas por tal sorte variada, que pode ser julgada obra original. O terçeiro, ou *Filodemo*, é um modelo d'aquellas comedias de fabula intrincada, que depois reinárão no Theatro Hespanhol. Certo fidalgo portuguez, que navegou para Dinamarca, namorou-se da filha do rei, a qual seduzio, e fugindo com ella já pejada, naufragou nas costas de Hespanha. Perecêrão neste naufragio todos os que vinhão com elle, menos a princeza, que conseguindo chegar á terra dêo á luz dois filhos, um menino e uma menina, que fôrão creados por um pastor, porque a mãe morréo pouco depois do parto. O menino, chamado Filode-

mo, foi depois de crescido viver na cidade, onde por seu talento na musica foi bem acolhido em casa de D. Luzidardo, irmão de seu pae, e namorou-se de sua prima Dionizia, filha deste. Venadoro, filho de Luzidardo, e irmão de Dionizia, sendo dado á caça, e perdendo-se nos campos, namorou-se igualmente de Florimena, irmã de Filodemo, e sua prima. D. Luzidardo, sabendo por um magico que Filodemo e Florimena erão seus sobrinhos, os reconhece como taes, e consente na união delles com seus filhos. Eis o complicado enrêdo deste drama, ou antes deste romance dramatico.

Lêr-vos-hei delle algumas scenas, para que possais fazer idéa do talento dramatico do poeta. *

Na primeira das três scenas que vos li, notai o artificio com que o poeta põe na bocca de Florimena um soliloquio, que não pecca por prolixo como os das personagens das comedias de Sá de Miranda e Ferreira, e em que esta revela tudo o que sabe de seu nascimento; na segunda, a bella pintura da impressão que faz sobre Venadoro a extraordinária belleza da pastora, e as sisudas respostas desta que se não deixa embair pelas declarações de amor do fidalgo; na terceira, como é bem expresso o ardor da paixão de que fica possuido Venadoro por uma creatura tão bella, como discreta.

* Não reproduzimos aqui as scenas lidas, porque nos avolumarião muito este livro; por isso os estudiosos recorrão, para inteirar-se dellas, ás obras completas do poeta.

Notai mais a graça e a elegancia do estylo tão accommodado ao assumpto, e a naturalidade do dialogo entre dois jovens que se veem pela primeira vez, e dos quaes um fica logo perdido de amores, e a outra, attendendo á sua humilde condição, desconfia da verdade das palavras do fidalgo, que pretende talvez zombar della, ou illudil-a.

Si nisto leva Camões vantagem aos poetas que o precedêrão na arte dramatica, não os excede menos no bem ordenado da fabula, no interesse da acção sempre crescente, e no bem sustentado dos caracteres. Assim é elle ainda o maior poeta dramatico portuguez do seu século, com quanto o drama só devesse ter completo desenvolvimento em Portugal, depois que o Visconde de Almeida Garret regenerou o Theatro Portuguez, pois Sá de Miranda e Ferreira que copiá-rão os Italianos, além de escreverem as suas comedias em prosa, lhe são evidentemente inferiores.

Entretanto os dramas de Camões são em nossa opinião as mais somenos de suas obras, seja pelo estado de imperfeição do genero, seja porque o poeta não fez delles uma especialidade: tão superior é elle nas outras!

Muitas são as edições das obras de Camões, e tão enfadonho como inutil fôra ennumerar-as todas; por isso só vos apontarei como uma das melhores a que se fez em Hamburgo no anno de 1843 por diligencia de Barreto Feio e Monteiro, a qual todavia deve ser excedida pela do Visconde de Jeromenha ainda incomple-

ta. Quanto ás edições dos *Luziadas*, feitas em separado, será sempre uma das mais recommendaveis a do Morgado Matheus, pelas noticias que contem.

Tendo apreciado á Luiz de Camões, o maior poeta portuguez por seu incomparavel engenho, passarei em outro discurso a analysar ao prosador João de Barros, o maior historiador portuguez por sua eloquencia, fazendo aqui ponto neste,

SECÇÃO QUARTA.



João de Barros: sua biographia: seu Clarimundo: suas
Décadas da Asia.

LICÇÃO XXXIII.

Tenho, Senhores, de analysar hoje um dos principaes prosadores da lingua portugueza, senão o primeiro de todos, o illustre historiador João de Barros, denominado por sua eloquencia o Tito Livio portuguez, o qual pertence á segunda parte do século XVI, posto começasse a escrever mui joven no reinado d'el-rei D. Manoel, porque atravessou todo o reinado d'el-rei D. João III, a regencia na menoridade d'el-rei D. Sebastião, e parte do reinado deste principe, no tempo do qual falecêo. É este insigne escriptor um dos maiores vultos da litteratura patria, quer se attenda aos dotes de espirito, quer aos de estylo, pois foi não só superior á todos os prosadores que o precedêrão, ou fôrão seus contemporaneos, mas raramente igualado depois pelos que lhes succedêrão no espaço de tres séculos consecutivos até nossos dias.

Muito deve a prosa portugueza a este autor, por-

que foi elle quem lhe dêo a fôrma mais conveniente, ou o numero, a elegancia, e a magestade, que lhe fallecião ainda nos escriptos dos outros prosadores do seu século, rudes e pobres na fôrma, ou lhe restituiu com vantagem e amplidão estas qualidades, que já começavão a brilhar nella nas obras d'el-rei D. Duarte e de Gomes Eannes de Azurára, compostas na antiga linguagem, que depois cahio em desuso.

Nascêo João de Barros no anno de 1496; e com quanto varios logares de Portugal se disputem a honra de lhe haver dado o berço, acredita-se com bom fundamento que era natural da cidade de Viseu. Foi filho de Lopo de Barros, pessôa nobre por sua linhagem. Sendo ainda menino, ou da idade em que se joga o pião, como elle proprio diz, foi nomeado guarda-roupa d'el-rei D. Manoel, que o dêo depois na mesma qualidade ao principe D. João seu filho, quando a este pôz casa. Foi despachado por el-rei D. João III capitão da fortaleza e conquista de S. Jorge da Mina, onde servio tres annos; e no seu regresso ao reino, thesoureiro da Casa da India e Mina em 1528, e por ultimo feitor proprietario da mesma Casa em 1532. Renunciou este rendoso officio em 1567, recebendo d'el-rei D. Sebastião em remuneração de seus longos e assignalados serviços e fôro de moço fidalgo, uma tença de mil cruzados, e a faculdade de mandar vir annualmente nas náus da India mercadorias que, isentas de direitos e fretes, lhe rendessem quatro mil cruzados liquidos, isto, além de outras mercês,

como uma tença de cincoenta mil réis por sua morte á sua mulher D. Maria de Almeida, e outra de cento e cincoenia mil réis á seu filho Jeronymo de Barros. Depois desta renuncia se foi viver na sua quinta da Ribeira de Alitem junto á Pombal, segundo Manoel Severim de Faria, ou de S. Lourenço, segundo o Sr. Innocencio F. da Silva; e falecêo nella em 1570 com 74 annos de idade.

Em seus primeiros annos recebêo no paço a educação liberal, que os reis de Portugal mandavão dar aos moços fidalgos de sua criação, e com especialidade aos de sua camara; pois ahi aprendêo com perfeição ás linguas latina e grega, as mathematicas, as humanidades, a dança, o jogo das armas, e outros exercicios honestos. Os seus numerosos e preciosos escriptos provão á toda luz, que foi elle pela ventura o alumno mais aproveitado, que sahio jamais de taes escolas, porque nenhum dos moços que recebêrão a mesma educação, nem antes, nem no seu tempo, nem depois, pode competir com elle em merito e talento.

Foi casado com D. Maria de Almeida, da qual teve numerosa prole, pois não contou menos de dez filhos de ambos os sexos, cujos nomes julgo inutil mencionar aqui.

Quando el-rei D. João III dividio o Brazil, então provincia de Santa Cruz, em capitancias de 50 leguas de costa por alguns fidalgos de sua casa, que as povosassem, João de Barros que era homem de espirito

elevado, e desejava tentar empresas grandes, pediu uma destas capitánias para si; e coube-lhe em sorte a do Maranhão, que lhe foi concedida de juro e herdade. Não se julgando porém com forças sufficientes para colonisá-la por si só, associou-se outros dois emprezarios, Ayres da Cunha e Fernão Alvares de Andrada, dando-lhes parte na concessão. Com o auxilio destes expedio para o Maranhão em 1539 a maior armada, que até então se destinára ao Brazil, composta de dez náus grossas com novecentos homens, dos quaes mais de cem erão de cavallo, e provida de todo o necessario em mantimentos, munições de guerra e artilharia, sob o commando do socio Ayres da Cunha, que trazia consigo á dois filhos d'elle Barros. Chegado á entrada da Ilha do Maranhão, perdêo-se infelizmente Ayres da Cunha com toda a armada em uns baixos que se suppõe serem os da Corôa Grande, posto que alguns autores os digão da Ilha do Médo, salvando-se só alguma gente, que vivêo por algum tempo na ilha, fazendo pazes com os tapuias, mas que não podendo manter-se nella por falta de recursos, voltou para Portugal na primeira occasião que se lhes proporcionou.

Este infeliz successo arruinou em grande parte a fortuna de João de Barros que perdêo tanto cabedal sem fructo; mas de tão larga condição era elle, que compadecendo-se do infortunio de Ayres da Cunha, e de outros, pagou ainda por elles as dividas, que havião contrahido por amor desta empresa, que a ser

bem succedida teria feito do Maranhão, que só começou a povoar-se de 1614 em diante, uma das primeiras provincias do Brazil.

Assim devemos os Maranhenses presar a memoria do grande historiador portuguez, que tantos sacrificios fez para povoar esta terra; pois, sã o não conseguio, não dependeo isso de sua vontade, mas da pouca experiencia dos pilotos, que a demandavão sem o preciso conhecimento da respectiva costa.

Muito cedo mostrou logo João de Barros o que havia de vir a ser um dia na republica das lettras, pois de pouco mais de vinte annos de idade compoz a sua *Chronica do Imperador Clirimumbo*, que com ser historia fabulosa dá brilhante testemunho de seu grande engenho, tanto na invenção, como na elegancia de estylo, que é superior á de quantos modelos podia então encontrar em Portuguez. Esta obra em que quiz provar o estylo para cousas maiores, a compoz em oito mezes; e, como elle proprio diz, por cima das ar-
 • cas da guarda roupa do paço, publicamente, sem outro repouso, sem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudesse escolher as cousas que a phantasia lhe representava. Depois que a tirou a limpo, a apresentou em 1520 a el-rei D. Manoel, que então se achava em Evora, dizendo-lhe que a fizera com a intenção de ensaiar-se para escrever a historia de Portugal, principalmente no que respeitava á conquista do Oriente. El-rei lhe mandou ler alguns capitulos della, e satisfazendo-se do estylo, lhe disse que desejava pôr

em memoria as cousas da India, mas, que não achára até então pessoa de quem as fiasse, e que si elle se atrevesse a sahir á lume com esta empreza, não seria seu trabalho ante elle perdido.

Apercebêo-se logo para isso João de Barros, e estando, como elle diz, para abrir os alicerces do grandioso edificio desta obra, fallecêo el-rei D. Manoel no anno seguinte, com o que ficou suspensa a empreza até a sua volta da fortaleza da Mina, da qual havia sido despachado capitão pelo novo rei.

Depois do seu regresso ao reino compoz elle diversas obras, como um tratado, que intitolou *Ropica Pneuma*, ou *Mercadoria Espiritual*, a *Cartinha para aprender a ler*, a sua *Grammatica da Lingua Portugueza*, o *Dialogo da Viciosa Vergonha*, e um *Dialogo entre elle e dous filhos seus sobre preceitos moraes, em modo de jogo*.

Mas a obra que lhe dêo nome immortal, tanto em Portugal como fóra d'elle, foi a sua *Asia*, ou *Décadas dos feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente*.

A primeira Década da Asia de João de Barros sahio impressa em Lisbôa por German Galharde em 1552; a segunda, na mesma cidade, pelo mesmo Galharde em 1553; a terceira, na mesma cidade por João de Barreira, em 1563; a quarta posthuma, reformada, acrescentada e illustrada por João Baptista Lavanha, em Madrid na Imprensa Real em 1615.

Esta obra de João de Barros é uma das melhores no seu género, com que tem sido enriquecida a lit-

teratura portugueza, que poucos historiadores conta semelhantes, ou se attenda aos requisitos que requera historia, ou á magestade de estylo, que perfeitamente se ajusta á grandeza do assumpto por elle tratado. Nada pelo menos foi depois escripto sobre as cousas da India, que lhe possa ser comparado: tamanho é o seu merito ! Versado em todo genero de litteratura, e dotado de grande e raro engenho, possuia de mais a mais todo o material indispensavel para dar amplitude e perfeição á sua obra, seja em razão de seu officio de feitor da Casa da India, seja pelos documentos que mandava pôr á sua disposição el-rei D. João III, seja pela diligencia, com que fazia a aquisição das historias dos reis e povos do Oriente, que mandava passar das linguas Orientaes para o Portuguez á sua custa. Assim sahio ella a mais completa, que se podia desejar no seu tempo, á ponto de excitar a admiração dos sabios estrangeiros que a conhecêrão.

Com as suas *Décalas* levantou João de Barros um monumento em prosa á gloria de sua nação, talvez não menos duradouro, que o que Luiz de Camões lhe erguêo em verso com os seus *Luziadas*. Estes dois homens tão differentes no genero de vida, e nos escriptos, assemelbão-se todavia no grande fim que tiverão em suas composições, e no patriotismo que os distingue de outros escriptores.

Além das obras que ficão mencionadas, compoz este autor outras como um tratado em redondilhas que intitolou *Abasões do tempo*, e a sua *Geographia*, escripta na lingua latina, que ficou incompleta.

D'outras traçou unicamente o plano, como a sua *Europa*, a sua *Africa*, e a sua *America*, ou provincia de *Santa Cruz*.

Tal foi a celebridade que adquirio por seus escriptos, e com especialidade por suas *Décadas*, que a republica de Veneza lhe mandou pôr a imagem entre as dos varões famosos, o papa Pio IV, collocal-a nos paços do Vaticano á par da de Ptolomeu, e el-rei D. Felippe II de Portugal, imprimir a quarta *Década* á custa da real fazenda. E' aprasivel e consolador registrar as homenagens que, na pessoa deste grande historiador, os grandes da terra tributárão ao genio, delles tantas vezes desconhecido, e até perseguidõ.

João de Barros que deixou estampado em seus escriptos o indelevel cunho do genio, e ás qualidades eminentes do grande escriptor, reuniõ todas as que ornão uma alma nobre e bem formada, era, segundo Manoel Severim de Faria, homem de veneravel presença, alvo de côr, olhos esportos e nariz aquilino, barba comprida, e toda branca, magro, e não grande de corpo; na pratica, ainda que grave, era aprasivel e de grande conversação.

Tendo-vos dado uma noticia succinta da vida e obras do maior historiador Portuguez, que foi ao mesmo tempo um dos homens mais illustres do seu século por seu saber e engenho, passarei em outros discursos a analysar a sua *Chronica do Imperador Clarissimo*, e as suas *Décadas da Asia*, fazendo aqui ponto neste.

LICÇÃO XXXIV.

Nenhum prosador, Senhores, antigo ou moderno, prestou tantos serviços á lingua portugueza com seus variados escriptos, como o celebre João de Barros, porque nenhum a desbastou dos restos da primitiva rudeza, e a enriqueccêo de copia de expressões novas e pittorescas, como elle, que foi não só um dos homens mais eloquentes do seu século, mas tambem de quantos teem manejado a penna do historiador em diversas épocas.

Este insigne escriptor encontrou um idioma ainda rude na forma, e pobre na expressão, qual era o Portuguez de então, segundo se nota nos escriptos dos chronistas do mesmo seculo, Garcia de Resende, Damião de Góes, e Rui de Pina, nos quaes brilha mais a simplicidade, que o artificio oratorio, e o levou á alto grão de polimento, ou se attenda ás bellezas do estylo, ou á riqueza da linguagem, ou ao nu-

meroso e cheio da phrase, qualidades em que ninguém lhe leva vantagem.

O mesmo Bernardim Ribeiro que no seu romance *Menina e Moça* foi o primeiro que começou a dar numero a nossa prosa, depois que a antiga linguagem do *Leal Conselheiro* e da *Chronica de Guiné* foi cahindo em desuso, é-lhe inferior á todos os respeitos na belleza da forma, na qual só devia elle ser igualado pelos grandes prosadores do seculo XVII, Jacintho Freire, Frei Luiz de Souza, e o Padre Antonio Vieira.

Os numerosos escriptos deste autor são mui variados, e pertencem a diversos generos de composição, como se vê da noticia, que no precedente discurso dei sobre sua vida e obras.

Foi elle o primeiro que reduzio á regras a lingua portugueza na sua *Grammatica*, a mais antiga que conta o patrio idioma, digna deste nome; o primeiro que empregou o dialogo com vantagem nas suas obras moraes, mui apreciadas então dos sabios, seus contemporaneos; o primeiro que aperfeiçãoou o estylo dos romances de cavallaria na sua *Chronica do Imperador Clarimundo*, que precedêo a de *Palmeirim de Inglaterra*, escripta por Francisco de Moraes; o primeiro sobre tudo que aperfeiçãoou o estylo da historia nas suas *Décadas da Asia*, obra que nunca foi depois excedida, nem igualada por outra semelhante em Portuguez, pois a continuação della por Diogo de Couto é-lhe evidentemente inferior.

A sua solida e variada instrucção era igual á seu grande e raro engenho, que não teve rival em Portugal no seu genero. Tanto uma como outro honrão não só a litteratura portugueza, mas a mesma litteratura européa da época.

Vimos como se instrua e enfarinhava nas litteraturas da India, da China, da Arabia, da Persia e outras, pagando interpretes que lhe vertessem em Portuguez as respectivas obras; e como era admirado e venerado pelos sabios e principes estrangeiros, a ponto de lhe collocarem o retrato entre os dos varões mais illustres da antiguidade e dos tempos modernos.

Foi João de Barros n'uma palavra o creador da forma a mais bella, pittoresca e harmoniosa, para a prosa portugueza. assim como Camões, seu contemporaneo, o foi para a poesia; de modo que se pode dizer delles em relação a esta unica virtude, e sem fallar no merito intrinseco das obras de cada um, que o segundó creou em Portugal a verdadeira linguagem poetica, quasi desconhecida antes d'elle, a não ser em alguns versos de Ferreira; o primeiro a prosaica, ou pedestre, como lhe chama Horacio.

Se da forma passarmos á essencia, veremos que de todos os prosadores portuguezes é incontestavelmente elle o que reúne mais caracteres de grandeza em seus escriptos; pois foi ao mesmo tempo grande romancista, grande philologo, grande philosopho moralista, e grande historiador. Todas estas eminentes qualidades que attestão a universalidade de seu extraordinaria-

rio talento, são unicamente a partilha do genio que tem a propriedade de eclipsar os engenhos de segunda ordem, e não é possível desconhecer nelle, si o compararmos aos outros escriptores portuguezes, anteriores, contemporaneos, e posteriores.

Assim é elle o primeiro prosador da lingua portugueza, porque primou em todos os generos de composição, a que se dedicou, e que não são poucos.

Das diversas obras que compoz, apreciarei unicamente a *Chronica do Imperador Clarimundo* e as *Décadas da Asia*, porque as outras são rarissimas ainda mesmo em Portugal; e encetarei a analyse pela primeira, que não só precedêo ás *Décadas*, mas foi justamente a obra, em que o autor provou o estylo, para emprehender a composição destas, como obra de muito maior vulto.

A *Chronica do Imperador Clarimundo*, com quanto o autor a diga trasladada da lingua úngara, é todavia uma historia fabulosa de sua invenção, na qual figura que o mui esforçado e excellente principe Clarimundo, filho de Adriano rei de Ungria, e depois imperador de Constantinopla, por seu casamento com a formosa princeza Clarinda, filha mais velha do imperador Polinario, é tronco dos reis de Portugal, ou avô do conde D. Henrique, á quem alguns chronistas portuguezes fazem úngaro, como o atesta aquelle verso de Camões:

Nós Úngaro o fazemos, porem nado. . . .

Este romance, que foi dedicado a D. João III quando príncipe, e cujos quadernos fôrão por este corrigidos, segundo affirma Manoel Severim de Faria, é obra summamente engenhosa, mormente si se attender á idade em que a compoz o autor, e cheia de muitos episodios, incidentes variadissimos, e bellas descripções, cujo maravilhoso funda-se na magia muito em voga na idade média, ou no tempo da cavallaria andante, e cujo heróe é o referido príncipe Clarimundo, flór de todos quantos cavalleiros andantes vierão ao mundo. Nelle prediz o grande sabio Fanimor ao heróe toda a sua illustre descendencia de reis portugezes, cujos nomes e feitos principaes menciona, á exemplo do que pratica a sombra de Anchises com Eneas, designando-lhe no livro sexto da Eneida as grandes sombras dos futuros heróes romanos. Já daqui se deixa ver a grande licção que Barros tinha de Virgilio, assim como a tinha de outros classicos latinos.

Ha certamente a notar na obra os amiudados e incriveis combates de gigantes contra cavalleiros de estatura ordinaria, que delles obtinhão victoria, e algumas fabulas por demais inverosimeis; mas nem por isso deixa ella de ter merito intrinseco de invenção, e de attestar a fertilissima imaginação do autor, si a compararmos com outras do mesmo genero, porque todo esse inverosimil figurava nos livros de cavallaria que inundavão então a Europa, e constituia para bem dizer a sua principal base.

Como porem todo romance de cavallaria por me-

lhor que seja, não passe de uma serie de aventuras mais ou menos maravilhosas, que, embora se liguem á accção principal com algum artificio, cansão por fim o espirito, como as prodigiosas historias das Mil e Uma Noites, limitar-me-hei nesta obra a apreciar unicamente a forma que é soberba, sem me fazer cargo de discutir o assumpto, que aliás pouco ou nenhum interesse vos offereceria, depois que o immortal Cervantes redicularisou no seu D. Quixote as composições deste genero, que deixárão ha muito de ser moda, para fazer praça ás novellas, ás pastoraes, e depois aos romances de costumes hoje muito em uso, e já sediços.

Passarei pois a ler-vos o capitulo I do livro III. um dos mais bellos da obra, para que possais fazer idéa da graciosa maneira de escrever do autor.

Depois que o Descuidado se partio da fonte, onde Clarinda estava, como era d' alli ao mar mui breve caminho, foi ter a uma villa, que quasi toda era povoada de mercadores, que tratavão sobre mar. E sem saber o que fazia, mettéo-se em uma náó, que ia pera Cerdenha, mas d'outra maneira aconteceréo, porque os ventos, ao tempo de tomar a ilha, fizerão-se contrarios, e cursárão por tantos dias com tão grande tempestade, que lançárão a náó no mar Oceano: e como os marinheiros não erão usados a navegar naquellas partes, desatinavão de maneira, perdendo o ponto da navegação, que fôrão amanhecer ao pé de uma ilha coberta de tanta nevoa, que escassamente se vião uns aos outros. E ainda que estavão descontentes, por não saberem onde erão lançados, com tudo, descansárão com o repouso do mar, que se mostrou naquella hora tão brando, como se elle

não fôra o dos dias passados. E tanto que o sol foi cobrando força contra a humidade, desfez toda a nevoa da ilha, ficando desabafada d'aquellas grossuras, que impedião a vista, que foi pera os marinheiros grande prazer, porque virão aquella chapa da ilha onde elles estavam, coberta de mui gracioso arvoredo de aciprestes, cedros, e palmas de tanta altura, que parecião tocar as nuvens. E por meio delles vinha uma graciosa ribeira a se metter no mar, onde as suas ágoas doces contendião com as salgadas, a quem lograria os ares de cima. E nos ramos, e flôres de que os ventos cobrião aquella fresca ribeira, virão os marinheiros a fertilidade da terra. E perdido o medo de ser inimigos, com desejos de lograr aquella frescura, e recreiar os corações dos nojos passados, sahirão todos nella, e o Descuidado com elles, armado em suas armas, que erão todo aquelle tempo o leito em que suas carnes descansavão. (E na verdade pera quão descuidado elle era, assi lhe cumpria pelas não perder.) E começando a subir pela margem da ribeira, que os encaminhava, sem saberem aonde, virão vir sete donzellas vestidas de umas roupas brancas, cobertas de flôres d'ouro, e verde, capellas de rosas em suas cabeças, e nas mãos ramos de palmas. E detrás dellas vinhão oito homens de corpos mui grandes, e dispostos, vestidos de dous roupões verdes, um apertado, e outro claro, que trazião umas andas cobertas de brocado raso broslado de veludo azul, e torçoes de prata com franjas das mesmas côres, e alguns pendentes de pedraria. A corrediças erão de uma seda rasa à maneira de quita-sol, tecida com tanta subtilidade, que ás vezes parecia d'ouro, outras de prata, antremettida com muitas côres, que se não determinavão, e dentro vinha um homem de grande idade, que em sua presença logo mostrava o real sangue donde procedia, e com os cabellos alvos como a neve, e uma gravidade no rosto, que suppria o desfallecimento do corpo. E a estas andas seguia muita gente posta em ordem de tres em tres, com ramos de palma verde, vestida de roupas tão ricas, que em cada uma havia as-

sás que desejar. E todo este numero de gente quando as donzellas cantavão: *A esperança do nosso bem*, respondião elles em voz mui alta de consonancia concertada: *Já nossos olhos diante teem*. E chegando com esta ordem ao Cavalleiro Descuidado abaixarão as andas: e sahindo de dentro aquelle velho vestido em umas roupas de verde-gai, cobertas de esphera d'ouro, foise ao Descuidado com uma rica espada, que trazia posta em um tiracóllo, e disse estas palavras: *Convem bem-aventurado Cavalleiro, esperança de grandes cousas, que cinjaes esta espada pera entrardes embatalha com o Esquecimento, que tão rencido vos traz todo este tempo*. O Descuidado mais regido pelo que lhe mandavão, que sabendo o que fazia, tirando a sua, lançou aquella pelo tiracóllo. E bem como quando a escuridade da noite tira aos olhos as forças de sua potencia, e com a vinda dos raios do sol fica em sua perfeição, trespassando-se aquella sombra escura em luz de muita claridade; assi o Descuidado com o triste vaso, que lhe a falsa Farpinda deo, trouxe cegas as maiores potencias d'alma, e com aquella prodigiosa espada, que grandes tempos havia que o Sabio Fanimor pera isso tinha feita, ficou livre de todosos descuidos, e na perfeição de seu claro juizo, com a memoria de todasas cousas que passara, que foi aspero sentimento pera elle, representado o grande tempo, que vivêra sem lembrança do segredo de sua alma. Senhor Clarimundo, disse Fanimor, convem, que por uns dias leixeis esses cuidados, que vos tanto atormentão, pois antes de pouco tempo o vosso cansado coração sentirá o descanso de seus trabalhos: portanto, recebei o vosso grande servidor, e amigo Fanimor, que ante vós está. Quando Clarimundo entendeo que aquelle era Fanimor, abaixou-se de todo, e abraçou-o com muita cortezia, dizendo: Já agora me posso chamar contente, pois vejo o que tanto tempo desejei. E certo, Senhor Fanimor, eu não sei com que palavras possa agradecer quanta mercê me tendes feito, pois as obras de mim nunca quizestes aceitar. Á estas palavras se chegarão a Clarimundo aquellas sete donzel-

las, vindo-lhe fazer obediencia, e sabendo elle que erão irmãs de Fanimor, fez-lhes muita cortesia. Os mercadores Gregos, que vinhão com Clarimundo, e toda a outra gente, innocentes de todas aquellas cousas, achavão em todas tanta admiração, que estavam fóra de si: porém enlevados em o prazer alegre, sabendo ser aquelle Clarimundo, que por toda a Grecia era tão amado, davão o seu trabalhoso perigo por ditosa dita, pois vinhão em sua companhia, da qual tinham mais certo ganho. Fanimor depois que passou algumas palavras de grande amor com Clarimundo, tomando-o pela mão, foi-se com toda aquella gente pela costa acima até chegarem a uns paços de maravilhosa feitura, porque ao longe parecia que era um elefante com um castello em cima. E não se enganava com isto a vista, pois erão feitos desta feição, e a entrada delles era pelo costado do elefante, e lá dentro tinha muitos jardins, que se regavão com uma graciosa ribeira, a qual arrebentava em dois olhos d'ágoa mui grossa dentro nelles. E no castello que tinha sobre as cóstas estavam os paços de Fanimor; as riquezas, e obra dos quaes nós leixaremos, pois se não pode dizer em pouco aquillo, que em perfeição é muito. E da maior torre delles parecia toda a ilha coberta de grandes arvoredos, somente tinha tres campos á maneira de varzeas, onde os olhos recebião deleitação, e os moradores da terra colhião o galardão de seus trabalhos em muito pão, e todas as outras sementes pera mantimento necessarias. E estes moradores, que em numero serião tres mil, vivião em uma villa, que na ilharga do elefante da parte do Norte estava, e por uma grande porta se servião pera dentro dos paços, onde o mais do tempo andavão folgando, por que a terra era tão fructifera, que com pouco trabalho dos moradores dava todas as cousas necessarias, e tão temperada, que se não sentia calina, nem frio: tudo era posto em um meio pera a humana natureza necessario. Fanimor, depois que entrarão nestes paços, despedindo toda aquella gente com grandes folias, onde mostravão o alvorço da vinda de Clarimundo, ficou somente com

elle e suas irmãs que o servião em todas as cousas. Mas nenhuma dellas o satisfazia com a lembrança de Clarinda, e do logar onde achára Filneava Alderi e.....

Fanimor, sentindo isto nelle, disse: Já, Senhor, vos tenho dito, que é necessario despiddes de vós esse cuidado, té vos serem presentes aquellas cousas, pera que Deus ordenou que a estas partes viesses.....

Vossa vinda a esta terra, depois de Deus, eu fui aquelle que nisso trabalhei com os tempos; a causa porque, é pera nos tirar desta terra, que Deus tem guardada pera os da vossa e minha geração, e levar-nos á propria natureza onde fomos nascidos, e eu espero o galardão do amor que vos tenho. E pois estas cousas são ordenadas do Eterno Deus, peço-vos, que repouseis em quanto se ordenão algumas cousas pera nossa partida, que será necessaria mui cedo, pois em vossa ausencia se passão muitas, que terão o fim trabalhoso, se vos nella não achardes. E pelas do segredo da vossa alma não vos agasteis, porque eu tenho tanto cuidado dellas, como sempre tive das vossas. E a primeira vista que vos com ella virdes, esse coração, que arde em seu desejo, será descansado com o fim de seus trabalhos.....

Fanimor, antes que elle viesse, sabendo quão pouco nella havia de estar, tinha já tudo tão prestes, que se não detiverão em lançar quatro nãos e duas fustas ao mar, que estavam no estaleiro novamente pera aquella partida feitas. E carregadas de suas fazendas, e mantimentos necessarios, embarcãrão mui contentes: e a em que Clarimundo e Fanimor ião, era ricamente enxarciada de vélas de verde e branco, todas de seda com espheras grandes d'ouro, e cruces vermelhas brosladas, e uma legenda que dizia: *Memoria do que ha de ser, e nunca esquecerá*. Quando Clarimundo se vio embarcado, vendo ficar tão excellente terra habitada somente das alimarias, houve mágoa d'aquella perda, e disse-o a Fanimor. Senhor, respondéo elle, antes eu quero que hajão piedade da terra, que de mim, quanto mais ser necessario cumprir-se a vontade do administrador de

todas as cousas: porém algumas vereis antes que demos á véla, por memoria de minha habitação. Estes paços e villa, que por industria de meu pae, e trabalho destes meus vassallos se fizeram, ninguem será tão digno, que os veja em nenhum tempo: todas as outras cousas da fresquidão, e fertilidade da terra, estarão sempre n'aquella abastança que agora vistes, pois são obras da natureza; as minhas haverão fim com a nossa partida. E em lembrança de quando aqui cheguei, que foi dia de Maio, d'aqui a grão tempo será chamada a Ilha das Maias, e posta ná carta da navegação. E por que a nossa partida será hoje, que é dia de S. João, nunca se verá de ninguem senão por este dia, té que o filho da mansa Cordeira e do bravo Leão descubra o segredo, que grandes tempos estava encoberto, e eu porei um fervor tão espantoso nas ágoas que a cercão, que quaesquer náos que a ellas chegarem, temão de nellas serem soçobradas. Portanto, Senhor, não hajaes piedade do que fica resguardado pera vosso sangue. Mui contente ficou Clarimundo com estas palavras de Fanimor, e muito mais espantado quando ao desferrir das vélas ouvirão um terremoto tão espantoso, que parecia soverter-se a ilha; e juntamente com elle veio uma nuvem, que a cercou sem della verem mais alguma cousa. E as ágoas começaram a ferver de maneira, que os marinheiros temião ser aquelle o fim de seus dias; mas passado aquelle termo das ágoas onde se aquillo fazia, ficarão as náos mui repousadas em um mar tão sereno e brando, que se convertêo seu nojo em ledo prazer. E quando olhão a fermosura de sua fróta, e os tangeres e cantares, que em todas as náos fazião, parecia-lhes sahirem de cativoiro pera terra de promissão. As irmãs de Fanimor, inda que segundo o tempo de sua idade serião de cincoenta annos, tinha-lhes elle conservada a fresquidão das carnes com tantaservas, e ágoas, que parecião donzellas de quinze. E como erão grandes musicas, ajuntão-se todas com muitos instrumentos, e pelo mar ião gastando o tempo nelles.

.....

E tornando á minha trasladação, diz o autor, que navegando Clarimundo com toda sua frota, em espaço de doze dias com prosperidade de tempo, virão terra, e antes que chegassem a ella, obra de seis legoas, começarão a achar muitas maçãs, pêras, flôres, e outros sinaes do viço da terra. E quanto mais se chegavão a ella, tanto mais abastança d'aquellas cousas achavão. Fanimor como vio estes sinaes onde elle desejava, mandou governar pelo meio das ágoas, dizendo que ellas os metterião em porto seguro, inda que á primeira lhes parecesse áspero. Clarimundo vendo-o tão alvoroçado com a vista d'aquella terra, perguntou-lhe por ella. Esta é, respondéo Fanimor, a mãe de todo esforço, que dará seus filhos pera o reparo do sangue de Christo, chamada o Monte da Lua, o qual nome antes de pouco tempo perderá, chamando-se a Róca de Cintra, pera em quanto o mundo durar; e não ficará parte nelle que o não saiba, assi como aquelle que os sinaes desta terra terá tão vivos, que nunca os perderá dos olhos; a qual Róca é mostra do reino de Portugal, que em linguagem seithica quer dizer Todo bem. E porque vós, mui esforçado cavalleiro, na entrada deste porto haveis de achar quem vol-o defenda, será mui bem tomardes armas, e serão estas que vos trago. Então mandou tirar armas de um verde gracioso, com uns arminhos brancos sem outro algum sinal, e no escudo em campo verde a Saüdade pintada, tão triste, e chorosa, como a tem aquelles que muito amão: com que Clarimundo folgou por virem feitas á sua tenção. E armado com alguns creados de Fanimor, começarão a entrar por um rio, que vinha coberto daquellas maçãs, e flôres, em tanta quantidade, que impedião as náos, que vinhão umas antre outras com vento mui brando, e gracioso. E entrando já antre as terras começarão as antenas a tocar de quando em quando pelas pontas das ramas, e com a força que levavão sacudião as flôres, e fructos, donde se causava ir o rio coalhado dellas. Pois os rouxi-noes e passaros erão tantos sobre as enxarcias, mostrando o prazer d'aquella vinda, que vencião em numero a totalas flores.

.....

No capitulo que acabei de lér-vos, notai primeiramente o bello das descripções nas scenas da natureza; e vêde si é possível pintar com mais vivas côres a amenidade dos sitios apraziveis na salubridade dos ares, na frescura das aguas, no verdor e magestade dos bosques, no vecejante e florido dos prados, no gracioso ondulado das collinas, e na animada representação dos felizes habitantes de taes sitios, vindo por fim a fazer contraste com todo esse risonho quadro o terrifico no subito e espantoso desaparecimento da ilha encantada de Fanimor, que fica envolvida em um denso nevoeiro que a rouba aos olhos, qual a Madeira antes de ser descoberta se ostentava outr'ora no Oceano ao navegante aterrado, supposto o autor finja ser outra a de que trata. A essa admiravel pintura juntai ainda o soberbo quadro da aproximação das terras, entrada do rio, e vista da Serra de Cintra na antiga Luzitania, tão deleitoso por tudo o que póde lisongear os sentidos; e confessareis que para pintar assim era mister possuir pincel de mestre.

Notai depois o fluente, o animado, o pittoresco, e gracioso do estylo, perfeitamente adaptado ao assumpto, que ora apresenta os caracteres de simples chronica ou historia, ora os de poema; e vêde si antes de Barros houve escriptor algum portuguez, que conhecesse tão bem o segredo de variar os tons no discurso, segundo requer o caso; segredo sem cujo

conhecimento não pôde luzir o ornato por mal applicado.

Bernardim Ribeiro começou em verdade a adivinhar-o em uma ou outra passagem da sua *Menina e Moça*, mas nem sempre com elle atinou, e não pôde por conseguinte servir de modelo.

Notai finalmente a grande belleza dessa prosa musical, tão harmoniosa e tão cheia, que nada deixa a desejar. Vêde como ahi se achão tão bem collocados os complementos nas proposições, e tão bem regulados os membros nos periodos, que a mais leve alteração que se faça em qualquer delles, destróe logo toda a harmonia e belleza da phrase. E dizei-me si a prosa desbotada, e quasi sempre sem numero, de que nos servimos hoje por imitação franceza, é para ser com essa, tão agradavel ao ouvido, em cousa alguma comparada? Quem é que ao lêr este e outros capitulos do *Clarimundo* não présente já em João de Barros o futuro Tito Livio Portuguez, ou o abalisado historiador dos feitos obrados pelos portuguezes nos mares e terras do Oriente?

Por este só elemento musical que tanto sobresahe na sua prosa, e constituia um dos principaes meritos dos prosadores da antiga Grecia e Roma, avaliai em conclusão o profundo conhecimento que o autor tiuha de nosso patrio idioma; pois que o justo emprego desse elemento no discurso resume em si toda a sciencia pratica de qualquer lingua, ou antes o perfeito atticismo della, se assim me pôsso exprimir.

Tendo apreciado a *Chronica do Imperador Clarimundo*, uma das bellas obras de João de Barros no que se refere á fôrma, passarei em outro discurso a analysar as suas *Décadas da Asia*, que são tão apreciaveis na fôrma como na essencia, fazendo aqui ponto neste.

LICÇÃO XXXV.

O insigne escriptor João de Barros, Senhores, não só foi nosso primeiro grammatico, philosopho distincto, e romancista notavel, como tambem grande historiador, e um dos maiores do seu século. É nesta ultima qualidade que tenho de apreciar-o hoje, e para fazêl-o dignamente devo remontar a épocas um pouco anteriores.

Antes d'elle a historia em Portugal não passava de uma simples chronica, na qual a exposição dos factos era feita com singeleza, sem que o historiador entrasse na indagação das causas que os produzião, nem levantasse o estylo á altura da eloquencia historica, por que este era de ordinario tão chão como a mesma apreciação dos factos.

As chronicas dos reis portuguezes, bem que a ellas se prendão os factos publicos de cada reinado, tem mais o character de simples memorias, ou de vidas

particulares destes principes, que de historia propriamente dita. Taes são as chronicas de Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurára, Garcia de Resende, Damião de Góes, Rui de Pina, e Acenheiro.

Este methodo de escrever a historia era modelado pelas chronicas da idade media escriptas em Latim. posto que dêsse muito mais desenvolvimento ao que se refere á vida particular dos principes, o que imprime algumas vezes ás modernas chronicas o character e o interesse do drama, principalmente em Fernão Lopes, o primeiro de todos os chronistas Portuguezes.

João de Barros, homem versado em todo genero de litteratura, e um verdadeiro sabio, foi o primeiro que em Portugal escreveu a historia á maneira dos antigos, ou o primeiro que começou a remontar ás causas dos factos, e levantou o estylo á toda a altura da eloquencia historica. tão admirada nos historiadores Gregos e Romanos.

O homem particular desaparecêo então da historia para fazer praça ao homem publico, como em Tucidides, como em Sallustio, como em Tito Livio. E si a historia, deixando de ser chronica particular dos principes, perdêo grande parte de seu interesse dramatico, abriu-se-lhe em compensação um campo mais vasto na indagação das causas dos factos, que cahem sob a penna do historiador, ou para resumir-me, na da origem da prosperidade e decadencia dos imperios. Não quero com isto dizer que Barros dêsse todo

o necessario desenvolvimento a esta parte philosophica, a mais importante da historia, e hoje dominante nella, pois que tambem lh'o não dêrão os mais dos seus modelos classicos, mas unicamente que foi o primeiro historiador Portuguez que o tentou com felicidade, não obstante o estado pouco adiantado dos conhecimentos humanos n'aquella época.

Quando este illustre escriptor trata, por exemplo, de qualquer imperio da Asia vai na propria litteratura desse imperio beber as causas primordiaes de sua origem e as occasionaes de sua prosperidade ou decadencia; dá-nos ajustada idéa do seu poder, produções, commercio, crença religiosa, usos e costumes de seus habitantes; e acompanha de ordinario tudo isto com a descripção geographica do respectivo paiz. Por esta maneira nunca se escreveu a historia em Portugal antes d'elle, nem tão pouco na Europa relativamente á Africa e Asia, porque não havia até então igual noticia das cousas do Oriente.

Os materiaes de que dispunha este historiador para escrever as suas *Décadas da Asia*, e que já deixei descriptos na noticia sobre sua vida e obras, não podião ser mais abundantes; porisso a sua historia tem todos os caracteres de veracidade desejaveis, e leva nisto vantagem á muitas outras.

Na eloquencia e nos dotes do estylo ainda por nenhum outro historiador foi excedido; antes anda a par dos grandes historiadores da antiguidade que tomou por modelo; e destas qualidades em que primou lhe

veio certamente o nome de Tito Livio Portuguez, que a justo titulo merece.

Assim é João de Barros um grande e abalisado historiador, ou se attenda á parte que constitue a essencia de sua historia, uma das mais completas, ou á fôrma de que a reveste, uma das mais perfeitas.

Verdade é que pôde pelo seu patriotismo que é o manancial em que bebe a inspiração, ser taxado de parcial em favor dos Portuguezes; mas qual é o historiador que se pôde julgar isento da mesma fraqueza quando trata de seus nacionaes, mormente n'aquelles tempos em que as leis de uma judiciosa critica não se achavão ainda bem determinadas?

Tendo-vos dado idea do merito eminente do Tito Livio Portuguez, cuja cabal instrucção é igual ao seu grande e extraordinario engenho, passarei a comprovar o que digo por meio da analyse de algumas passagens de suas celebres *Décadas da Asia*, ou da historia dos feitos obrados pelos Portuguezes no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente. Podia citar-vos muitos capitulos desta obra monumental, nos quaes sobresaem a eloquencia e outras apreciaveis virtudes do historiador, mas não desejando cançar a vossa attenção com citações demasiadas escolherei para analysar unicamente um capitulo della, o VIII do livro IV da Decada I, cuja leitura passo a fazer-vos-

Ao tempo que Vasco da Gama chegou a esta cidade Calecut, que era a vinte de Maio principio do inverno naquella costa, não havia no porto o grão trátego, e numero de náos, que nelle estão á carga nos mezes de verão; porque as estrangeiras, que alli costumavão vir, erão tornadas a suas terras, e as do mesmo reino de Calecut per os rios, e esteiros estavam mettidas em fossas cobertas com folhas de palma, segundo costumão per toda aquella costa; e por esta chegada ser fóra do tempo da sua navegação, tanto espanto fez aos da terra, como a feição e marea-gem dos navios, e logo lhes parecêo gente nova, e não costumada navegar aquelles mares. Vasco da Gama, tanto que ancorou um pouco largo do porto por causa de um recife em que o mar quebrava, mandou em terra o Mouro piloto, e um degredado, notificando per elles a el-rei sua chegada, e o recado que lhe trazia, pedindo que lhe mandasse dizer quando havia por bem que fosse a elle, porque sem sua licença não sahiria dos navios. O Mouro Malemo Caná, como quem sabia a terra, foi-se logo aos paços d'el-rei; e porque achou nova que erão em um logar que seria d'alli cinco leguas, sem tornar aos navios com recado, se foi a elle. Vasco da Gama por lhe este Caná ter dito quão pequena distancia havia da cidade aos paços d'el-rei, vendo que não vinha aquelle dia, e que era passada a maior parte do outro, começou tomar má suspeita delle; e principalmente porque de quantos barcos sahião a pescar, todos se afastavão dos navios, como gente temerosa, ou per qualquer outra causa que fosse. Porém quando veio ao outro dia á tarde, tirou toda esta suspeita com a vinda delle e de um piloto do Camory, per o qual elle lhe fazia saber o contentamento que tinha de sua vinda, e que postos os navios em um porto seguro, onde lhe elle mandava que os levassem por causa do inverno, depois lhe mandaria dizer quando havia por bem que fosse a elle. Com o qual recado Vasco da Gama ficou muito satisfeito, principalmente na mudança dos navios daquella costa a logar mais seguro, por que nisto mostrava el-rei per obra o que lhe mandava dizer per

palavra acerca do contentamento que tinha de sua vinda; e que de tal acolhimento do primeiro recado que lhe mandava, podia esperar ser bem despachado. E por mostrar maior confiança a este piloto, que lhe el-rei mandou, disse, que elle podia mandar naquelles navios o que quizesse, porque todos lhe obedecerião, e assi se fez: cá pela ordenança do piloto se passárão a um porto chamado Caporate perto d'alli, onde Vasco da Gama esteve esperando dous dias recado d'el-rei, sem da terra virem aos navios, nem delles irem a ella. Ante que elle viesse com os navios a este porto, o dia que o piloto d'el-rei lhe trouxera seu recado pera se mudar aqui, entre alguns officiaes da arrecadação dos direitos d'el-rei, que vierão com elle, foi um Mouro per nome Monçaide, cujo officio era corretor de mercadorias; o qual por ser conhecente do piloto Malemo Caná, elle o agasalhou em sua casa, e assi o degredado a noite que dormirão em terra. Este Monçaide (segundo elle depois contou) era natural do reino de Tunez, e tivera já communicação com os Portuguezes em a cidade Ourão, quando alli ião as náos deste reino per mandado d'el-rei D. João, o segundo, buscar lambeis pera o resgate do ouro da Mina; e ou que a lembrança destas partes do Occidente, onde nascêra, ou qualquer outra boa disposição, assi o demovêrão, vendo, e praticando com os nossos per lingua castelhana, que elle sabia, que da hora que entrou em os navios assi se fez familiar a Vasco da Gama, que se veio com elle pera este reino, onde morrêo christão. O qual, como esperava acabar neste estado, era tão fiel a nossas cousas, que per meio d'elle foi Vasco da Gama avisado de muitas: e parece que Deus o trouxe áquellas partes pera proveito nosso, segundo o que passou como veremos. E logo em dous dias, que Vasco da Gama esteve esperando por recado do Camory, este Monçaide o avisou de algumas cousas, por razão das quaes elle teve conselho com os capitães do modo que teria em ir ao Camory. quando o mandasse chamar: e assentou que seu irmão e Nicoláo Coelho ficassem em os navios, dando-lhes regimento do

que havião de fazer. Vindo o recado do Çamory que fosse, sahio Vasco da Gama com doze pessoas em terra, onde o recebeu um homem nobre, a que elles chamão Catual, acompanhado de duzentos homens a pé, delles pera levarem o fato dos nossos, e delles que servião de espada e adarga, como guardas de sua pessoa, e outros de o trazer aos hombros em um andor, porque em toda aquella terra Malabar não se servem de bestas, um dos quaes andores foi tambem apresentado a Vasco da Gama pera ir nelle. Posto o Catual, e elle, em caminho pera Calecut, que seria dalli cinco leguas, começãrão os doze que levava ficar de dous em dous: porque alem do caminho ser de arêa, e elles desacostumados de caminhar, era tão grande o curso dos que levavão o andor, que em todo o caminho foi Vasco da Gama sem elles, té a noite se juntarem em um logar, onde o Catual dormio. Quando veio ao outro dia, que tornãrão caminhar, chegarão a um grande templo do gentio da terra, mui bem lavrado de cantaria com um coruchêo coberto de tijolo, á porta do qual estava um padrão grande de latão, e em cima por remate um gallo. E dentro no corpo do templo estava um portal, cujas portas erão de metal, perque entravão a uma escada que subia ao coruchêo: ao pé do qual, onde ficava o redondo delle em modo de charóla, estavam algumas imagens da sua adoração. Os nossos como ião crentes ser aquella gente dos convertidos pelo apóstolo S. Thomé, segundo a fama que cá nestas partes havia, e elles achavão per dito dos Mouros, alguns se assentãrão em giolhos a fazer oração áquellas imagens, cuidando serem dignas de adoração. Do qual acto o gentio da terra houve muito prazer, parecendo-lhe sermos dados ao culto de adorar imagens, o que elles não vião fazer aos Mouros. Partidos deste templo, chegarão a outro junto de uma povoação, onde estava aposentado outro Catual, pessoa mais notavel, que vinha per mandado do Çamory receber Vasco da Gama. O qual quando sahio a elle, era com muita gente de guerra: todos adargados a seu modo: tão postos em ordem com seus instrumentos de

tanger pera os animar, que folgarão os nossos em os vêr naquella ordenança, e mais sendo feita por honra de sua vinda. Chegado o Catual a Vasco da Gama, depois que segundo seu uso o recebeu com muita cortezia, mandou-lhe dar outro andor que trazia á destro, melhor concertado, que aquelle em que vinha; e sem fazer mais detença, seguirão seu caminho aos paços d'el-rei, onde Vasco da Gama esperou polos seus, que não podião aturar o curso daquelles que levavão o andor; e o maior damno que recebião, era da gente do povo, que quasi os levava afogados polos vêr. E ainda sobre isso á entrada de um grande terreiro cercado era tanta preza por entrarem na volta delles, que veio o negocio ás punhadas, e dahi á ferro, em que houve feridos, e um morto, primeiro que os officiaes d'el-rei apagassem o arruido; e porém sempre tiverão tanto resguardo em as pessoas dos nossos, que em toda a revolta não lhe foi feito algum desacatamento. Passado aquelle terreiro entrárão em um pátio de alpenderes, onde achárão Vasco da Gama, e o Catual com alguma gente mais, esperando por elles; e sem tomar algum repouso daquella affronta em que vinhão, entrárão todos em uma grão casa terrea, em que estava aquelle grande Çamory da provincia do Malabar per elles tão desejado de ver. De junto do qual se alevantou um homem de grande idade, que era o seu bramene maior, vestido de umas vestiduras brancas, representando nellas, e em sua idade, e continencia, ser homem religioso; e chegado ao meio da casa, tomou Vasco da Gama pela mão, e o foi apresentar ao Çamory, o qual estava no cabo da casa lançado em uma camilha coberta de pannos de seda, posto em um leito, a que elles chamão catle, e elle vestido com um panno de algodão brunido com algumas rosas d'ouro batido semeadas por elle, e na cabeça uma carapuça de brocado alto á maneira de mitra cerrada, cheia de perlas e pedraria, e per os braços e pernas, que estavão descobertos, tinha braceletes d'ouro e pedraria. E a uma ilharga deste leito, em que jazia com a cabeça posta sobre uma almofada de seda rasa cou

lavores d'ouro á maneira de brossado, estava um homem, que parecia em trajo e officio dos mais principaes da terra, o qual tinha na mão um prato d'ouro com folhas de betéle que elles usão remoer por lhes confortar o estomago. O Çamory, posto que no ar do rosto recebéo Vasco da Gama com graça, tinha tamanha magestade, e assi estava grave naquelle seu catle, que não fez mais movimento para elle quando lhe fallou, que levantar a cabeça d'alnofada, e de si acenou ao bramene, que o fizesse assentar em uns degráos do estrado, em que tinha o catle, e aos de sua companhia em outra parte um pedaço afastados, por ver que havião mister tomar algum repouso, segundo vinhão affrontados do caminho. E depois que per um espaço grande esteve notando as pessoas, trajos, e actos delles, e praticando em palavras geraes com Vasco da Gama, recebidas delle duas cartas, que lhe mandava el-rei D. Manoel, uma escripta em Aravigo, e outra em lingua Portuguez, que era da mesma substancia, disse-lhe, que elle as veria, e depois mais de vagar ouviria a elle, que por então se fosse a repousar. Que quanto ao seu gasalhado visse com quem queria que fosse, se com Mouros, ou com os naturaes da terra, pois alli não havia gente da sua nação, segundo tinha sabido. Ao que Vasco da Gama respondéo, que entre os Mouros e Christãos havia differença acerca da lei que tinhão, e outras paixões particulares; e que, com os seus vassallos, por elle e os de sua companhia não saberem seus costumes, temia de os poder enojar: assi pedia á Sua Real Senhoria que os mandasse aposentar sem companhia alguma. O que approuve ao Çamory, mandando ao Catual que o contentasse; e louvou Vasco da Gama de homem prudente, e cauteloso nas cousas da paz, segundo o Mouro Monçaide lhe veio contando pelo caminho té chegarem á cidade Calcut já bem noite. E entre algumas cousas que o Catual fez, de que Vasco da Gama teve delle hõa esperanza pera seus negocios, foi mandar a este Monçaide que se não apartasse delle pera poder requerer o que houvesse mister, vendo que lhe era

accepto por se entender em alguma maneira com elle; o que Monçaide acceptou de boa vontade, e quasi elle se offerecêo a a isso. Parece que o chamava Deus por alguma boa disposição que nelle havia pera se salvar, segundo logo mostrou na verdade que tratava, e fleis conselhos que dêo, um dos quaes foi este. Querendo Vasco da Gama ao seguinte dia ir ao Çamory a lhe dar a embaixada que levava, o Catual o entreteve, dizendo, que os embaixadores que vinhão ao Çamory, e a todolos principes daquellas partes da India, tinhão por costume não irem ante o principe, senão quando elle os mandava chamar, e mais que primeiro repousavão alguns dias. No qual caso aconselhou Monçaide, pera esta ida ser mais prestes, dizendo, que o mais certo costume dos principes daquellas partes era não ouvirem alguém, sem lhe primeiro levar alguma cousa; e quanto o embaixador era mais estranho, tanto maior presente esperavão; e que delle não ter isto feito, el-rei o não ouviu logo: portanto se queria ser bem aviado, começasse de usar do costume da terra, porque ante o rei não pode ir alguém com as mãos vazias. E tambem os seus officiaes, per cuja mão os negocios corrião, convinha per este modo serem contentes: cá d'outra maneira seria tarde ouvido, e sobre isso mal despachado. Vasco da Gama, posto que não lhe esquecia ser esta a entrada, e sahida, com que se acabão os negocios em toda parte, não lhe parecêo que tardava em um dia; mas sabendo per Monçaide quanto lhe importava, mandou logo a el-rei algumas cousas, as quaes fôrão com este recado de desculpa; que, quando partira de Portugal, por não ter certo que podia passar á India, e ver Sua Real Pessôa, não fôra apercebido, como devia; que aquellas cousas erão das que trazia pera seu uso, que lh'as enviava, não tanto por sua valia, quanto por mostra das que havia em Portugal; e ainda aquellas escapárão da humidade do mar por haver muito tempo que andava nelle. Tanto que o Çamory teve este presente, e os seus officiaes fôrão satisfeitos, segundo o conselho de Monçaide, foi Vasco da Gama levado ante

elle, ao qual recebeu já com mais honra em outra casa, e mandando-o assentar, lhe disse: que elle tinha visto uma das cartas, que lhe dera escripta em Aravigo, e nella se continha a bôa vontade, e amor, que el-rei de Portugal seu senhor lhe mostrava ter, e assi envial-o a elle pera algumas cousas, que fazião a bem da paz, e commercio d'antre ambos, que lhe elle dizia; por tanto podia fallar nisso. Vasco da Gama, havida esta licença, como já estava amocestado por Monçaide do uso daquelles principes, que é serem mui taxados em ouvir, e responder, e terem as orelhas mais promptas no seu proveito, que na eloquencia da embaixada, e mais quando é relatada per terceiro, os quaes interpretes geralmente dizem a substancia da causa, e não as vivas razões della, por se conformar com o modo da terra nestas palavras, resumio o que lhe era mandado. Que a causa principal, que movêra a el-rei seu senhor envial-o áquellas partes Orientaes tão remotas do seu Estado, fôra ser ante elle mui celebrada a fama da Real Pessôa delle Çamory, e da grandeza de seu senhorio, e estarem em seu poder a maior parte das especiarias, que per mãos dos Mouros se navegavão pera as partes da Christandade: E porque elle tinha descoberto per seus capitães novo caminho pera entre elles haver amor, prestança, e communicação de commercio, com que o reino delle Çamory fosse mais rico por causa do muito ouro, prata, sedas, e outra muita sorte de preciosas mercadorias, de que o seu reino de Portugal era tão abastado, quanto o de Calecut de pimenta, elle senhor rei o enviava com aquelles navios a lhe notificar esta sua tenção; e sendo-lhe accepta, armaria mui grossas náos carregadas desta fazenda; e a ordem, e modo do commercio, e preço das cousas, seria aquelle que fosse em proveito d'ambos. O Çamory á estas palavras respondêo com outras muito mais breves, em que mostrou ter contentamento da causa da vinda delle Vasco da Gama, e acabou dizendo, que elle o despacharia mui cedo, e com o isto o expedio.

No capitulo que acabei de lêr-vos, notai primeiramente o novo, o pittoresco e ao mesmo tempo o natural na descripção não só do assombro que causou a chegada dos Portuguezes á costa do Malabar, fóra do tempo da monção em que se costumava navegar para aquellas partes, como tambem do caminho que Vasco da Gama fez por terra com doze companheiros aos paços do Çamorim, situados fóra da cidade de Calecut entre palmares, e do recebimento e audiencia que teve deste principe primeira e segunda vez. Vêde como não escapa á Barros circumstancia alguma que pôssa despertar a curiosidade e o interesse, ou importe á verdade historica, taes como o uso de viajar das pessoas de qualidade n'aquellas partes; a luzida guarda de naires, que acompanhava a Vasco da Gama para lhe fazer honra; o innocente engano dos Portuguezes, que adorárão as imagens de um templo indiano pela semelhança que tinhão com as dos templos christãos; a multidão de povo que corria a vêr os estrangeiros, e cujo açodamento e aperto era tal, que chegou o negocio ás punhadas, e depois á ferro, donde resultárão ferimentos e uma morte; a veneranda magestade do Çamorim, que, recostado na sua rica camilha de seda, e coberto de perolas e pedras preciosas, recebe o capitão Portuguez com um leve aceno de cabeça; e o apropriado discurso do mesmo capitão na segunda visita que faz ao principe, e a breve resposta deste dada em termos geraes. Tudo em summa é tão curioso, ao passo que é tão fielmente representado,

que nada deixa a desejar, e nos revela a um tempo em Barros o grande historiador e o grande pintor.

Notai depois a facundia do historiador que nunca se desmente nas qualidades do estylo, sempre fluente, sempre animado, e sempre natural, ou tão accommodado ao assumpto, que parece apresentar-nos em vulto e movimento diante dos olhos do entendimento tudo quanto descreve, pinta, ou narra. O estylo que o autor eleva á grande magestade em diversas passagens da sua historia, como por exemplo, no principio do 1º capitulo do livro I da Década I, e no discurso que no capitulo I do livro IV da mesma Década el-rei D. Manoel faz á Vasco da Gama quando lhe entrega a bandeira Portugueza, é aqui quasi todo accommodado ao genero descriptivo, como requer o assumpto. Possuir esta propriedade de estylo que a tudo dá vida é unicamente partilha do genio, e esse ninguem póde duvidar que brilha no grande historiador Portuguez, seja nos eloquentes discursos que põe na boca dos personagens de sua historia, seja na pintura das terras, usos e costumes dos povos que descreve, seja na simples narrativa dos factos cuja causa investiga.

Notai, finalmente, a pureza da linguagem, a riqueza das expressões, e o magistral torneio da phrase, ou o numero e a harmonia dessa bella prosa sempre tão cheia, que nunca deixa de satisfazer o ouvido, e a que nada se póde accrescentar, nem diminuir, sem offensa delle. E tanto maior é o merito desta prosa,

que o seu numero não é effeito de deslocações insolitas e construcções forçadas, mas de uma fluencia natural, e transposições conforme o uso. Semelhante a um rio caudal de curso magestoso, mas sereno, é essa prosa sempre numerosa, mas sempre natural em sua abundante fluidez.

Para manejar tão superiormente a lingua era preciso ser grande e profundo conhecedor de todos os seus primores e excellencias: assim de todos quantos autores teem escripto em prosa portugueza, ainda nenhum o fez melhor que João de Barros, e bem poucos são os que se pôdem com elle comparar nesta inestimavel virtude de dar á prosa a sua fórma a mais conveniente.

De proposito escolhi este capitulo das *Décadas da Asia* para a analyse, porque o Tito Livio Portuguez ahi descreve na mais bella prosa as mesmas pittorescas scenas da visita de Vasco da Gama aos paços do Camorim, que descrevêo depois o Homero Portuguez nos mais bellos versos, *mutatis mutandis*. É mais um ponto de contacto entre os dois maiores genios da litteratura Portugueza, que, guardada a differença da composições, assemelhão-se na verdade e belleza das descrições.

Os defeitos de Barros nascem de sua mesma abundancia e riqueza; pois a sua dicção, á força de ser copiosa, torna-se por vezes redundante, principalmente na frequente repetição do pronome, *elle*, junto ao nome proprio do individuo, ás vezes sem emphase, ou

em logar do artigo; o que aliás era mui usado no seu tempo. Mas estes leves defeitos, alguns dos quaes podem ser attribuidos ao não estar a lingua ainda bem fixada, por quanta perspicuidade e eloquencia, por quanto numero, não são compensados?

Tendo apreciado o grande historiador dos feitos obrados pelos Portuguezes no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, ou o primeiro prosador da lingua portugueza, passarei em outros discursos a analysar os escriptores do terceiro periodo litterario a começar pelos poetas.

FIM DO 2.º VOLUME.

INDICE

DO

SEGUNDO VOLUME.

INTRODUÇÃO.	Pag. V
---------------------	--------

SECÇÃO I.

Antonio Ferreira; sua biographia; suas poesias lyricas; suas poesias didaticas; sua tragedia Castro.

Licção XVIII	Pag. 1
Licção XIX	» 17

SECÇÃO II.

Luiz de Camões; sua biographia, dividida em tres diferentes épocas de sua vida; seus LUZIADAS; apreciação das melhores passagens deste poema.

Licção XX.	Pag. 53
Licção XXI	» 63
Licção XXII	» 77
Licção XXIII.	» 89
Licção XXIV	» 109
Licção XXV	» 133
Licção XXVI	» 163
Licção XXVII	» 195
Licção XXVIII.	» 225

SECÇÃO III.

Luiz de Camões; suas poesias lyricas romanticas e classicas; suas poesias pastoris; suas poesias didaticas; suas redondilhas; seus dramas.	
Licção XXIX	« 215
Licção XXX.	« 265
Licção XXXI.	« 287
Licção XXXII.	« 311

SECÇÃO IV.

João de Barros; sua biographia; seu Clarimundo; suas Décadas da Asia	
Licção XXXIII.	« 333
Licção XXXIV.	« 341
Licção XXXV.	« 357

ERRATA

AO

SEGUNDO VOLUME.

PAG.	LINH.	ERROS.	CORRECÇÕES.
4	23	Mtranda	Miranda
11	13	bospus	bosques.
82	30	C'o leme guia a não	C'o leme guia a não, hora a um parte,
29	31	Que a vontade	Que vontade
35	18	Gerusalem	Jerusalem
69	27	que	que
90	25	pela Grecia	pela Asia
91	18	Chateau-Briand	Chateaubriand
131	15	Seccas do rosto as rosto as	Seccas do rosto as rosas
141	23	Castelhanha	Castelhana
153	27	angelico	angelico
160	15	Cristallinos	Chrystallinos
163	19	dosc riticos	dos criticos
181	15	desagraada	desaggravada
227	11	de	do
230	3	Ansomos	Ausonios
"	18	Abaixo	A baixo
233	11	selvaticás	selvaticas
237	24	fomosa	famosa
288	17	seiciliano	siciliano
312	16	a guia	d'agua
331	14	faleceo	fallecêo
335	7	"	"
336	5	associou-se outros	associou-se á outros
339	2	requera	requer a
"	6	scr	ser
350	17	agasteis	agasteis
359	5	Portnguez	Portuguez

B35228



89006296677



b89006296677a



89006296677



b89006296677a